

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

FERNANDA MORAES ANDRADE GIMENES

**PSICOLOGIA ANALÍTICA E DROGADIÇÃO:
Um estudo sobre sonhos de dependentes químicos
em processo de recuperação**

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

FERNANDA MORAES ANDRADE GIMENES

**PSICOLOGIA ANALÍTICA E DROGADIÇÃO:
Um estudo sobre sonhos de dependentes químicos
em processo de recuperação**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para
graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Líliliana
Liviano Wahba.

SÃO PAULO

2009

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que em meio aos percalços da vida sempre estiveram ao meu lado como rocha e, com amor e sabedoria, me ensinaram a caminhar...

À Lêda Quinete Maas, que desvendou-me os olhos para a profundidade do tesouro onírico, cuja imersão sacia os desejos mais íntimos do âmago da minha alma.

À Liliana Liviano Wahba, fonte de inspiração ao longo da jornada, com seus valiosos apontamentos e sólido suporte profissional.

À Denise Gimenez Ramos, a quem muito admiro e que se prontificou a debruçar-se sobre esta obra como parecerista.

Ao fundador e diretor da Comunidade Continente, que abriu as portas institucionais para a realização desta pesquisa.

À Enos, Raed e Yago, que me propiciaram uma experiência memorável e apaixonante ao desvelarem a beleza interior do ser humano, povoado de contradições, conflitos, dores e amores.

O sonho é uma porta estreita dissimulada nos recantos mais obscuros e mais íntimos da psique, aberta sobre essa noite original cósmica que já era psiquismo muito antes da existência da consciência do eu e o estende muito para além do que a consciência individual jamais terá atingido. Pois a consciência do eu é dispersa. Ela distingue fatos isolados, procedendo por separação, extração e diferenciação, e só é percebido aquilo que pode entrar em relação com o eu. A consciência do eu, mesmo quando toca de leve as nebulosas mais longínquas, é feita de enclaves bem delimitados. A consciência específica. Pelo sonho, ao contrário, penetramos no mais profundo, no mais verdadeiro, mais geral, mais duradouro do ser humano, que mergulha ainda no claro-escuro da noite original, onde formava um todo e onde o todo estava nele, no seio da natureza indiferenciada e impersonificada. É dessas profundezas, onde o universal se unifica, que nasce o sonho, mesmo quando reveste as aparências mais pueris, mais grotescas, mais imorais.

Carl Gustav Jung

GIMENES, Fernanda Moraes Andrade. *Psicologia Analítica e drogadição: um estudo sobre sonhos de dependentes químicos em processo de recuperação*. 2009.

Orientadora: Liliana Liviano Wahba.

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa exploratória, de caráter qualitativo, alicerçada em uma abordagem junguiana e centrada em estudo de caso na Clínica de Recuperação para Dependentes Químicos “Comunidade Continente” (Grande São Paulo, SP), com objetivo de realizar uma análise de sonhos de dependentes químicos, visando identificar os significados dos símbolos que emergem ao longo do processo de desintoxicação. Para tanto, foram realizados, com cada participante, uma entrevista inicial semi-dirigida e um trabalho semanal com sonhos com o intuito de coletar os relatos dos sonhos previamente compilados em um diário, bem como suas associações. Posteriormente, utilizou-se uma técnica de interpretação de sonhos pautada na Psicologia Analítica. Partindo, pois, da premissa de que a interpretação de sonhos poderia contribuir para a ampliação da consciência dos ex-usuários de drogas, auxiliando sua recuperação e norteadando o processo de tratamento e prevenção ao retorno do comportamento drogadito, a relevância do presente estudo se deve ao fato de propor uma compreensão simbólica que favorece a integração da personalidade, sendo provavelmente profilático no sentido de diminuir a incidência à recaída dos casos acompanhados. Os resultados não contradizem estudos anteriores quanto à possibilidade de o sonhar com drogas suscitar o *craving* durante o processo de recuperação. Contudo, não apontam para o sonhar com drogas como um indício de prognóstico favorável ou desfavorável à manutenção da abstinência, como postulam alguns pesquisadores. Segundo os dados angariados, os sonhos com drogas parecem desvelar a persistência de um padrão de identidade dantes identificado ao ego, sinalizando a necessidade de integração, sobre a qual a análise onírica muito tem a oferecer. O confronto consciente-inconsciente viabilizado pela análise de sonhos com ou sem a presença de drogas traz à luz não somente o risco da queda, mas a possibilidade de integração e, conseqüentemente, o fortalecimento egóico, cabendo ao ego do sonhador decidir qual caminho trilhar, sacrificando ou não seu projeto toxicomaniaco em nome do chamado existencial: eis os benefícios e limitações da interpretação de sonhos na recuperação do adito.

Palavras-chave: sonhos; drogas; dependência química; psicologia analítica; *craving*.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 Introdução | 7 |
| 2 Objetivo | 10 |
| 3 Revisão de pesquisas | 11 |
| 4 Drogadição: um olhar sobre o fenômeno das drogas | |
| 4.1 O homem e as drogas através dos tempos: retrospecto histórico de uma relação..... | 15 |
| 4.2 Etiologia e modelos de compreensão..... | 23 |
| 4.3 Critérios diagnósticos e classificação do consumo..... | 27 |
| 4.4 Drogadição: uma visão analítica..... | 34 |
| 4.5 Tratamentos: veredas rumo à recuperação..... | 41 |
| 4.5.1 AA (Alcoólicos Anônimos) e NA (Narcóticos Anônimos)..... | 42 |
| 4.5.2 Comunidades terapêuticas..... | 44 |
| 5 Sonhos: caminho de cura e individuação | |
| 5.1 O onírico e o sagrado..... | 51 |
| 5.2 A origem, o conteúdo e a análise dos sonhos..... | 53 |
| 5.3 A natureza dos sonhos e suas funções..... | 56 |
| 5.4 A linguagem dos sonhos..... | 62 |
| 5.5 O significado dos sonhos: em busca de sentido e renovo..... | 64 |
| 6 Método | 66 |
| 7 Comunidade Continente: uma breve explanação | 72 |
| 8 Resultados e análise | |
| 8.1 Caso Enos | |
| 8.1.1 Entrevista..... | 73 |
| 8.1.2 Análise de sonhos..... | 79 |
| 8.1.3 Série de sonhos..... | 85 |
| 8.1.4 Análise do caso..... | 86 |
| 8.2 Caso Raed | |
| 8.2.1 Entrevista..... | 89 |

| | |
|---|------------|
| 8.2.2 Análise de sonhos..... | 94 |
| 8.2.3 Série de sonhos..... | 113 |
| 8.2.4 Análise do caso..... | 115 |
| 8.3 Caso Yago | |
| 8.3.1 Entrevista..... | 119 |
| 8.3.2 Análise de sonhos..... | 123 |
| 8.3.3 Série de sonhos..... | 140 |
| 8.3.4 Análise do caso..... | 142 |
| 9 Discussão dos resultados..... | 148 |
| 10 Considerações finais..... | 159 |
| Referências..... | 163 |
| Anexos | |
| Anexo I - Roteiro de entrevista..... | 168 |
| Anexo II - Termo de consentimento livre e esclarecido para fundador da instituição..... | 171 |
| Anexo III - Termo de responsabilidade da instituição..... | 173 |
| Anexo IV - Termo de compromisso do pesquisador..... | 174 |
| Anexo V - Termo de consentimento livre e esclarecido para participantes..... | 175 |
| Anexo VI - Formulário de compromisso do pesquisador..... | 176 |
| Anexo VII - Associações dos sonhos..... | 177 |

1 INTRODUÇÃO

Seu anelo pelo álcool era o equivalente, num nível inferior, ao espírito de sede de nosso ser pela totalidade, expresso na linguagem medieval: a união com Deus (Trecho da carta enviada por C. G. Jung em 30 de janeiro de 1961, a Bill Wilson, co-fundador dos Alcoólicos Anônimos, em resposta à carta recebida sobre a contribuição do trabalho de Jung com Holand H., antigo paciente) (JUNG, 1961, apud WAHBA, 1994, p.13).

A afirmação de Jung descrita na referida epígrafe nos introduz à busca, inerente a todo ser humano, pelo encontro consigo mesmo e, em uma linguagem simbólica, com Deus ou com o Self. Tal demanda pôde ser observada entre um grupo de dependentes químicos em processo de recuperação em uma reunião que presenciei. Perscrutar este universo para compreendê-lo através dos sonhos, cujo desvelamento vivencio pessoalmente em análise, pareceu fascinante aos meus olhos e socialmente relevante.

A contemporaneidade tem assistido perplexa ao crescimento do consumo de drogas como um fenômeno alarmante e uma prática amplamente difundida entre indivíduos de ambos os gêneros, das mais diversas camadas sociais, grupos étnicos e raciais, faixas etárias e níveis de instrução. Tal problemática tem sido tratada como uma questão de ordem internacional, mobilizando as nações no sentido de gerirem políticas públicas a fim de contornar os efeitos negativos do abuso de psicotrópicos que transparece tanto em âmbito social (com o aumento dos gastos com tratamento médico e internação hospitalar, elevados índices de acidentes de trânsito, de violência urbana, mortes prematuras, queda da produtividade dos trabalhadores, dentre outros) quanto em âmbito individual, com o aprisionamento do corpo e da alma (CEBRID, 2002).

Tencionando, pois, conciliar a análise de sonhos e o estudo da drogadição sob um referencial teórico junguiano, optei por enveredar rumo ao aprofundamento de uma literatura que respaldasse o assunto. Todavia, embora inúmeros sejam os estudos científicos que contemplem a adição, associando-a a componentes genéticos e a psicopatologias que predisporiam o indivíduo ao uso de estupefacientes, escassa é a bibliografia analítica concernente à temática.

Quanto aos sonhos, Von Franz (1992) pondera que fornecem uma linha mestra ao indivíduo para que encontre um sentido em sua própria vida, possa cumprir seu destino e seguir a sua estrela, realizando o potencial que há em seu ser.

Von Franz se refere, ainda, aos sonhos como dotados de uma sabedoria que nos orienta, capaz de clarear em quais aspectos estamos enganados, alertando-nos acerca de perigos, predizendo eventos futuros e possibilitando *insights* advindos de uma matriz psíquica:

[...] Essa matriz que engendra os sonhos em nós tem sido denominada guia espiritual interior, ou centro da psique. A maioria dos povos primitivos simplesmente a chama de Deus, ou usa o nome de um deus específico. O deus superior dos astecas, por exemplo, era o artífice dos sonhos e guiava as pessoas através dos seus sonhos. Com toda probabilidade, um cristão diria que essa matriz é o Cristo interior em nossa alma. [...] Parece, então, haver em nós uma inteligência que poderíamos denominar guia interior ou centro divino que produz os sonhos, cujo objetivo parece ser tornar a vida do indivíduo a melhor possível (VON FRANZ, 1992, p.24-25).

Considerando a natureza onírica como uma das possíveis estradas que conduzem rumo ao processo de individuação, ao encontro do homem consigo mesmo, com seu próprio Self, torna-se relevante, portanto, na clínica com dependentes químicos a análise de uma compilação de sonhos, cuja continuidade permite o esclarecimento da direção que o sonhador, o trabalho analítico e de recuperação podem tomar, fazendo jus ao seu próprio centro.

Os sonhos revelam onde se encontra nossa energia e para onde ela deseja fluir, comunicando mensagens úteis noite após noite, cujos sentidos condizem com a especificidade da situação vivenciada e com a necessidade vigente no momento. Tais mensagens, presentes nos sonhos, ora sofrem metamorfose caso incorporadas à consciência do sonhador, impelindo-o ao desenvolvimento, ora se repetem, insistindo para que o conteúdo ignorado seja compreendido e assimilado. Conexões significativas entre os sonhos se explicitam, evidenciando a existência de uma “força diretriz que nos guia até nosso próprio destino individual” (VON FRANZ, 1992, p.214).

O período de desintoxicação de um dependente químico compreende uma fase de transição em que as transformações são contínuas, gerando desequilíbrios e novos equilíbrios a serem encontrados, de modo que o indivíduo tem a oportunidade de refletir sobre suas próprias escolhas e reconduzir sua vida de um modo diferenciado, caso seja munido de instrumentos e meios para que o faça. Sobre tais etapas, Gallbach (1995, p.94-95) aponta:

Os arquétipos se manifestam com maior intensidade em períodos decisivos da vida, como no nascimento, casamento, metanóia, morte, podendo surgir como compensação do inconsciente coletivo (por parte da natureza humana universal em nós) a uma adaptação precária da personalidade. Em situações de transição decisivas, quando uma nova orientação se faz necessária, o reconhecimento desse momento pode se impor em forma de um sonho arquetípico. [...] É nesses momentos críticos de transição que se constelam com maior intensidade os arquétipos, e o arquétipo constelado traz a imagem primordial da necessidade do momento. Os arquétipos se manifestam através dos símbolos. Os símbolos são a expressão da psique total em seus aspectos

conhecidos e desconhecidos e ainda por serem conhecidos, constituem tentativas naturais de harmonizar e unir as polaridades dentro da psique.

Todavia, o fato de tais questões referentes à adaptação emergirem na psique através dos sonhos em momentos críticos não basta para que as mesmas sejam integradas pelo sonhador, já que essas manifestações descrevem potenciais de desenvolvimento que necessitam que a personalidade esteja aberta e pronta para entendê-los, ampliá-los, percebê-los e integrá-los.

Von Franz (1992) discursa acerca da dificuldade de se interpretar os próprios sonhos, uma vez que estes tocam pontos cegos apartados da consciência do sonhador, confidenciando ao indivíduo o desconhecido, o velado. Metaforicamente, entender os próprios sonhos seria como tentar visualizar as próprias costas, o que poderia gerar inúmeros equívocos dada a limitação da amplitude visual da qual dispõe o sujeito.

Evidencia-se, assim, a importância de uma intervenção analítica em meio a este processo, identificando nos sonhos indícios que remetam à totalidade psíquica do sonhador e confirmem um panorama geral da situação atual, dos conflitos e das possíveis resoluções, interpretando e apontando caminhos para que tais elementos sejam integrados.

Além disso, tal como destaca Jung (1991, p.50), “uma série de sonhos permite ao terapeuta ver o movimento da psique do sonhador e o desenvolvimento do processo terapêutico”.

Diante do exposto, colocam-se as seguintes questões: Qual o significado dos elementos simbólicos que emergem nos sonhos de dependentes químicos ao longo do processo de recuperação para o sonhador? Qual o seu sentido e em que medida seu desvelamento poderia nortear o tratamento e a prevenção à recaída dos casos acompanhados?

A relevância de tal pesquisa se deve ao fato de esta propor e estar associada a uma compreensão simbólica que favorece a integração da personalidade sendo, portanto, provavelmente profilática no sentido de diminuir a incidência à recaída.

A urgência quanto à disseminação e veiculação de informações a respeito da questão, dada a escassez de trabalhos nacionais que a contemplam atesta, notadamente no âmbito social, a importância da presente pesquisa, visto ser de grande valia, inclusive, no auxílio de profissionais da área que, de posse de tais dados, poderiam realizar intervenções preventivas na prática profissional.

Parte, pois, da premissa de que a interpretação de sonhos poderia contribuir para a ampliação da consciência dos ex-usuários de drogas, auxiliando sua recuperação e norteadando o processo de tratamento e prevenção.

Vale explicitar o percurso trilhado para a composição desta monografia, estruturada em dez capítulos. Na revisão da literatura, por meio de um levantamento bibliográfico, foram compilados pesquisadores que abordassem a relação existente entre sonhos e drogas (terceiro capítulo). Posteriormente (quarto capítulo), se dedica ao fenômeno drogaditivo, realizando um retrospecto histórico do encontro entre o homem e tais substâncias, elencando os diversos modelos de compreensão coexistentes e ressaltando os critérios diagnósticos preponderantes na contemporaneidade. Em seguida, procura fornecer uma visão analítica acerca da questão, se respaldando em autores com larga experiência na área de toxicomania. Optou-se, ainda, por adentrar as particularidades dos grupos de auto-ajuda A.A. (Alcoólicos Anônimos) e N.A. (Narcóticos Anônimos), bem como das Comunidades Terapêuticas - que funcionam em regime fechado -, voltadas ao tratamento da adição¹. A pesquisa se debruça, então, sobre o universo onírico (quinto capítulo), relacionando-o à dimensão do sagrado, rememorando a origem e proveniência dos sonhos, além de tecer considerações sobre seus conteúdos, análise, funções, linguagem simbólica e significados. Após a explanação do método (sexto capítulo), segue um breve relato sobre o funcionamento institucional da Comunidade Continente (sétimo capítulo), recinto no qual este trabalho foi concretizado. Nos resultados (oitavo capítulo), a explicitação dos três casos acompanhados foi efetuada minuciosamente, cada qual com a apresentação da entrevista, análise individual onírica, análise em série dos sonhos e, finalmente, análise do caso de um modo global. A discussão (nono capítulo) congrega os três casos, interligando-os aos conceitos teóricos anteriormente promulgados, e é seguida pelas considerações finais (décimo capítulo) que encerra o desfecho do processo.

2 OBJETIVO

Realizar uma análise de sonhos de dependentes químicos, identificando os significados dos símbolos² emergentes ao longo do processo de desintoxicação.

¹ Embora haja modelos de atendimento a toxicômanos em sistema ambulatorial, tal como o CAPS ad (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas), limitar-se-á àqueles cujas propostas se aproximam, ao menos em parte, à Comunidade Continente, na qual esta pesquisa foi realizada, visto a instituição se utilizar de uma adaptação dos 12 passos e funcionar em regime de internação, inspirando-se no funcionamento das comunidades terapêuticas.

² Segundo Penna (2003, p.2), “símbolo é a ponte epistemológica entre o conhecido e o desconhecido, é o meio através do qual a transformação do material inconsciente em material conhecido é viável”. Sendo, portanto, através de símbolos que exprimimos as coisas que não conhecemos, estes constituem a chave de acesso ao conhecimento.

3 REVISÃO DE PESQUISAS

Foi realizada uma busca de pesquisas referentes a sonhos e drogas, a seguir apresentadas.

A linguagem metafórica ou simbólica característica dos sonhos permanece misteriosa para muitos, motivo pelo qual alguns estudiosos embrenham-se em pesquisas visando melhor compreendê-los. Usher (1991), perscrutando o impacto das drogas sobre o sono, pondera que o uso do álcool produz o efeito de prolongá-lo e, concomitantemente, reduzir a quantidade de sono REM (fase do sono em que ocorrem os sonhos), ao passo que sua abstinência teria o efeito contrário, ou seja, haveria um encurtamento do sono e um aumento compensatório do sono REM, de modo que a frequência dos sonhos se alteraria bruscamente.

Tal argumentação mostra-se coerente com os achados de outros autores, tais como Colace (2000) que, investigando os efeitos da abstinência da heroína nos sonhos de quatro aditos, quando substituída pela metadona como tratamento farmacológico, observou que, tendo os pacientes parado ou reduzido drasticamente o uso da heroína no primeiro período do tratamento lembravam-se frequentemente de sonhos em que consumiam a heroína, os quais desencadeavam sentimentos de ansiedade e culpa, segundo o relato dos sujeitos. Além disso, demonstrou serem os sonhos com a substância mais comuns na fase inicial da abstinência, o que estaria, conforme o pesquisador, correlacionado ao aumento do *craving* e à presença de sintomas físicos e psicológicos de privação. Colace sugere, ainda, que, tendo em vista as observações e dados angariados, os sonhos podem ser uma importante ferramenta para entender os problemas dos aditos da heroína ao longo do processo psicoterapêutico.

Christo e Franey (1996), por sua vez, ao entrevistarem 101 usuários de drogas abstinentes há 6 semanas, constataram que 84% da amostra relatou sonhar com o consumo de substâncias psicoativas, de forma que a maioria mencionou apresentar uma maior frequência de sonhos desta natureza após a interrupção do uso se comparado ao período em que ainda mantinham o consumo. Como 90% dos sujeitos foram acompanhados durante os 6 meses que se seguiram, foi possível verificar uma rápida redução do número de relatos de sonhos com drogas nas primeiras 7 semanas, embora metade da amostra ainda apresentasse tais sonhos no 6º mês. De acordo com esta pesquisa, o sonhar com substâncias psicoativas estaria relacionado ao *craving* e à insônia, sendo um indício de um prognóstico desfavorável à manutenção da abstinência, razão pela qual os clínicos e profissionais deveriam identificar e

se apropriar de tal sinal de alerta, orientando seus clientes (CHRISTO e FRANNEY, 1996, p.13).

Brown (2004), realizando um estudo sobre sonhos com 37 pacientes ambulatoriais com desordem bipolar e dependência de cocaína, com duração de 36 semanas, constatou que 74% dos participantes experimentaram pelo menos um sonho com a droga durante a pesquisa e que estes sonhos tendiam a acontecer durante as poucas primeiras semanas do estudo participativo e rapidamente diminuía. O conteúdo dos sonhos, freqüentemente, incluía o uso de drogas, ou a recusa do uso de drogas. Contudo, contraditoriamente às pesquisas anteriormente mencionadas, a presença do sonho com a droga, segundo Brown, não predispôs o indivíduo para o *craving* pela cocaína, nem para o uso de drogas, não sendo identificados, portanto, fatores de risco claros nos sonhos com drogas.

Procurando compreender a freqüência minimamente elevada da recordação de sonhos encontrada em 74 pacientes do sexo masculino com alcoolismo primário, investigados após uma abstinência aguda de 2 a 4 semanas, Schredl (1999) elencou-a à crescente freqüência ou aumento dos despertares noturnos (visto que o despertar após ou durante a fase REM poderia ocasionar o armazenamento do conteúdo sonhado na memória recente, facilitando o seu resgate), à apnéia do sono e à mioclonia³ (que estariam associadas ao incremento na capacidade de lembrança dos conteúdos oníricos). Embora não tenham sido encontradas diferenças significativas ao comparar a freqüência de recordação dos sonhos nos 29 pacientes que recaíram e nos 19 pacientes que mantiveram-se abstinentes um ano após a pesquisa, a descoberta de que os pacientes abstinentes mostravam-se mais freqüentemente preocupados com seus sonhos noturnos do que reincidentes estão encorajando outras pesquisas a fim de averiguar em que medida o sistemático trabalho dos sonhos seria útil para esses pacientes (SCHREDL, 1999).

Araújo (2004), a fim de avaliar a presença da relação entre sonhos e *craving*, realizou um estudo transversal nos primeiros 3 dias de internação com 77 sujeitos do sexo masculino dependentes de álcool, sem comorbidades clínicas ou psiquiátricas e não-dependentes de outras substâncias psicoativas, salvo a nicotina, verificando se aqueles que tinham o *craving* aumentado relatavam sonhos com o tema álcool, bem como a qualidade do sono dos participantes. Apesar de apenas 22,1% da amostra ter afirmado nunca apresentar interrupções durante o sono, caracterizando-se o sono como entrecortado para a maior parte dos sujeitos, o

³ Mioclonias são “contrações musculares breves, rítmicas ou arrítmicas, localizadas ou difusas que acometem um músculo ou um grupo muscular. Geralmente são relatadas como "abalos", "choques", "sacudidas" e "trancos". Devem-se a descargas de neurônios subcorticais e podem ocorrer em diversas situações patológicas, dentre as quais se destaca a epilepsia tipo pequeno mal” (PORTO, 1997, p. 93).

que poderia explicar o alto índice de pacientes (69,9%) que apresentaram e se lembraram de algum sonho durante a internação, o sonhar com o álcool não foi considerado um comportamento freqüente (27,3%). Foi identificada, ainda, uma associação significativa entre o “sonhar com o álcool” e a gravidade da dependência, ou seja, os pacientes alcoolistas graves que consumiam maior quantidade de bebida alcoólica referiram mais sonhos deste tipo. A média de pontuação do *craving* foi fraca, já que 58,4% lhe atribuíram nota zero nestes dias, afirmando não terem sentido vontade de beber durante o estudo, o que levou a autora a inferir ser o ambiente de internação protegido de estímulos envolvendo o álcool um local de continência para o desejo de consumo da substância (ARAÚJO, 2004, p.67). A pesquisa aponta para uma associação entre o sonhar com o álcool e um aumento do *craving* ($p < 0,001$), cujo conhecimento, possível mediante o estudo dos sonhos, seria concebido como uma arma de detecção de um comportamento de risco ou recaída a ser utilizada pelos profissionais envolvidos (ARAÚJO, 2004).

Choi (1973), contudo, contradizendo a maioria dos achados pontuados nas pesquisas dantes relatadas, concretizou um estudo que pôs à prova a hipótese de que diferenças no tempo de abstinência e nas características demográficas seriam encontradas entre alcoólicos que sonham com a bebida e aqueles que não sonham com a bebida. O grupo dos sonhadores com a bebida, comparativamente ao outro grupo, seria mais freqüentemente formado por pessoas brancas, casadas, que tomavam “disulfiram” e estaria abstinente por um período de tempo mais longo do que os do grupo que não sonhavam com a bebida. O autor conclui que, no tratamento de alcoolismo com pacientes ambulatoriais, o sonhar com bebida, é sinal de um bom prognóstico, já que os indivíduos que sonham com a droga teriam, mesmo que de forma parcial, a satisfação de seu desejo e, conseqüentemente, apresentariam menor ansiedade e maiores condições para perseverarem na abstinência durante um maior período de tempo do que aqueles que não sonham com a droga.

Reid (2001), examinando as hipóteses de que o conteúdo dos sonhos de usuários abusivos de crack e cocaína em Trinidad e Tobago se altera durante o período de abstinência e que a mudança no conteúdo dos sonhos pode ser usado para prever o resultado do tratamento, registrou os sonhos e emoções associadas de 46 pacientes que completaram um programa residencial de tratamento de três meses. Quarenta e um (89,1%) dos pacientes relataram sonhos com drogas durante o primeiro mês, principalmente usando a droga. Vinte e oito (60,9%) tiveram sonhos com drogas nos 6 meses seguintes, principalmente usando ou recusando a droga. Houve uma taxa de abstinência de 56,5% nos 6 meses. Um melhor resultado no tratamento foi associado com a ocorrência de sonhos com drogas nos 6 meses

seguintes ($p < .05$) e sonhos de recusa da droga ($p < .05$). Estas e outras descobertas sustentam a necessidade de se continuar explorando a progressão dos sonhos durante o tratamento como uma ferramenta predizível.

Enfim, as controvérsias presentes nos estudos quanto aos sonhos com drogas emergentes durante a recuperação de sujeitos aditos submetidos à abstinência apontarem para um prognóstico positivo ou negativo, o impacto dos sentimentos de preocupação, ansiedade e culpa desencadeados nos sonhadores em decorrência de tais sonhos, a falta de clareza existente na relação sugerida por diversos autores entre os sonhos e o *craving*, bem como as considerações salientadas em pesquisas anteriores referentes à alteração do conteúdo dos sonhos ao longo das etapas de recuperação poder ser utilizada como norteadora do tratamento, ressaltam a relevância de produções científicas que abordem a temática. O presente trabalho procura adentrar nessa questão e compreendê-la de modo mais amplo com a introdução da linguagem simbólica. A seguir, visando contextualizar a problemática, será apresentado um retrospecto da relação travada entre o homem e as drogas desde os primórdios até a atualidade.

4 DROGADIÇÃO: UM OLHAR SOBRE O FENÔMENO DAS DROGAS

4.1 O HOMEM E AS DROGAS ATRAVÉS DOS TEMPOS: RETROSPECTO HISTÓRICO DE UMA RELAÇÃO⁴

O consumo de plantas psicoativas consiste em um fenômeno ancestral, universal e transcultural. Ao longo da história da humanidade, todas as civilizações travaram contato com tais substâncias, de modo que as relações entre os homens e as drogas oscilaram conforme os valores sociais, culturais, morais, religiosos, políticos e econômicos pertinentes à sociedade e ao momento histórico nos quais se inseriam.

Conforme a Bíblia Sagrada, Deus vedou ao homem comer da árvore da ciência do bem e do mal, alertando que, de outro modo morreria. Adão e Eva, ao violarem a norma, julgando ser a árvore desejável para dar entendimento, adquiriram consciência da morte e foram expulsos do Paraíso, cuja permanência dependia da obediência a Deus no que concerne à abstinência do fruto proibido. O mito do Paraíso Perdido, não exclusivo à religião judaico-cristã monoteísta, faz alusão, inclusive, à relevância atribuída aos vegetais para a manutenção da vida ou para a morte.

Nos primórdios, dado que os primeiros humanos eram herbívoros, as plantas psicoativas, juntamente às frutas, nozes, raízes e tubérculos eram ingeridos e representavam uma importante fonte alimentar. O homem pré-histórico, subsistindo às adversidades através da caça e coleta e dependendo exacerbadamente das forças da natureza, recorria ao consumo de estimulantes como as folhas de coca e o tabaco, tendo em vista suportar a fadiga e a fome.

As religiões e culturas antigas, predominantemente, dispensavam às substâncias capazes de alterar a consciência um caráter sagrado, e pautavam-se na crença de que sua ingestão, descrita em vários mitos e lendas, conferiria poderes sobre-humanos e viabilizaria a vivência de transe que conduziriam ao paraíso. Há, contudo, que discernir entre a patologia

⁴ O presente capítulo foi estruturado pautando-se no conteúdo e material disponibilizados no curso “Drogas: introdução à clínica da dependência” realizado no Instituto Sedes Sapientiae no primeiro semestre de 2008 e no curso “Introdução à Dependência Química” ministrado por “Quality Saúde Mental” e concluído no primeiro semestre de 2009 em associação aos textos devidamente referenciados. Quanto ao retrospecto histórico da relação estabelecida entre o homem e as drogas, foram utilizados, especificamente, Escotado (1996), Mackenna (1993), Ribeiro & Moreira (2005) e Seibel & Toscano Jr. (2000), tendo-se optado por não referenciá-los ao longo do texto para maior fluidez do mesmo.

drogaditiva e o uso religioso de drogas circunscrito a rituais e contextos culturais específicos, tais como ocorrem na atualidade com o sentido de “religare” (re-ligação entre céus e terra e comunhão com o divino, transcendente) ⁵.

No mundo antigo, a relação entre o homem e a Divindade era mediada pelo sacrifício animal, vegetal ou humano oferecido aos deuses e pelo compartilhar de determinado alimento considerado divino, com o intuito de purificação ritual de pecados e impurezas e livramento contra enfermidades e castigos. O sacrificado, a vítima ou “bode expiatório” eram denominados na Grécia Antiga como *pharmakós*, ao passo que o alimento utilizado durante as cerimônias eram designados *phármakon* que significa remédio ou veneno, passível de causar o bem ou o mal, de curar ou matar.

Eis a origem do termo *phármakon*, que passou a integrar a terminologia médica grega e adentrou nossos dias com o nome de fármaco, remédio, medicamento. Como a enfermidade e a cura eram consideradas, pela escola hipocrática, resultantes de processos naturais, o *pharmakós* foi substituído pelo *phármakon*. Segundo o *Corpus hippocraticum*, a cura poderia aflorar, inclusive, atacando o próprio organismo, como no caso da utilização do fogo para desinfetar uma ferida. O primordial seria, pois, a proporção entre dose ativa e dose letal, podendo uma substância concomitante e potencialmente ser remédio ou veneno, a depender da dose administrada (pressuposto que fundamenta a farmacologia científica). Vale enfatizar, portanto, que somente a partir do surgimento de Hipócrates começou a haver uma discriminação e separação entre a técnica médica e a magia. Até então, tudo o que fosse capaz de modificar os estados de ânimo era considerado milagroso, um sinal sobrenatural, razão pela qual tais plantas eram denominadas, pelos sacerdotes, enteógenas, ou seja, aquilo que engendra Deus dentro de si, que gera o divino (Cerne ou raiz do vindouro emprego da óstia, do pão e do vinho em cerimônias cristãs, os quais simbolizariam o corpo e sangue de Cristo e cuja deglutição corresponderia à incorporação de Deus a partir de uma substância exterior).

Na antiguidade, dentre as Civilizações do Crescente Fértil, os hindus, norteados por suas crenças religiosas, consumiam o cânhamo ou “ananda”, cujo significado é “fonte da vida” e acreditavam ter sido a planta presente dos deuses germinada ao permitirem que gotas de ambrosia caíssem do céu. As meditações budistas, dantes acompanhadas pelo hábito de fumar maconha e datura, embasavam-se na mitologia hindu que mencionava caírem gotas de orvalho do céu em forma de daturas, nos momentos em que Buda meditava ou sorria.

⁵ Trata-se, contudo, de um trabalho árduo discernir entre experiências de transe (induzidas ou não por substâncias) em contextos religiosos e manifestações históricas (nas quais os indivíduos são tomados pelos complexos), principalmente quando se trata de religiões cujos preceitos atribuem à sexualidade um caráter pecaminoso. Todavia, não nos aprofundaremos nessa questão, visto não ser este o foco do presente trabalho.

“Soma”, o deus-narcótico dos hindus, se personificava e referenciava uma bebida de mesmo nome, cuja composição continha *Amanita muscaria* e cuja crença afirmava ser, a princípio, consumida exclusivamente pelos deuses, mas, posteriormente, presenteada aos homens, para revestir-lhes de poder e sabedoria.

A China fora pioneira quanto ao usufruto das fibras do cânhamo, visando desde 4000 a.C. a fabricação de cordas e tecidos, sem quaisquer finalidades religiosas ou ritualísticas. Todavia, é o típico hábito chinês de consumir chá verde (composto por cafeína) que se proliferou por toda a Terra a merecer destaque: diz a lenda que o imperador Shen Nong, pai da agricultura chinesa, ao viajar pelo interior da China, vislumbrou folhas de *Camellia sinensis* caírem dentro do recipiente com água fervente em que comumente descansava, ao que resolveu, curiosamente, provar a bebida, nela encontrando refrescância e vigor.

Os egípcios e mesopotâmios, por sua vez, utilizavam largamente o cânhamo, a mandrágora, a datura e, principalmente, a papoula (visualizada como fonte de gozo e prazer) com finalidades médicas e profanas, sendo os primeiros, argutos quanto ao processo de fermentação das frutas desde 3000 a. C. Acredita-se ter sido a Mesopotâmia - situada entre os rios Tigre e Eufrates -, a região na qual a cerveja fora produzida pela primeira vez.

As civilizações pré-colombianas - localizadas na América Central -, congregam em seu território o maior número de plantas psicoativas, incorporadas aos ritos milenares de purificação e êxtase dos maias, toltecas e astecas, especialmente, alucinógenas tais como os cogumelos *Psilocibe* apelidados pelos últimos “pequenas flores dos deuses”.

Desde a antiguidade fomentavam a produção do vinho sagrado *ololiuqui* a partir de sementes ricas em alcalóides LSD-análogos, bem como a fermentação da piña, habitualmente praticada pelos astecas, que originava um extrato chamado *pulque*, o qual, posteriormente, fora destilado concebendo a famosa tequila, bebida nacional do México.

Os huichóis, descendentes dos astecas, foram os que mais preservaram suas raízes culturais ao se recolherem em um reduto mexicano em Sierra Madre. Segundo a antiga tradição dos huichóis, o consumo do cacto peiote, rico em mescalina (um alcalóide LSD-análogo), prescrito e utilizado pelo xamã, abria as portas para a comunicação com o Grande Espírito.

Os incas cultivavam o hábito de mascar folhas de coca, as quais se referiam por “Mama Coca” ao acreditarem ser provisão divina para conferir suporte e alívio para a fome e o cansaço. Embora usualmente seu consumo fosse restrito à nobreza, servos e soldados condecorados poderiam consumi-la mediante concessão expressa do imperador. A *chicha*, bebida alcoólica dos incas, era derivada do processo de fermentação do milho, ao passo que a

Ayahuasca, cujo significado é “vinho da alma”, consiste em uma infusão de duas plantas da floresta (chacrona e cipó do jagube - *Banisteriopsis caapi*), também realizada pelos incas desde os tempos antigos.

O consumo de plantas alucinógenas como o yopo (*Anadenathera peregrina*), a jurema (*Mimosa hostilis*), a epena (*Virola theiodora*), a chacrona ou rainha (*Psychotria viridis*) e a ayahuasca pelas civilizações amazônicas se fundamenta na antiga herança religiosa que atribui aos pajés poderes telepáticos, divinatórios e lustrais, quando tomados pelo efeito dessas substâncias. A ayahuasca, legado dos incas, fora incorporada aos rituais amazônicos há pelo menos 2000 anos e perdurou entre as tribos indígenas até ser sincretizada a rituais cristãos no início do século XX, passando a ser nomeada “Santo Daime” (Dai-me paz, dai-me saúde, dai-me felicidade). A ayahuasca consiste na única substância cujo consumo com fins religiosos é permitido por lei federal desde 1989, e alguns grupos professam ser ela capaz de curar a dependência de outras drogas se utilizada em um contexto ritualístico.

Dentre o povo hebreu, cuja crença alicerça-se no Judaísmo, denotava-se, por outro lado, ainda na antiguidade, posicionamentos diferenciados e ascéticos se comparados às demais culturas quanto ao uso de plantas psicoativas ou ingestão de bebidas capazes de alterar a consciência. Segundo o livro de Levíticos, o Deus dos hebreus teria vedado aos sacerdotes o uso de vinho ou bebida forte, a fim de discernir entre o sagrado e o profano⁶.

Haveria, pois, uma série de admoestações entre o povo judeu expressas, especialmente, no Pentateuco quanto à contenção dos prazeres da carne, de modo que a entrega à orgias sexuais, drogaditivas e alimentares deveria ser constantemente combatida pelo espírito, embora por inúmeras vezes tais orientações não fossem ouvidas, conforme relatam as escrituras. Almeida (1998) assinala que Salomão, no livro de Provérbios, discursa e alerta acerca das conseqüências de se sucumbir ao vinho:

Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo, e se escoa suavemente. No seu fim morderá como a cobra, e como o basilisco picará. Os teus olhos olharão para as mulheres estranhas, e o teu coração falará perversidades. E serás como o que dorme no meio do mar, e como o que dorme no topo do mastro. E dirás: Espancaram-me, e não me doeu; bateram-me, e não o senti; quando virei a despertar? Ainda tornarei a buscá-la outra vez (Provérbios 23: 31-35).

⁶ “Vinho nem bebida forte tu e teus filhos contigo não bebereis, quando entrardes na tenda da congregação, para que não morrais; estatuto perpétuo será isso entre as vossas gerações; e para fazer diferença entre o santo e o profano e o imundo e o limpo; e para ensinar aos filhos de Israel todos os estatutos que o Senhor lhes tem falado pela mão de Moisés” (Levíticos 10:9).

Paradoxalmente, no livro *Cântico dos Cânticos* transparece, em uma linguagem poética, a exaltação à sexualidade, às ervas aromáticas e especiarias, ao vinho, mirra e mandrágora⁷, a ponto de seu autor Salomão, grande detentor do conhecimento herbário, ter seus livros queimados muito tempo após sua morte.

Enfim, embora ao longo do período demarcado pela Antiguidade Clássica o uso de substâncias psicoativas tenha sido realizado livremente e revestido por um caráter médico, ritualístico ou profano, com o início da Idade Média, uma nova postura frente às drogas se observa. Com a fragmentação do Império Romano, o abandono das cidades e a fixação no campo pelo mundo ocidental visando subsistir às invasões bárbaras, a Europa, subdividida em feudos, mantinha-se unificada somente pela moral cristã. Nesse sentido, a palavra de ordem era: vinho aos nobres para a comunhão cristã, cerveja para a plebe e combate às demais substâncias psicoativas, consideradas diabólicas. Sendo assim, com o cristianismo atrelado à ânsia da Igreja por tornar-se única e suprema detentora da verdade e, conseqüentemente, do poder, evidenciaram-se as maiores restrições quanto ao uso de substâncias, visto que seu consumo outrora atrelado a rituais pagãos passou a ser associado a atitudes demoníacas, passível de penas capitais: àquele que insistisse na manipulação de tais ervas (dentre as plantas mais conhecidas pelos europeus medievais, destacava-se a mandrágora, rica em propriedades anticolinérgicas), seria acusado de bruxaria e punido com a morte.

Além disso, tendo a Idade Média acumulado um saber herbário, alquímico e erudito praticado por mulheres que detinham tais práticas, muitas delas com caráter iniciático feminino conflitante à doutrina patriarcal apregoada pela Igreja, houve por parte desta um combate confesso com a publicação na Alemanha, em 1486, de um código de caça às bruxas intitulado *Malleus Maleficarum*, disseminado pela Europa até 1669, servindo expressamente à Inquisição, responsável por queimar milhares de mulheres taxadas como bruxas na fogueira, em virtude de uma mentalidade inquisitorial que associava drogas, mulheres, pecado, luxúria e bruxaria de modo completamente estereotipado.

Findada a Idade Média, o encontro entre as diversas civilizações mediante as navegações, as rotas marítimas e a grande expansão comercial, fomentou o retomada do

⁷ Eis alguns dos versículos: “Beije-me ele com os beijos da sua boca; porque melhor é o seu amor do que o vinho. [...] O meu amado é para mim um ramalhete de mirra; morará entre os meus seios. Como um cacho de Chipre nas vinhas de En-Gedí é para mim o meu amado. [...] Quem é esta que sobe do deserto como colunas de fumo, perfumada de mirra, de incenso e de toda sorte de pós aromáticos? [...] As voltas das tuas coxas são como jóias, trabalhadas por mãos de artista. O teu umbigo como uma taça redonda, a que não falta bebida; o teu ventre como monte de trigo cercado de lírios” (Cantares 1:2, 13-14; 3:6; 7:1-2).

contato com as substâncias psicoativas ou “tesouros botânicos” dantes conhecidos na Antiguidade ou trazidos pelo Novo Mundo, sendo, a partir do século XVIII com a globalização das drogas, utilizados como matéria-prima ou princípio-ativo para a fabricação de medicamentos, despertando o interesse da classe científica.

Com a crítica ao Iluminismo e as idéias de contestação e libertação promulgadas pelo Romantismo, segue-se um período de grande tolerância no qual tais substâncias, a partir do século XIX, passariam da condição de instrumento ritual a produto de consumo, cuja utilização se restringia a uma perspectiva hedonista de cunho meramente recreativo. Com a comercialização dos fármacos (principalmente da morfina e heroína) realizada livremente, surgiram bebidas à base de cocaína (Coca-Cola, vinho Mariani⁸), fundaram-se as *fumeries* (salões de ópio) e o Clube do Haxixins⁹, proliferando-se, ainda, o uso de maconha. A morfina, isolada como componente do ópio em 1806, passou a ser designada “absinto das damas”, e foi, ainda, maciçamente utilizada de 1861 à 1865 na guerra civil americana para o silêncio dos enfermos. Contudo, tais práticas foram distanciando-se do discurso e controle médico e despidendo-se de um lastro cultural e de rituais de controle que agregavam sentido compartilhado e coletivo e davam continência às mesmas, o que gerou novos padrões de uso acompanhados por implicações físicas, psicológicas e sociais (em 1870, quando a morfina foi utilizada na Guerra Franco Prussiana com a finalidade isolada de “tomar coragem”, começaram a aparecer os primeiros casos do que se chamou de “mal militar” e, posteriormente, de dependência artificial) suscitando, conseqüentemente, a necessidade da criação de mecanismos de controle por parte das nações.

Durante a transição entre os séculos XIX e XX emerge, nas sociedades ocidentais contemporâneas, o primeiro ciclo de repressão e intolerância ao uso de substâncias psicoativas, inicialmente, travado pelos Estados Unidos com a perseguição ao ópio na Califórnia em 1870, com a lei “Harrison Act”, assinada em 1914, contra o uso da cocaína e com o “Volstead Act” ou “Lei Seca”, que vigorou de 1919 a 1933, e proibia a venda, distribuição e consumo de bebidas alcoólicas em todo o território americano.

⁸ Os anúncios destes produtos vinham acompanhados de mensagens extremamente sedutoras que vendiam, conjuntamente, a promessa de beleza, juventude, disposição e bem estar: “Não perca tempo, seja feliz; se você se sente pessimista, abatido, peça cocaína”; “Bom alimento para os nervos, no combate aos hábitos de álcool, ópio ou morfina, concedendo às mulheres vitalidade e formosura eternas”.

⁹ O clube, fundado em 1842, pelo psiquiatra francês J.J. Moreau de Tours, que se servia do haxixe para o tratamento da insanidade mental, era freqüentado por intelectuais como Victor Hugo, Charles Baudelaire, Eugene Delacroix, entre outros.

A Inglaterra também foi palco desse movimento de intolerância durante a Primeira Guerra Mundial, visto que a disponibilidade de opióides e cocaína, anteriormente comercializados pelas farmácias como uma gratificação aos soldados em guerra, passou a ser controlada e restrita.

Assim, passou a haver uma dicotomia entre drogas lícitas e ilícitas. O comércio de drogas lícitas, sob o controle da classe médica, se expandiu ao longo do século XX. Até os anos 30, a heroína foi considerada superior à morfina pelos farmacologistas, pelas mesmas razões que, no século XIX, preferiram a morfina ao ópio (mais potência e menos efeitos colaterais). Em 1930, deu-se o “boom” das anfetaminas, utilizadas como substitutas da cocaína (com o tempo, a administração das anfetaminas tornou-se mais comum como estimulante entre os estudantes, esportistas e homens de negócios, como antidepressivo e em regimes de emagrecimento). Em 1939, a metadona (dolofina) foi fornecida aos médicos do exército alemão como analgésico – atualmente, a metadona é utilizada no tratamento substitutivo da heroína, especialmente na Europa. Os anos 50 foram marcados pela chegada dos ansiolíticos nas farmácias direcionados, principalmente, ao público feminino, já que as mulheres, anteriormente inseridas no mercado de trabalho por uma questão de subsistência devido aos seus maridos militarem em campo de batalha, deveriam voltar para as suas casas com o fim da guerra para que seus maridos retomassem os seus empregos e suportar os sentimentos contraditórios de terem sido retiradas de seu posto empregatício. Em 1952 a morfina foi obtida em laboratório. Pode-se inferir, ainda, que as drogas ilícitas, por sua vez, colocadas como “bode expiatório”, passaram a explicar os insucessos da nação norte-americana, isentando-a de responsabilidade quanto às agruras que a assolavam: pobreza, crime, violência, desestruturação familiar, crianças abandonadas e falências financeiras.

Em contrapartida, a segunda metade do século XX, notadamente durante as décadas de 60 e 70, foi marcada pelo questionamento ao modelo proibicionista e por certa condescendência quanto ao consumo de substâncias psicoativas que, vinculadas aos ideais de contracultura e de uma nova ordem social, congregavam os jovens americanos em festivais como os de Woodstock. Esse período sugeria um olhar contestador e crítico a arraigados tabus, o que permitiria a não aceitação conformista da intervenção bélica americana no Vietnã, a desvinculação da atividade sexual à constituição familiar com o advento da pílula anticoncepcional e a liberalidade no que concerne às experiências induzidas por drogas. Na época do movimento psicodélico, o uso de drogas alucinógenas cresceu vertiginosamente no mundo ocidental, apoiado pelo lema da paz e amor livres e por músicas entoadas pela *beat-*

generation tais como “Lucy in the Sky with Diamonds” (em uma provável exaltação ao LSD, sintetizado a partir do esporão de centeio), de autoria dos Beatles.

Desde o final dos anos 70 e início dos anos 80, observou-se um segundo ciclo de intolerância e combate às drogas, liderado, especialmente, pelos EUA, com o apoio da ONU, ao passo que nos países europeus, novos modos de se lidar com a questão foram aflorando, resultantes de acaloradas discussões e reflexões sobre as desvantagens e insuficiência das abordagens repressivas. EUA e Europa adotam, assim, posições antagonistas de enfrentamento às drogas, com o primeiro se utilizando de métodos e recursos punitivos e coercitivos comprovadamente ineficazes e geradores de vários reveses e efeitos colaterais tais como a repressão ao tráfico e ao consumo, à custa da supressão de inúmeros direitos civis, do aumento da violência, do fortalecimento do crime organizado e da corrupção do Estado¹⁰ e, o segundo, procurando incluir o dependente químico, adotando uma visão mais flexível, tolerante e respeitosa através de ações coerentes com o conceito de cidadania como a lei promulgada em 1970 que garante o anonimato, gratuidade e voluntariedade do tratamento de farmacodependentes, diretrizes que respaldam até hoje o atendimento a drogaditos nesse país.

Além disso, com a disseminação do vírus HIV na década de 80, associada à retomada da liberdade de prescrição por parte dos médicos (inclusive de opióides e cocaína) com a influência do “Rolleston Committee”, emergiram as primeiras medidas européias calcadas nos princípios da “Redução de Danos” na Holanda e Inglaterra com o surgimento, entre 1986 e 1987, dos primeiros centros de distribuição de agulhas e seringas, demarcando um movimento de tratamento distinto ao movimento americano de fomentar tratamentos que indicassem somente uma saída para o farmacodependente: a abstinência.

A associação entre a infecção pelo HIV e uso de drogas gerou, portanto, uma reviravolta nas políticas públicas de saúde com a adoção das estratégias de “Redução de Danos”, cujo objetivo prioritário seria minimizar os efeitos negativos decorrentes da drogadição em diversos países. No Brasil, em 1989, o governo municipal da cidade de Santos aderiu à proposta, dando a largada através da distribuição de agulhas e seringas, o que causou polêmica nacional, visto a medida interventiva ter sido enquadrada como crime. Contudo, com os altos índices de soro-positividade contraído por via parenteral e com a constatação dos benefícios e resultados satisfatórios relatados por países que se apropriaram das políticas de “Redução de Danos” (maior aderência dos aditos à rede sanitária, melhoria da saúde física e

¹⁰ Se, de um lado, o acesso facilitado às drogas pode fomentar a tendência ao consumo descontrolado, de outro lado, o proibicionismo incide, comprovada e significativamente, no desenvolvimento de formas mais perigosas de consumo, como a utilização de álcool injetável, bem como promove o aumento do consumo de outras substâncias (com a substituição da substância proibida por outra de fácil acesso).

psicossocial, superior assimilação das mensagens preventivas e diminuição da delinquência relacionada à compra do produto), em 1995, a estratégia de trocas de seringas foi implantada no centro histórico de Salvador, na Bahia.

Atualmente, as estatísticas quanto ao abuso de alguns medicamentos tais como ansiolíticos e benzodiazepínicos, bem como anorexígenos e anfetamínicos em regimes de emagrecimento instigado pela sociedade do “espetáculo”, do “culto ao corpo” e do consumismo¹¹, mostram-se estarrecedoras, despertando preocupação e alarme entre estudiosos em vista de suas conseqüências, embora curiosa e paradoxalmente, estejam sendo negligenciadas pelas políticas públicas brasileiras.

Enfim, muitos foram os significados atribuídos às substâncias psicoativas no decorrer dos séculos: seja como alimento, objeto sagrado e caminho de acesso a deuses e divindades, seja como objeto profano, substituto de outras drogas, mercadoria, produto, panacéia, desculpa ou justificativa para todos os males, objeto de discriminação e controle de grupos e minorias; ora toleradas, ora proibidas, sempre existiram e, muito provavelmente, sempre existirão a despertar fascínio e desejo humanos, razão pelas quais novas abordagens que façam jus à riqueza da compreensão da busca do homem pelo desvelamento dos mistérios de um paraíso artificial hão de aflorar.

4.2 ETIOLOGIA E MODELOS DE COMPREENSÃO

Uma multiplicidade de modelos conceituais de compreensão do fenômeno da toxicomania coexiste na contemporaneidade, e são estes a fornecerem os fundamentos que embasarão o tratamento adotado; eis a importância de destacá-los. Dentre os principais modelos utilizados, vale ressaltar o “modelo moral”, o “modelo biológico de doença”, o “modelo de modelagem social”, o “modelo de fatores de risco múltiplos”, o “modelo do comportamento adictivo”, o “modelo compensatório” e o “modelo sistêmico”.

Marlatt (1993) afirma que o “modelo moral”, pautado na moral cristã, dominou o imaginário social até a pouco, de modo que o adito seria considerado um sujeito sem caráter

¹¹Seguindo a mesma lógica do culto ao corpo, anabolizantes e “body builders” (esteróides anabólicoandrogênicos) tem sido largamente utilizados por esportistas a despeito de suas implicações (repercussões no estado psíquico, sistemas cardiovascular e reprodutor).

ou “fibra moral”: um “fraco” sem força de vontade para abandonar o vício, razão pela qual seria rotulado de “bêbado”.

O “Modelo do Aconselhamento Confrontativo de Synamon”, uma proposta americana baseada no modelo moral, concebendo a vida como incontestavelmente hierarquizada e ordenada, cujo uso de drogas romperia com tal concepção, proporia ao adito (visualizado como alguém que recebeu muito na infância, compartilhou pouco na adolescência e doa pouco enquanto adulto) que voltasse ao eixo na “marra”, através do confronto, entendido com técnica. Cabe salientar que este modelo, partindo de julgamentos morais explícitos demasiadamente reducionistas e enveredando rumo a uma “terapia de ataque”, infringe segregação e violência psicológica aos indivíduos em tratamento e introduz um conflito de opostos (do excesso para a carência), mostrando-se extremamente contraproducente.

Apesar de o “modelo moral” ser considerado ultrapassado, principalmente após 1956, quando o alcoolismo foi declarado como doença pela Associação Médica Norte Americana, ranços ou resquícios de tal abordagem persistem na mentalidade da sociedade, inserindo-se implicitamente, inclusive, nos demais modelos.

Segundo Silveira (1996), o “modelo biológico de doença”, por sua vez, pressupõe a existência de um determinante biológico para que se instale a dependência, caracterizada como uma doença crônica, progressiva e recidivante. Sendo assim, não somente parte do aspecto orgânico para explicar as alterações advindas da toxicomania, mas restringe a totalidade do fenômeno à disfunção orgânica, sugerindo como único tratamento possível a abstinência. Embora tal modelo tenha trazido vantagens se comparado ao modelo anterior, dissipando certos estigmas, calca-se em modelos genéticos controversos, desconsidera a história individual da relação do sujeito com o produto ou o modo como se deu tal vinculação, além de apresentar-se excessivamente generalista, não englobando uma grande parcela de casos que não preenchem os critérios diagnósticos, mas correlacionam-se com as taxas de mortalidade decorrentes do consumo de substâncias.

Há, ainda, que se identificar a posição dicotômica e paradoxal adotada por este modelo, visto de um lado, afirmar que o adito seria incapaz de exercer controle sobre seu comportamento aditivo, ao passo que, de outro lado, defende que o único modo de evitar o problema seria abster-se:

Assim, embora a etiologia do alcoolismo seja descrita como um processo de doença além do controle ou responsabilidade da vítima, o principal modo de tratamento freqüentemente assume a forma de um mandamento moral: Não beberás! [...] O modelo moral e o modelo doença formaram, nos últimos anos, uma aliança (MARLATT, 1993, p.7).

O “modelo doença” e seus pressupostos poderão engendrar, assim, certas conseqüências, influenciando sobre a postura do indivíduo quanto a revestir-se com o rótulo de “doente”, assumindo um papel passivo de vítima de uma doença inexorável e, convencendo-se de sua doença, passar a acreditar que não poderá beber sem perder o controle, o que, muito provavelmente, repercutirá em seu processo de recuperação caso recaia.

Quanto ao “modelo de modelagem social”, este postula um aprendizado social em meio ao núcleo familiar, grupos sociais, veículos de comunicação e outros, para que se instale o comportamento aditivo, cujos hábitos são moldados socialmente. As limitações deste modelo consistem em desprezar motivações e questões peculiares, pessoais e particulares do indivíduo que busca a droga, bem como na falta de discriminação entre os padrões de consumo recreativo/ocasional, abuso e dependência, além de ser difícil mensurar a influência social direta.

O “modelo de fatores de risco múltiplos” considera a existência de fatores de risco que incidiriam sobre o indivíduo, aumentando ou potencializando a probabilidade de o mesmo incorrer no uso de drogas e apresentar problemas relacionados a tal prática. Depressão, baixo rendimento escolar, tumultuadas relações familiares e comportamentos delinqüenciais seriam, portanto, alguns dos fatores de risco aos quais o indivíduo estaria exposto, cabendo, segundo este modelo, detectá-los com exatidão para que o tratamento seja bem sucedido. Todavia, é indispensável tecer algumas críticas ao modelo, visto pautar-se em uma teoria estática de causa e efeito, desvencilhada da dinamicidade que permeia as inter-relações entre os fatores de risco e o uso de substâncias, podendo implicar na ocorrência de vários equívocos, pois, muitas vezes, os designados “fatores de risco” são, na verdade, fatores correlacionados, não justificando, assim, esta relação causa-efeito (exemplificando: uma depressão, em dada circunstância, pode ser precedente ao uso configurando-se como causa; em outra circunstância, pode ser conseqüência do abuso ou, ainda, causa e conseqüência concomitantemente). Além disso, conforme pondera Silveira (1996, p.12), “não foram bem sucedidas as tentativas de identificar associações de fatores que possam ser preditivos de padrões específicos de consumo”, nunca tendo sido demonstrado que qualquer atuação ou manipulação desses fatores de risco seria capaz de modificar comportamentos futuros, supostamente desencadeados por tais fatores.

O “modelo do comportamento adictivo”, citado por Marlatt (1993), se alicerça no estudo dos determinantes dos hábitos aditivos (tais como antecedentes situacionais e ambientais, crenças e expectativas, história familiar individual e experiências de aprendizado anteriores com a substância) para nortear o tratamento. Neste modelo, é admissível o uso responsável de

determinadas drogas, desde que realizado de uma forma moderada. Contudo, há que se pensar: quais critérios seriam utilizados para discernir quais as drogas e as quantidades admissíveis?

Sobre o “modelo compensatório”, que endossa o programa de autocontrole denominado “Prevenção à Recaída” (PR), Marlatt (1993), afirma:

[...] é o modelo compensatório, no qual as pessoas não são consideradas responsáveis pelo desenvolvimento de problemas (por exemplo, ter-se envolvido com um padrão de hábito adictivo), mas são capazes de compensar suas dificuldades, assumindo responsabilidade pela mudança no comportamento – mesmo em face de revezes ou recaídas aparentes (MARLATT, 1993, p.13).

A essência de tal modelo consiste em apoderar e instrumentalizar o indivíduo por meio de uma orientação terapêutica, para que ele seja capaz de se mover da posição de cliente, passiva, para uma posição ativa e tenha condições de assumir responsabilidade pelo processo de mudança. A proposta parece, ainda, tencionar despir-se de um caráter preconceituoso e evitar a culpabilização do sujeito.

O “modelo sistêmico”, aparentemente mais abrangente para abarcar a complexidade do fenômeno da toxicomania se comparado aos demais modelos aqui elencados, parte do pressuposto de que existe uma interação dinâmica entre variáveis individuais, ambientais e a substância química, de modo que os problemas coligados ao seu consumo inserem-se na relação que o sujeito (considerando-se seus aspectos biológicos, valores, crenças, características psicológicas e emocionais) estabelece com o seu meio (atentando-se tanto o contexto social imediato - família, escola, grupo de pares, disponibilidade, vulnerabilidade, influência ambiental- quanto para o contexto social distante – meios de comunicação, valores e normas sociais)¹².

Constata-se, portanto, a ausência de uma etiologia de consenso para a dependência química, bem como uma miscelânea de parâmetros, embora alguns sobrepujem outros, que se reflete nos tratamentos e nas políticas públicas, muitos dos quais sem qualquer fundamentação científica, embrenhados por pessoas amiúde bem intencionadas, mas despreparadas para lidar com a questão. Vale, assim, a explicitação dos paradigmas predominantes que regem a sociedade contemporânea quanto à apreensão da toxicomania.

¹² Procurar-se-á, no trabalho em questão, adotar tal perspectiva.

4.3 CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS E CLASSIFICAÇÃO DO CONSUMO

A compreensão da adição como transtorno ou doença, preponderante na atualidade, trata-se de um fenômeno recente, construído ou forjado somente nos últimos 200 anos.

A OMS (Organização Mundial da Saúde), após a Segunda Guerra Mundial, se responsabilizou pela elaboração de conceitos concernentes às drogas¹³, fomentando debates e discussões e promulgando-os a nível internacional, de modo que, em 1957, as definições de adição alicerçadas no aspecto bioquímico sofreram reajustes com a inclusão do item “desejo físico irresistível acompanhado de fatores psicológicos”. (SEIBEL & TOSCANO JR., 2000, p.21)

O termo oficial “dependência de drogas”¹⁴, instituído em 1964, passou a vigorar desde então, sendo definido pela OMS, em 1969, como:

Um estado psíquico e, às vezes, físico, resultante da interação de um organismo vivo e da droga, caracterizado por um conjunto de respostas comportamentais que incluem a compulsão de consumir a substância de forma continuada com o fim de experimentar seus efeitos psíquicos ou, em certas ocasiões, de evitar a sensação desagradável que sua falta acarreta. Os fenômenos de tolerância podem ou não estar presentes. Um indivíduo pode ser dependente de uma ou mais drogas (WHO, 1964, p.3).

Tal formulação implicaria a existência de uma dependência psíquica implícita, compreendida como um “estado mental caracterizado pelo impulso a utilizar uma droga psicoativa periódica ou continuamente com a finalidade de obtenção de prazer ou de aliviar uma tensão”, podendo acarretar, ainda, secundariamente, uma dependência física: “necessidade por parte do organismo do aporte regular de uma molécula química exógena para a manutenção do equilíbrio” (SILVEIRA, 1996, p.3).

Quanto aos critérios diagnósticos da “síndrome de dependência”, vale enfatizar que foram aqueles compilados pela escola britânica de Griffith Edwards (2003) em 1976, a saber: compulsão para o consumo, aumento da tolerância, síndrome de abstinência, alívio ou esquiva da abstinência pelo aumento do uso, relevância do consumo, estreitamento ou empobrecimento do repertório e reinstalação da síndrome de dependência, os quais serviram

¹³ Segundo a OMS, droga é uma “substância que, quando administrada ou consumida por um ser vivo, modifica uma ou mais de suas funções, com exceção daquelas substâncias necessárias para a manutenção da saúde normal” (GHODSE, 1995, apud COSTA LEITE et al., 1999, p.25).

¹⁴ A substituição do termo “adição” por “dependência de drogas” adviria do fato de o primeiro, segundo a OMS, ter se popularizado a ponto de passar a designar todos os comportamentos compulsivos relacionados a sexo, comida, trabalho, jogo, internet, esporte, moda, etc., distanciando-se do discurso científico. Contudo, optou-se, no presente trabalho por fazer menção a ambos os termos, integrantes da linguagem corrente e contexto social.

de base para a posterior elaboração dos dois principais códigos psiquiátricos da atualidade: o CID-10 (OMS) e o DSM-IV (APA – Associação Psiquiátrica Americana).

Imprescindível, pois, torna-se esmiuçar esses 7 critérios, com vistas à ampliação da compreensão da toxicomania:

- **Compulsão para o consumo:** o indivíduo imagina-se incapaz de refrear o impulso (designado *craving*¹⁵ ou “fissura”) sentido como incontrolável de consumir determinada substância, como se prosseguir sem a mesma fosse inviável e, conseqüentemente, acabasse incorrendo no uso. Acredita-se, atualmente, que o *craving* ou “fissura” corresponda, portanto, a um dos principais gatilhos para a busca da droga e reinstalação da dependência e a um fator cujo manejo mostra-se de fundamental importância na manutenção da abstinência, despertando o interesse quanto ao aprofundamento da temática por parte de estudiosos e profissionais envolvidos. O indivíduo, assim, seria invadido por uma memória eufórica muito vívida, por sentimentos nostálgicos, por imagens e situações que levariam à perda de crítica e o impeliriam à queda, sucumbindo ao consumo da substância.
- **Aumento da tolerância:** consiste, primordialmente, em um mecanismo de neuroadaptação (o organismo captaria a presença da droga como uma invasão e reagiria, para se proteger, procurando neutralizar o uso através da neuroadaptação, em que ocorre o equilíbrio dos neurotransmissores e uma dessensibilização dos receptores, reduzindo, conseqüentemente, a duração e a intensidade dos efeitos suscitados pela droga¹⁶), diante do qual se esboça a necessidade do indivíduo de consumir quantidades crescentes de uma determinada substância psicoativa para obter os mesmos efeitos anteriormente alcançados com a ingestão de doses menores.
- **Síndrome de abstinência:** se expressa pelo surgimento de sinais e sintomas desencadeados pela interrupção ou redução do consumo da substância psicoativa. Vale salientar que tais sintomas são mais intensos nos primeiros dias de abstinência e tendem, com o tempo, a se tornar mais fracos, mais curtos, menos freqüentes e, portanto, mais suportáveis ao sujeito¹⁷. Embora variem conforme a droga e as

¹⁵ Seibel (2000, p.239) aponta que o *craving* ou “fissura” tem sido explicado pelos usuários como “um estado subjetivo e peculiar, um desejo intenso, uma necessidade imperiosa, uma urgência em usar novamente a substância, que pode ocorrer logo após o início do uso, ou após períodos mais prolongados da falta dela, a abstinência”.

¹⁶ Razão pela qual a dependência química, para os organicistas (sob o ponto de vista biológico), se restringiria a um mecanismo de neuroadaptação ligado à tolerância. Contudo, na monografia em questão, não limitar-se-á a compreensão da toxicomania a esta visão, considerada demasiadamente restrita e reducionista para abarcar a complexidade do fenômeno.

¹⁷ Informação importante a ser mencionada ao paciente em tratamento.

peculiaridades individuais, alguns dos possíveis sintomas são: agitação, suor, insônia, nervosismo, hiper ou hipofagia, alucinações, delírios, convulsões, depressão, taquicardia, anedonia ou ausência de prazer (a falta de prazer corresponde a um dos sintomas que, aliado às lembranças do uso, mais impelem o indivíduo à recaída) e fissura.

- **Alívio ou esquivia da abstinência pelo aumento do uso:** o indivíduo passa a consumir a substância psicoativa com o objetivo de aliviar ou cessar os sintomas de abstinência. Sendo assim, passa a utilizar a substância preventivamente, já que aprende a detectar os intervalos que separam a manifestação de tais sintomas, visando evitá-los.
- **Relevância ou saliência do consumo:** a prioridade passa a ser atribuída ao uso ou consumo da substância, em detrimento das demais atividades, valores morais, vínculos e relacionamentos afetivos outrora valorizados pelo indivíduo, os quais passam a ser colocados em segundo plano ou simplesmente negligenciados e abandonados.
- **Estreitamento ou empobrecimento do repertório:** com a perda de referências internas e externas que norteiam o consumo, a amplitude e a liberdade quanto à possibilidade de se relacionar de diferentes modos com a droga se restringe, ou seja, conforme a dependência avança, as referências voltam-se exclusivamente para o alívio dos sintomas de abstinência, em detrimento do consumo ligado a eventos sociais. O uso passa, ainda, a ocorrer em locais completamente inadequados como, por exemplo, o local de trabalho, denotando a indiscriminação na qual imerge o sujeito.
- **Reinstalação da síndrome de dependência:** trata-se do ressurgimento dos comportamentos relacionados ao consumo e dos sintomas de abstinência após um período de abstinência. Sob uma perspectiva biológica, a neuroadaptação não se desfaz por completo (permaneceria a memória biológica da experiência do prazer, da tolerância e da abstinência), a ponto de uma síndrome que levou anos para se desenvolver poder se reinstalar em poucos dias a partir de um lapso ou recaída¹⁸,

¹⁸ Há que se diferenciar lapso, recaída e reinstalação. Enquanto o lapso corresponde ao uso da substância em uma proporção menor em relação ao padrão de consumo adotado antes de o sujeito iniciar o processo de tratamento (ex: o usuário cheirava 10 gramas de cocaína e teve um lapso ao cheirar 1 grama após período de abstinência), a recaída configura um uso próximo ao último padrão de consumo (ex: o usuário utilizava 10 gramas e recaiu com 9 gramas), ao passo que a reinstalação caracteriza-se pela volta do fenômeno da dependência com o retorno de todos os 7 critérios diagnósticos.

mesmo o indivíduo tendo atravessado um longo período de abstinência, impelindo-o a retornar ao antigo padrão de consumo¹⁹.

A título de comparação, vale expor a tamanha influência de tais parâmetros sobre a nosografia psiquiátrica corrente:

Tabela 1: Critérios diagnósticos para dependência, segundo DSM-IV e CID-10

| DSM-IV | CID-10 |
|---|--|
| <p>Padrão mal-adaptativo de uso, levando a prejuízo ou sofrimento clinicamente significativos, manifestados por 3 ou mais dos seguintes critérios, ocorrendo a qualquer momento no mesmo período de 12 meses:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Tolerância, definida por qualquer um dos seguintes aspectos: <ol style="list-style-type: none"> (a) uma necessidade de quantidades progressivamente maiores para adquirir a intoxicação ou efeito desejado; (b) acentuada redução do efeito com o uso continuado da mesma quantidade. 2. Abstinência, manifestada por qualquer dos seguintes aspectos: <ol style="list-style-type: none"> (a) síndrome de abstinência característica para a substância; (b) a mesma substância (ou uma substância estreitamente relacionada) é consumida para aliviar ou evitar sintomas de abstinência. 3. A substância é freqüentemente consumida em maiores quantidades ou por um período mais longo do que o pretendido. 4. Existe um desejo persistente ou esforços mal-sucedidos no sentido de reduzir ou controlar o uso. 5. Muito tempo é gasto em atividades necessárias para a obtenção e utilização da substância ou na recuperação de seus efeitos. 6. Importantes atividades sociais, ocupacionais ou recreativas são abandonadas ou reduzidas em virtude do uso. 7. O uso continua, apesar da consciência de ter um problema físico ou | <p>Três ou mais das seguintes manifestações ocorrendo conjuntamente por pelo menos 1 mês ou, se persistirem por períodos menores que 1 mês, devem ter ocorrido juntas de forma repetida em um período de 12 meses:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Forte desejo ou compulsão para consumir a substância; 2. Comprometimento da capacidade de controlar o início, término ou níveis de uso, evidenciado pelo consumo freqüente em quantidades ou períodos maiores que o planejado ou por desejo persistente ou esforços infrutíferos para reduzir ou controlar o uso; 3. Estado fisiológico de abstinência quando o uso é interrompido ou reduzido, como evidenciado pela síndrome de abstinência característica da substância ou pelo uso desta ou similar para aliviar ou evitar tais sintomas; 4. Evidência de tolerância aos efeitos, necessitando de quantidades maiores para obter o efeito desejado ou estado de intoxicação ou redução acentuada destes efeitos com o uso continuado da mesma quantidade; 5. Preocupação com o uso, manifestado pela redução ou abandono das atividades prazerosas ou de interesse significativo por causa do uso ou do tempo gasto em obtenção, consumo e recuperação dos efeitos; 6. Uso persistente, a despeito de evidências claras de conseqüências nocivas, |

¹⁹ Vale ressaltar que tal perspectiva mostra-se extremamente determinista ao desprezar o fato de que, inclusive, mediante um acompanhamento psicoterapêutico, o toxicômano possa re-significar sua relação consigo mesmo e, conseqüentemente, com a droga, de modo que um lapso não culmine, necessariamente, no antigo padrão de consumo, tal qual afirma o parecer organicista.

| | |
|--|--|
| psicológico persistente ou recorrente que tende a ser causado ou exacerbado pela substância. | evidenciadas pelo uso continuado quando o sujeito está efetivamente consciente (ou espera-se que esteja) da natureza e extensão dos efeitos nocivos. |
|--|--|

Sendo assim, após algumas revisões, a compreensão da OMS acerca da “dependência de drogas”, em vigência na atualidade, alterou-se para:

Estado psíquico e, às vezes, igualmente físico, resultante da interação entre um organismo e um produto. Esta interação caracteriza-se por modificações do comportamento e por outras reações que obrigam fortemente o usuário a tomar o produto contínua e periodicamente, com o fim de encontrar os efeitos psíquicos e, às vezes, evitar o mal-estar da privação. Pode haver ou não tolerância (10ª Revisão da Classificação Internacional das Doenças e Problemas de Saúde Relacionados – CID-10, 1993, p. 22).

Apesar da aparente rigidez de tais critérios, Ribeiro e Laranjeira (2006) alertam que a síndrome da dependência química se organiza dentro de níveis de gravidade e não como um absoluto categórico, devendo-se atentar para a intensidade dos sintomas ao longo de um continuum de gravidade e ter clareza de que houve uma progressão do consumo para que se instalasse o quadro. Sendo assim, todas as substâncias psicoativas podem levar ao uso nocivo ou à dependência²⁰ e nenhum padrão de consumo está isento de riscos.

Marques e Ribeiro (2002) acrescentam que, segundo os novos paradigmas dos transtornos relacionados ao uso de álcool e outras drogas que regem a contemporaneidade, rejeitou-se a idéia da existência exclusiva do dependente e do não-dependente. São apregoados, ao invés disso, padrões individuais de consumo que variam de intensidade ao longo de uma linha contínua, de modo que, caso a substância seja consumida em baixas doses, tomando-se as precauções necessárias para evitar acidentes e outras complicações, será configurado o consumo como sendo “de baixo risco”. Todavia, ao se tratar de um “uso nocivo” ou “abuso”²¹, a utilização da substância (mesmo que realizada eventualmente) será permeada por problemas sociais, físicos ou psicológicos (tais como brigas, baixa assiduidade no ambiente de trabalho ou estudo, acidentes e outros), causando danos reais à saúde do indivíduo advindos de tal prática, ao passo que, quando o consumo destina-se a evitar sintomas de abstinência, sendo caracterizado como compulsivo e intenso o suficiente para

²⁰ De acordo com a OMS, o diagnóstico de dependência não pode ser aplicado somente à cafeína, apesar dos relatos proferidos por usuários pesados quanto a apresentarem sintomas de abstinência decorrentes da falta desse estimulante.

²¹ A presença de transtornos mentais relacionados ao consumo (como demência alcoólica, transtorno psicótico, por exemplo), bem como da síndrome de abstinência, exclui esse diagnóstico.

gerar problemas sociais, físicos e/ou psicológicos, fala-se em “dependência”, considerando-se, ainda, os critérios dantes mencionados.

Os autores concluem, assim, que embora entre o usuário social e o dependente haja um número incontável de padrões de consumo (com cada sujeito desenvolvendo um padrão particular ao longo da vida), não é pré-requisito ou pré-condição ser dependente para apresentar problemas relacionados ao consumo.

Ribeiro e Laranjeira (2006, p.8), por sua vez, se apropriam e introduzem conceitos análogos ao “modelo de fatores de risco múltiplos”, postulando ser o padrão de consumo dos indivíduos moldado por fatores de risco e fatores de proteção, de natureza biológica, psicológica e social: “Um fator de risco pode comprometer vários campos da vida, ser potencializado por outros fatores desfavoráveis ou ser neutralizado por fatores de proteção”. De acordo com os autores, a ação e interação entre esses fatores é que determinam a idiosincrasia dos padrões de consumo de substâncias psicoativas; razão pela qual a identificação dos mesmos, aliada à avaliação da gravidade do quadro, mostra-se fundamental para o direcionamento e manutenção do tratamento. Não bastaria, pois, simplesmente diagnosticar a síndrome: a habilidade estaria em apreender as sutilezas da sintomatologia e o modo como tais manifestações foram esculpidas pelas personalidades individuais e influências ambientais.

Partindo-se, ainda, do pressuposto de que a motivação do adito é flutuante²², atravessa por estágios diferenciados, cada qual requerendo uma abordagem adequada e distinta condizente com o período, e de que, havendo um movimento natural para a mudança cabe ao terapeuta potencializá-lo, a entrevista motivacional mostra-se de grande valia no processo quanto a discernir os estágios de “pré-contemplação”, “contemplação”, “preparação”, “ação”, “manutenção” e “recaída” propostos pelo modelo teórico desenvolvido por Prochaska e DiClemente (PROCHASKA E DICLEMENTE, 1992, apud Ribeiro e Laranjeira, 2006, p.14), a fim de se optar por uma intervenção que respeite a fase em que o sujeito se encontra.

De um modo geral, constatando-se o predomínio do “modelo biológico de doença” mesclado à sobreposição dos demais modelos na atualidade, o diagnóstico abrangeria a investigação da presença dos critérios de dependência, do padrão de consumo e sua gravidade (como ele incide e complica as diversas áreas da vida), bem como da motivação para a mudança.

²²A falta de engajamento ou adesão ao tratamento sinaliza a ambivalência que faz parte do processo natural de mudança, sendo a resistência fomentada, inclusive, por abordagens inadequadas, permeadas pelo confronto e autoritarismo do profissional encarregado.

Sendo assim, com o reconhecimento da “dependência química” como síndrome (conjunto de sinais e sintomas, cuja etiologia é multifatorial) desde 1976 e com a unificação dos aspectos físico e psicológico a partir da 9ª Revisão da Classificação Internacional de Doenças, CID 9 (OMS, 1975), viabilizou-se, de um lado, o assentamento do conceito em bases científicas concretas e fundamentadas, bem como, em parte, a transcendência da mera especulação e moralização reducionista da questão. De outro lado, uma multiplicidade de realidades individuais e singulares passou a ser ocultada sob o rótulo da farmacodependência, exageradamente patologizada²³, sendo necessário um resgate do aspecto clínico e consideração da tridimensionalidade da toxicomania, forjada a partir do encontro e relação (passível de mudança ao longo da vida) de um indivíduo (dotado de características biológicas e de personalidade peculiares) com a substância psicoativa (com suas propriedades farmacológicas específicas) em um dado contexto sociocultural.

Enfim, qualquer que seja a abordagem empregada, há que se esquivar do risco de tentar compreender comportamentos humanos segundo modelos explicativos rígidos e, para tanto, ter em mente que a droga consiste em um objeto cuja existência objetiva independe em parte do conteúdo subjetivo a ela atribuído (mas que seu significado será sempre atravessado pela dimensão subjetiva), diante da qual a atitude humana varia conforme o espaço, a ideologia, o *socius* e a cultura condizentes com o período de encontro entre o homem e a droga e que, em um mesmo contexto sociocultural, o modo dos indivíduos se relacionarem com a droga oscilam de acordo com suas características pessoais.

Silveira (1996, p.8), portanto, distingue o enfoque psiquiátrico contemporâneo que, utilizando-se de um modelo científico positivista das ciências exatas, tende à medicalização da questão, incorrendo, muitas vezes, em reduativismos inaceitáveis, ao enfoque clínico:

Por mais que a nosografia psiquiátrica insista em categorizar a farmacodependência como uma entidade nosológica autônoma, na clínica não se consegue ir além do reconhecimento da existência de uma conduta toxicomaniaca. Assim, em princípio, não podemos falar em “doença”, mas apenas em “conduta”.

Assim, apesar de as recentes descobertas neurofisiológicas e neurofarmacológicas terem agregado e acrescido contribuições inestimáveis à humanidade, há que se considerar a

²³ Não são raras, tampouco recentes a catalogação, higienização e marginalização dos desviantes da norma mediante a utilização de preceitos ditos científicos que, unicamente, encobrem a carga moral e preconceituosa dos supostamente “normais”. As próprias políticas proibicionistas nasceram da aliança entre fenômenos mórbidos e julgamentos morais da sociedade, mostrando-se extremamente excludentes e contraproducentes, sendo indispensável ponderar que mesmo a distinção entre drogas lícitas e ilícitas é mera consequência do momento histórico-cultural de um determinado povo (em algumas regiões islâmicas, enquanto o álcool é proibido, a cannabis ou maconha é lícita).

especificidade da dependência humana, já que enquanto os animais submetidos à experiências científicas tornam-se dependentes por intermédio das mãos do homem, o ser humano busca a droga de maneira ativa, não sendo plausível desprezar as motivações dessa busca ou reduzi-las a aspectos biológicos deterministas que não adentram ou abrangem a totalidade e profundidade das condutas toxicomânicas.

Destaque merece, ainda, a reflexão de que a adição consiste em uma espécie de prisão ou escravidão. Kalina (1999, p.24), retomando as origens do termo latino *adito*, pondera que este advém de *addictum*, adjetivo empregado nos tempos da República Romana para nomear aquele que, não dispondo de outros recursos para pagar uma dívida, convertia-se em escravo, fatal ou voluntariamente, a fim de honrar o compromisso. Despindo-se, assim, de sua identidade verdadeira, porém insustentável, evitava a dissolução total de sua existência revestindo-se de uma identidade imprópria e proferindo em público sua falta de direito a uma identidade pessoal ao assumir-se como marginal, como “ninguém” para saldar o débito contraído. Desse modo, o “drama” em que vive o toxicômano não advém de um desejo de consumir drogas, mas sim da inviabilidade de não consumi-las. Nesse sentido, o que se contrapõe à dependência não é a abstinência, mas sim a liberdade quando à escolha do padrão de relação que se deseja travar com a droga; liberdade esta oposta ao cárcere no qual o adito encontra-se refém, confinado e trancafiado, o que não significa inexistir chaves que abram as grades da prisão. Eis o intuito da presente pesquisa: a descoberta de novos caminhos.

4.4 DROGADIÇÃO: UMA VISÃO ANALÍTICA

Desde tempos imemoriais o uso de substâncias psicoativas tem integrado a tradição de inúmeras e distintas culturas, adquirindo proeminência, inclusive, em ritos, liturgias e cultos religiosos. Na contemporaneidade, tal costume adquiriu outras proporções: embora as principais religiões não advoguem sua prática, a adição tem crescido enormemente, tornando-se um dos principais problemas de saúde pública do mundo.

Zoja (1992), analista junguiano, aborda a questão tecendo um paralelo entre a escassez de rituais de iniciação na sociedade moderna e a exacerbação do uso de drogas, procurando, pois, o componente arquetípico ou o padrão psíquico que regeria o fenômeno.

Segundo o autor, a iniciação corresponderia, fundamentalmente, a um processo arquetípico que descreveria uma intensa e antiga busca por renovação através de experiências

marcantes. Logo, a imersão no universo das drogas poderia ser compreendida como uma tentativa inconsciente de iniciação em uma cultura “dessacralizada” que, impregnada pelo racionalismo e utilitarismo ocidental, banuiu/suprimiu os rituais iniciáticos que davam voz à arcaica necessidade de morte e renascimento presente no âmago de todos os seres humanos:

De um modo geral, a sociedade de hoje já quase não tem condições de oferecer iniciações institucionais. Tais iniciações exigiriam ao mesmo tempo mestres e estruturas formadas durante um longo tempo e dentro de uma cultura participante. A iniciação pressupõe que o mero nascimento ponha o homem no mundo em condições insatisfatórias, sem valores ou transcendência, ou antes numa condição vegetativa. O acesso a uma condição superior é obtido com uma morte e uma regeneração simbólicas e rituais (ZOJA, 1994, p.3-4).

As etapas do processo iniciático seriam três: *situação inicial*: segundo a qual, tal como o adolescente primitivo que se submete ao rito iniciático almejando a apropriação de uma identidade completa e adulta, o homem inserido em nossa sociedade deseja transpor a passividade, o mero consumismo e a repetição de gestos nos quais encontra-se imerso, sonhando com uma experiência que o transforme em um sujeito maduro, ativo e não somente consumidor; *morte iniciática*: caracterizada por um fechamento frente ao mundo, um desvencilhar de uma identidade anterior e um recolhimento libidinal em relação aos objetos nos quais se costumava investir - como, por exemplo, a abstenção das práticas consumistas e *renascimento iniciático*: tal fase seria favorecida pelo compartilhar da experiência com um grupo e pelo consumo controlado da droga em um contexto ritualístico.

Desse modo, no caso dos aditos, o aspecto iniciático predominaria, especialmente, em um primeiro contato do indivíduo com a droga, no qual a expectativa do consumo estaria atrelada, inconscientemente, ao desejo de conexão com a dimensão do Sagrado, mesmo que coincidindo com motivações conscientes mais banais como a curiosidade, dentre outras.

Contudo, conforme Zoja aponta, o dependente químico não somente lança-se à fantasia que equipara o encontro com a droga com o encontro com novas possibilidades e uma nova vida, mas fica confinado à degeneração que a permanência neste mundo implica, fracassando em sua tentativa de iniciação nem tanto pela forma geralmente, embora não necessariamente desenfreada com que consome a substância, mas, principalmente, por saltar completamente a segunda fase (“morte iniciática”), mostrando-se já de início intoxicado pelo consumismo que almejava transcender e que não tolera a falta, não admite renúncias, frustrações, depressões ou espaços psíquicos vazios. Desse modo, diante da ausência de um espaço interior que permitisse a experiência de renovação aliada à precariedade de rituais na modernidade que contribuiriam para o renascimento simbólico, o sintoma eclode.

A dependência de drogas se instalaria, então, a partir do momento em que a necessidade repetitiva do consumo de determinada droga se manifestasse independentemente de sua função arquetípica:

A degeneração do modelo iniciático em modelo consumista acompanha hipoteticamente não só a passagem do uso da droga na sociedade primitiva ao seu uso na sociedade moderna, mas também, no modelo consumidor, a queda que vai da iniciação às drogas à dependência de drogas. Dentre os diversos aspectos da relação com a droga, o aspecto iniciático predomina sobretudo no contato inicial. [...]Mas à medida que as experiências vão se repetindo e a vida de antes prossegue ou ainda acentua o seu caráter profano, o consumidor é obrigado a reprimir cada vez mais profundamente a expectativa arquetípica. Não há mais iniciação, e sim repetição. No lugar de uma experiência religiosa aparece uma obsessão destrutiva (ZOJA, 1994, p.116).

O uso de drogas estaria vinculado, assim, conforme pontua Charran (2007, p.73), à busca frustrada por respostas arquetípicas, a saber: “Quem sou eu?”, “De onde vim?”, “Para onde vou?”, “Por que o sofrimento?”, “Por que a morte?”, de modo que, caso o indivíduo não possuísse um ego estruturado que o impulsionasse rumo ao crescimento e ao caminho de individuação, tais substâncias seriam utilizadas como artifício para adquirir essa experiência interior, trazendo, contudo, conseqüências funestas. Como a droga evocaria conteúdos que o ego não se encontraria preparado para integrar, perceber e reconhecer, seu uso dissociado de um trabalho espiritual - que propiciasse a integração e assimilação de tais conteúdos -, implicaria na perda do significado e valor da vivência.

Não basta, portanto, reduzir o fenômeno da toxicomania à dimensão sociocultural na qual o indivíduo encontra-se inserido; é imprescindível atentar à dimensão individual para se compreender como um sintoma aditivo é forjado. Para tanto, recorrer-se-á ao analista junguiano Silveira²⁴, cuja prática e produção literária permitem o aprofundamento da questão.

Silveira (1995), visando apreender o fenômeno da toxicomania e a estruturação egóica dos aditos, transita entre as abordagens psicanalítica e junguiana. Partindo da primeira, traz à luz as postulações de Melanie Klein quanto à importância dos mecanismos de identificação para a capacidade de simbolização:

[...] a possibilidade de uma relação favorável entre a realidade exterior em um indivíduo normal começa nos estágios precoces, a partir da eclosão das pulsões sádicas: as figuras parentais constituem os objetos aos quais se dirigem as pulsões sádicas do bebê. Esse sadismo vai desencadear níveis progressivamente mais elevados de ansiedade, a qual, por sua vez, acarretará

²⁴ Médico-psiquiatra do Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da Escola Paulista de Medicina, fundador e coordenador do PROAD (Programa de Orientação e Atendimento à Dependentes), analista junguiano, membro da IAAP (International Association Analytical Psychology - Zürich), especializado em Farmacodependências no Centre Médical Marmottan, Paris, sob a orientação do Prof. Claude Olievenstein.

o aparecimento das defesas do ego extremamente arcaicas: a expulsão ou ejeção (do sadismo) e a destruição (do objeto atacado, aqui vivido como destruidor). Estas primeiras defesas do ego confirmam a origem dos mecanismos de identificação – introjeção e projeção, fora e dentro, realidade interna e realidade externa. Assim, através destes mecanismos de identificação, a angústia vai se tornar o precursor da capacidade de simbolização (SILVEIRA FILHO, 1995, p.31).

Transpareceria, ainda, uma precariedade referente à integração das imagens parentais que deveriam servir como modelos identificatórios, mas não seriam suficientemente representativas para o desencadeamento do exercício de representação interior. Diversos casos clínicos explicitariam a existência de uma mãe ambígua ou ambivalente, ora abandonadora, ora superprotetora, simbiótica, cuja presença evocaria em seus filhos uma sensação de afastamento e vazio (esta sensação seria “reeditada” nos momentos de abstinência que remeteriam aos sentimentos sugestivos de distúrbios na relação primal, como medo da solidão e abandono). O caráter fálico e agressivo ficaria impresso, pois, na imagem materna que revelaria o “aspecto arcaico da mãe não-humanizado”. A figura do pai, apreendido em inúmeros casos na clínica como habitualmente ausente, impotente e abdicador de seu papel, denotaria, similarmente, a impossibilidade de ter-se consumado a humanização da imagem paterna, carregada de agressividade; isso implicaria na dificuldade de organização egóica da criança no nível do real, do imaginário e do simbólico, repercutindo na transgressão da lei e na ausência de limites (SILVEIRA, 1995, p.33).

Sendo assim, no caso de alguns toxicômanos, o percurso que se inicia com o sadismo infantil e finda no momento de adequação à realidade externa ficaria comprometido, de modo que, devido à dificuldade de elaboração do simbólico ou à ausência da capacidade de simbolização (por meio da qual se tornaria possível a progressiva estruturação do ego e, conseqüentemente, uma maior adaptação ao mundo exterior), a fantasia seria vivenciada e procurada pelo dependente químico através da droga como “uma realidade em si mesma, como uma alucinação do real”. O autor, então, adentrando o universo junguiano, concebe o toxicômano com um sujeito “possuído e escravizado pelo símbolo e conseqüentemente paralisado para a elaboração simbólica” (SILVEIRA, 1995, p.33).

Pautando-se, ainda, em uma perspectiva simbólica de desenvolvimento da personalidade, Silveira (1992) abarca a farmacodependência, salientando quão fundamental é a compreensão dos ciclos arquetípicos matriarcal e patriarcal, cujos desdobramentos relacionam-se à eclosão de grande parte das condutas toxicomaniacas.

Segundo o autor, a emergência de distintos padrões arquetípicos ao longo do desenvolvimento da personalidade viabilizaria a estruturação de diferentes níveis de consciência, de modo que, a princípio, se sobressairiam os ciclos matriarcal (regido pelo Arquétipo da Grande Mãe) e patriarcal (regido pelo Arquétipo do Grande Pai), correspondentes às fases pré-edípica da psicanálise freudiana e diretamente ligados à estruturação egóica, ao passo que os ciclos de alteridade e cósmico compreenderiam à segunda fase da vida.

Partindo da premissa de que todo arquétipo corresponde a uma estrutura bipolar, cujos pólos se mantêm em relação dialética, e o encontro com estes é imprescindível para que haja uma vivência arquetípica, Silveira (1992) pondera que tais polaridades podem ser estruturantes ou desestruturantes dependendo do contexto em que surgem. Caso o Arquétipo da Grande Mãe, no ciclo matriarcal, fosse vivenciado, em um primeiro momento, em sua “polaridade mãe-boia” (o que propiciaria o desenvolvimento do filho) e, em um segundo momento, não fosse experimentado pela criança o pólo rejeitador do mesmo arquétipo, seu desenvolvimento ficaria comprometido, uma vez que, o indivíduo, não tendo experienciado as polaridades de forma estruturante, permaneceria preso ao mesmo padrão arquetípico, sem recursos para estruturar outros níveis de consciência.

A assimilação de diferentes níveis de consciência se tornaria possível, assim, conforme pontua o autor, por meio da ativação do Arquétipo do Herói e configuraria uma fase de transição entre dois padrões arquetípicos, envolvendo, mediante a aproximação ego-self, vivências de depressão e morte.

Silveira discorre, ainda, a respeito da importância das polaridades ativo-passivo dentro de um mesmo ciclo arquetípico, da possibilidade de eclosão de uma determinada patologia em apenas uma dessas polaridades e do potencial desta erupção, em alguns casos, enquanto elemento estruturante:

Exemplificando, entre as patologias do ciclo gravídico puerperal podemos identificar situações em que eclode uma dinâmica patológica no momento existencial em que o indivíduo é requisitado a se desempenhar ativamente de acordo com o dinamismo do arquétipo materno, sem que necessariamente tenha se manifestado uma patologia no momento em que o mesmo arquétipo foi vivenciado passivamente. Ainda neste exemplo, a emergência da patologia denota tão somente a falta de recursos estruturais desse indivíduo para lidar com o material mobilizado na vivência de maternidade, podendo a emergência da dinâmica patológica, em alguns casos, vir a ser o elemento estruturante para a resolução de uma problemática do dinamismo em questão (SILVEIRA, 1992, p.83).

Durante a adolescência, período em que o sujeito é solicitado a transformar-se nos âmbitos biológico, social e psicológico, independente do quanto tenha previamente se estruturado ou não, ocorreria a constelação do Arquétipo do Herói com o intuito de engendrar um novo padrão de consciência, “*sine qua non*” ao desenvolvimento egóico. Tendo vivenciado, até então, quase que exclusivamente a polaridade passiva no decorrer dos ciclos matriarcal e patriarcal, o adolescente passaria a ser convocado a comparecer ativamente nestes ciclos, rumo à vivência da polaridade ativa dos mesmos, a fim de permitir a morte de sua identidade infantil e o amadurecimento de uma identidade adulta. Tal processo mostrar-se-ia extremamente penoso ao ser humano, tendo em vista a exigência de eternidade *versus* a angústia de morte, bem como as perdas, fracassos e frustrações implicadas que, se, de um lado, poderiam favorecer uma maturação estruturante, de outro lado, poderiam lançar o indivíduo em direção à tentativa de proteger-se e aplacar tamanha dor e sofrimento, enveredando, inclusive, para o consumo de drogas.

A identidade adulta seria forjada contando, ainda, com a contribuição da manifestação das polaridades onipotência-impotência, visto que o adolescente seria impelido pela onipotência a ampliar seus horizontes, experimentando diversos papéis mediante a fantasia e, pela impotência a confrontá-los com a realidade, selecionando o repertório mais adequado, bem sucedido e aprazível.

A transgressão, por sua vez, corresponderia a um componente indispensável nessa fase, já que o sujeito, confrontando-se com os dinamismos parentais se abriria para o outro, deslocando sua libido da endogamia para a exogamia, de forma a impedir o aprisionamento incestuoso na triangulação edípica e não se restringir ao código de leis do núcleo familiar, estando sensível a outro de maior amplitude: “Dessa forma, a transgressão a um só tempo protege o adolescente do incesto (regressão) e o impulsiona para a aquisição de uma outra identidade que não a mera repetição do pai” (SILVEIRA, 1992, p.84).

Contudo, o autor esclarece o quão desastrosa consiste a atuação onipotente da transgressão decorrente da identificação do ego com o Arquétipo do Herói, podendo evoluir para a patologia; tal fato se observaria no caso da conduta toxicomaniaca, cujo caráter de transgressão poderia servir como um “mecanismo de negação do sofrimento inerente à transformação” (SILVEIRA, 1992, p.84).

Embora seja possível o aparecimento de uma conduta drogaditativa em qualquer ciclo arquetípico do desenvolvimento, a adolescência transpareceria como um período de maior vulnerabilidade; isso estaria possivelmente relacionado a distúrbios dos dinamismos matriarcal e patriarcal, muito comuns entre a maioria dos toxicômanos.

Quanto às problemáticas relacionadas à noção de identidade, Silveira salienta que, em uma apreensão superficial, observa-se a preservação de recursos egóicos e, apenas esporadicamente, fenômenos de despersonalização, ao passo que, a níveis mais profundos, verifica-se um maior comprometimento, dadas as constatações de alguns pacientes apresentarem conteúdos narcísicos com elementos simbióticos, agressivos, melancólicos e persecutórios.

Segundo o autor, inúmeras pesquisas concernentes à estruturação da personalidade de indivíduos dependentes de drogas apontam para a evidência de uma imaturidade afetiva e de uma inconsistência ou falta de especificidade estrutural - a dependência poderia emergir a partir de qualquer estrutura psicológica estabelecida -, não sendo cabível, pois, supor que se enquadraria, simplesmente, em um modelo estrutural neurótico ou psicótico. Pelo contrário, o que, de fato, se observaria seriam quadros depressivos em que a sintomatologia descreveria um pedido de ajuda direcionado ao objeto exterior “droga”, tendo em vista evitar a queda em um vazio insuportável.

Verifica-se, ainda, a aparição freqüente sob aspecto arquetípico²⁵, não-humanizado, divinizado e onipotente de personagens míticos e irrealis na produção dos dependentes, as quais remeteriam a conteúdos arcaicos, primitivos e pouco diferenciados e substituiriam imagos que deveriam ter sido estruturadas em uma condição maior de desenvolvimento egóico e, não podendo ser elaboradas mediante a vivência adequada dos dinamismos arquetípicos, tornam-se, progressivamente, alienantes.

Nesse sentido, alguns dependentes químicos ficariam à mercê do inconsciente coletivo²⁶, de modo que a mitologia e o imaginário substituiriam a realidade, sendo vivenciados pelo indivíduo como tal.

A ausência de delimitação entre sujeito e objeto, a fusão das polaridades (vivência simultânea entre sadismo e masoquismo; amor e ódio; experiência de vida e morte) e a imersão alienada no imaginário seriam agravados no cotidiano do toxicômano, à medida que rejeitasse a dimensão social através da qual, mediante os vínculos propiciados pela participação emocional, poderia se efetivar a estruturação dos dinamismos parentais:

Como na clausura das carmelitas, distante do mundo, ele se aproxima dos arquétipos. Com a diferença que o seu mosteiro é povoado de

²⁵ Segundo Hall (1992, p.151) os arquétipos “são padrões ou motivos universais que programam o inconsciente coletivo e constituem o conteúdo básico de religiões, mitologias, lendas e contos de fadas. Emergem nos indivíduos através de sonhos e visões. Irrepresentáveis em si mesmos, mas seus efeitos manifestam-se na consciência como as imagens e idéias arquetípicas”.

²⁶ O inconsciente coletivo corresponde à camada mais profunda do inconsciente, onde se encontram os arquétipos.

marginalizados. Assim, seu afastamento da adaptação social criativa gera graus progressivamente maiores de marginalização, solidão e impotência que, finalmente, desemboca em uma vivência de fracasso existencial enlouquecedor (SILVEIRA, 1995, p.36).

Diante da ausência de relacionamento junto à figuras objetivas e reais e da impossibilidade de elaboração de uma lei patriarcal e matriarcal (o que tornaria o ego fragilizado e suscetível à inundação arquetípica), o indivíduo estabelecerá uma relação com a falta substituindo tais laços, em seu mundo interno, por figuras míticas e fantásticas, impossíveis no campo do real e se apropriará de defesas acentadamente arcaicas nesta luta contra o “não-ser”, contra a “não-identidade”.

Imerso em um mundo arcaico e primitivo que o impeliria à constante ameaça de dissolução e a uma vivência angustiante, o drogadito se lançaria, com vistas a “apaziguar esta turbulência interna, protegendo o ego da inundação pelo seu mundo interno povoado destes personagens aterrorizantes”, rumo à dependência, única lei possível, única referência estável e perene em meio à falta de limites, desorganização e caos em que vive. A droga tornar-se-ia, assim, sua única possibilidade de ser e existir (SILVEIRA, 1995, p.39).

Há que se considerar, portanto, que a precariedade quanto à integração das imagens parentais implicaria na fragilidade egóica característica do toxicômano e, conseqüentemente, na paralisação para a elaboração simbólica. Ao ser convocado à vivência da polaridade ativa do ciclo arquetípico na adolescência, frente à escassez de rituais de iniciação na modernidade que facilitassem a transposição para a fase adulta, ocorreria a identificação do ego com o arquétipo do herói e o adito recorrerá à droga como uma tentativa de passagem, de amadurecimento, evoluindo, contudo, para a conduta toxicomaniaca ao permanecer aprisionado no consumismo e na atuação onipotente da transgressão como forma de negar a dor e o sofrimento inerentes à transformação, cuja estrutura não consegue abarcar. Eis a importância de métodos de tratamento embasados que contemplem a complexidade da questão.

4.5 TRATAMENTOS: VEREDAS RUMO À RECUPERAÇÃO

Se considerarmos o abuso de drogas como uma tentativa falha de responder às necessidades arquetípicas, tal qual explicitada por Zoja (1992), aliada às nuances já mencionadas que permeiam o desenvolvimento dos toxicômanos, perceberemos o quão

fundamental é, no processo de recuperação, que tais necessidades sejam contempladas para que haja uma libertação em relação à dependência e, de fato, uma renovação, um renascimento e uma mudança de vida.

Nesse contexto, surgem modelos de tratamento de recuperação de drogaditos, dentre os quais alguns com cunho religioso, que pretendem suprir tal lacuna (nem sempre com sucesso, muitas vezes, em decorrência da pouca expressividade simbólica e da pobreza em ressonâncias arquetípicas). Nascer não somente no corpo, mas, sobretudo, no espírito, ocupa um lugar central na ideologia cristã. As representações primordiais coletivas presentes na base das diversas formas de religião podem ser reconhecidas como conteúdos arquetípicos da alma humana. As religiões procuram, assim, por meio de seus rituais de passagem, iniciação e simbolização o desenvolvimento, a realização da consciência e a transformação psíquica, visando saciar a sede de rituais que a psique tem para se desenvolver.

Cabe, pois, esmiuçar alguns dos modelos de tratamento em vigor na atualidade. Optou-se, assim, por inserir as propostas empreendidas pelos grupos de auto-ajuda AA (alcoólicos anônimos) e NA (narcóticos anônimos) e pelas Comunidades Terapêuticas que funcionam em regime de internato.

4.5.1 AA (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS) e NA (NARCÓTICOS ANÔNIMOS)

Fundado em 1935, em Ohio, pelo investigador Bill Wilson e pelo cirurgião Bob Smith, ambos alcoolistas, o AA consistiu em um dos esforços pioneiros no sentido de ajudar pessoas alcoolistas, impactando os tratamentos posteriores e servindo como base, inclusive, à criação do NA, em 1953, na Califórnia. Seus fundadores, influenciados pelo *Oxford Group Program*, um programa de desenvolvimento espiritual que emergiu na década de 20, conceberam um grupo de recuperação, que em pouco tempo cresceu e se proliferou, alicerçado nos 12 passos.

Apregoando que a recuperação somente estaria assegurada caso o alcoolista evitasse sua primeira dose e que a ajuda mútua aos membros do grupo auxiliaria os participantes na manutenção da sobriedade, o AA e o NA, embora não se auto-intitulem como formas de tratamento, declaram-se como “irmandade ou sociedade, sem fins lucrativos, de homens e mulheres adictos que se reúnem em grupos e que se utilizam de um certo número de princípios espirituais para encontrar liberdade da adição e uma nova forma de viver” (COSTA LEITE, 1999, p.312). Além de estipularem como pré-requisito para a entrada na irmandade o desejo de parar o uso da substância, assimilam o conceito da dependência de drogas como

uma doença incurável, progressiva e, se não tratada, fatal e a necessidade de total abstinência para a recuperação.

Os novos freqüentadores do grupo recebem instruções para a manutenção da abstinência tais como: evitar estados físicos de fadiga, cansaço, tristeza, fome ou sede; não realizar logo de imediato, mudanças bruscas e intempestivas em sua vida, como mudar de emprego, parar de fumar; aceitar a própria dependência, compartilhar com os demais membros e, em seguida, são iniciados no programa dos 12 passos. A fim de uma maior explanação do mesmo, seguem os 12 passos que o fundamentam:

- **1º passo:** Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.
- **2º passo:** Viemos a acreditar que um poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade.
- **3º passo:** Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós o compreendíamos.
- **4º passo:** Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.
- **5º passo:** Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata de nossas falhas.
- **6º passo:** Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
- **7º passo:** Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos.
- **8º passo:** Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e dispusemo-nos a fazer reparações a todas elas.
- **9º passo:** Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras.
- **10º passo:** Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando éramos errados, nós o admitíamos prontamente.
- **11º passo:** Procuramos, por meio da prece e da meditação, melhorar o nosso contato consciente com Deus, da maneira como nós o compreendíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós e o poder de realizar essa vontade.
- **12º passo:** Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado desses passos, procuramos levar essa mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

O cerne do método está em admitir a falta de capacidade pessoal de controlar o consumo de drogas, abandonando as tentativas de controle do uso e interrompendo-o completamente, recorrer a um poder superior externo que possa devolver a sanidade mental ao indivíduo, realizar uma auto-análise, revendo seus erros e procurando repará-los e disseminar a mensagem de “libertação” a outros aditos.

O lema “Limpo só por hoje!”, ao colocar metas a curto prazo, mais atingíveis, diminui a angústia do “nunca mais” e viabiliza a auto-eficácia, já que o fato de o indivíduo perceber que conseguiu atingir uma meta o motiva a perseverar.

Se de um lado, tais grupos de auto-ajuda favorecem a aceitação da diversidade (“entrega a Deus conforme o compreendemos”), integração, apoio, amizade, novos modos de enfrentamento, exemplos das possibilidades de recuperação e ressocialização mediante os encontros diários que perduram sem quaisquer taxas, exceto doações voluntárias (são, portanto, acessíveis), bem como através do “apadrinhamento”, depoimentos de ex-usuários e “coleguismo” que os caracterizam, de outro lado, denota-se a inexistência de um treinamento formal para os coordenadores, o que implica na variabilidade quanto à habilidade de se ajudar os que padecem e, conseqüentemente na heterogeneidade da qualidade dos grupos, podendo-se incorrer em equívocos como promulgar o AA e o NA como as únicas formas de tratamento que funcionam, ignorando a ajuda médica, as medicações psicotrópicas e outros métodos de terapia. Além disso, observa-se que os que aderem a tais grupos, apropriam-se do rótulo de “dependentes” (professam: “Uma vez adito, sempre adito”, ou seja, doente), sendo tratados de modo homogêneo, sem que se identifique as particularidades de cada caso, desprezando, portanto, a presença de comorbidades, etc. Observa-se, ainda, a presença de nuances morais nos 12 passos, dando margem para que uma recaída seja sentida como fracasso ou falha de caráter, independentemente do esforço que tenha sido feito para evitá-la. Outro entrave corresponde ao fato de seus membros nunca se graduarem, sendo estimulados a permanecerem dependentes do grupo indefinidamente.

4.5.2 COMUNIDADES TERAPÊUTICAS

Edwards e Dare (2001) enfatizam que o conceito de comunidade terapêutica, derivado dos trabalhos de Maxwell Jones com psicopatas na Unidade de Reabilitação Social do Hospital Belmont (atualmente denominado Hospital Henderson) e do Tenente Coronel Tom Main, emergiu como uma tentativa de horizontalizar a relação médico-paciente, convocando-

os a integrar a comunidade pela qual todos são responsáveis, com o intuito de ressocialização para a vida na sociedade comum.

A vivência do cotidiano dentro das comunidades deveria, pois, estar relacionada a tarefas reais que suprissem as aspirações desse micro-universo, representante da sociedade mais ampla a que o indivíduo faz parte. De acordo com tal perspectiva, os pacientes não mais seriam propriedade, se sujeitariam ou pertenceriam à classe médica, mas ambos, profissional de saúde e paciente seriam entregues à comunidade a fim de serem tratados e reposicionarem seus papéis. Os problemas gestados no útero da comunidade deveriam ser cuidados e solucionados por seus próprios integrantes, o que permitiria aos pacientes se despojarem da posição de crianças cativas e obedientes e se apoderarem de sua capacidade de desempenhar papéis adultos, sendo-lhes conferido liberdade para assumir responsabilidades, emitir opiniões e participar das decisões.

Tal proposta reconhece que as tensões da equipe incidem sobre o tratamento dos pacientes, afetando-os, razão pela qual postula a necessidade de os papéis tradicionais da equipe e dos pacientes serem reexaminados, tendo em vista facilitar a participação ativa dos pacientes e o desenvolvimento de uma comunidade verdadeiramente terapêutica.

Os autores consideram, ainda, que Jones, em seu trabalho, partia de preceitos como a equiparação das reações do paciente ao contexto hospitalar às suas reações fora dele, devendo ser as primeiras estudadas para melhor compreender suas questões existenciais, além da necessidade de uma reorganização estrutural do hospital, permeada por maior flexibilidade hierárquica entre equipe e pacientes, incluindo uma comunicação mais aberta através de discussões diárias realizadas em grupos, conduzidas no sentido de reavaliar o lugar do paciente na estrutura social do hospital.

A comunidade terapêutica em estilo democrático baseia-se no modelo desenvolvido por Maxwell Jones no Hospital Henderson, no qual a maioria dos tratamentos passou a se dar em ambiente de grupo, enfatizando-se a exploração sócio-dinâmica tanto das ações sociais dos pacientes, por meio da confrontação por parte dos colegas pacientes e da equipe, quanto dos sentimentos dos pacientes por meio da interpretação do psicoterapeuta. Sendo assim, a socioterapia e a psicoterapia são visualizadas como tendo efeito somatório, especialmente quando usadas integradamente. No Hospital Henderson não se prescreve nenhuma medicação psicotrópica, cabendo aos residentes sustentar-se mediante o apoio humano, em vez de químico. Geralmente inclui números iguais de homens e mulheres, sendo a maioria solteira com uma média de idade de, aproximadamente, 25 anos. O período de permanência varia de sete meses à, no máximo, um ano, embora cerca de 25% dos residentes não se adêquem e

partam prematuramente, tendo em mente ser extremamente árduo desistir de seus meios habituais de reduzir a ansiedade e a dor psíquica, especialmente aqueles envolvendo comportamentos de atuação que incluem violência contra o próprio Self, contra outras pessoas ou propriedades.

Em estudo executado por Robert Rapoport no Hospital Henderson, em 1950, no qual, juntamente a sua equipe familiarizou-se com a unidade durante um ano estudando sua ideologia, sistemas de crenças e processos sociais operantes, foram identificadas 3 proposições: “Tudo é tratamento”; “Todo tratamento é reabilitação”; “Todos os pacientes admitidos devem receber o mesmo tratamento”, além de 4 temas culturais:

- **Democratização:** trata-se da atenuação das hierarquias convencionais do hospital/instituição a fim de promover a participação igualitária de cada membro da comunidade quanto ao exercício do poder na tomada de decisões pertinentes às questões administrativas e terapêuticas da comunidade, flexibilizando e horizontalizando as relações.
- **Permissividade:** refere-se à crença na unidade permeada pela tolerância mútua por parte dos membros da comunidade, inclusive, em relação a comportamentos “perturbadores” ou “desviantes” de outrem que burlem as normas "comuns", a fim de angariar confiabilidade e cumplicidade tal que os internos possam expor e discorrer acerca de suas dificuldades livremente, sem receio de retaliações, de modo que as bases para os padrões de relacionamento social sejam examinadas.
- **Comunalismo:** consiste na ideologia de que a comunidade deve ser caracterizada por relacionamentos inter-comunicativos e íntimos, fomentando-se a informalidade (como o uso dos primeiros nomes, por exemplo) e a "liberação" da comunicação (expressão aberta e direta dos sentimentos, o que seria benéfico a todos os envolvidos tendo, inclusive, função catártica).
- **Confrontação da realidade:** crença de que os pacientes devam ser confrontados com interpretações de seu comportamento, conforme observado pela maioria das outras pessoas, visando debelar qualquer tentativa de negação, distorção, isolamento ou outros mecanismos que interfiram na sua capacidade de relacionar-se com os outros.

Edwards e Dare (2001) mencionam que Whiteley (Diretor Médico do Hospital Henderson durante 22 anos, até 1989) caracterizava o processo de tratamento em três estágios sequenciais: interação, exploração e experimentação. As regras em vigor na comunidade seriam facilitadoras da interação e exploração, aumentando a participação nos encontros em

grupo e garantindo a interação daqueles residentes que, caso contrário, evitariam o contato social. Tais regras exerceriam, ainda, a função de diminuir a atuação, já que os encontros seriam ocasião para a reflexão e para o exame de atitudes e sentimentos, antes mesmo que estes transbordassem pela ação. É por intermédio da experimentação que cada residente experiencia outros modos de enfrentamento.

Uma particularidade do modelo do Hospital Henderson é que o tratamento é, impreterivelmente, voluntário, nunca sendo admitidos residentes encaminhados por imposição ou determinação do tribunal criminal. A seleção dos candidatos a residentes é realizada em um ambiente de grupo, pelos residentes e pela equipe de forma conjunta, situação descrita como um exemplo de comunalismo, apesar de o número de residentes ser maior do que a equipe (2 ou 3 para 1).

O processo seletivo para a admissão na comunidade, geralmente, é realizado junto a 3 candidatos por vez, convidados a discorrer sobre si mesmos (dificuldades, tratamentos prévios, motivações, queixas, histórico vivencial entre outros) em uma entrevista formal. As considerações levantadas neste encontro são devidamente registradas e, posteriormente, apresentadas a toda a comunidade em uma discussão fechada, culminando em uma votação democrática contra ou a favor da admissão dos candidatos debelada pelos residentes (que detém maior número de votos) e pela equipe (exemplo de “democratização”). É importante salientar que somente os residentes mais antigos, cuja permanência na instituição ultrapassa 3 meses tem direito a voto. Além do veredito, como pré-requisito de admissão na comunidade terapêutica é firmado um contrato de tratamento, segundo o qual o novo integrante se compromete a abandonar tais comportamentos e começar a recorrer à comunicação e exploração verbal para identificar e modificar as maneiras desadaptadas de lidar com fortes sentimentos negativos.

Os novos residentes experimentam um período de “três semanas de iniciação”, usufruindo de uma posição privilegiada ao serem dispensados de tarefas de limpeza durante a primeira semana. De outro lado não tem direito a voto neste período.

As comunidades oferecem, via de regra, atividades em grupo tais como terapia grupal, encontros diários envolvendo todos os residentes e equipe, pequenos grupos de psicoterapia, arte-terapia, psicodrama, grupos de trabalho centrados em tarefas: arte culinária, jardinagem, manutenção e arte-final, reuniões comunitárias, reuniões de equipe (para tratar de questões administrativas), encontros de estudos e grupos semanais de sentimentos (coordenados por um psicoterapeuta de fora da instituição, se propõem a identificar e lidar com os conflitos

dentro da equipe relacionados ao contexto profissional) e supervisões mútuas do trabalho clínico.

O funcionamento institucional se dá através de uma estruturação hierárquica com revezamento mensal das posições e funções ocupadas pelos residentes, visando propiciar aos mesmos vivências em ambas as extremidades de um espectro de responsabilidade e autoridade, enfatizando-se prioritariamente o processo de realização de tarefas, ou seja, mais os “meios” que os “fins” ou “resultados”. A liderança é, então, assumida pelos “três primeiros residentes”, auxiliados pelo “secretário geral”, todos eleitos pela comunidade para desempenhar os seguintes papéis: estabelecer a agenda da comunidade na “reunião de cúpula”, coordenar o encontro matinal, presidir o grupo semanal de seleção e decidir sobre a convocação de encontros emergenciais. Os líderes permanecem no cargo por um mês, quando ocorre nova eleição.

As comunidades terapêuticas, de modo geral, possuem um esquema rígido de atividades e regras que devem ser cumpridas à risca, caso contrário há votação para decidir se o residente em questão deve ser desligado ou permanecer. A violência contra si mesmo, contra os outros e a propriedade e o abuso de drogas e álcool, implicam, conseqüentemente, em desligamento automático. Especificamente nessas circunstâncias, o transgressor é considerado pela comunidade como tendo se auto-desligado, mas pode pedir autorização para permanecer na unidade (exemplo de “permissividade” ou tolerância aos desvios de normas) até que haja reunião para decidir acerca da questão. Com a permissão concedida, o indivíduo deve participar de todos os grupos de terapia no dia seguinte e, depois, ser submetido a um voto de “readmissão”. A facilidade quanto à aplicação das regras da comunidade no Henderson, por exemplo, deve-se ao fato de os próprios internos ditarem as regras.

Cabe ressaltar os aspectos promissores e retrógrados do modelo das comunidades terapêuticas. A proposta se mostra efetiva em relação aos custos, principalmente, devido ao barateamento do tratamento grupal sem fármacos, além de a gestão democrática que rege a instituição propiciar o apoderamento do processo de tomada de decisão pelos internos. Os residentes se vêem uns nos outros, o que acaba por engendrar a oportunidade de refletir acerca de si mesmos, desde que a estrutura do local ofereça recursos psicoterapêuticos para tanto. A alternância quanto às posições hierárquicas ocupadas possibilitam mobilidade evitando a rigidez de papéis, além de a inserção de regras e de uma organização hierárquica conferir segurança e continência, contrastando acentuadamente com as famílias de origem em que algum dos membros é adito, cujas fronteiras, limites, responsabilidades e direitos nas relações

entre pais e filhos geralmente mostram-se indiscriminadas, nebulosas, rompidas ou desgastadas.

De outro lado, há que se pensar que, devido ao longo período de internação e isolamento ao qual o indivíduo é submetido, afastando-se quase que por completo ou totalmente do ambiente social em que vivia antes de aderir ao tratamento, sua reinserção torna-se ainda mais penosa, passível de constantes recaídas, uma vez que suas relações com o meio externo são, muitas vezes, escassamente ou sequer trabalhadas. A abolição dos fármacos logo de antemão desconsidera, ainda, as particularidades de cada caso, muitos dos quais requer acompanhamento medicamentoso, inclusive, quando há histórico de comorbidades que comumente passam despercebidas. A tendência para a imposição de regras inflexível, irrefletida e não empática e certamente contraproducente ao processo terapêutico necessita ser trabalhada, já que, muitas vezes, tais sujeitos, tendo sido alvo de figuras de autoridade violentas, negligentes e abusadoras na infância ou mesmo na idade adulta, quando colocados em uma posição de autoridade tendem a agir do mesmo modo, reproduzindo tal padrão. É possível, ainda, que emerjam sentimentos por parte da equipe no sentido de ter sido abusada ou agir de forma condenatória em relação aos residentes. De modo similar, sentimentos de culpa podem se apropriar dos residentes por não ter sido melhores provedores ou figuras parentais mais ideais, pendendo para a cisão dos grupos, vitimização de uns e criminalização de outros. A tendência a imprimir punições implícitas ou explícitas, bem como a rígida estrutura do sistema das reuniões de equipe encoraja uma regressão na equipe a modos infantis de relacionar-se, podendo culminar na abdicação da responsabilidade por determinadas atividades decorrentes da falta de clareza dos papéis da equipe, a ponto de o aplainamento dos relacionamentos hierárquicos pouco incidir quanto ao fomento da maturidade. Vale esclarecer que atitudes autoritárias, ditatoriais ou impositivas somente reforçam a dependência, imaturidade, irresponsabilidade nos submetidos e resistência ao tratamento.

Portanto, é imprescindível que a equipe disponha de um embasamento teórico e de um apoio psicológico que lhe capacite a identificar tais intercorrências, não devendo os envolvidos incorporar o papel de organizadores ou conselheiros, mas facilitadores, empreendendo uma escuta e uma fala compreensivas e dando liberdade para que o outro decida por si mesmo o caminho que pretende seguir.

Além dos modelos de tratamento elencados, Zoja (1992) salienta o processo analítico como outra forma de iniciação presente na atualidade a dessedentar a sede de rituais que a psique tem para amadurecer:

Se o processo funciona, pode exprimir-se numa espécie de renascimento. Lento, trabalhoso, dispendioso e inevitavelmente incompleto. É, no entanto, uma das poucas experiências de renascimento que se podem encontrar com certa objetividade na cultura das grandes cidades (ZOJA, 1994, p.148).

Poderiam ser os sonhos, portanto, um dos caminhos trilhados ao longo do atendimento psicoterapêutico para que tal renascimento na clínica com narcodependentes floresça?

5 SONHOS: CAMINHO DE CURA E INDIVIDUAÇÃO

5.1 O ONÍRICO E O SAGRADO

A busca pelo sentido da vida e pelo reencontro com sua própria essência tem levado o homem a percorrer infinitos caminhos. A alma humana tem sede de Deus (Self) e se orienta para este centro pessoal e transpessoal, em direção à unidade e à realização da totalidade, a fim de que cada indivíduo cumpra seu desígnio e signifique sua razão de ser, a saber: a restauração de sua unidade primeira.

Nos tempos antigos a vida espiritual, imensamente valorizada, legitimava e dava voz e ouvidos aos sonhos. Considerados porta-voz dos deuses ou mensageiros, por meio dos quais a alma recebia orientação do mundo espiritual, os sonhos eram creditados por egípcios, babilônios, gregos, romanos, hebreus e diversos outros povos e etnias. A crença dos antigos nos sonhos que viabilizava a imersão em fontes de vida espiritual destoa, radicalmente, do racionalismo e ceticismo impregnados na atual cultura ocidental, cuja desvalorização dos sonhos cavou um profundo abismo entre nossa vida consciente e a vida de nossas almas, apartando-nos da intimidade com nossa própria vida interior (SANFORD, 1988).

Embora a Igreja pudesse ter resgatado o homem desta filosofia materialista que impera nos dias atuais, parece, em grande medida, ter a ela sucumbido, institucionalizando-se, se ocupando em modelar o indivíduo conforme a vida institucional ao invés de estar a serviço da alma e de ouvi-la, e priorizando seus credos, rituais e tradições coletivas em detrimento da realidade da alma individual e de seus sonhos, negada e negligenciada:

Os cristãos muitas vezes perguntam por que Deus não se dirige a eles, como se acredita que fazia em tempos passados. [...] Estamos tão fascinados e envolvidos por nossa consciência subjetiva que nos esquecemos do fato milenar de que Deus nos fala, sobretudo, através de sonhos e visões. O budista despreza o mundo das fantasias inconscientes considerando-as ilusões inúteis; o cristão coloca sua igreja e sua Bíblia entre ele e o seu inconsciente; e o racionalista ainda nem sabe que a sua consciência não é o total de sua psique. [...] Mas se o teólogo acredita mesmo na existência de Deus, com que autoridade pode afirmar que Deus é incapaz de nos falar através dos sonhos? (JUNG, 1964, p.102).

Afinal, seria a via onírica um caminho de acesso ao sagrado? Esta e outras questões têm sido colocadas em pauta na atualidade e, embora os sonhos tenham sido relegados ao anonimato e tidos como desprezíveis durante um extenso período, observa-se, desde o século

XX, uma nova tendência contemporânea quanto à retomada dos sonhos como objeto de interesse, estudo e investigação (SANFORD, 1988).

Os sonhos, segundo Von Franz (1992), seriam como cartas que o Self (compreendido como guia espiritual, como centro divino, supra-ordenado e interior da psique ao qual nos reportamos e exploramos ao longo de nossas existências e, simbolicamente, sob uma perspectiva cristã, como o “Cristo Interior” em nossas almas ou a “Imagem de Deus” em nós) escreveria ao sonhador a cada noite, norteando seus passos e conduzindo-o rumo à concretização e fruição de um plano maior, de uma espécie de destino possível, porém não pré-determinado ou inevitável.

O homem, imergindo nas profundezas de tão vasta inconsciência que surge nos sonhos, conteria a chave para a individualidade, para a cura, para abrir as portas e adentrar a Cidade, tomada como símbolo de Self, de totalidade psíquica que congrega a união do consciente e inconsciente, cuja fortaleza transparece nas escrituras: “A cidade construída sobre uma colina alta e estável não pode cair jamais, nem ser escondida. Lutai, então, para conhecer-vos e sabereis que sois os filhos do Pai Poderoso, que estais na cidade de Deus e que vós sois a cidade”. O processo de individuação²⁷, a identificação com a totalidade da personalidade, com o Self, na simbologia cristã, ocorreria em Cristo, visto a plenificação ser Cristo e o processo de cura consistir na *Imitatio Christi* (JUNG, 2003, p.114).

Um dos caminhos para o autoconhecimento e para a cura seria, portanto, onírico, já que os sonhos sendo auto-representações espontâneas, sob forma simbólica, da situação do inconsciente, exprimiriam mediante suas imagens aspectos desconhecidos e inconscientes da personalidade do sonhador a serem integrados à consciência, orientando, assim, o ego em sua atitude consciente para que se porte de modo mais maduro frente à realidade:

Os sonhos contêm imagens e associações de pensamento que não criamos através da intenção consciente. Eles aparecem de modo espontâneo, sem a nossa intervenção e revelam uma atividade psíquica alheia à nossa vontade arbitrária. O sonho é, portanto, um produto natural e altamente objetivo da psique, do qual podemos esperar indicações ou pelo menos pistas de certas tendências básicas do processo psíquico (JUNG, 2004, p.7).

Os sonhos consistiriam, portanto, em auto-retratos do processo psíquico em curso ou em sinais advindos da esfera da psique ainda não contaminada pela intencionalidade ou sabedoria

²⁷ Segundo Jung (2003, p.35), a individuação significa “tender a tornar-se um ser realmente individual; na medida em que entendemos por individualidade a forma de nossa unicidade, a mais íntima, nossa unicidade última e irrevogável; trata-se da realização de seu Si-Mesmo, no que tem de mais pessoal e de mais rebelde a toda comparação. Poder-se-ia, pois, traduzir a palavra individuação por realização de Si-Mesmo, realização do Si-Mesmo”.

humana, aos quais o sonhador deveria atentar, tendo em vista a ampliação de sua consciência. Desvelando, pois, o inconsciente sem quaisquer camuflagens, os sonhos nos impeliriam a adotar uma atitude que esteja em concordância com nossa natureza básica, no caso de nossa consciência ter-se desviado demasiadamente de seus fundamentos e chegado a um impasse.

Dotados de uma sabedoria superior e compreendidos como um fenômeno psíquico normal e uma forma de manifestação de um “Centro Organizador” capaz de alertar sobre perigos, predizer eventos futuros e promover verdadeiros *insights*, os sonhos transmitiriam à consciência reações inconscientes ou impulsos espontâneos, conduzindo o indivíduo a seguir o seu próprio caminho de vida, particularizado e singular, tal qual Cristo percorreu o dele orientado por uma força maior, segundo a tradição cristã.

5.2 A ORIGEM, O CONTEÚDO E A ANÁLISE DOS SONHOS

Sendo a fonte de onde os sonhos transbordam o inconsciente, vale clarear a concepção de inconsciente inesgotável sustentada pela Psicologia Analítica, cujo conteúdo não se restringe aos aspectos reprimidos pela consciência. Nesse sentido, Jung compreende o inconsciente como um elemento inicial, do qual brotaria a condição consciente:

[...] o inconsciente contém, não só componentes de ordem pessoal, mas também impessoal, coletiva, sob a forma de categorias herdadas ou arquétipo. Já propus antes a hipótese de que o inconsciente, em seus níveis mais profundos, possui conteúdos coletivos em estado relativamente ativo: por isso o designei de inconsciente coletivo (JUNG, 2004, p.13).

Desse modo, os sonhos encerram conteúdos provenientes do inconsciente pessoal²⁸, bem como avindos do inconsciente coletivo: “os sonhos, portanto, num vocabulário simbólico, isto é, por meio de representações figuradas e sensoriais, comunica-nos idéias, concepções, diretrizes, tendências, etc., que, recalçadas ou ignoradas, se encontram no estado de inconsciência” (JUNG, 1962, p.305-306).

²⁸ “Esta denominação refere-se às camadas mais superficiais do inconsciente, cujas fronteiras com o consciente são bastante imprecisas. Aí estão incluídas as percepções e impressões subliminares dotadas de carga energética insuficiente para atingir o consciente; combinações de idéias ainda demasiado fracas e indiferenciadas; traços de acontecimentos ocorridos durante o curso da vida e perdidos pela memória consciente; recordações penosas de serem relembradas; e, sobretudo grupos de representações carregados de forte potencial afetivo, incompatíveis com a atitude consciente” (SILVEIRA, 1971, p.72).

É inviável, pois, conceber que os sonhos se limitem à expressão de desejos reprimidos ou recalçados, visto conterem material arquetípico²⁹ derivado da esfera psíquica denominada inconsciente coletivo, se manifestando através de imagens arquetípicas que transmitem o inédito, desconhecido e nunca antes incorporado pelo eu consciente.

Tal entendimento repercutirá fundamentalmente na análise de sonhos, que não se aterá simplesmente a uma visão causalista do fenômeno (técnica redutiva que, ao seguir o fio do determinismo causal do sonho, levaria o intérprete aos complexos³⁰), utilizando, pois, o método das ampliações, que contempla, principalmente, o quesito finalidade (Para quê este sonho?), amplificando³¹ os conteúdos oníricos, enriquecendo-os e estabelecendo conexões entre eles, a fim de que se configure o sentido do sonho (SILVEIRA, 1971, p. 105).

Se o sonho for constituído por material individual torna-se indispensável recorrer às associações do sonhador (as quais possibilitam desvelar o significado do símbolo para o sonhador e a que experiências esse o remete), ao passo que se sua estrutura for mitológica, compreendendo um sonho arquetípico composto por material coletivo, não suscitará associações pessoais e sua linguagem será universal, viabilizando o estabelecimento de paralelos com símbolos universais encontrados na mitologia, história e cultura, etc. por meio da amplificação, com o objetivo de elucidar seu sentido metafórico e interpretar a imagem segundo padrões coletivos. Neste último caso, vale salientar ser indiferente o fato de o sonhador conhecer ou desconhecer o contexto mitológico (JUNG, 2003, p.103).

Há que discernir a interpretação no plano do objeto (objetivo) e no plano do sujeito (subjetivo). Enquanto a primeira aplica-se a sonhos que se reportam a situações reais, a segunda é plausível àqueles cujas imagens oníricas ou figuras do sonho representam fatores psíquicos ou traços personificados do próprio sonhador:

²⁹ Jung atenta para o fato de, muitas vezes, emergirem em sonhos conteúdos que não são individuais e nem podem fazer parte da experiência pessoal do sonhador. Tratar-se-iam, pois, de material arquetípico: “formas primitivas e inatas, representando uma herança do espírito humano” (JUNG, 1964, p.67).

³⁰“Os complexos são agrupamentos de conteúdos psíquicos carregados de afetividade. Compõem-se primariamente de um núcleo possuidor de intensa carga afetiva. Secundariamente estabelecem-se associações com outros elementos afins, cuja coesão em torno do núcleo é mantida pelo afeto comum a seus elementos. Forma-se assim verdadeiras unidades vivas, capazes de existência autônoma. A verdade é que não somos nós que temos o complexo, o complexo é que nos tem, que nos possui. Com efeito o complexo interfere na vida consciente, leva-nos a cometer lapsos e gafes, perturba a memória, envolve-nos em situações contraditórias, arquiteta sonhos e sintomas neuróticos” (SILVEIRA, 1971, p.35).

³¹ Segundo Jung (2006, p.350), amplificação corresponde ao “alargamento e aprofundamento de uma imagem onírica por meio de associações dirigidas e de paralelos tirados das ciências humanas e da história dos símbolos (mitologia, mística, folclore, religião, etnologia, arte, etc.), mediante o que o sonho se torna acessível à interpretação”.

Quando eu sonho, por exemplo, com uma pessoa com quem, na realidade, estou íntima e vitalmente ligado, a interpretação no plano do objeto é certamente a mais próxima. Quando, pelo contrário, sonho de maneira afetiva com uma pessoa que, na realidade me é tão distante quanto indiferente, é a interpretação sobre o plano do sujeito a que se afigura mais favorável (JUNG, 1962, p. 338, 339).

É imprescindível não se ater a um único sonho, respaldando a interpretação em uma gama de conteúdos oníricos de um mesmo sonhador a fim de conferir maior fidedignidade à mesma, visto ser a análise de um sonho isolado raramente segura, ao passo que a interpretação de uma série de sonhos mostra-se envolta por maior segurança ao prover o reconhecimento de conteúdos e motivos básicos com clareza, bem como a possibilidade de correção de equívocos cometidos em interpretações de sonhos anteriores.

Jung (1999, p.21) enfatiza, ainda, o quão indispensável se faz a mobilização do paciente no sentido de registrar seus sonhos e interpretações: “Oriento-os igualmente sobre a preparação do sonho, para que o tragam à sessão por escrito, juntamente com o material referente ao seu contexto”³².

Além disso, mostra-se fundamental para o desvelamento do inconsciente a ciência da história consciente do indivíduo³³, sem a qual seria inviável uma interpretação consistente:

[...] o sonho é assim colocado numa relação estreita com a situação consciente. E mais, não hesito em afirmar que um sonho, sem tomar conhecimento da atitude consciente, nunca poderá ser interpretado com um mínimo de segurança. É só a partir do conhecimento da situação consciente, que se pode descobrir que sinal dar aos conteúdos inconscientes. É que o sonho não é um acontecimento isolado, inteiramente dissociado do cotidiano e do caráter do mesmo. Se ele nos aparecer assim, será unicamente por causa da nossa não compreensão, da nossa ilusão subjetiva. Na realidade, há entre o consciente e o sonho a mais rigorosa causalidade e uma relação precisa em seus mínimos detalhes (JUNG, 1999, p.25).

Quanto à técnica de interpretação de sonhos pautada em elementos estruturais, Marie-Louise Von Franz em seu livro *O caminho dos sonhos* (1992, p.48) discorre sobre àquela empregada pela psicologia analítica comparando o sonho a um drama e examinando-o sob três aspectos: “[...] primeiro, a introdução ou exposição – o cenário do sonho e a colocação do problema; segundo, a peripécia – o desenrolar da história; e finalmente, a *lysis* – a solução final, ou talvez a catástrofe”.

³² Dada a relevância da questão, os sonhos, no presente estudo, não serão analisados isoladamente, mas em série.

³³ Esta será apreendida mediante a entrevista semi-dirigida, realizada a princípio, e aliada ao trabalho com sonhos, devidamente mencionados na metodologia.

Bosnak (1994) pondera que a postura do analista, desprovida de julgamentos de valor, respostas prontas e conceitos prévios será, pois, “*sine qua non*” para evitar projeções (fenômeno inconsciente segundo o qual o analista depositaria seus próprios conteúdos psíquicos sobre os símbolos do sonho, distorcendo sua significação) sobre o material onírico. A atenção ao relato do sonhador mostra-se de grande serventia, inclusive, para que o mesmo não se torne refém das resistências do eu e fuja de certas imagens, devendo conciliá-la, concomitantemente, ao respeito referente ao desejo do analisando quanto à não adentrar demasiadamente fundo em algumas imagens.

5.3 A NATUREZA DOS SONHOS E SUAS FUNÇÕES

Revelações brotam da vida inconsciente por meio dos sonhos e seus conteúdos mais secretos nunca ou já anteriormente visitados pela consciência são acessados por meio da análise. Os sonhos fornecem pistas de determinadas tendências do processo psíquico em curso e compensam as carências da vida consciente de modo a regular o funcionamento da psique, permitindo a expressão daquilo que não encontra espaço na existência vígil:

Sempre que se assume uma atitude unilateral da consciência – racional, espiritual ou materialista demais, dirigida demais para um único impulso – os sonhos compensam, trazendo o que pesa do outro lado da balança. É por isso que Santo Agostinho, depois de sua conversão a uma espiritualidade superior desabafou: “Graças a Deus não sou responsável por meus sonhos”. Ele deve ter tido sonhos que o puxavam direto para a Terra (VON FRANZ, 1992, p.229-230).

Essa lei de compensação estaria, pois, a serviço da totalidade e consistiria em um alerta, cuja mensagem seria: “Você está desequilibrado em relação à sua totalidade”. Não se trataria, todavia, de uma lei mecânica para introduzir o oposto: se eu for bom, terei sonhos maus, ou vice-versa. Pelo contrário, a sabedoria dos sonhos estaria, justamente, na preservação do equilíbrio mediante a integração/união dos extremos opostos e o estabelecimento de uma via intermediária a ser adotada pela vida consciente a partir do *insight* promovido pelo sonho (VON FRANZ, 1992, p.230).

A **função compensatória** dos sonhos consistiria em uma reação de defesa autorreguladora das posições unilaterais da consciência: “Os sonhos comportam-se como compensações da situação consciente que os viu nascer” (JUNG, 1962, p.313). É pertinente, assim, sempre relacionar o sonho à vida consciente e questionar: Que atitude consciente este sonho está compensando? Que aspectos estão sendo negligenciados no estado vígil?

O lado obscuro e sombrio³⁴ da psique, rejeitado pela consciência encontraria, assim, alento na calada da noite e abrigo em meio aos sonhos.

Nesse sentido, a compensação e a complementação se sobreporiam a fim de equilibrar a unilateralidade da posição consciente, sendo de grande valia para a auto-regulação do organismo psíquico ao corrigir os pontos cegos, superando posições rígidas ou fixas em prol da mudança e crescimento da personalidade de modo que, enquanto a primeira se manifestaria mediante a apresentação, geralmente enfática, dos opostos polarizados à visão consciente (caso uma situação seja visualizada pela consciência de uma forma exacerbadamente otimista, o sonho pode apresentá-la como desanimadora, podendo significar o quão desanimadora é, de fato, a situação ou que vale, simplesmente, atentar para o “outro lado”, a saber: que o desânimo potencial está sendo insuficientemente considerado ou desconsiderado pelo ego vígil), a segunda acrescentaria não necessariamente os opostos polares, mas sim fragmentos ausentes, tendo em vista complementar e alargar a visão, como se dissesse: atente também para isto ou aquilo (WHITMONT, 1995, p.68).

A função compensatória ou complementar dos sonhos visaria, pois, através da produção de um material onírico que reconstitui o equilíbrio psíquico total, o restabelecimento de nossa “balança psicológica”, razão pela qual indivíduos com noções pouco realistas acerca de si mesmos ou que nutrem planos suntuosos, descomunais e discrepantes se comparados a sua real capacidade, comumente sonham que voam e que caem. Os sonhos comunicam potencialidades, em certo sentido, alertando e prevenindo acerca dos perigos dos rumos atuais, podendo haver conseqüências desastrosas como acidentes reais (quedas de escadas, catástrofes automobilísticas, etc.), se estes “avisos” forem rejeitados (JUNG, 1964, p.49). Não se trata, porém, de fatalismo, mas de possibilidades lançadas pelo inconsciente, havendo que se atentar ao simbolismo de tais conteúdos oníricos.

Para ilustrar, vale ressaltar o caso, relatado por Jung (1964, p.50), de um homem que, ao envolver-se com negócios escusos, desenvolveu uma paixão pela prática arriscada de alpinismo e que, certa noite, sonhou estar escalando uma alta montanha e precipitar-se no espaço vazio:

Quando me contou o sonho, verifiquei, imediatamente o perigo que corria e tentei reforçar ainda mais aquele aviso para persuadi-lo a moderar-se. Cheguei mesmo a dizer-lhe que o sonho pressagiava sua morte num acidente

³⁴ Segundo Von Franz (1992, p.39), “sombra é o nome que em geral usamos para pessoas do mesmo sexo do sonhador que aparecem em seus sonhos. Essa figura comumente apresenta qualidades ligeiramente inferiores ou opostas ao ego do sonhador. Ela pode personificar nosso lado inferior – nosso melhor inimigo, por assim dizer – mas também pode ser apenas nosso outro lado”.

de alpinismo. Foi inútil. Seis meses mais tarde, precipitou-se no espaço vazio. Um guia o observava enquanto com um companheiro descia por uma corda até um local de difícil acesso. [...] Repentinamente, soltou a corda como se (segundo o guia) estivesse se “precipitando no ar”. Caiu sobre o amigo, ambos despencaram montanha abaixo e morreram.

O alpinista buscava, inconscientemente, solução definitiva para os seus problemas, mas não esperava pagar com o alto preço de sua vida.

Seria, contudo, por demais pretensioso julgar que a teoria das compensações teria condições de abarcar toda a riqueza e dimensão dos fenômenos oníricos. De semelhante modo, pensar que o mecanismo compensatório presente nos sonhos se restringe à satisfação de desejos e de instintos como postulava Freud seria demasiadamente simplista e restrito, de acordo com a visão junguiana.

O sonho detém o valor de uma idéia positiva diretriz que concorda com a *consensus gentium*, visto a superstição de todos os povos revestir o sonho com o poder de um oráculo revelador de acontecimentos futuros. Há, contudo, que se filtrar o fanatismo e o exagero de representações tão difundidas, a fim de extrair sua parcela de verdade: a existência de uma atividade prospectiva nos sonhos (JUNG, 1962, p. 317).

De modo amplo, quando a atitude consciente objetiva e subjetiva do indivíduo se torna cada vez mais inadaptada, é acrescida à função compensadora do inconsciente a função prospectiva dirigente, capaz de conferir à postura consciente um curso completamente diferente e preferível ao curso mantido até então.

A **função prospectiva** dos sonhos se apresentaria sob a forma de uma antecipação de probabilidades, concebida no inconsciente, da atividade consciente futura e evocaria o esboço de um plano ou projeto preparatório para resolver e encerrar a solução de conflitos e problemas atuais. Seria, pois, injustificado considerar os sonhos dessa natureza como proféticos, já que se assemelhariam a um prognóstico médico ou meteorológico, cuja combinação de probabilidades poderia concordar em parte ou em absolutamente nada com o curso real dos acontecimentos: “Só havendo concordância nos mínimos pormenores se poderia falar de profecias” (JUNG, 1962, p.318).

É imprescindível, assim, “resistir à tentação” de se considerar o sonho como uma espécie de “psico-ambulância” que conduziria a existência humana por caminhos infalíveis. Em contrapartida, tais prognósticos mostram-se superiores às conjecturas conscientes, visto o sonho conter elementos subliminais, lembranças, sensações, sentimentos e pensamentos que escaparam à consciência: “o sonho encontra-se, portanto, muitas vezes, no ponto de vista do prognóstico, em situação muito mais favorável que o consciente” (JUNG, 1962, p.319).

No entanto, seria um equívoco descabido menosprezar ou desprezar a atitude consciente em detrimento da extremada e exclusiva valorização do inconsciente; o que poderia culminar ou resultar na indesejável destruição ou desarticulação da atividade consciente. Afinal, o inconsciente tornar-se-ia devorador e engoliria o ser humano caso não dialogasse constantemente com o mundo externo, e o sonhador enveredaria rumo à irrealidade neurótica ou psicótica; o que poderia ser observado em manicômios, onde habitam as vítimas do mundo dos sonhos: “Um vive o sonho de que é Napoleão. Outro confia que, na verdade, é Jesus Cristo, mas que ninguém o compreende. Eles foram engolidos pelo mundo dos sonhos”. O mundo onírico, assim, deixaria de ser terapêutico ao romper o intercâmbio dialético e equilibrado com a vida real (VON FRANZ, 1964, p.28-29).

Há, portanto, que integrar o mundo onírico à realidade concreta, a fim de usufruir de seus benefícios, tais como a renovação de energia resultante da relação consciente-inconsciente:

Por isso, seguir os sonhos assemelha-se muito a estabelecer ligação entre o ego e o centro da personalidade. E chamou-se “eixo ego-Si-mesmo”³⁵, onde o Si-mesmo significa a referência que se faz ao todo ou personalidade total, a qual compreende o centro e o inconsciente” (JACOBI, 1988, p.48).

É fundamental considerar, ainda, outra face da questão: há pessoas, cujo esforço de adaptação e atitude consciente ultrapassa seus recursos individuais, ou seja, aparentam exteriormente ser mais valorosos, melhores e preciosos do que de fato são em sua interioridade e, não estando à altura de sua situação exterior, o inconsciente se incumbem de assumir um papel negativo, compensador e depreciativo de uma **função redutora** que transparece, inclusive, nos sonhos (JUNG, 1962, p.321).

Vale esclarecer que uma redução ou depreciação, ao representar uma compensação no sentido de auto-regulação do organismo, pode revestir-se de um caráter prospectivo, tal como ocorre no sonho relatado na Bíblia Sagrada de Nabucodonosor. Contudo, embora o termo “prospectivo” evoque a alusão de algo construtivo, preparatório ou sintético, os **sonhos redutores** são despidos de tais características (sendo mais coerente, portanto, não designá-los prospectivos, mas sim “sonhos redutores, e à função correspondente função redutora do inconsciente, embora, no fundo, se trate sempre da mesma função compensadora”) pois, pelo contrário, desagregam, depreciam, desunem, destroem e diminuem (JUNG, 1962, p.322-323).

Entretanto, isto não significa que a assimilação de sonhos com caráter redutor ou retrógrado (cujos materiais oníricos mostram-se repletos de desejos sexuais infantis recalçados, de vontade de poder infantil e de um resíduo de instintos, pensamentos e

³⁵ O Self é traduzido por Si-mesmo.

sentimentos arcaicos e coletivos) mediante sua análise prejudicará o indivíduo, mas sim poderá gestar conseqüências positivas, essencial à sua adaptação, visto atacar somente a atitude e não a personalidade total. Levaria o sujeito a agir conscientemente de modo mais equilibrado, minando sua soberba desproporcionada e dissipando a miragem de uma grandeza falaciosa ao desvelar os materiais inconscientes que explicitam suas fraquezas e o fazem recordar acerca de suas limitações e vaidade humana e o reconduz ao seu condicionamento fisiológico, histórico e filogenético (JUNG, 1962, p.323-324).

Além dos sonhos compensadores, prospectivos e redutores, é possível elencar os denominados **sonhos reativos**.

Eventos traumáticos seriam revividos nos sonhos reativos, os quais trariam à memória situações ameaçadoras à vida humana. Nesse caso, estímulos traumáticos, tais como violentos incêndios, choques de guerra, inundações, e outros se repetiriam de modo autônomo, mesmo que houvesse a compreensão do fenômeno, até desgastar-se (SILVEIRA, 1971, p.97).

Tratar-se-iam, portanto, de episódios que criaram um traumatismo psíquico acompanhado por uma lesão física do sistema nervoso e então passaram a ser reproduzidos fielmente de forma onírica. Seria inapropriado, assim, designar tal espécie de sonho de compensador, já que se restringe à mera repetição de um traumatismo. Aventa-se que a repetição freqüente seja relevante ao funcionamento global da psique, no sentido de ocasionar a perda da autonomia por parte do elemento traumático de modo gradual, a ponto de fazê-lo retomar seu lugar na hierarquia psíquica. Contudo, um entrave se coloca quanto aos efeitos da análise de sonhos dessa natureza:

Parece que o sonho restitui um elemento autônomo que se separou da psique, mas torna-se, desde logo, notório que a assimilação consciente desse elemento em nada atenuou o abalo gerador. O sonho continua as suas reproduções como dantes; o elemento traumático, tendo-se tornado autônomo, prossegue a sua atividade por si mesmo, até a extinção do stimulus traumático. Descobrir, previamente, do que se trata, não serve de nada (JUNG, 1962, p.328).

É imprescindível discernir se os sonhos decorrem, de fato, de um traumatismo ou se reproduzem simbolicamente uma situação traumatizante (situações poderosamente afetivas que por deterem um significado simbólico e revelador que escapara ao indivíduo, passam a se repetir em sonhos de modo alegórico) e, para tanto, a análise é a chave: no caso de uma reprodução reativa derivada de um traumatismo a interpretação mostra-se inócua, ao passo que, no segundo caso, a interpretação exata da cena traumatizante leva à imediata interrupção da repetição onírica, o que denota sua eficácia.

Quanto aos **sonhos telepáticos**, embora sua existência seja inegável, trata-se de um terreno escassamente desbravado pela ciência, cujas leis permanecem em parte misteriosas, podendo, contudo, ser alocados entre os fenômenos de sincronicidade, que ocorrem quando há uma coincidência significativa entre um evento psíquico (sonhos, visões, premonições) e um acontecimento físico sem uma relação lógica, aparente ou causal entre si. O termo “sincronicidade” também é utilizado quando sonhos ou idéias quase idênticas acontecem simultaneamente em locais diversos (SILVEIRA, 1971, p.97).

Pode-se atribuir, assim, ao fenômeno telepático a categoria de determinante possível do sonho. Além disso, embora vários dos sonhos dessa natureza tenham sido submetidos à análise pelo próprio Jung, sua significação telepática permanecia desconhecida no momento da análise, em que eram revelados materiais subjetivos compatíveis com a situação momentânea do sujeito, não deixando quaisquer indícios ou suspeita de que se tratava de sonhos telepáticos. O conteúdo telepático desses sonhos residia sempre na forma manifesta do sonho e não latente (não residia, assim, no material associativo) e seria confirmado somente com a ocorrência factual e real que colocaria à prova a veracidade da previsão (tal como a morte de uma pessoa, por exemplo), permanecendo até o momento, aquém ou inacessível ao saber científico (JUNG, 1962, p.329-330).

Os **sonhos paralelos**, por sua vez, seriam aqueles “cujo significado coincide com a situação consciente ou a sustenta” (WHITMONT, 1995, p.67).

Haveria, ainda, uma distinção entre “**pequenos e grandes sonhos**”. Enquanto os “pequenos sonhos” diriam respeito aos problemas da vida cotidiana e corriqueira, os “grandes sonhos”, repletos de intensas significações de caráter individual ou coletivo, seriam comumente compostos por imagens originárias nos recônditos ou camadas mais profundas da psique humana e tão distantes do ego consciente que infundiriam medo, exaltação ou perturbação, evocando uma estranheza tal a ponto de, usualmente, serem considerados sobrenaturais:

Os sonhos do homem são de duas classes. Uns, cheios dos problemas da vida ordinária, de suas preocupações, de seus desejos, de seus vícios, combinam-se de modo mais ou menos bizarros com os objetos entrevistados durante o dia em que se fixaram indiscretamente sobre a vasta tela de sua memória. Eis o sonho natural, este sonho é o próprio homem. Mas há outra espécie de sonho! O sonho absurdo, imprevisível, sem relação nem conexão com o caráter, a vida e as paixões do sonhador! Este sonho, que eu denominei hieroglífico, representa evidentemente o lado sobrenatural da vida (BAUDELAIRE apud SILVEIRA, 1971, p.97-98).

Nas comunidades primitivas, os “grandes sonhos” eram revestidos de um significado geral e adquiriam tamanha relevância que o sonhador sentia-se impelido a anunciá-lo na assembléia dos homens, a fim de discutir sobre o seu conteúdo. Justamente por conterem um caráter especial, os sonhos arquetípicos ou mitológicos forçariam o indivíduo instintivamente a divulgá-los, visto não pertencerem à pessoa, mas se inserirem no coletivo; ou seja, embora contivessem uma dose de verdade para o indivíduo, expressavam uma verdade humana coletiva (JUNG, 2003, p.104).

5.4 A LINGUAGEM DOS SONHOS

Os sonhos revelam o inconsciente à mente consciente com uma linguagem não prontamente acessível e inteligível, mas sob a forma de imagem, símbolo ou metáfora. Os sonhos não são obscuros, mas sim a compreensão acerca deles.

O desafio na empreitada de enveredar pelo universo onírico inevitavelmente se coloca: como entender a mensagem contida nos sonhos?

Os sonhos possuem uma linguagem própria, se expressando mediante símbolos. A chave para a compreensão de um sonho é, pois, o conhecimento do símbolo (VON FRANZ, 1915, p. 55).

Jung (1964, p.20) esclarece que “símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além de seu significado evidente e convencional”. O simbolismo implica em uma palavra ou imagem conter em si algo além de seu sentido literal, manifesto, óbvio ou imediato, o que lhe confere um aspecto inconsciente e impreciso, nunca de todo explicado. Ao se deparar com um símbolo a mente humana é conduzida para além dos limites da razão, motivo pelo qual todas as religiões empregam uma linguagem simbólica e se exprimem mediante imagens, visto se pautarem em crenças, e não em evidências concretas. Todavia, Jung (1964) pontua que o uso consciente que fazemos dos símbolos religiosos, concebidos como representações coletivas elaboradas minuciosamente e conscientemente durante vários séculos, cuja origem está tão soterrada nos mistérios do passado que parece não ter procedência humana, mas que advém de sonhos primitivos e de fecundas fantasias, representaria, apenas, um aspecto de um fato psicológico de extrema relevância: “o homem também produz símbolos, inconsciente e espontaneamente, na forma de sonhos” (p.21).

Tais símbolos oníricos desempenhariam um papel fundamental quanto à manutenção do equilíbrio mental e saúde fisiológica do “homem racional”, o qual, esculpido pelo processo civilizatório que separou a consciência das camadas mais profundas e instintivas básicas da psique humana mantendo-as como parte do inconsciente, aprendeu a “controlar-se” e renegou a porção instintiva que governava o homem primitivo. Ora, sabe-se que a dissociação entre o consciente e o inconsciente é responsável pela ocorrência de inúmeros distúrbios psicológicos, daí a importância dos sonhos:

Neste particular, os símbolos oníricos são os mensageiros indispensáveis da parte instintiva da mente humana para a sua parte racional, e a sua interpretação enriquece a pobreza da nossa consciência fazendo-a compreender, novamente, a linguagem esquecida dos instintos (JUNG, 1964, p.52).

Partindo, pois, do pressuposto de que, em tempos remotos, o homem possuía uma mente original que representava toda a sua personalidade e que, à medida que sua consciência foi sendo forjada, sua mente foi perdendo o contato com uma parcela daquela energia psíquica primitiva, a função criadora dos símbolos oníricos intentariam trazer a mente original do homem a uma consciência “avançada”, já que a mente consciente jamais conhecera aquela mente original desprezada no próprio processo de diferenciação da consciência. E são justamente tais características primitivas (instintos básicos, ilusões, fantasias, formas arcaicas de pensamento, etc.), anteriormente integrantes da mente original e, atualmente conservadas na inconsciência, às quais os sonhos se referem; é como se o inconsciente procurasse ressuscitar e resgatar tudo aquilo de que a mente se libertara no seu processo evolutivo (JUNG, 1964, p.98).

Caberia, assim, aos símbolos a reunião e integração dos contrários, o estabelecimento de uma conexão entre forças antagônicas, vencendo oposições e franqueando o caminho de um processo a ponto de viabilizar a passagem de uma atitude à outra, sob o efeito da função denominada “função transcendente” (JUNG, 1964, p.98).

Desse modo, uma abordagem simbólica, intuitiva e emocional, ultrapassando o plano do intelecto, sem trazer a priori um significado pré-estabelecido, mas valorizando aquele fornecido pelo próprio sonhador mediante suas associações, falaria ao coração do homem e permitiria a ele se orientar em seu mundo interior. Desvelando o desconhecido e traduzindo a dinâmica psíquica, os sonhos, também, possibilitariam uma re-significação ou releitura de determinadas situações vivenciadas, sinalizando novas possibilidades de atuação e realização e mobilizando o indivíduo a se posicionar de maneira criativa no mundo concreto, visto os sonhos atuarem como intermediários ou ponte entre o inconsciente e o consciente, entre o Self

e o ego, iluminando este último quanto à compreensão das necessidades do processo de desenvolvimento psíquico e do caminho proposto pelo Self.

O ego, por vezes, em sua cristalização, assume uma posição unilateral, apegando-se a aspectos parciais e lendo a realidade da forma como lhe convém e lhe é possível. Nesse sentido, o ego ao deixar-se conduzir pelo símbolo onírico, passaria a vislumbrar potencialidades a serem experienciadas dentro de uma visão de totalidade e a direcionar sua energia para aquilo que, de fato, apresenta-se como vital à pessoa e atende às exigências do processo de individuação.

O material simbólico presente no sonho conteria, pois, em si, a finalidade de clarear a consciência do indivíduo, trazendo a ela elementos que possam auxiliá-lo na orientação quanto ao seu caminho original, no restabelecimento de seu equilíbrio psíquico e encontro ou re-encontro de um sentido para sua própria vida.

5.5 O SIGNIFICADO DOS SONHOS: EM BUSCA DE SENTIDO E RENOVO

Os significados dos sonhos não são fixos: eis a importância das associações evocadas pelas imagens oníricas e emitidas pelo analisando, as quais, juntamente às reações emocionais e corporais manifestas durante a exposição do sonho e seu relato devem ser perscrutadas até que revelem a questão emocional que possa estar bloqueando o fluxo natural de energia.

A energia psíquica do homem, para Jung, não teria origem exclusivamente sexual e biológica. O homem, dotado também de natureza espiritual, poderia investir sua energia, cujo impulso básico seria o impulso para a totalidade, em variadas direções (arte, criatividade, sexualidade). Neste sentido, os sonhos, representando a essência, a realidade viva, as forças interiores do homem, estariam, pois, a serviço de seu desenvolvimento mais elevado:

O desenvolvimento humano assemelha-se a uma árvore que para crescer deve possuir raízes muito firmes na terra. E o problema do nosso tempo é estarmos como árvores sem raízes. Nossas raízes não atingem a profundidade suficiente para extrair o alimento com o qual crescemos em direção ao domínio do espírito. [...] os sonhos são raízes que atingem as profundezas da alma e ajudam o fluxo de energia para o crescimento e desenvolvimento que nos são possíveis (SANFORD, 1988, p.118-19).

Este crescimento espiritual que a psique reivindica tem, porventura, um preço oneroso: os sonhos não disfarçam, não dispõem de fachada e, por isso, muitas vezes, expõem o

sonhador aos símbolos mais perturbadores, aos quais moralmente se opõe em sua vida consciente. Os sonhos tocam os complexos, cujo núcleo é carregado de uma energia universal renovadora, a qual busca uma nova ordem para a psique do indivíduo. Tal renovação, entretanto, somente se efetivará caso haja uma disposição do ego no sentido de conectar-se à fonte geradora de energia, ao inconsciente e dar ouvidos ao Self Orientador, o qual tende constantemente a desafiar as posições existenciais e confrontá-lo com perspectivas inesperadas, ameaçando derrubar de seu trono um falso senso de estabilidade, com vistas a rever atuais e antigas experiências afetivas reprimidas e expandir a ótica do sujeito. Uma revisão acerca de tais conceitos morais pode, assim, se tornar premente ao longo do processo, levando o indivíduo a refletir sobre o quão benéfica ou contraproducente para a totalidade de sua existência tem sido sua postura consciente calcada em tais preceitos.

Os sonhos, portanto, representam uma “faca de dois gumes”, a depender da postura do sonhador, podendo favorecer a ampliação de sua consciência ou bloquear tal possibilidade, engolindo-o e governando-o cegamente, caso os conteúdos oníricos não sejam integrados à sua consciência. Em contrapartida, no primeiro caso, os sonhos, então considerados instrumentos de cura promovem a renovação de energia vital ou, dizendo de outro modo, a retomada do fluxo natural de energia e, possivelmente, a cura, concretizada a partir da superação do conflito psíquico e derivada da conexão com o inconsciente mediada pelas imagens oníricas, carregadas de energia psíquica. Eis a razão pela qual o hábito de registrar e refletir sobre os próprios sonhos e os de outrem, debruçando-se sobre os mesmos, corresponde a uma maneira de receber energia do inconsciente e aguçar a sensibilidade frente às sinalizações do universo onírico no que concerne à busca de equilíbrio psíquico.

No que tange à ampliação da consciência, deixar-se guiar pela fonte interna ou Self significa reconhecer o caminho a ser seguido revelado em sonho (como se emergisse uma solução onírica ao conflito instaurado) e travar uma relação mais abrangente com o inconsciente, compreendendo as diretrizes advindas deste Centro Regulador e transformando-as em escolhas e ações. Nessa etapa, compete ao ego desperto ponderar sobre o sonho, se postar frente à realidade e trilhar o percurso designado pelo Self, possibilitando a integração de porções isoladas da psique e abrindo alas, inclusive, para a vivência da experiência religiosa:

Pelo caminho dos sonhos, trilhamos a senda do auto-conhecimento e da descoberta do universo interior, ao longo da qual segredos são revelados e a realidade fantasmática é resignificada até um nível religioso ou mesmo além dele. Os sonhos são a porta para o infinito. Nesse sentido, são o terreno onde a experiência religiosa pode se movimentar (MUNIZ, 2001, p.26-27).

6 MÉTODO

6.1 CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa exploratória, de caráter qualitativo, alicerçada em uma abordagem junguiana e centrada em estudo de caso na Clínica de Recuperação para Dependentes Químicos “Comunidade Continente” (Grande São Paulo), na qual se deu uma intervenção analítica por meio de um trabalho com sonhos no processo de tratamento do drogadito.

A eleição pela concretização de um estudo de caso se deve ao interesse de compreender em profundidade a singularidade com que um fenômeno multideterminado como a toxicomania se processa nos sonhos de cada indivíduo em especial, durante um determinado período do tratamento, embora, concomitantemente, se busque um conhecimento que, de algum modo, possa ser generalizável. Vale, ainda, atentar para as contribuições advindas de um estudo de caso:

[...] o estudo de caso tem um valor heurístico – ou seja, trata-se de um método de observação, de construção de raciocínio e de relato de informações que entrelaça teoria com observação de fatos, possibilitando a reflexão e a formulação de hipóteses, abrindo portas para novas descobertas, o que configura seu valor construtivo (BAPTISTA, 2007, p.238).

Trazendo, pois, à luz fatos concretos da experiência, o estudo de caso descreve informações sobre pessoas em uma dada circunstância, ilustra um raciocínio clínico, problematiza e fundamenta hipóteses, elencando postulações teóricas à prática.

A adoção do método de Análise de Conteúdo ou qualitativo para a interpretação dos sonhos mostra-se, por sua vez, indispensável à fruição da pesquisa, visto partir do princípio de que, para Jung (2006, p.360):

Os sonhos não são invenções intencionais e voluntárias, mas, pelo contrário, são fenômenos naturais que não diferem daquilo que representam. Não iludem, não mentem, não deformam, não encobrem, mas comunicam ingenuamente o que são e o que pensam. Só são irritantes e enganadores se não os compreendermos. Não utilizam artifícios para dissimular alguma coisa; dizem à sua maneira o que constitui seu conteúdo e da maneira mais nítida possível. Mas, quer sejam originais ou difíceis, a experiência demonstra que sempre se esforçam por exprimir algo que o eu não sabe e não compreende.

Portanto, tal qual a prática milenar de interpretação dos textos sagrados, bíblicos, os sonhos mostram-se impregnados por uma linguagem simbólica e metafórica, cujo conteúdo só pode ser apreendido mediante a interpretação. Segundo Baptista (2007, p.265-266), a “Análise de Conteúdo tem um objetivo primeiro que é interpretar os significados dos fenômenos apresentados ao pesquisador, os quais tanto a pessoa como a sociedade não compreendem”. Sendo assim, desde que permeada pelo rigor científico-metodológico, a análise qualitativa viabiliza ao pesquisador “ler nas entrelinhas”, buscando na subjetividade do indivíduo o significado ou sentido daquilo que por ele está sendo expresso.

O estudo observacional de caráter analítico foi, ainda, permeado por uma postura de “observador participante” incorporada pela pesquisadora, cuja inviabilidade de neutralidade torna sua atuação, bem como os efeitos desta observação elementos passíveis de análise qualitativa (BAPTISTA, 2007, p.41).

6.2 PARTICIPANTES

A amostra foi composta por 3 (três) indivíduos dependentes químicos do sexo masculino, de faixa etária entre 24 e 30 anos, que encontravam-se em tratamento oferecido pela Comunidade Continente³⁶.

6.3 INSTRUMENTOS

6.3.1 ENTREVISTA INICIAL SEMI-DIRIGIDA (ANEXO I)

Pautando-se na técnica descrita por Batista (2007, p.45), segundo a qual “se utiliza a conversa orientada para se obter as informações de interesse”, a entrevista semi-estruturada empreendida no encontro inicial baseou-se em um roteiro flexível, cujos tópicos foram incluídos ou excluídos durante o processo de coleta de dados a fim de melhor compreender o significado do discurso dos entrevistados, respeitando-se o fluxo das verbalizações dos sujeitos à medida que se inseriam questionamentos pertinentes aos propósitos da presente pesquisa.

³⁶ Vale salientar que, a fim de resguardar a identidade dos participantes e da instituição, foram utilizados nomes fictícios (Enos, Raed, Yago e Comunidade Continente), ao passo que os nomes de terceiros (familiares, amigos, etc.) citados pelos sujeitos da pesquisa foram abreviados, explicitando-se somente suas iniciais.

6.3.2 TRABALHO COM SONHOS

Em cada sessão semanal de 60 (sessenta) minutos, foi perguntado ao sujeito se ele teve algum sonho e solicitado ao mesmo que o relatasse, dizendo quais associações fazia com os elementos do sonho e se gostaria de mencionar fatos que lhe ocorreram durante a semana ou em sua história de vida que o remetessem para o sonho em questão.

6.3.3 GRAVAÇÃO DAS SESSÕES

As verbalizações dos encontros foram gravadas com a anuência dos participantes e, posteriormente, transcritas, para que as sessões fossem melhor apreendidas e para que houvesse maior fidedignidade na posterior análise de dados.

6.4 PROCEDIMENTO

6.4.1 LOCAL

O estudo foi realizado na Comunidade Continente³⁷ (Grande São Paulo), durante os meses de julho, agosto e setembro, entre 03/07/2009 e 18/09/2009 (para maiores detalhes acerca da instituição, vide capítulo 7).

6.4.2 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

O critério de inclusão de tais sujeitos foi feito mediante o reconhecimento dos indivíduos que costumam sonhar, conforme o relato e indicação do fundador e do diretor da instituição e a aquiescência dos voluntários participantes. O critério de exclusão, por sua vez, consistiu em não inserir sujeitos na pesquisa que afirmassem nunca se lembrar dos sonhos e liberar aqueles que porventura desistissem de participar da mesma. Vale ressaltar que este estudo somente seria interrompido caso os participantes desistissem do mesmo.

³⁷ O centro de recuperação funciona nos moldes do regime de internato, provendo um tratamento de, aproximadamente, seis meses, embora o tempo de permanência dependa do processo do interno (conforme o fundador da instituição, alguns indivíduos permanecem por um período maior, outros por um período menor).

6.4.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Tratou-se de um estudo longitudinal desenvolvido em 9 (nove) encontros semanais e individuais, cada qual com duração de 1 (uma) hora, em que foram empreendidos, junto a cada participante, uma entrevista semi-dirigida inicial no primeiro encontro e um trabalho com sonhos nos 8 (oito) encontros restantes com o intuito de coletar os relatos dos sonhos previamente compilados em um diário e suas associações³⁸.

Quanto ao procedimento de coleta das associações dos sonhos foi empregada uma metodologia adaptada e inspirada no método de entrevista a respeito dos sonhos de Gayle Delaney (1995) relatada em *O livro de ouro dos sonhos*. Neste trabalho, a autora dá ênfase à entrevista com o sonhador e sugere que o sonho seja analisado através de um diagrama composto por seis categorias: os cenários, as pessoas, os animais, os objetos, os sentimentos e as ações (tramas). A primeira etapa - do Método de Entrevista dos Sonhos – consiste em fazer com que o entrevistador e o sonhador ampliem os conteúdos e associações do material onírico apresentado. Em um segundo momento, o entrevistador deve reafirmar cada etapa do sonho para poder se certificar de que o material que está captando da entrevista corresponde à vivência do sonhador. O terceiro passo visa realizar os devidos paralelos e conexões entre o sonho e a vida desperta do sonhador. A quarta e última etapa é um resumo do que foi extraído da vivência.

Desse modo, atentando-se para o cenário, o desenrolar da história e para a solução final e pautando-se no roteiro de perguntas que a autora faz de cada parte dos sonhos (cenários, pessoas, animais, objetos, sentimentos e ações), foram realizadas perguntas ao sonhador para coletar suas associações, tais como:

- O que é um (objeto)? Finja que eu sou de Marte e nunca vi algo assim.
- Como é o (objeto) em seu sonho? Descreva-o.
- Então o (objeto) em seu sonho é (reafirmação da descrição), certo?
- O (objeto) em seu sonho, que você descreve como (recapitule a descrição), o faz lembrar-se de alguma coisa em sua vida?
- Como assim?

³⁸ Cabe destacar, contudo, que apenas Yago finalizou os 9 encontros propostos (de 03/07/2009 a 18/09/2009); Enos participou de 4 encontros e abandonou o processo (de 03/07/2009 a 14/08/2009); Raed concluiu 6 encontros (de 13/07 a 14/08).

- Qual a personalidade de (objeto, pessoa)?
- Existe algo em sua vida que é (reafirmação da descrição) como o (objeto)?
- Finja que eu venho de outro planeta. Existe algo errado em (por exemplo: ficar sem freios no carro ou pular de um carro em movimento, etc. caso seja essa a situação do sonho)?

Foram acrescentadas, ainda, outras perguntas:

- Como era essa (cenário do sonho: casa, por exemplo)?
- Como você se sentia lá?
- Você era feliz? Quanto tempo viveu lá?
- Como era seu amigo (Carlos, por exemplo)?
- O que vocês faziam?
- O que você sentiu durante o sonho?
- O que você sentiu ao acordar?
- O que esse sonho significou para você?
- Como acabou o sonho?

Cabe salientar, contudo, este não ter sido um esquema rigidamente utilizado: serviu apenas para nortear a conduta da pesquisadora. Na entrevista, do mesmo modo, as perguntas eram lançadas, respeitando o movimento e as falas espontâneas dos participantes.

6.4.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

O procedimento de análise foi feito conforme o método junguiano de interpretação de sonhos de Von Franz (1915) pautado em elementos oníricos estruturais, que consiste nos seguintes pontos:

- Personagens
- Exposição ou introdução (cenário/local e situação/problema)
- Peripécia (desenrolar da história)
- *Lysis* (desfecho)

Além destas, foram acrescentadas as seguintes categorias:

- Presença ou ausência de droga
- Atitude do sonhador

- Sentimentos emergentes durante o sonho
- Sentimentos ao acordar
- Símbolos
- Significado do sonho para o sonhador

Para as entrevistas e associações utilizou-se, ainda, o Método de Análise de Conteúdo de acordo com Baptista (2007).

6.5 PROCEDIMENTO ÉTICO

Este trabalho segue a deliberação da lei 06/2007 de 25/04/2007 definida pelo Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC-SP. Isso significa que a referente Universidade se encontra regulamentada de acordo com o Ministério da Saúde (1996) para que sejam realizadas pesquisas envolvendo seres humanos. Segue em anexo o termo de compromisso do pesquisador e os termos de consentimento livres e esclarecidos dos sujeitos e do diretor da instituição.

7 COMUNIDADE CONTINENTE: UMA BREVE EXPLANAÇÃO

A Comunidade Continente consiste em um centro de recuperação para dependentes químicos de cunho religioso, situado na Grande São Paulo. Funciona em regime de internato, inspirando-se em preceitos das comunidades terapêuticas e adotando um programa concebido a partir de uma adaptação do modelo dos 12 passos. Dispõe de uma parceria com um médico que atende aos internos em consultório particular, caso haja necessidade, visto o mesmo não permanecer na instituição, segundo relato de um dos diretores do recinto. Embora a Comunidade já tenha fornecido atendimento psicoterapêutico e oficinas, no momento atual, tais atividades foram interrompidas, visto passar por uma fase de reformulação e reestruturação de suas 2 unidades: uma reforma na estrutura física acaba de ser finalizada, além de seus dirigentes estarem tomando as providências cabíveis para que a partir de 2010 atinjam o estatuto de clínica. Oferecem, diariamente, laborterapia, grupos de discussão, cultos devocionais e estudos bíblicos. Os próprios internos se responsabilizam pela manutenção do empreendimento e são elevados ao cargo de obreiro, de acordo com o reconhecimento da mudança comportamental do indivíduo por parte da liderança.

8 RESULTADOS E ANÁLISE

8.1 CASO ENOS

8.1.1 ENTREVISTA

- **Identificação**

Nome: Enos

Idade: 28 anos

Data de nascimento: 23/07/81

Estado civil: solteiro

- **Encaminhamentos**

Enos mencionou ter decidido interromper o uso de drogas voluntariamente e comunicado a decisão a sua família (mãe, padrasto e irmão) que o apoiou e o acompanhou à “Comunidade Continente”. Conforme o relato do interno, seu irmão recebeu indicação da instituição por parte de um rapaz que congrega em sua igreja e que no recinto já havia sido internado, à semelhança de seu pai. Nunca dantes submetido a internações ou tratamentos anteriores, Enos foi acolhido pela comunidade no dia 04/08/2008, queixando-se de seu comportamento aditivo frente ao álcool e à cocaína. Apresentou uma recaída aos 6 meses de internação, mas perseverou no tratamento e, tendo completado os 9 meses de tratamento, permanece na “casa”, tal qual a designa, como obreiro³⁹.

- **História e situação familiar**

Enos nasceu em São Paulo e foi criado por sua mãe e seu padrasto (o qual denomina pai) desde bebê, junto aos dois irmãos. Descreve a mãe como “segura”, “tranquila”, religiosa e inflexível: “sempre quer ter razão de tudo”, e o padrasto como “xucro”, “cabeça dura” e impotente: “Por ele não saber fazer muita coisa, ele tenta ajudar, mas não consegue e acaba estragando”.

³⁹ O cargo de obreiro implica em se responsabilizar pelos demais internos, distribuindo entre os mesmos atividades a serem executadas, autorizando ou não determinadas demandas, delegando responsabilidades, ministrando devocionais, encarregando-se do manejo de documentações, dentre outros, sendo, pois, uma função permeada por deveres, bem como por direitos e privilégios, tal como a permissão para sair e usufruir, quinzenalmente, de finais de semana fora da instituição.

Residindo, no período que antecedeu à internação, no Capão Redondo, com a mãe, o padrasto e o irmão mais novo, Enos afirma inexistir histórico de abuso de drogas em sua família de origem e se auto-intitula “ovelha negra da família”, revelando sentir-se “excluído” desde a infância, o que acredita ter reforçado seu comportamento transgressor, de ser “do contra”. Profere ter recebido uma educação cristã, legado da religiosidade presente na família desde sua avó materna, adventista.

Pondera haver uma correlação entre o sentimento desencadeado pela posição ocupada na dinâmica familiar e o abuso de drogas e reitera que, a princípio, não bebia abertamente perante a família, ocultando o comportamento especialmente de sua mãe, por ser evangélica. Declara que a família, apesar de perceber e incomodar-se com o seu uso abusivo de álcool após os 18 anos, passou a encarar o problema com relativa naturalidade; e que, somente quando completou 23 anos e começou a apresentar um nível progressivo de agressividade, decorrente do uso de cocaína, deu-se uma abordagem mais profunda da questão, com discussões, ameaças de expulsão do lar, por parte da mãe, e neutralidade do padrasto e do irmão mais velho, ao lado de promessas vãs de mudança, por parte do filho. Revelou ter a família conhecimento apenas sobre o alcoolismo, desconhecendo o consumo das demais drogas, o que veio a ser desvendado aos parentes somente 1 mês antes da internação.

O obreiro relata ter mantido um relacionamento amoroso por 3 anos com a mãe de sua filha (atualmente, com 5 anos de idade) com quem morou e de quem posteriormente se separou, devido ao consumo de drogas - “Eu sei que foi completamente minha culpa; não tem perdão”-, cada qual retornando à casa de seus pais. Menciona, na época, não ter se abalado com o término do relacionamento ou se preocupado com os sentimentos da parceira, embora reconheça, hoje, a responsabilidade de ambos no fracasso da relação, em função do egoísmo peculiar ao adito e da infidelidade conjugal mútua.

Enos declara visitar sua filha com frequência, com o consentimento da ex- companheira, com quem, nos últimos tempos, goza de um relacionamento pacífico, uma vez que ela reconheceu o seu esforço na busca de uma recuperação.

Destaca, portanto, as mudanças decorrentes do processo de recuperação gestadas no seio de sua família de origem, com a qual trava contato nos fins de semana em que sai da instituição e nas ocasiões de visitas familiares: “Está sempre legal, agora, eu converso com a minha família... antes, eu não nunca ficava em casa; enquanto eu estava em casa, eu nunca puxava assunto com eles, eu nem conversava muito... eu ficava na televisão, todo folgado; quando eu saía já... eu arrumava pretexto pra brigar, às vezes, quando não estava em uso... que já era um motivo, tipo: “Ah, vou sair, então vou beber, mesmo”.

- **História escolar**

Enos relata, especialmente, problemas com faltas no período escolar: “Eu mais ficava do lado de fora bagunçando do que entrava... usava droga. Eu sempre era retido na escola, a maioria das vezes por faltas, mesmo”. Além disso, ressalta que as advertências e suspensões angariadas se deviam a episódios de brigas que, no entanto, eram amortizadas pelo irmão mais velho que, freqüentemente, as assinava no lugar da mãe.

No ambiente escolar, descreve seu comportamento como “bagunceiro” e tendencioso a se unir àqueles com os quais se identificava.

Declara ter repetido a oitava série por 3 anos consecutivos e, desde então, interrompido seus estudos, o que atribui à própria rebeldia e dificuldade quanto a lidar com autoridades, postura esta que proclama ter sido modificada com sua estadia na “Comunidade Continente”.

- **Atividades profissionais**

Enos relatou trabalhar como office-boy desde a época em que ainda estudava e embora nunca tenha dado vazão a manifestações de agressividade no ambiente do trabalho, como começou a apresentar atrasos recorrentes em virtude de saídas noturnas, foi demitido.

- **Socialização na Comunidade Continente**

Enos descreve o relacionamento com as pessoas com as quais convive na “Comunidade Continente” como “muito bom”. Menciona o quão corriqueira é a ocorrência de “estouros” por parte dos “aditos” da instituição, tal como a situação que foi obrigado a intermediar recentemente, quando um rapaz interno, tendo consumido produtos químicos, pegou o facão de cortar lenha e começou a ameaçar agredir os demais. Segundo Enos, costuma manejar tais intercorrências mediante aconselhamentos, visto já ter passado por situações similares, o que crê viabilizar uma escuta apropriada: “Você já passou por isso; então, você escuta melhor do que escuta um pastor”.

Admite, ainda, se apropriar de condutas de confrontação com os internos, julgando necessário, às vezes, falar de maneira rude e autoritária, para obter resultado.

Menciona ser a convivência em grupo repleta de boatos, os quais tenta debelar por meio do controle e do diálogo, visando mantê-lo coeso. Enos enfatiza a necessidade de se controlar, evidenciando a concepção de ajuda mútua presente na instituição: “E ajudando as pessoas aqui, você está se ajudando também. Na verdade, isso me ajuda bastante nessa parte aí de se

controlar. Você vê como se fosse um espelho: aqui todo mundo é igual, né? Aí, eu vendo aquilo que a pessoa está fazendo, eu evito fazer o mesmo, que eu já sei até o caminho”.

Quanto ao tempo em que deixará a instituição, Enos não possui previsão ou planos futuros definidos: “Quando Deus quiser!”

- **História sexual**

Quanto à sexualidade, Enos afirma manter-se à parte de algumas concepções apregoadas pela “Comunidade Continente”, se reservando quanto a entrar em detalhes acerca da temática: “Sexualidade, pra mim, continua tranquilo, nesta parte. Até por... tem uns conselhos aqui de pastor, né? Que hoje em dia a gente tem que procurar alguém do meio, que seria evangélico, mas eu ainda não vejo deste modo não”.

- **História forense**

Segundo Enos, jamais apresentou quaisquer problemas com a lei ou questões jurídicas relacionados ao uso de drogas. Nunca traficou ou cometeu roubos. Conta ter sofrido em acidente de moto em que estava alcoolizado, no qual, inclusive, culpou os demais envolvidos, não sendo, contudo, penalizado.

- **História do uso de drogas**

Enos relatou ter começado a beber, aproximadamente, aos 14 anos de idade, explicitando, desde o início, sua voracidade: “Eu conheci a droga nesse tempo e sempre, ao invés de ser uma coisa controlável, pra mim sempre tinha que ser demais... nunca poderia ser pouco. Se tinha que beber cerveja, tinha que ser de uma caixa pra cima, senão eu não me sentia legal. Sempre foi assim”.

A familiaridade com a bebida, todavia, parece ter emergido ainda na infância, advinda do núcleo familiar e do contato com as primeiras figuras identificatórias: “A bebida foi a porta de entrada mais fácil, porque no tempo meu pai já bebia [socialmente], né? Tinha uns amigos, também... o namorado da minha prima mais velha também, que também bebia. Então, em casa, sempre tinha umas festinhas que rolava bebida. Eu já... desde pequeno, eu nem sabia o que que era... mas, toda vez quando eu pegava um copo, eu escondia e bebia”.

Na adolescência, menciona o círculo de amigos como o propulsor para o uso da bebida.

Sobre a maconha, cujo uso seguiu-se à bebida, comenta: “A maconha, depois, com a amizade que eu fiz, tava sendo quase todo dia, mas eu sentia que aquilo ali não era pra mim. É

que, tipo, pra mim, era aquela satisfação, mas não tinha vontade depois. Eu ia porque eu via os outros fazendo... nesta parte. Agora da cerveja, não, eu já tinha vontade de beber mesmo”.

Posteriormente, apresentou problemas com a cocaína ainda no período escolar, sobre a qual afirmou ter se adaptado logo no primeiro uso, por combinar-se com a bebida que tanto lhe apraz: “Eu bebia pra cortar o efeito da cocaína e a cocaína pra cortar o efeito do álcool”.

Enos relata que consumia quase sempre na presença de amigos: “Eu tenho uma lista... se for colocar é muita gente. A gente que tem adiccia, essa doença já dá um leve comportamento que chama a pessoa a fazer amizade contigo. Você consegue se descontraír... a pessoa consegue fazer amizade fácil”. Quando questionado sobre como lidava com amigos, desintoxicado, respondeu: “Na verdade, sem a droga, eu sempre fui muito reservado. Eu fazia amizade, mas era mais reservado. No consumo, já me descontraía mais, era mais solto”.

Sendo assim, a discrição, segurança e extroversão conferida pela cocaína parece ter reforçado seu consumo: “Era também uma droga que eu acho que pra mim, na minha mente, passava, assim, que ela escondia bastante sintomas, entendeu? Ela deixa você como se fosse energético, elétrico, deixa solto, mas não demonstra muito que você usou alguma coisa, não deixa cheiro”. Enos faz menção à facilidade de uso dessa droga, podendo ocorrer em qualquer banheiro; mencionou ter feito “4 anos de consumo alto mesmo de cocaína”, apesar de não ser sempre diário, chegando a ficar, às vezes, uma semana inteira abstinente.

Enos descreve o álcool e a cocaína como sendo suas drogas de preferência, ressaltando dentre elas, a bebida: “De preferência, mesmo, que nem, a mais fácil de ser lembrada é a cerveja, né? Até pelo dia de sol”. Conforme seu relato, costumava beber em bares praticamente todos os dias, cultivando o hábito de se alcoolizar ou usar outras drogas tanto sozinho como acompanhado.

Até a ocasião da entrevista, Enos mantinha-se abstinente por um período de 4 meses desde sua última recaída, tendo cometido um único deslize desde sua internação, há 11 meses atrás.

Ao ser solicitado a responder como vivenciou a síndrome de abstinência, Enos começa a discorrer sobre sua dificuldade de tolerar frustrações, de expressar e demarcar seus limites e sua tendência a negligenciá-los a ponto de explodir, partindo para a atuação: “Sempre tive um problema assim... de não demonstrar realmente o que eu sentia, entendeu? Tipo, se aquilo da pessoa estava me incomodando, eu nunca chegava, assim, e já... às vezes, eu ia guardando aquilo ali, mas sempre foi tranqüilo até... o perigo era quando explodia, né? Que era tipo um barril de pólvora. Eu ia guardando, e a explosão eu acho que machucava muitas pessoas. Por simples coisas, às vezes, por tanto acumular, uma pequena coisa naquele dia, pra mim, já

estava insuportável”. No entanto, se diz, atualmente, controlado, comentando sobre as discrepâncias entre sua postura passada e atual: “Se fosse necessário, eu até ia pra agressão num tempo eu iria. Agora, já sei me controlar nessa parte, graças a Deus”.

Enos declara que sua motivação para buscar ajuda foi a conscientização do aumento da agressividade e falta de respeito até mesmo para com o amigos: “Eu tava descontrolado!”.

Considera que, tendo tomado sua decisão quanto a aderir ao tratamento e comunicado sua família, percebeu certa resistência por parte da mãe (que atribuiu ao afeto materno por ele nutrido, apesar de, contraditoriamente, sempre ter se sentido preterido), embora ela o tenha apoiado: “Só minha mãe que não gostou muito da idéia, porque ela sempre foi apegada a mim, só que eu nunca notei... pra mim era os outros, nunca era eu, entendeu? Mas, depois, eu fui aprendendo que, na verdade, ela gosta de todos igual, dos três”.

Enos relata que teve uma recaída, quase seis meses após a internação, quando, em função do bom comportamento, teve permissão pra sair com mais um interno, para resolver questões burocráticas: “A gente fomos conversar num dia de sol... daí, do nada, não sei o que aconteceu a gente comentou sobre cerveja e já foi tomar. Daí isso já foi um ato... uma porta pra outras coisas”. Sua mãe, diante desse episódio de recaída, interveio, novamente, no sentido de “autorizar” seu retorno para o lar, caso assim desejasse, o que acabou por refutar.

Apesar da recaída, Enos permaneceu na “Comunidade Continente”, sem que precisasse retornar ao início do tratamento, tendo tirado lições da experiência, conforme afirma: “Continuei até mais focado. Senti também que foi um deslize meu, foi um susto muito grande também, eu aprendi bastante até com essa recaída. Não foi nada bom, mas serviu como um incentivo a mais pra passar muito mais pra longe disso, né? E me fortalece... cada vez que eu vejo alguém, fico mais fortalecido pra não recair de novo”.

- **Sobre os sonhos**

Quanto à freqüência com que sonha, Enos menciona não ter apresentado sonhos no 1º mês e, nos próximos 5 meses ter sonhado com o consumo de drogas, o que lhe suscitou o sentimento de culpa, prazer e falta durante o sonho e susto ao despertar: “Olha, no comezinho, pra mim, eu não tive sonhos, né? Mas, depois de um tempo... um mês, eu acho que aí já era um caso até daquilo que a gente chama de abstinência da droga... o corpo sentindo falta... comecei a sonhar em uso e parecia tão real que eu acordava meio assustado, pensando que estava usando mesmo, entendeu? Tipo... eu sonhava do jeito que eu era lá fora; só que eu tava tão pesado no sonho, que parecia que estava acontecendo mesmo, de verdade. Era meio perturbador, mas com prazer, entendeu? Perturbador porque em um momento, eu ainda sentia

que.... eu não quero usar aquilo, mas dava prazer como se fosse da droga, como se meu consciente estivesse avisando: “Ó, você não está mais usando isso aí”. Sentia um sentimento de culpa e, ao mesmo tempo, de prazer durante o sonho. É que eu sentia como se tivesse alguma coisa faltando. Uma coisa me culpando, né? Não era pra mim estar aqui, no sonho. E, ao mesmo tempo, dava os sintomas de prazer como se estivesse consumindo mesmo.

Tendo decorrido os primeiros 6 meses de abstinência, Enos relata ter havido uma modificação no conteúdo dos sonhos, que passaram a não estar correlacionados ao uso de drogas: “Olha, neste período até a recaída eu sonhava bastante, agora... O pastor até perguntou pra mim antes: “Você tinha problemas com sonhos, não tinha?”, eu falei: “Tinha”. “Há quanto tempo?”. E falei: “Já faz quase três meses, pastor, porque sonhar eu sonho, mas não é um sonho perturbador, é sonho normal, não tem nada relacionado com o consumo”.

- **Impressões sobre a entrevista**

Enos demonstrou dificuldade em lidar com o silêncio, visto ao se deparar com ele, solicitar que eu lhe fizesse mais perguntas, bem como desconforto quanto a falar livremente de si sem responder a uma demanda alheia. Além disso, mostrou-se defensivo e preocupado com o julgamento do outro acerca da própria inibição e introversão, se justificando: “Eu ainda estou me abrindo. Estou ainda meio guardado, na verdade, mas eu vou me acostumar mais com a idéia, eu vou me soltando mais... sou mais além do que isso... é difícil se abrir também sobre isso daí, mas conforme o tempo, eu vou me adaptando melhor, vou me soltar mais... pode ficar tranqüila... eu estou meio tímido... por enquanto é só.... só se você continuar perguntando”.

8.1.2 ANÁLISE DE SONHOS

(2 sonhos)

SONHO 1: “Foi um sonho sobre droga, mas não foi eu consumindo. Foi outra pessoa. Eu tava em casa e chegou essa pessoa embriagada, drogada e tal, perturbando já, tipo, fazendo bagunça, batendo na porta e eu não reconheci quem era. Tava eu, que eu lembro, minha mãe e meu padrasto, meu irmão mais novo. A gente estava na sala, parece que tava assistindo, não me lembro direito esse detalhe. Só sei que a gente estávamos na sala, até conversando, descontraindo, assistindo, aí chegou alguém batendo na porta, tipo, meio eufórico, aí veio esta pessoa tava bêbada, drogada. Meu padrasto, foi ele mesmo que avisou, falou assim: “Tem um

rapaz querendo falar com você aí”. Na hora que eu fui ver, esse rapaz estava bagunçando na frente de casa. E eu, no sonho, tipo, tava querendo ajudar a pessoa e tal, até comentei da clínica. Não lembro em detalhes direito. Só sei que eu tava até calmo, tentando controlar a pessoa, conversando com ela que tinha jeito em tudo na vida. Eu, calmo, fui lá tentando controlar ele, convencendo que tudo na vida ainda tem chance, né? Ele falou que não tinha mais chance, que era isso mesmo da vida dele; aí foi a hora que eu expliquei da clínica, da situação e, mesmo assim, ele estava descontrolado no meu sonho. Então, eu comecei a convencê-lo de que tudo na vida tem um jeito e tinha cura pra aquilo dele que era a dependência. Só que, no momento do sonho, dava pra ver como se fosse eu, entendeu? Na situação. Era o que eu fazia, mas só que vendo em outra pessoa, no meu sonho”⁴⁰.

Associações: vide anexo p. 177.

| CASO ENOS | | |
|--|---|--|
| SONHO 1 | | |
| 1. Personagens | Sujeito embriagado do sexo masculino; mãe; padrasto; irmão; sonhador | |
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Casa do sonhador |
| | Situação | Situação de descontração se transforma, com a chegada do rapaz embriagado, em situação de tensão e invasão |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | Sonhador como mediador, calmo, tentando controlar, convencer e ajudar personagem alcoolizado, que permanece descontrolado | |
| 4. Lysis (desfecho) | O sonhador convence o personagem alcoolizado | |
| 5. Presença ou ausência de droga | Presença | |
| 6. Símbolos | Figuras familiares, casa, rapaz alterado | |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | Personagem embriagado - descontrole e falta de perspectiva | |
| | Sonhador - esperança | |
| 8. Sentimentos ao acordar | Susto e medo de recair | |

⁴⁰ Vale ressaltar que Enos desmaiou dia 10/07, ou seja, no dia que antecedeu o sonho em questão.

| | |
|--|---|
| 9. Significado do sonho para o sonhador | Enos acredita que o comportamento do alcoolista do sonho retrata seu próprio comportamento no passado: “consegui me ver como eu era antes” e que a atitude do ego onírico representa sua atitude presente |
|--|---|

Interpretação:

O ambiente “casa”⁴¹ e as figuras familiares parecem fornecer, em certa medida, um local de continência, proteção e controle ao aspecto da personalidade do sonhador (sombra) que lhe impele ao consumo de drogas, o que fica explícito mediante suas associações acerca da mãe: “Sabe aquela mãe segura que: “Não faz isso que você vai se machucar!”?”, como se, no momento atual, ele estivesse contendo aspectos indesejados que, anteriormente, sobrepujavam o ego e expressando aspectos que, outrora, não haviam sido integrados, similares ou análogos à atitude consciente do irmão, sobre o qual relata: “Ele é tudo o que eu não fui, na verdade... eu tinha sido a ovelha negra, mesmo, da família”. Contudo, tal controle mostra-se falho no que concerne à função paterna: ao comentar sobre o padrasto que, no sonho, abre as portas para o sujeito embriagado (o qual descreve como de “cor morena, mais escuro que um branco, bagunceiro, muito eufórico, igual eu era no consumo”, representando, pois, um aspecto reprimido integrante de sua sombra com o qual não tem conseguido lidar e que, portanto, lhe invade), diz: “Defeito que ele tem é ser muito cabeça dura em algumas coisas. Às vezes, ele tenta ajudar, mas não consegue. Eu também sou um pouquinho cabeça dura. Não dou muito o braço a torcer, não”. Prontifica-se a dialogar com sua sombra, procurando controlá-la, em um primeiro momento em vão, já que o sujeito alcoolizado permanece descontrolado. No entanto, persiste em uma atitude de controle, cumprindo aquilo a que se dispôs, já que convence e contém o alcoolista ao término do sonho. Todavia, esta postura controladora tensa e perigosa lhe dá medo, o que fica nítido quando associa o sonho com a situação de um dos internos da instituição ter recaído e verbaliza: “Aí eu fiquei com um pouco de medo de ter sido eu”. Além disso, o sonhador enxerga o personagem alcoolizado como um “outro” (embora reconheça que tal figura o remeta para sua atitude no passado) e a si mesmo como alguém que aprendeu a ter controle sobre o consumo de drogas, havendo, contudo, um receio de que o desconhecido que nele habita lhe escape ao controle, eis a razão do medo relatado também ao acordar. Não se trata de “eu era”, mas sim “eu sei que eu posso ser”: isso lhe assalta, pois teme não conseguir conter-se. Há de se considerar, ainda, que seu desmaio no dia anterior ao

⁴¹ Segundo Chevalier (2009, p.197), “a casa é também um símbolo feminino, com o sentido de refúgio, de mãe, de proteção, de seio maternal”.

sonho representa um colapso. Logo, embora o sonho pareça promissor, pois o sonhador se comunica com o personagem da sombra, o indivíduo em questão parece batalhar no âmbito do dever sem ter incorporado a mudança e embora tenha um apoio social, cabe-nos perguntar o quão, de fato, ele interiorizou esse controle.

SONHO 2: “Eu sonhei que tava com uns amigos na praia, curtindo um verãozão, e do nada começou uma muvuca, um rapaz drogado, tava alcoolizado. A gente tava curtindo, normal, num dia de sol no sonho, jogando bola na areia e tal ou alguma coisa do gênero, se divertindo, azarando as meninas que passavam no local e aí, de repente, começou essa parte do tormento, esse cara vindo encher o saco, embriagado, alcoolizado, drogado, fazendo muvuca, deu uma confusão generalizada, uma briga doida lá, como se fosse uma briga na vida real mesmo, em praia; o motivo da confusão não sei, não teve clareza no sonho. Ele queria até agredi né, agredi verbalmente... xingava, queria agredir também fisicamente... o pessoal queria pegar ele, ele também queria agredir os outros... mas foi aí que eu entrei nessa parte que também ele até queria me agredir também e eu consegui intervir, tipo, conversando com ele, consegui controlar, né, conversando com ele, conter. Tentei conversar com ele, ele veio prá me agredir, eu consegui controlar ainda ele, conversando... conversando com ele e aí ele deu uma tranqüilizada. Nessa parte, eu nem frisei na escrita, mas eu... é como se, vamos supor, aquela confusão generalizada começou, consegui controlar e tal e o pessoal começou a curtir, entendeu? E eu já me aproximei mais pra conversar com o rapaz e tal, pra saber o que tava acontecendo. E é nessa parte aí que eu consigo mais acalmar ele, tipo, pra saber o que ele queria mesmo e tal, o que tava acontecendo. Aí, dessa parte mais controlada do sonho que o rapaz chegou, que a gente conseguiu conter ele, conversar e tal, veio mais outra parte de briga de novo, de perseguição, veio outra parte de um pessoal que tava perseguindo ele, não sei o porquê. Eram outras pessoas que estavam atrás dele, parece, pela confusão, e daí saíram pra pegar ele, parece que até pra agredi-lo no sonho, que seria eu que tava junto na hora, vinha como se fosse linchamento. Eles já vieram na nossa direção e, nessa parte, os amigos já não tavam nessa corrida, entendeu? Só estava eu e esse rapaz. Que o pessoal veio pra cima e a gente começou a correr, né? Aí, nessa parte aí que vem a parte mais tosca que eu achei que é eu correndo, só que nessa corrida, eu não saía do local e eu vi que as pessoas conseguiram pegar ele. E daí, nessa hora que o rapaz conseguiu pegar ele já tava chegando a se aproximar de mim, que eu já tava pensando em até voltar pra ajudá-lo foi na hora que eu acordei, como se fosse aquele impacto de você ser pego e acorda, entendeu?”

Associações: vide anexo p. 178.

| CASO ENOS | | |
|--|-----------------|--|
| SONHO 2 | | |
| 1. Personagens | | Amigos; rapaz alcoolizado agressivo; bando persecutório e ameaçador; sonhador |
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Praia |
| | Situação | Situação de lazer, brincadeira e paquera se transforma em situação de briga e perseguição |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | | A princípio, o sonhador assume a postura de mediador, procurando controlar; posteriormente, perde o controle da situação e, sem clareza do que está ocorrendo, parte para o ato: começa a correr sem sair do lugar |
| 4. <i>Lysis</i> (desfecho) | | Não possui <i>lysis</i> |
| 5. Presença ou ausência de droga | | Presença |
| 6. Símbolos | | Praia, ilha, mulheres, rapaz alterado, bando agressivo, linchamento |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | | Personagem alcoolizado - descontrole, sentimento de ameaça Sonhador - Prazer, ímpeto por ajudar, sentimento de ameaça e perseguição, impotência, angústia, abandono e solidão |
| 8. Sentimentos ao acordar | | Relata tranquilidade ao acordar |
| 9. Significado do sonho para o sonhador | | Enos verbalizou que o único significado extraído foi o de ter se sentido impotente no sonho, tal qual se sente em sua vida consciente quando tenta ajudar os outros internos sem sucesso |

Interpretação:

O sonhador avista da praia, ao longe, uma ilha⁴². Logo, a possibilidade de entrar em contato com o centro transcendente se coloca. No entanto, para que o sonhador chegue à ilha e para

⁴² Chevalier (2009, p.502) aponta a ilha como o símbolo do Centro espiritual primordial (Self), sagrado. A ilha representa, pois, um lugar de estabilidade, silêncio e paz em meio à agitação mundana, profana: “A ilha seria o refúgio, onde a consciência e a verdade se uniriam para escapar aos assédios do inconsciente: contra os embates das ondas o homem procura o socorro do rochedo”.

que as ondas do desconhecido não o afoguem, é imprescindível que navegue pelo mar do inconsciente, banhando-se em suas águas, contato este que parece estar sendo temido, sentido como ameaçador por Enos, a ponto de tentar evitá-lo. No sonho, o ego onírico encontra-se em uma praia a princípio pacífica e prazerosa até o momento em que sua sombra invade sua zona de conforto, o ambiente que lhe é familiar: esse rapaz embriagado agressivo, que parte para o ato e deseja “discutir, brigar, pegar todo mundo”, indiscriminadamente (“eu seria só mais um”). Assumindo a postura de mediador, o sonhador insiste em conter e controlar o rapaz, o que aparentemente faz. Contudo este primeiro controle mostra-se, em seguida, infrutífero, pois uma situação inédita de briga de amplitude ainda maior se avizinha com a aparição de um bando enfurecido persecutório que “vinha como se fosse linchamento” (este bando representa o que há de mais primitivo no sonhador, que em bando não é ninguém, é apenas mais um, como o próprio Enos associou anteriormente). Segundo Hall (1992, p.76), “quando o ego onírico não reage adequadamente a algum desafio no sonho (aferido pelo que seria mais apropriado na mesma situação na vida vígil), a cena muda logo para um desafio mais sério”: o autor exemplifica a questão com um sonho em que o ego onírico, ao confrontar-se com uma situação de guerra se refugia para evitar o conflito e, em seguida, se vê dentro da água diante de tubarões que evocam um embate mais sério e primitivo. No presente sonho, parece ter ocorrido algo semelhante. O sonhador parece, agora, estar sendo perseguido por ferozes conteúdos internos (talvez relacionados à droga, talvez atrelados a uma multidão de conteúdos morais coletivos) com os quais não está sabendo lidar, procurando controlá-los a todo custo. Contudo, nesse segundo momento de perseguição, o sonhador perde o controle (o ego já não suporta controlar, está colapsando) e, tal qual relata ter agido na situação em que participou de um linchamento em vida consciente (“Automaticamente todo mundo foi lá, correndo atrás, não quisemos nem saber o que que era. Puro impulso: emoção misturada com a ação”), parte para o ato, correndo sem a menor clareza do que estava acontecendo (“O motivo da confusão não sei, não teve clareza no sonho; um pessoal tava perseguindo ele, não sei o porquê”). Lança-se, contudo, a uma corrida vã, pois corre sem sair do lugar, “corre e não vai pra lugar nenhum” com medo de ser linchado por esses conteúdos internos, pela própria agressividade e de recorrer à droga como escape, por não suportá-los: “o consumo da droga é uma coisa que nunca sai do lugar. Depois de um consumo, uma impotência... você sabe que não queria fazer aquilo e acabou fazendo. Aí vem o sentimento de culpa”. O fato de o sonho não ter lysis, desfecho ou resolução indica tratar-se de uma situação que o indivíduo não consegue elaborar, de um conflito que não sabe resolver. Apesar de Enos não reconhecer o rapaz embriagado como um aspecto de sua personalidade a ser integrado e não reprimido, o sonho evidencia a

dualidade em que vive o sonhador, ou seja, embora tenha um lado que tenciona mediar e ser controlado, há outro lado forte e agressivo que o faz sentir-se perseguido. Cabe, pois, refletir sobre quais conteúdos insuportáveis o estariam afligindo (a moral, a culpa, o sexo, a agressão, a mãe controladora?), desencadeando tamanho grau de persecutoriedade e de que modo um trabalho analítico poderia ajudá-lo.

8.1.3 SÉRIE DE SONHOS

Ambos os sonhos da série colocam em evidência a dualidade vivenciada pelo sonhador, cujo pólo agressivo e descontrolado de sua personalidade (o qual dominava, anteriormente, o ego) duela com o pólo controlado e mediador que se fortaleceu nos últimos tempos com o tratamento e procura persuadir o primeiro.

No sonho inicial, embora Enos dialogue e interpele sua sombra a ponto de “convencê-la” de que há esperança de cura, parece exercer uma atitude de controle sobre a mesma, pautando-se no âmbito do dever, eis a razão do receio e medo de que o desconhecido lhe fuja ao controle e o domine, levando-o a uma nova recaída. Vale salientar que o ego vígil tem clareza sobre o personagem embriagado do sonho remeter a si próprio.

No segundo sonho, a ferocidade deste rapaz alcoolizado, ainda mais agressivo se comparado ao primeiro sonho, se salienta e, mais uma vez, o ego onírico tentará controlá-lo. A primeira tentativa de controle, contudo, a princípio aparentemente bem sucedida, mostra-se frustrada, pois uma multidão de conteúdos inconscientes com os quais não tem sabido lidar passa a persegui-lo.

Contudo, de modo diverso ao primeiro sonho, o sonhador não reconhece que sua sombra fala acerca de si e, apesar de os conteúdos e sentimentos de impotência (“Vão me pegar e, não vou poder fazer nada!”), ameaça, abandono, solidão e perseguição emergirem durante o segundo sonho, o ego vígil parece ignorar que estes lhe digam respeito, relatando tranquilidade ao acordar e mencionando: “não tenho tido a sensação de estar correndo e não chegar a lugar nenhum, não estar alcançando. Até tá vindo até mais do que eu quero, as coisas... Então, resumindo: está sendo muito satisfatório”.

Parece, pois, estar fazendo um esforço sobre-humano para se policiar, para andar “dentro dos conformes” e coibir o aspecto sombrio de sua personalidade, sentido como ameaçador e inadmissível, eis porque o ego parece estar colapsando (desmaio).

Ao que tudo indica, Enos parece não ter interiorizado o controle ou trilhado um caminho de integração. Contudo, um maior número de sonhos haveria de ser analisado a fim de confirmar tal conjectura.

8.1.4 ANÁLISE DO CASO ENOS

A entrada de Enos na Comunidade Continente parece estar intimamente ligada à sensação de ineficácia da droga que não mais lhe proporciona o poder e domínio sobre si mesmo e sua vida e à busca de controle próprio mobilizada pelo medo de perder o outro: “Eu estava já muito agressivo. Até as amizades que eu já tinha feito eu já estava já chegando a agredir. Eu tava descontrolado, já não estava, tipo, respeitando mais eles também. Eu quis realmente uma mudança antes que eu perdesse tudo mesmo, de verdade”.

Resgatando a infância de Enos, evidencia-se, segundo seu relato, a posição por ele ocupada na dinâmica familiar: “Creditaram o filho a ovelha negra da família... sempre fui eu”. Olievenstein (1985) pondera que a família, a fim de tolerar o insuportável que a sociedade não admite, necessita de sistemas de excreção e produção de detritos. Contudo, o autor afirma que, no seio de sistemas muito normativos e policiados, tal função de evacuação caberá ao chamado “idiota da família” que encarna o papel de “bode expiatório”, sem o qual o vazio vivenciado pelo grupo familiar seria “irrespirável”.

Enos parece se apropriar do lugar ao qual foi designado ao ingerir narcótico com a finalidade de exercer o seu papel, constituindo-se a si próprio como narcótico da família, cuja abstinência implicaria no desvelamento do adoecimento dos demais membros do grupo. Tal compreensão esclarece o motivo pelo qual o irmão assinava suas advertências e suspensões no período escolar, amortizando-as (agindo, portanto, como facilitador do abuso e da transgressão do irmão, de modo a manter a coesão familiar), a família fazia “vista grossa” para o consumo até os 23 anos de Enos e, de modo similar, sua mãe, embora o tenha apoiado, expressou certa resistência quanto à decisão de adesão ao tratamento pronunciada por Enos, bem como entrevistou na ocasião de sua recaída, sugerindo que retornasse para a casa, ao invés de permanecer na instituição, alternativa refutada pelo filho.

Ao descrever os pais, fica nítida a presença de uma figura materna “segura”, ajudadora, mas concomitantemente inflexível, “dona da verdade”, talvez, a predeterminar os passos do filho a ponto de este permanecer, em certa medida, alienado no desejo do outro, tencionando sempre ser aceito (o que, possivelmente, precipitaria sua dificuldade quanto a lidar com o

silêncio, aspecto a ser abordado a *posteriori*); o padrasto, por sua vez, emerge em seu relato, como uma figura apagada e impotente, que tenta, mas não concretiza, e é, portanto, falha quanto a instigar o masculino em Enos e colaborar com sua formação identitária e sua inserção na cultura, na lei.

Enos expõe, ainda, o sentimento de inadequação e solidão que dele se apoderava desde a infância: “Como ovelha negra, eu me sentia excluído”, o que associa com o fato de incorrer ao uso de drogas, denotando certa consciência de sua parte. Portanto, sentindo-se não merecedor do amor dos pais e culpado por não responder a contento, ao invés de lidar com a culpa mediante a reparação pendeu para a atuação: transgredindo, brigando, confrontando autoridades e usando drogas.

Enos, de fato, guarda culpas imperdoáveis aos seus olhos, que o perseguem e o consomem: “A pessoa que tem adiccia só pensa nele mesmo. Eu sei que foi completamente minha culpa; não tem perdão”. Talvez algumas inconfessáveis. Introvertido, calado, inibido, sentindo-se impotente e sozinho, sentindo-se ninguém, parece procurar nas drogas seu outro lado: “Sem a droga, eu sempre fui muito reservado. No consumo, eu era muito eufórico. A gente falava um monte de besteira, sempre conversando... alguma coisa sempre tava fazendo, nunca parado. A gente que tem adiccia, essa doença já dá um leve comportamento que chama a pessoa a fazer amizade contigo... a pessoa consegue fazer amizade fácil”. Enos parece, portanto, reproduzir com os amigos ao assumir uma identidade negativa, inversa, a busca desenfreada e frustrada por aceitação empreendida na infância.

Em tratamento, Enos procura resgatar-se a si mesmo; contudo, o faz na base do controle que se opõe ao descontrole com que chegou na instituição. Salienta, assim, a dualidade exposta em sonhos a partir da seguinte verbalização: “Tem o pitt-bull mau e o pitt-bull bom, vai vencer o que você mais alimenta. E nessa minha parte, graças a Deus estou alimentando mais a pessoa que eu não sabia que tinha dentro de mim, essa pessoa boa, entendeu? Compreensiva. Então, sempre to correndo atrás disso, também de paciência que eu não tinha muita também. Tô sendo mais compreensivo, mais delicado nessa parte, compreender mais as pessoas, ser mais sensível, não querer saber só de mim, mas das pessoas também. Antes era eu, eu, sabe?”. Desse modo, transparece que o caminho trilhado não condiz ao de integração do pitt-bull bom com o pitt-bull mau, mas sim ao de repressão do segundo, eis o porquê sua fúria se exalta em sonhos, na dimensão inconsciente.

Atuando como obreiro, afirma sempre buscar dialogar e aconselhar e, vez ou outra, assumir uma postura autoritária, possivelmente, reeditando o modo como as diversas figuras

de autoridade com ele lidaram, em certas ocasiões, na base da coerção: “A gente até tem, assim, um modo meio rude de falar, às vezes, com eles, mas é necessário...”.

Embora tenha relatado não apresentar sonhos com drogas “perturbadores” já há três meses, o início do trabalho com sonhos parece ter suscitado seu inconsciente a produzir tal material.

Seu incômodo frente ao silêncio é indiscutível, confirmando o quão doloroso é suportá-lo: “[Falar] espontaneamente, acho que é meio complicado, que eu sempre fui meio reservado nessa parte; então é meio difícil. Quando não tem um assunto, eu fico meio na defensiva. Eu espero perguntar pra mim responder. Pergunta alguma coisa que eu te respondo... é mais fácil assim, pra mim... Nada? Pergunta alguma coisa, por favor? Eita, Deus. Você vai me deixar assim? Tô ficando sem graça. Não gostaria de saber um assunto? Nem uma pergunta? Silêncio um pouco machuca. Eu não consigo falar assim, espontaneamente. Preciso de uma pergunta. Não tem nenhuma? Estou com vontade de pular pela janela! Não quer perguntar dos outros? Pergunta alguma coisa, por favor... não tenho muita coisa pra falar? Sem eu ter meus sonhos fica meio complicado de falar alguma coisa de mim sem me perguntar. Acho que eu tenho um problema com pressão, me sentir pressionado... pergunta alguma coisa, vai... não fica olhando assim, não. Nenhuma pergunta para obter uma resposta? É um pouco ruim ficar em silêncio. Incomoda. Acho que eu tenho um medo de ficar sozinho”. O sentimento de abandono, assim, emerge, parecendo remetê-lo à experiência infantil (talvez, inclusive, abandono pelo pai biológico, sobre o qual sequer discorre) em que sentia-se excluído, sozinho, evidenciando, ainda, uma dificuldade de olhar para si próprio, para a própria interioridade, tentando sempre responder a demanda do outro para ser amado e aceito. Ascendeu, pois, à posição de sujeito desejante? O silêncio lhe evocaria a iminência de dissolução? Falando sobre os internos em outro momento, tal conteúdo, novamente, emerge: “Os caras tem vez que eu acho que eles surtam por causa disso: sentir que tá abandonado”. Parece, assim, partilhar de tal sentimento, do qual tenta fugir através de atuações: “Se não tiver fazendo nada, tá arrancando pedaço de mim. Na hora que eu to ruim, eu tenho que fazer alguma coisa, senão fico louco”⁴³.

Desse modo, parece se encher de tarefas e atividades na Comunidade Continente para não se olhar, afirmando sentir “falta da agitação” quando sai da instituição. Ao mencionar sua

⁴³ Hall (1992, p.38) esclarece acerca de casos em que a sombra é transferida a atos pelo ego: “Alcoólatras que deixaram de beber, por exemplo, não raras vezes sonham com bebidas alcoólicas pouco depois de terem parado de beber em suas vidas cotidianas. O mesmo tipo de sonho pode ser observado em fumantes que abandonaram o cigarro. Tais sonhos, simples em sua estrutura, sugerem que o padrão de identidade do ego em que a sombra estava implantada ainda persiste, embora o ego já não se identifique com ele”.

recusa ao convite do pastor para comemorar seu próprio aniversário em grupo em uma pizzaria, diz fazê-lo para se proteger e tentar percorrer um caminho de interioridade, diverso daquele que percorria quando submerso nas drogas (saindo para comemorar todos os seus aniversários), decidindo, assim permanecer na Comunidade Continente, onde “nunca se sente só”. Não se dá conta de que mesmo fora pode trilhar um percurso de crescimento interno, benéfico e saudável para si e que ficando dentro da comunidade pode experimentar a estagnação ou vice-versa.

Salienta o impacto positivo do tratamento em sua relação com a família e nas demais áreas de sua vida e associa suas antigas explosões a barris de pólvora, dizendo estar, contudo, atualmente, “mais controlado”. No entanto, embora seus sonhos o mostrem perseguido, cobrado, sobrecarregado e coagido, não admite e não demarca seus próprios limites, mas desmaia, já que seu ego parece estar colapsando e sequer procura ajuda médica, pois alega: “Gosto de viver a vida perigosamente, de testar meu limite, ver até onde eu posso ir”. Abandona o trabalho com sonhos, visto seu inconsciente lhe parecer demasiadamente assustador⁴⁴ até chegar ao ponto de ter uma explosão na Comunidade Continente em que se exalta com os demais internos e autoridades e decide abrir mão de seu cargo de obreiro, e diz não estar agüentando mais, reconhecendo, de certo modo, a mensagem onírica e, finalmente, sua condição humana, mortal⁴⁵.

8.2 CASO RAED

8.2.1 ENTREVISTA

- **Identificação**

Nome: Raed

Idade: 25 anos

Data de nascimento: 19/08/84

Estado civil: solteiro

⁴⁴ Vale salientar que, tal como ocorre no presente caso, embora o objeto perseguidor emergente em sonhos possa parecer uma ameaça ao sonhador, geralmente não o é para o processo de individuação, uma vez que poderá representar simplesmente um aspecto inconsciente do indivíduo que está tentando entrar em contato com o ego, apesar de tornar-se ainda mais agressivo, severo e assustador caso o ego onírico resista ao contato (HALL, 1992).

⁴⁵ Enos significa “homem mortal”.

- **Encaminhamentos**

Raed chegou à Comunidade Continente no dia 18 de janeiro de 2009, tendo tomado conhecimento da clínica por intermédio de sua irmã, que o aconselhou a tratar-se. Na ocasião da entrevista, afirmou ter decidido voluntariamente recorrer à instituição, pois havia brigado com a família a ponto de morar na rua por sete meses ininterruptos. Permaneceu na clínica até abril de 2009, quando saiu de LT (liberdade terapêutica circunscrita a um limite máximo de 3 dias), extrapolando o prazo ao permanecer 23 dias fora do centro de recuperação. Tendo recaído nesse período e voltado a morar por uma semana na rua, resolveu retornar à instituição no dia 23 de maio de 2009, onde encontra-se em tratamento desde então.

Menciona ter passado por uma internação anterior em Santa Rita - onde permaneceu apenas por uma semana -, aproximadamente, 3 meses antes de ser acolhido pela primeira vez na Comunidade Continente.

- **História e situação familiar**

Raed nasceu no Rio de Janeiro, onde morou com os pais, três irmãs e um irmão até os 7 anos de idade; momento em que o pai separou-se da mãe e partiu para Minas, vindo sua mãe para São Paulo, com os filhos, rumo à casa de sua avó. Salienta que seu pai era pastor da Igreja Assembléia de Deus e que a maior parte dos membros de sua família é evangélica. Descreve a mãe como religiosa, rigorosa, trabalhadora e sofrida.

Declara, na infância, ter sentido muito a falta do pai, principalmente na escola, por ocasião das comemorações do Dia dos Pais, quando não tinha para quem dar um presente, embora sentisse o apoio da mãe.

Segundo seu relato, seu pai o visitava muito raramente, até que, em 2002, em virtude do comportamento delinqüencial que apresentava, levou-o juntamente consigo para Minas e matriculou-o em uma escola, mas sua mãe interviu, indo buscá-lo e trazendo-o de volta para São Paulo. A partir de então, não teve mais contato com o pai, que faleceu em 2007, vítima de leucemia.

No seio de sua família de origem, aponta como usuários de drogas, além de si mesmo, o irmão e um dos primos. Relata ser uma de suas irmãs traficante, pertencente à Associação do Tráfico, embora não consuma drogas. Ambos os irmãos encontram-se, atualmente, presos. Raed mostra-se, ainda, extremamente frustrado e ferido em sua masculinidade por não estar ajudando a família financeiramente: “Dois homens pra que em casa? Se um tá preso e um tá numa clínica?”.

Quando questionado sobre como a mãe lida com o fato de ele usar drogas, verbalizou: “Minha mãe sempre tentou me ajudar: “Não, filho, não é assim, ó, a mãe sempre cuidou de você sem precisar disso, seu pai largou vocês, mas a mãe sempre deu tudo o que podia pra vocês” e eu achava assim: “Ah, minha mãe deu tudo o que me deu, mas não é tudo o que eu quero, falta muito ainda”, aí eu pensei comigo: “Vou trabalhar, vou ser alguém!”, mas a gente trabalha, trabalha, trabalha e não consegue arrumar nada. Às vezes, a gente deixa subir à cabeça o dinheiro também”.

Quanto ao relacionamento com as outras irmãs, Raed qualifica como bom, visto procurarem ajudá-lo, trabalharem e darem “força para a mãe”.

Raed morou com a mãe até 2003 e, a partir daí, passou a morar com F., com quem teve um casal de filhos; relacionamento que se prolongou até 2006.

Descreve o relacionamento com a companheira, a princípio, como extremamente favorável ao seu crescimento, levando-o à responsabilidade do trabalho e ao abandono do uso de drogas ao menos por um período: “Foi quando eu dei um breque na droga: “Vou trabalhar, gosto da menina, vou mostrar pra mãe dela que eu sou alguém”. Todo mundo falava pra mãe dela: “Não, que ele é vagabundo, que ele é ladrão, que ele usa droga!”, aí eu falei: “Vou mostrar pra sua mãe que eu sou o cara, mano!”. Comecei a trabalhar”. Entretanto, Raed afirma que a infidelidade conjugal mútua desencadeou brigas e desavenças, culminando na reincidência ao uso de álcool e droga: “Meu maior problema com a droga é, acho que é a mãe dos meus filhos, porque eu não consigo esquecer ela”. Romperam em 2006, mas voltaram a se relacionar a partir de abril do corrente ano, quando saiu da casa de recuperação em uma LT e F. insistiu que permanecesse ao seu lado. Raed afirma ter abandonado o tratamento, julgando estar recuperado e ficado com a família durante 23 dias, mas que a influência de amigos, associada à notícia de uma nova gravidez da companheira, seguida de contendas quanto à paternidade da criança, o levaram a uma nova recaída. Saiu de casa, não quis retornar para a casa da mãe com quem não estava se relacionando bem e ficou morando uma semana na rua, até que a irmã o levou de volta para a Comunidade Continente, onde permanece desde o dia 23 de maio. Continua tumultuado o seu relacionamento com F., que cortou o diálogo e não quer liberar os filhos para vê-lo. Sente-se muito sozinho após a última separação.

Considera normal o seu relacionamento com os filhos, apesar de não vê-los com muita frequência. Por ter apanhado da mãe e concluir que ela não obteve resultados positivos, nunca repreendeu os filhos com castigo físico e se indispunha com F. quanto a isso, entendendo ser o diálogo a melhor opção de disciplina. Sente-se humilhado e frustrado por não estar cuidando deles, uma vez que, atualmente, eles estão morando “de favor”, juntamente com a mãe, na

casa de um irmão dela. Demonstra carinho pelos filhos, preocupa-se por estarem crescendo e teme que, por não estar perto, tal qual o pai não estava em sua infância, eles possam seguir os seus passos e se desestruturar: “Meus filhos tá crescendo, eu não quero que aconteça a mesma coisa que aconteceu comigo de não ter um pai perto”. Sofre, porque as duas famílias, a de origem e a atual, brigam entre si, com as irmãs querendo que ele tire a guarda dos filhos de F., o que ele não deseja fazer.

- **História escolar**

Raed interrompeu seus estudos na 8ª série. Além de ser, freqüentemente, mandado para fora da sala de sala por motivos de indisciplina, cabulava aula para roubar: comportamentos que culminaram em sua expulsão escolar.

- **Atividades profissionais**

Aos treze anos de idade, Raed já trabalhava como assistente de pedreiro. Ao iniciar seu relacionamento com F., em 2003, começou a trabalhar com Disk Gás; em 2004, passou a atuar como autônomo, juntamente com um sócio, no negócio/ramo de gás. Relata que sempre conseguiu harmonizar trabalho com roubo e consumo de drogas e que, mesmo morando na rua, continuava trabalhando no Disk Gás.

- **História sexual**

Seu enfoque, quanto a relacionamento sexual, incide sempre sobre a companheira F. Menciona aventuras extra-conjugais, mas não foca nenhum envolvimento com travestis ou qualquer outro tipo de problema de ordem sexual.

- **História forense**

Aos treze anos, começou a se envolver com roubos, cujo produto lhe propiciasse o dinheiro necessário para o consumo de drogas. Conta casos de brigas na rua com grupos, com tentativas de homicídio, ferimentos e fugas. A primeira apreensão, por furto, ocorreu em 2002: “Depois que eu tive a prisão na frente da minha mãe, não parei mais, aí eu pensei comigo: “Ah, agora todo mundo já sabe também... vou me esconder pra quê?”, não vou esconder. Aí eu comecei a descabelar”. Foi pra a FEBEM aos 16 anos, onde mencionou ter liderado rebelião e adotado com os colegas um comportamento agressivo, imerso em uma postura própria do contexto penitenciário, em que a lei do mais forte prevalece. Ao sair da

FEBEM, aos 17 anos, pego em flagrante traficando drogas, foi detido novamente por um período de oito meses. Logo após sua liberação, envolveu-se em uma tentativa de assalto, em que feriu uma pessoa, sendo pego em fuga pela rota, permanecendo preso durante mais dois meses. Tendo atingido a maioridade, foi preso novamente, ficando três meses num DP, dois meses num CDP, após o que, voltou para o DP, em função de uma tentativa de fuga. Foi condenado à 7 anos e 4 meses de prisão, mas saiu por *habeas corpus* e, atualmente, está respondendo por formação de quadrilha, corrupção de menor, assassinatos, tentativa de seqüestro, entre outras implicações. Acusado de ser o mandante da morte de um parceiro seu, que o havia denunciado, assumiu a autoria, após ter sido torturado por policiais. Relata já ter apanhado bastante da rota, a ponto, inclusive, de seus dedos serem quebrados com ferro.

Contudo, na Comunidade Continente, afirma nunca pensar em si próprio, sendo solidário e prestativo para com os demais: “Tanto é que, até aqui mesmo, o pessoal fala: Caramba, você faz a sua laborterapia, faz a dos outros, e ainda assim eu não retribuí pra você”.

- **História do uso de drogas**

Raed relata ter iniciado o consumo de drogas aos 13 anos, travando seu primeiro contato com a maconha, movido pela curiosidade, em companhia de um amigo. A partir de então, passou a fumar na rua, na quadra da escola, na entrada e na hora do intervalo.

Conforme destaca, o uso restrito da maconha não durou muito, pois ficava muito assustado com seus efeitos, os quais desencadeavam temor, medo constante de que alguém viesse buscá-lo, caçá-lo, uma vez que ouvia vozes e chamamentos frequentes, persecutórios. Ainda neste primeiro ano, passou a fumar “mesclado”, mistura de maconha e cocaína. A cada uso, era acometido de cefaléia, cada vez mais intensa, até que, dos 14 para os 15 anos, passou a cheirar somente cocaína. Nela permaneceu por um bom tempo, por considerá-la uma droga “mais discreta” que não exalava cheiro, além de despertar sua libido e melhorar sua “performance” sexual. Passou a cheirar excessivamente; quase morreu. Aos 16 anos, começou a fumar “pitolho”, maconha com pedra. A intensidade de uso se tornou gradativamente crescente, a ponto de ser fortemente exortado pelos próprios colegas de uso. Parou ao iniciar seu relacionamento com a F., com 18 anos. Recaiu aos 19 anos, reiniciando o consumo de “pitolho”. Relata que, ao acordar, fumava já um “pitolho” e, no caminho para o trabalho, fumava outro, ainda na rua; retomava o uso à tarde, após fechar o depósito de gás e prosseguia, intensivamente, no quintal de sua casa. Acrescenta que, em 2006, morando em Jaçanã, trabalhando e pagando seu aluguel, conseguiu abster-se por cerca de sete meses, exercendo domínio próprio. Foi o máximo que conseguiu. Certo dia, em 2008, queixando-se a

um amigo de falta de dinheiro para consumir a droga, foi por ele instigado a fumar crack, cujo uso se tornou rapidamente mais intenso, não mais conseguindo se conter, até os 24 anos.

- **Sobre os sonhos**

Raed verbaliza que dorme pensando na companheira e sempre sonha com ela, conversando, discutindo. Relata nunca ter sonhado com droga, mesmo no início do consumo.

8.2.2 ANÁLISE DE SONHOS

(8 sonhos)

SONHO 1: “Eu cheguei aqui, eu tive um sonho que... eu acordei, do nada, aí... eu tava andando no campo lá embaixo e vi a minha cachorrinha que eu gosto muito. E eu andando assim, eu entrei... quando eu olhei, eu entrei num terreno que era uma casa. Eu entrei dentro da casa e aí eu falava com a minha mãe: “Mãe, porque que o pai... nossa!” e falei: “Mãe”, aí quando eu olhei, eu falei: “Ué, da clínica já to em casa? Mas esta casa não é da minha mãe”; aí quando eu olhava assim, minha cachorrinha estava deitada no chão e uma cobra do lado dela tinha mordido ela. Aí eu falava: “A cobra mordeu ela, mãe! E agora?”. E a minha mãe cortava a cabeça dessa cobra. (Aí eu peguei e acordei)”.

Associações: vide anexo p. 179.

| CASO RAED | | |
|---|--|--|
| SONHO 1 | | |
| 1. Personagens | Mãe; cachorro; cobra; sonhador | |
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Do campo da clínica para terreno com casa antiga |
| | Situação | Situação familiar que se transforma em uma situação de estranhamento, desconhecida |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | Luta entre cobra (agressividade) e cachorro (afeto). Sonhador passivo, impotente e desesperado reivindica à mãe que lhe ajude ao visualizar sua cachorrinha (afeto) à beira da morte | |
| 4. Lysis (desfecho) | Mãe protetora e castradora corta a cabeça da cobra | |

| | |
|--|--|
| 5. Presença ou ausência de droga | Ausência |
| 6. Símbolos | Mãe, casa antiga, cachorro, cobra, morte |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | Sonhador – desespero por perder objeto de amor, impotência |
| 8. Sentimentos ao acordar | Susto |
| 9. Significado do sonho para o sonhador | Raed menciona que sua 1ª impressão sobre o sonho seria de sua mãe estar separando-o de sua mulher e filhos. Em seguida, reformula sua análise: o cachorro simbolizaria sua mulher, a cobra aludiria à família da mulher que a estaria envenenando contra ele a ponto de perdê-la e sua mãe estaria procurando alertá-lo de algo. |

Interpretação:

O sonhador visualiza um terreno, sobre o qual diz ser “um espaço de terra”⁴⁶. Em seguida, entra na casa “antiga”, “caindo” aos pedaços, que representa seu próprio ser interior, cuja persona parece desprezar a sabedoria proveniente de um centro transcendente (“na frente da casa eu me lembro que tinha um monte de papel jogado... papel, livro... jogado”)⁴⁷. Avista, então, sua mãe, à qual pergunta acerca do pai (tal questionamento aponta para uma figura distante, ausente, falha em sua função paterna, o que implica na falta do masculino em Raed, que se encontra sem força). Uma sensação de estranhamento acerca da casa o invade como se estivesse adentrando território desconhecido. Ao se deparar com sua cachorrinha (sobre a qual se refere, dizendo: “A minha cachorrinha, que eu ganhei do Ricardo, que eu gosto muito”, representando, pois, a função afetiva) deitada no chão ao lado de uma cobra⁴⁸ que a teria picado, reage com passividade, impotência (“E não tinha, não tinha o que fazer”), desespero e

⁴⁶ Chevalier (2009, p.878-879) salienta que “a terra opõe-se ao céu como o princípio passivo ao princípio ativo; o aspecto feminino ao aspecto masculino da manifestação. [...] a terra é completamente submissa ao princípio ativo do Céu. A terra simboliza a função maternal: Tellus Mater. Dá e rouba a vida. [...] Também na religião védica, a terra simboliza a mãe, fonte do ser e protetora contra qualquer força de destruição”.

⁴⁷ Conforme Chevalier (2009, p.555) a casa significa o ser interior. O exterior da casa seria representativo da máscara ou aparência do homem. O livro, por sua vez, símbolo de ciência e sabedoria: “o Livro da Vida do Apocalipse está no centro do Paraíso, onde se identificava com a Árvore da Vida: as folhas da árvore, como os caracteres do livro, representam a totalidade dos seres, mas também a totalidade dos decretos divinos”.

⁴⁸ A serpente, segundo Chevalier (2009, p.814) “é um vertebrado que encarna a psique inferior, o psiquismo obscuro, o que é raro, incompreensível, misterioso”. É um dos principais arquétipos da alma humana, símbolo duplo da alma e da libido, é aquilo que anima e mantém. Além da significação sexual, as serpentes exprimem o aspecto terrestre, isto é, a agressividade e a força.

resignação, clamando à mãe para que se posicionasse e tomasse uma atitude sobre o ocorrido (Raed parece simbiotizado à figura feminina, da qual depende e pede ajuda, tendo, provavelmente, desenvolvido um complexo materno⁴⁹ representado pelo vínculo com uma mãe mais que protetora, devoradora, serpente fêmea que enrosca-se, sufoca, engole e digere). Sendo assim, a mãe do sonhador decepa a cabeça da cobra (o ato de decapitar a cobra, a qual detém também uma significação sexual, pode ser aqui compreendido como a mãe castrando o filho, sua potência masculina, vitalidade e virilidade). O discurso de Raed o mostra sem autonomia (o pai não está e é a mãe que age) e o sonhador projeta sua agressividade na mãe. O embate da cobra (ameaça instintiva que alude, possivelmente, à própria agressividade de Raed que o impele, inclusive, ao uso de drogas) com a cachorrinha (afetividade) que mata, salienta a necessidade de Raed se haver e se entender melhor com sua própria agressividade, com a qual não tem sabido lidar e controlar, o que o leva a agir impulsivamente a ponto de comprometer e prejudicar sua função afetiva. Eis a importância de uma intervenção analítica para trabalhar os conteúdos que o estão ameaçando.

SONHO 2: Sonhei que eu tinha saído daqui e tinha ido pra minha casa. Cheguei lá na minha casa e a F. estava me esperando lá. Eu falava: “Nossa, ela voltou pra mim! Ué? Que coisa estranha, né, porque nós não estamos junto!”, e ela falou assim pra mim que só tinha vindo trazer as crianças pra mim ver. Ela dizia que me amava, mas que tava com outra pessoa. E, de repente, assim, tava eu e ela, ela dançando sensualmente pra mim, assim, mó barato, meu! Ela tava me seduzindo, ela me seduzia (De repente acordei e comecei a chorar sozinho).

Associações: vide anexo p. 180.

| CASO RAED | |
|-----------------------|----------------------------------|
| SONHO 2 | |
| 1. Personagens | F. (ex-mulher de Raed); sonhador |

⁴⁹ Von Franz (1915, p.102) esclarece que “um complexo materno forte se desenvolve quando a mãe foi mais marcante do que o pai. Talvez, na realidade, ela nem tenha uma personalidade tão extraordinária, mas o filho pode ter ficado mais impressionado com a mãe do que com o pai, ou talvez mais ligado a ela. O importante é compreender que todo homem tem um complexo materno positivo ou negativo, de modo que não há nada de patológico nisso. Trata-se apenas de uma característica, o modelo de um filho reagir aos pais, que precipita sua maneira de reagir ao sexo oposto”.

| | | |
|--|-----------------|--|
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Da clínica para a casa em que o sonhador morava com F. |
| | Situação | Situação de partida é seguida por uma situação de surpresa ao se deparar com objeto de desejo lhe esperando |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | | F. lhe comunica mensagens ambíguas e sonhador despreza o pólo negativo das mesmas, que não quer ver, entrando no jogo de sedução |
| 4. <i>Lysis</i> (desfecho) | | Sonhador se abandona e se entrega à sedução |
| 5. Presença ou ausência de droga | | Ausência |
| 6. Símbolos | | Casa; mulher fatal |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | | Surpresa por reencontrar seu objeto sedutor aguardando-o, falta de entendimento em relação às suas mensagens ambíguas, prazer ao deixar-se seduzir |
| 8. Sentimentos ao acordar | | Raed acorda atormentado e chorando ao perceber-se isolado e solitário na “Comunidade Continente” |
| 9. Significado do sonho para o sonhador | | Raed diz não compreender porque F. fala que o ama e que está com outro e hipotetiza ser uma situação que está, de fato, ocorrendo na realidade. Diz que o sonho lhe comunica estar faltando algo, que seria serviço fixo e casa fixa para poder suprir sua família |

Interpretação:

O sonhador, saindo da “Comunidade Continente” e chegando a sua casa, se depara com sua ex-mulher F., que o aguarda, o que o surpreende (Eu falava: “Nossa, ela voltou pra mim! Ué? Que coisa estranha, né, porque nós não estamos junto!”). Se compreendermos o sonho ao nível objetivo, fica nítida a dor afetiva de Raed, advinda de uma separação ainda não elaborada. No sonho, F. lhe transmite mensagens ambíguas e contraditórias: lhe diz que estava com outra pessoa, mas que o amava e que apenas havia levado as crianças para visitá-lo, embora começasse a dançar sensualmente a ponto de seduzi-lo. F. aparece, assim, como objeto sedutor, sobre o qual Raed associa: “F. é a minha droga. Ela é bonita! Bem bonita! Ela gosta de se vestir bem, ela é cheirosa, ela é carinhosa”. De fato, semelhantemente ao sonho, a droga se comunica com aquele que seduz de modo ambivalente: gera dor e prazer. Raed, engolido pela ausência de um modelo paterno e pela presença de uma mãe dominante e rígida,

parece sentir-se abandonado e perdido, submerso na falta a projetar tais sentimentos e outros aspectos de sua personalidade em F. (“ela tem o temperamento pavio curto. Ela é meio mole pra fazer algumas coisas... parece que ela se sente sozinha, ela se sente um pouco sozinha”). O caráter compensatório do sonho, assim, se explicita, visto que o ego onírico, em meio ao desejo inalcançável e à abstinência sexual e afetiva experienciados em vida consciente, se entrega ao erotismo, à sedução, como um puer, assumindo uma posição de menino encantado pela mulher fatal, pela sereia⁵⁰ que afoga os homens.

SONHO 3: “Sonhei que tava numa rua bacana, tava em serviço. Tava eu e mais uma pessoa, mas eu não me lembro quem era. Era eu e mais um menino. Aí, a gente desceu essa rua, que é uma ladeira. Nós descemos essa rua e perto da praçinha ele quis conhecer uma menina e tava me implorando: “Vamo lá, vamo lá!” e eu: “Perái!”, “Vamo parar aquela menina que eu quero conhecer ela!”, “Ah, vamo lá!”, e ele que queria conhecer, não eu. Ele: “Menina, quero conhecer você! Tem como?”, “Vem cá, que eu to indo pra escola!”. Ela tava indo pra uma escola. Aí, ele pegou, ele olhou pra ela, ela olhou pra ele, e ela querendo me conhecer, eu conheci ela. Ele cumprimentou ela e tal, deu beijinho. Aí, eu só conheci e fiquei com ele. Aí foi que, tipo, eu comecei a pensar: “Nossa, to em perigo! Agora pegou!”. Aí, de repente, do nada, me aparece a F. [ex-mulher de Raed] toda esquisita, comecei a dar risada, não agüentei! A F. apareceu e começou a discutir comigo: “É, que invés de você tá trabalhando, você tá aí arrumando mulher, seus filho lá em casa lá e eu ocupada na maior correria pra eles” e eu: “Caramba! O que essa menina quer, mano?”. Ela tava muito diferente. Ela tava gorda. Bem gorda! Acabou ela brigando comigo (e eu acordei dando risada)”.

Associações: vide anexo p. 181.

| CASO RAED | |
|-----------------------|---|
| SONHO 3 | |
| 1. Personagens | “Menino” [rapaz]; “menina” [moça]; F.; sonhador |

⁵⁰ As sereias “seduziam os navegadores pela beleza de seu rosto e pela melodia de seu canto para, em seguida, arrastá-los para o mar e devorá-los. [...] aparecem como emboscadas oriundas dos desejos e das paixões. [...] Elas simbolizam a autodestruição do desejo, ao qual uma imaginação perversa apresenta apenas um sonho insensato, ao invés de um objeto real e uma ação realizável. É preciso, como fez Ulisses, agarrar-se à dura realidade do mastro, que está no centro do navio, que é o eixo vital do espírito, para fugir das ilusões da paixão” (CHEVALIER, 2009, p. 814).

| | | |
|--|-----------------|---|
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Descida da ladeira na rua “bacana” do Jardim França |
| | Situação | Impasse entre o ego onírico e o “menino”, representante do aspecto da personalidade “alegrão, de balada” de Raed, quanto a mesclar ou não prazer e dever |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | | O sonhador, a princípio resiste, mas é convencido e cede. Trabalho/dever se mescla ao lazer/prazer (paquera). Se porta como menino adolescente; passivo (“tava só esperando ver o que acontecia”). Segue a aparição de F. gorda, cobrando-lhe; ele ri |
| 4. <i>Lysis</i> (desfecho) | | O sonho termina sem que o conflito se resolva (F. brigando com o sonhador) |
| 5. Presença ou ausência de droga | | Ausência |
| 6. Símbolos | | Rua, praça, menino, menina |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | | Sonhador – sentimento de ameaça, paranóia, espanto, riso, culpa |
| 8. Sentimentos ao acordar | | O sonhador acorda rindo |
| 9. Significado do sonho para o sonhador | | Raed não atribui qualquer sentido ao sonho |

Interpretação:

O sonhador parece imergir nas profundezas do inconsciente e executar um movimento descendente, possivelmente, regressivo e materializador, ao descer a ladeira junto a um jovem rapaz desconhecido “bem alegrão, de balada” que também representa um aspecto da personalidade de Raed com o qual, anteriormente, seu ego vígil se identificava, mas que embora esteja, relativamente, contido na atualidade, ainda deseja se lançar rumo a situações inovadoras sem medos ou reservas. Chevalier (2009, p.382) ressalta que embora a escadaria seja símbolo de ascensão e progressão para o saber, conhecimento e transfiguração, possui também um aspecto negativo: “a descida, a queda, o retorno ao terra-a-terra e mesmo ao mundo subterrâneo”. Embora, a princípio, o sonhador tenha hesitado em acompanhá-lo (“ele

que queria conhecer, não eu”), cede, permitindo que uma situação de lazer/prazer (paquera) se mescle à situação de trabalho, ao âmbito do dever (“tava em serviço”). Contudo, não consegue se relacionar com a “menina” (sua ânsima⁵¹, embora ela anseie se comunicar com ele), se portar como homem, pois parece aprisionado no complexo materno (“quando eu tava conhecendo essa menina, eu queria subir a rua, eu olhava pra rua assim e pensava: “Quero logo acabar o trampo e ir pra casa da minha mãe!”) e se põe como um menino adolescente, além de pensamentos persecutórios e paranóicos (similares àqueles que emergiam nos momentos em que usava “pitolho”- mistura de pedra de crack e cigarro: “Nossa, tô em perigo!”⁵²) o afligirem. Eis, então, que surge a temida ameaça: sua ex-mulher F., bem gorda, assumindo o complexo materno, brigando, controladora e rígida tal qual a mãe a instigar-lhe culpa (“É, que invés de você tá trabalhando, você tá aí arrumando mulher, seus filho lá em casa lá e eu ocupada na maior correria pra eles”). O sonhador ri: ele quer se livrar da perseguição interna operada por essa mãe dominadora internalizada, quer se livrar da culpa, mas não consegue estabelecer uma relação de troca e comunicação para com o outro. Raed acorda dando risada, pois se vinga ao sonhar com F. gorda. Associa, ainda, a cena de briga do sonho com situações corriqueiras vivenciadas, sobre as quais verbaliza: “Isso me mata”, tal qual a cobra (agressividade) matava a cachorrinha (afeto) no primeiro sonho da série.

SONHO 4: Sonhei que estava na casa do meu cunhado e tinha saído de LT de novo, tinha saído daqui de LT, que é liberdade terapêutica, né? E tinha ido ver meus filhos. Eu tava bem, tinha voltado a trabalhar, tava com dinheiro, eu tinha comprado umas roupas. Eu estava com umas sacolas de roupa e ficou muito tarde pra mim voltar pra cá; aí eu tinha ligado pra cá avisando que não ia dar pra mim voltar, aí eles confirmaram. Aí, eu ia dormir na minha mãe, só que, como tava muito tarde, como eu tava longe e eu fui ver os meus filhos... que os meus filhos é bem mais longe que a casa da minha mãe, não ia dar tempo... eu teria que dormir no meu cunhado, que a F. tá morando com o irmão agora. Aí chegou lá, ele pegou e falou: “Como minha irmã ainda não chegou”, que realmente ainda não tinha chegado ainda, ele falou: “Você dorme aí no colchão, né? Dorme no colchão aí. Minha irmã dorme na cama e

⁵¹ “A anima, a imagem interior que o homem tem da mulher, manifesta-se em cada homem de acordo com a sua psicologia individual. [...] A imagem que o homem possui do feminino vai do sensual e exótico ao divino. Uma vez que a anima é a personificação do inconsciente masculino, é a imagem dela que os homens normalmente projetam sobre as mulheres na vida. O feminino no homem não apenas o estimula, mas funciona também como alma que o guia em sua imagem interior” (QUALLS-CORBETT, 1990, p. 115-118).

⁵² Vale ressaltar, ainda, que no pólo oposto à desvitalização e impotência que Raed vive, encontra-se o poder conferido pela droga, à qual recorre e que o infla.

você dorme no colchão”, eu: “Tudo bem, né?”, dei um abraço nos meus filho, eu tava com o cabelo cortado, com o cabelo bem baixinho, né? Não tava esse negócio feio, tava bem baixinho; falei: “Eh, meu careca! Parece com o pai!”, eu tava brincando com ele. Abracei minha filha, aí eu coloquei ela pra dormir, fiz ela dormir, (que eu sempre tenho mania de ficar balançando eles, desde que eles nasceram eu balanço eles). Aí eu coloquei ela pra dormir. (Como que foi? Essa parte eu não me lembro). Aí como só tinha um colchão, a F. teve que dormir [no mesmo colchão] pra baixo e eu pra cima pras crianças dormir na cama, nós tivemos que dormir no chão. Ela tava deitada comigo, só que eu pra baixo e ela pra cima do colchão. Aí, de madrugada ela me acordou e ela queria fazer amor comigo, só que eu não quis e nós começamos a discutir. Começamos a discutir e, nesta hora, tocou um celular que eu tinha; aí, peguei, atendi, era uma colega minha, a S. Falei: “Nossa, que bom que você ligou. Eu sei que tá tarde. Não tem condição de eu dormir na sua casa?”, ela: “Tem, tem condição, né?”... Não, quer dizer, eu que liguei. Eu liguei, porque eu tava discutindo e não tava agüentando ficar lá porque é a casa dos outro, né? Brigar na casa dos outros. Liguei pra ela pedindo pra que dormisse lá, se eu podia dormir lá. E a minha colega disse que poderia: “Não, você dorme no quarto lá com o meu irmão, tudo bem!”. Aí, nós fomos discutindo até o portão e a F. falava: “É a sua cara mesmo ficar com essas vadias!”, eu falava: “Pára, F.! Você não tá entendendo! A gente não tem mais nada! Você quer tá comigo e quer estar com os outros? Isso aí não vira!”, (ela tá pensando que vira, não vira! É embaçado!) E eu peguei, saí discutindo com ela até o portão, peguei o ônibus e fui embora! (Aí eu acordei, assim, de noite, falei: “Caramba! Sonho mó bagunçado!”).

Associações: vide anexo p. 182.

| CASO RAED | | |
|---|---|--|
| SONHO 4 | | |
| 1. Personagens | Cunhado; filhos; F.; S.; sonhador | |
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Sai da “Comunidade Continente” para a casa do cunhado |
| | Situação | Frente a uma situação de estabilidade (financeira, abstinência de drogas), uma situação de sedução se coloca |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | O sonhador resiste à tentação/sedução, posicionando-se firmemente | |

| | |
|--|--|
| 4. Lysis (desfecho) | O sonhador pega o ônibus e parte, afastando-se daquilo que tenta seduzi-lo |
| 5. Presença ou ausência de droga | Ausência |
| 6. Símbolos | Dinheiro |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | Sonhador – sentimento de incômodo por discutir e brigar em casa alheia |
| 8. Sentimentos ao acordar | Sensação de familiaridade com os acontecimentos do sonho, por já ter vivenciado situações similares, como se o sonho estivesse retratando a realidade vivida |
| 9. Significado do sonho para o sonhador | Raed verbaliza que o significado do sonho seria alertá-lo de que muitas situações podem ser evitadas (“Tem muita coisa que dá pra evitar. Certos lugares que você tem que cortar de ir, pessoas que você tem que deixar de ouvir”) |

Interpretação:

O sonhador parte da “Comunidade Continente” em liberdade terapêutica, com o consentimento da instituição para visitar os filhos (pelos quais demonstra afetividade), dotado de uma aparente estabilidade (abstinência de drogas, emprego, dinheiro e novas vestimentas para seus filhos, com os quais se preocupa). Chega até a cogitar dormir na casa da mãe, mas não dá vazão à idéia, decidindo tomar outro rumo: a casa de seu cunhado que encobre as tramas da irmã (“Tem coisa dela que ele não fala pra mim”): recinto onde habita a afetividade, mas também a sedução. Se analisarmos, contudo, o cunhado a nível do sujeito, compreenderemos que este, que finge não ver o que F. (tida como âni^a sedutora a encarnar o complexo materno) faz, a coloca acima dele próprio, Raed (“Minha irmã dorme na cama e você dorme no colchão”), diminuído em seu sentimento de inferioridade. Com a chegada de F., o sonhador divide com ela o mesmo colchão, mas diante de seu apelo quanto a “fazer amor”, o ego onírico resiste, não sucumbe à sedução (“ela queria fazer amor comigo, só que eu não quis”), recorrendo à S. (sobre a qual associa: “Ela é uma amigona minha mesmo! Ela é 10! Ela é como se fosse uma irmã, uma mãe! Ela é uma amiga, mesmo. Pra qualquer hora! Ela é boa de coração, ajuda, ela sabe puxar a orelha na hora certa também, passar pano... se

tiver errado, ela faz eu corrigir...”) que se prontifica a acolhê-lo em sua casa. A figura da mulher S. tem um pouco de mãe, mas não é obsessiva, lhe dá força: representa, pois, uma ânima ajudadora que não seduz... é a voz da consciência. O sonhador, então, se posiciona firmemente (“Pára, F.! Você não tá entendendo! A gente não tem mais nada! Você quer tá comigo e quer estar com os outros? Isso aí não vira!”), pega o ônibus e parte. Sendo assim, embora o ego onírico tenha se exposto e se colocado em uma situação arriscada ao compartilhar o mesmo colchão com o objeto sedutor, resiste à tentação, o que indica que o sonhador está se afirmando, não entrou na sedução. Cabe enfatizar que a dependência consiste em deixar-se abandonar pelo fascínio do objeto sedutor, pelo qual, no sonho, o ego onírico não se deixa dominar. Observa-se, também, que o complexo materno está adquirindo novos contornos, uma nova envergadura.

SONHO 5: Sonhei que eu tava com o meu filho J. e com a minha filha D.. Fui visitar eles na casa do meu cunhado. E, chegando lá, fui entregar o dinheiro pra eles, pros meus filhos, né? Entregar um dinheiro pros meus filhos, eu cheguei lá ver as crianças, chamei: “Ô, J., vem cá com o pai, filho!”, aí ele veio do jeito dele: “Ô, papai”; veio minha menina dançando as Índias. Eu abracei eles, aí a F. me chegou com a conversa que tinha que pagar não sei o que, perua da escola, que tinha que pagar a perua que estava atrasada. A F. tava querendo mais do que eu tinha pra dar pra eles. Aí a F. falou que tava devendo dinheiro pra minha ex-sogra e precisava de dinheiro: “É, foi bom você aparecer que eu já tava precisando desse dinheiro, só que não é o dinheiro combinado, eu preciso de mais, porque a minha mãe me emprestou um dinheiro esse mês que passou e você não deu”. Aí, eu falei: “Não, F., que agora eu não tenho aqui, comigo eu não tenho”. Ela falou que era pra mim dar um jeito e se virar: “Se vira, que ela vai querer o dinheiro, minha mãe tá aí”. Aí a mãe dela falou: “Preciso do dinheiro aí que eu to meio apertada”. Falei: “Caramba! E agora?” Aí eu tive que me virar, dar dinheiro pra ela e dar dinheiro pra minha sogra. Falei “Vou dar uma volta e já volto!”, fui tirar o dinheiro no banco, aí voltei e comecei a discutir com ela: “Poxa, F., você faz dívida sem me avisar! Chega em mim, primeiro”, “Não, mas você é o pai das crianças, você tem que pagar”, aí eu falei: “Pô, por que você fica me extorquindo? Você tá me extorquindo! Você tá me extorquindo! Toda vez que eu venho aqui, toda vez é assim! Há seis anos é assim, você tirando dinheiro de mim, usando as crianças!”, aí ela falou.... ah.... “Pai é aquele que cria, não aquele que faz”, eu falei: “Mas, eu to correndo com os meus filhos, eu to criando eles. Se você tá vivendo com o meu dinheiro, eu to criando eles”. Aí, eu tive que dar o dinheiro pra minha sogra... por isso

que eu tinha falado que ela tava me extorquindo. Tive que dar o dinheiro pra minha sogra. Tive que ir lá sacar o dinheiro e dar pra minha sogra. (Aí eu comecei a chorar. Acordei chorando pra caramba, meu!).

Associações: vide anexo p. 183.

| CASO RAED | | |
|--|---|--|
| SONHO 5 | | |
| 1. Personagens | Filhos; F.; sogra; sonhador | |
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Visita filhos na casa do ex-cunhado |
| | Situação | Situação de afetividade atravessada por situação de cobrança |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | Diante da exigência de F., o sonhador verbaliza não dispor da quantia, mas com a insistência, sucumbe, vai ao banco retirar dinheiro e retorna discutindo, dizendo sentir-se extorquido e usado | |
| 4. Lysis (desfecho) | O sonhador entrega o dinheiro (energia) para a ex-sogra e para F | |
| 5. Presença ou ausência de droga | Ausência | |
| 6. Símbolos | Dinheiro, dívida | |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | O sonhador se sentiu chateado, extorquido, explorado. Ficam, ainda, explícitos os sentimentos de fracasso, impotência, frustração | |
| 8. Sentimentos ao acordar | Raed menciona ter acordado chorando e odiar sonhar, pois os sonhos mostram o que ele não quer ver | |
| 9. Significado do sonho para o sonhador | _____ | |

Interpretação:

O sonhador chega à casa do ex-cunhado disposto a se responsabilizar e investir nos filhos, pois menciona ter o intuito de entregar-lhes dinheiro, símbolo de energia psíquica. Demonstra afetividade, abraçando-os, mas eis que sua ex-mulher o aborda, representando a mulher que está continuamente pedindo algo além de suas posses, algo que ele não tem a oferecer: “A F. me chegou com a conversa que tinha que pagar não sei o que, perua da escola, que tinha que pagar a perua que estava atrasada”. A perua corresponde a um transporte coletivo⁵³, imagem da vida coletiva que evoca o veículo de evolução psíquica, cuja tomada de consciência prepara para uma nova vida. Contudo, no sonho, o sonhador apresenta-se em débito com o pagamento da perua, indicando que o ego sente-se impossibilitado de encontrar seu caminho e que a evolução psíquica, material e espiritual de Raed estaria sendo retardada por complexos e fixações inconscientes (acompanhados por sentimentos de impotência, inferioridade e insegurança) que estariam bloqueando seu crescimento interior. A ex-mulher afirma, ainda, ter emprestado dinheiro da mãe, em virtude do sonhador não ter cumprido seu compromisso financeiro no mês anterior, impingindo-lhe culpa. Surge, então, a figura da sogra, mãe terrível, devoradora, a encarnar a polaridade destrutiva do arquétipo materno, exigindo-lhe dinheiro e sugando-lhe energia do inconsciente, que exerce fascínio e domínio sobre ele, a ponto de ameaçar paralisar o desenvolvimento do eu⁵⁴. Transparece, pois, a angústia de Raed por não ter dinheiro e sentir-se em dívida com seus filhos, sendo perseguido pela culpa, frustração e impotência (“Me sinto em dívida com muita gente. Muita gente esperava muita coisa de mim e eu não rendi o tanto que eles esperavam...”), diante das quais sucumbe, entregando dinheiro à sogra que o consome. Desvitalizado, tende a lançar-se em busca de energia no prazer da droga.

SONHO 6: Sonhei que eu estava no centro da cidade, que eu tinha recaído, voltei a fumar pedra e estava assaltando celular, fazendo saidinha. Eu via eu mesmo fumando pedra, mas estava tipo bem vestido, só que eu fumava e já saía pra roubar, certo? Pra fazer roubo. Aí eu fazia saidinha. E eu sempre fazia: ia, fazia um roubo, voltava, fumava, saía pra outro roubo, no sonho e eu conversava com um pessoal que eu não via, não me lembro o rosto, assim, e eu

⁵³ Sanford (1988, p.120) aponta que "se somos arrastados para demasiado longe pela opinião pública, acompanhando a massa, o fato pode se refletir num sonho em que nos vejamos andando de ônibus ou de trem", ou seja, em um transporte coletivo.

⁵⁴ Chevalier (2009, p 582) ressalta que “a mãe pessoal recobre o arquétipo da mãe, símbolo do inconsciente, isto é, do não-eu. Esse não-eu é visto com ressentimento, como sendo hostil, em função do medo que inspira a mãe e da dominação inconsciente que ela exerce”.

falava: “Não! Vou ali e já volto! Vou ali e já volto!”, e continuava fazendo as mesmas besteiras de roubar. Chegavam assim: “E aí? E tal”, eu falava: “Não, perai que eu vou ali!”. Chegava umas pessoas que eu não conhecia e falava, começava a puxar assunto e eu: “Não, vou ali e já volto! Perai, que é nós!”, “Perai! É nós! É nós!” Só me lembro desse: “É nós! É nós! Perai, que eu sou o cara e já volto”, e ia, pra cena, ia pro ataque, ia pra roubar, senão já falava: “Não, vou chegar ali, é eu que to, é rapidinho, mano!”.

Associações: vide anexo p. 184.

| CASO RAED | | |
|--|---|---|
| SONHO 6 | | |
| 1. Personagens | Sonhador; pessoas desconhecidas | |
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Praça ornada por chafariz e ponte no Centro da cidade |
| | Situação | Situação de recaída e roubo em meio à multidão |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | O ego onírico despreza o que os outros dizem e, inflado, parte para o roubo | |
| 4. Lysis (desfecho) | O sonhador se lança ao ato, roubando repetidamente | |
| 5. Presença ou ausência de droga | Presença | |
| 6. Símbolos | Centro da cidade, praça, chafariz, fonte, pedra de crack/droga, casamento, remédio, morte | |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | Sentimento de estranhamento quanto ao local: “Ué, mas, você não tava na Reviver? O que eu to fazendo aqui?”. Me senti meio perdido, né? Perdido. Às vezes, você tá num lugar bom e de repente, você tá num lugar horrível”; sentimento de perseguição enquanto fumando; sensação de poder no momento do roubo | |
| 8. Sentimentos ao acordar | _____ | |
| 9. Significado do sonho para o | Raed menciona que, muitas vezes, pensa em sair da instituição e “meter as caras” para “ficar rico”, mas que tem medo de recair e, | |

| | |
|-----------------|---|
| sonhador | portanto, o sonho serviria para alertá-lo de que se ele retornar para o mesmo local de onde saiu, recairá. Por fim, conclui: “Esse sonho ajuda eu ficar mais um pouco, um pouco. Vamos ver até quando, até quando. Que não é fácil, não!” |
|-----------------|---|

Interpretação:

O centro⁵⁵ da cidade, no qual o sonhador se encontra remete ao símbolo do Self⁵⁶. Raed descreve o cenário do sonho como composto por uma praça que aloja um chafariz⁵⁷, próximo a uma ponte⁵⁸. Sendo assim, a princípio, poderia se aventar a possibilidade de viabilização de um contato com o centro transcendente revestido por um caráter renovador, iniciático, de morte e renascimento espirituais a depender do posicionamento do sonhador. Todavia, o centro da cidade (que se equipara ao centro da personalidade do sonhador) mostra-se contaminado: o ego onírico fuma pedra de crack, sobre a qual diz: “Pedra é um casamento! É como se fosse um remédio! Pedra é morte pra mim!”. O casamento, símbolo da conciliação do inconsciente (princípio feminino) com o espírito (princípio masculino) ao longo do processo de individuação, é associado à droga, desnudando o fato de a ligação do sonhador com o crack ter suplantado sua relação com o espírito, de modo que a tentativa inconsciente de iniciação tomasse rumos desvirtuados. O símbolo do Self se transforma na pedra, que o substitui. Sendo assim, se casa com a pedra como uma tentativa frustrada de conexão com o sagrado, com o Centro; se medica com a droga (remédio) para curar sua impotência (“Eu tenho problema, eu procuro sair do problema e eu lembro que um pouquinho [da droga] dali por uns 5 minutos, 5 segundos me deixa longe do problema”), mas, sobretudo, trata-se de um casamento de morte, pois vai consumi-lo (a morte designa o aspecto perecível e irreversível da existência, a iminência da ameaça de destruição, inclusive, espiritual caso a iniciação não o salve da aniquilação). O sonhador manifesta, ainda, sentimentos paranóicos ao fumar (“a sensação era, tipo, de tá alguém me olhando, de tá sendo observado por alguém, como se

⁵⁵Chevalier (2009, p.219-220) afirma que “o centro dos centros não pode ser senão Deus. [...] É o lugar de condensação e coexistência de forças opostas, o lugar da mais concentrada das energias. [...] um lugar de passagem, o cenáculo das iniciações, o caminho entre os níveis celeste, terrestre e infernal do mundo, o umbral de transposição e, conseqüentemente de ruptura. [...] O centro crítico é o lugar de decisão, a linha divisória”.

⁵⁶Von Franz (1992, p.223) pondera que “o Self é o centro regulador e unificador da psique total, consciente e inconsciente. Simbolicamente, ele é expresso em toda a história da humanidade como divindade interior, ou a imagem de Deus”.

⁵⁷Embora, usualmente, a fonte simbolize fecundidade e, arquetipicamente “imagem da alma, origem da vida interior e da energia espiritual”, Chevalier (2009) relata acerca dos “Tabletes Órficos”, espécie de poema esotérico que distingue duas fontes: a fonte de “Letes”, da qual não se deve beber, pois leva ao sono da morte e a fonte do pântano da Memória, que garante uma vigília imortal (p.446).

⁵⁸O simbolismo da ponte está ligado à passagem, à transposição de caráter iniciático de um perigo a superar que implica na obrigatoriedade de uma escolha que pode salvar ou levar à perdição (CHEVALIER, 2009).

alguém tivesse me enganando, me perseguindo”), o que aponta para um superego persecutório. O ego onírico, então, “bem vestido” passa a roubar, a fazer “saidinha” (“Saidinha é esperar, colocar alguém pra dentro do banco pra ganhar a pessoa pra sacar o quanto que tem e esperar lá fora”), já que logo após o uso, se infla⁵⁹: “Eu vou, sou o cara! Eu chego e eu pego! É rapidinho! Não tem treta!”, reivindicando para si as virtudes da psique coletiva. Sem dar ouvidos àqueles que o rodeiam, o sonhador persiste na delinquência, partindo para o roubo, “pro ataque”, cheio de si (“Não, peraí que eu vou ali! Não, vou ali e já volto! Peraí, que é nós! Peraí! É nós! É nós! É nós! É nós! Peraí, que eu sou o cara e já volto”), recorrendo à droga para compensar as frustrações da realidade tidas como insuportáveis e sentir-se poderoso (“É uma droga muito forte. Na minha opinião, ela tira o medo da pessoa e transforma a pessoa em coragem. Ela dá coragem pra pessoa fazer coisa que ela nem imagina”). Parece haver, ainda, conforme a associação de Raed explicita, um embate entre o poder e a moral: “Muitas vezes, eu penso: “Ah, vou embora! Não vou ficar aqui, não! Vou meter as caras! Vou ficar rico! Às vezes, a gente mete as caras, a gente consegue estourar, ficar rico. Só que eu sei que essa riqueza vai trazer muita coisa ruim. Traz perseguição, maldade, inveja, inimigo e eu to pensando muito, nesses dias”. Resta, pois, a pergunta: Raed estaria, pois, tentado a roubar?

SONHO 7: Sonhei que eu estava em uma casa. Essa casa, assim... me vi dentro da casa. Não vi como era fora da casa. E tinha um bebê, eu cuidava de um bebê. Eu sentia que eu já cuidava dele há muito tempo, desse bebê. Eu lembro que dentro da minha casa, era uma cama de casal e um berço do lado, só que só eu morava na casa e essa criança... e esse bebê, morava só eu e o bebê. Eu falava: “Caramba, né?”, eu pensava comigo assim... E o impressionante é que eu me lembro que eu ia na minha mãe, deixava ele lá... eu deixava com a minha mãe pra ir trabalhar. Falava: “Mãe, cuida do meu filho pra mim!”.. Aí, eu acordava e dava pra minha mãe. Nesse sonho, acordei, entreguei, troquei ele, e tudo, esquentei o leite, dei mamá pra ele e tudo, né? Fiz o leite e falei: “Ó, mãe, tá aqui, tudo, as coisinhas dele, eu to indo trabalhar!”, “Vai com Deus, filho!”. Aí nisso eu, no sonho, eu sentia que a F. existia, as criança que eu tinha com a F. existia, entendeu? Só que esse bebê era só meu. Esse filho era só meu e eu ia pra esse trabalho e aonde eu ia, tanto no meu portão, assim, aonde eu ia, a A. sempre me

⁵⁹Jung (2003) define “inflação psíquica” como uma expansão da personalidade além de seus próprios limites, resultante da identificação com um arquétipo ou com a persona, de modo que o sujeito por ela acometido tende a desenvolver um sentimento exacerbado acerca de si, o que, geralmente, é compensado por um sentimento de inferioridade. Ilustra a questão com a imagem da rã que tenciona tornar-se um boi.

perseguiu, aonde eu ia, tipo, eu ia trabalhar ou pra algum lugar que eu ia, a A. me perseguia com piadinha, zoando comigo, tipo: “Você é culpado! Eu sei que você é culpado do nosso bebê ter morrido! Você é culpado! Você é culpado pelo nosso bebê ter morrido! Você é culpado pelo nosso bebê ter morrido!”, falava pra ela: “Meu, você é louca, mano, você é louca, menina. Por que você não me deixa em paz? Por que você não me deixa viver?”, (aí eu acordei).

Associações: vide anexo p. 185.

| CASO RAED | | |
|--|--|--|
| SONHO 7 | | |
| 1. Personagens | Bebê; mãe; A.; sonhador | |
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Casa e caminho para o trabalho |
| | Situação | Situação de cuidado para com o bebê (novo, novas possibilidades), de responsabilidade e dever se converte em uma situação de perseguição |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | Ao ser acusado por A. (voz da consciência) de matar seu bebê interior, o sonhador se defende (da própria culpa), chamando-a de louca e pedindo-lhe que o deixe viver | |
| 4. <i>Lysis</i> (desfecho) | O sonho não tem <i>lysis</i> | |
| 5. Presença ou ausência de droga | Ausência | |
| 6. Símbolos | Criança (bebê), mãe, casa, leito (cama de casal), berço | |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | Sentimento de responsabilidade e cuidado em relação ao bebê, sentimento de perseguição e culpa | |
| 8. Sentimentos ao acordar | Raed acordou assustado por pensar que o bebê do sonho se tratava do bebê que, de fato, sua ex-mulher F. está esperando de outro homem, mas cogitou tal possibilidade como uma forma de retomar seu relacionamento com ela: “ele não é meu, mas se eu cuidar, ele é meu! Eu conheço a peça. A F. não... sozinha ela não aguenta!” | |
| 9. Significado do | Raed conclui que o sonho lhe aponta que continuará fugindo de A. | |

| | |
|------------------------------|--|
| sonho para o sonhador | (voz da consciência), que culpa sobre a filha falecida terá para sempre (mas diz querer esquecer, deixá-la descansar para não ficar paralisado) e cogita como seria assumir o bebê de F. com outro homem |
|------------------------------|--|

Interpretação:

Raed, no sonho, encontra-se na casa em que, na vida consciente, morava com sua ex-mulher F. que, freqüentemente, o deixava para fora em momentos de briga (“Quando eu brigava com ela, ela fechava a porta”). Contudo, na vida onírica, o sonhador se encontra no interior da casa (que remete ao seu próprio mundo interno, cujo acesso, anteriormente inviabilizado, parece estar se tornando possível), mobiliada com uma cama de casal⁶⁰ e um berço⁶¹, onde moram somente ele e um bebê⁶², sobre o qual diz: “No sonho dava que era meu filho, que era meu, mas eu não sabia quem era a mãe. Era meu, eu tinha o sentimento que era só eu e ele, era só eu e ele. Esse bebê era só meu. Esse filho era só meu. Bebê pra mim é responsabilidade. Uma responsabilidade tremenda”. Sendo assim, o bebê e o ego onírico representam Raed consigo próprio, ele com ele mesmo, nutrindo em seu âmago a necessidade de retornar ao útero para obter segurança, ao ventre da baleia, para se regenerar mediante o contato com o inconsciente, com o Self. Raed, contudo, há que se responsabilizar no sentido de acolher e acalantar esse bebê, esse ser incipiente que nele habita e anseia crescer. O ego onírico acorda, troca, alimenta o bebê e o entrega para a sua mãe, que aqui aparece como uma figura ajudadora que o auxilia a cuidar da criança, enquanto se dirige ao trabalho. O sonho, até o presente momento, parece apontar para a possibilidade de uma nova maternagem, para o germe de um possível renascimento espiritual. Contudo, eis que, a caminho do trabalho (dever, responsabilidade), surge A. a persegui-lo e acusá-lo (“Você é culpado! Você é culpado pelo nosso bebê ter morrido!) ao que o sonhador se defende: “Meu, você é louca, mano, você é louca, menina. Por que você não me deixa em paz?”. Embora Raed esclareça que A. se trata de uma mulher com a qual, de fato, teve uma filha que faleceu de parada cardíaca com 2 meses de idade e que passou a acusá-lo, de modo infundado, pela morte da criança desde então, no sonho, A. parece representar sua ânsima, voz interna acusatória, sua voz da consciência, sobre a qual se refere: “Ela me tromba, ela dá uma de louca: “Ah, assassino!”

⁶⁰Símbolo da regenerescência pelo sono e pelo amor.

⁶¹Representante do seio materno, o berço, protetor, macio e cálido, em nós, sobrevive como recordação das origens, “que se traduz nas nostalgias inconscientes de retorno ao útero”, o qual confere segurança na travessia do mundo (CHEVALIER, 2009, p.129).

⁶²O bebê é o símbolo do arquétipo da criança. “A imagem da criança pode indicar uma vitória sobre a complexidade e a ansiedade, e a conquista da paz interior e da autoconfiança” (CHEVALIER, 2009, p.302).

eu: “Tenho que engolir, né?”. Ela me culpa, ela é maluca, é doida, ela me culpa. Acho que eu devia ter sido um pouquinho mais pai, eu me sinto um pouco culpado. Quero distância dela. Ah, eu quero”. Essa voz interna indigesta para Raed lhe diz que ele matou o seu próprio ser, extirpou o “novo” que nele habita, ao se lançar ao crime, ao tráfico, ao roubo, ao assassinato e à toxicomania⁶³, o que instiga-lhe culpa. Essa mesma voz clama para que ele assuma o que fez com o seu bebê interior, para que ele resgate o bebê morto, pois há o indício de uma nova potencialidade. Contudo, o sonhador não consegue lidar com a culpa de modo a reparar a situação, ele se defende, ele quer esquecê-la e a questiona: “Por que você não me deixa viver?”. O próprio sonho responde: “Você vai ter que assumir!”, mas Raed não lhe dá ouvidos: “Culpa eu vou ter pra sempre. Meu, acabou! A criança morreu! A gente tem que deixar ela descansar!”.

SONHO 8: Sonhei que eu tava... eu tinha entrado em um lugar com uns amigos e era uma festa, uma festa, o pessoal tava bebendo refrigerante, outros bebendo cerveja. Eu não entendia, porque esses amigo já tinha falecido, já tinham falecido e, de repente, quando eu vi assim, na sala, vi uma coroa de flor e eu não entendia porque dentro da sala tinha uma coroa de flor e eu tava dentro do caixão. Eu tava me vendo dentro do caixão. Eu me via dentro dele. E tava todo mundo em festa, sabe? Tava todo mundo em festa e eu olhei assim e vi no fundo da sala uma criança chorando, né? Uma criança chorando e eu perguntava pra essa criança porque ela tava chorando. Ela respondeu: “Eu não consegui avisar você a tempo”. Eu coloquei a mão no peito pra rir, tipo: “Que brincadeira besta é essa?” e vi que minha mão estava cheia de sangue. A criança chorava e eu falava: “Por que vocês estão brincando assim comigo?”. As pessoas passavam por mim como se eu não estivesse lá e eu continuava gritando. Comecei a chorar (e acordei).

Associações: vide anexo p. 186.

CASO RAED

SONHO 8

1. Personagens

Amigos falecidos; menino negro; sonhador

⁶³ Raed foi condenado há 7 anos e 4 meses de prisão, tendo sido acusado de vários delitos como tentativa de seqüestro, roubo, assassinato, tráfico de drogas e, na ocasião da presente pesquisa, encontrava-se em *habeas Corpus* na “Comunidade Continente”, em tratamento.

| | | |
|--|-----------------|---|
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Festa |
| | Situação | Situação de descontração, de festa é atravessada por uma situação de morte, pois o sonhador se vê dentro do caixão |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | | O sonhador se aproxima e pergunta para sua criança interior o porquê de seu pranto, ao que ela lhe responde: “Eu não consegui avisar você a tempo”. O sonhador ri, não acredita na mensagem, mas ao ver sua mão cheia de sangue, entra em desespero e começa a gritar |
| 4. <i>Lysis</i> (desfecho) | | O sonhador chora |
| 5. Presença ou ausência de droga | | Presença (cerveja) |
| 6. Símbolos | | Coroa de flor, caixão/túmulo, morte, criança, sangue |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | | Sonhador - Confusão, falta de compreensão/entendimento, riso, desespero, grito, sentimento de abandono, desprezo e solidão, choro Criança - choro |
| 8. Sentimentos ao acordar | | Tristeza e, diante da efemeridade da vida, preocupação em viver o hoje |
| 9. Significado do sonho para o sonhador | | Raed acredita que o sonho lhe diz que diante da iminência da morte, ele deve pensar em si mesmo e agir |

Interpretação:

O sonhador entra em uma festa com amigos falecidos em que alguns convidados bebiam cerveja⁶⁴ e outros refrigerante. Há de se observar que a abstinência alcoólica e de outras substâncias na qual Raed se encontra em sua vida consciente está, portanto, longe de significar cura ou vida. Entretanto, o sonhador mostra certa confusão ao avistar uma coroa de flor⁶⁵ (sobre a qual associa: “É pra morte. Já fui em velório que tinha coroa do descanso... é

⁶⁴ A cerveja consiste em uma bebida fermentada. A simbólica da fermentação está ligada à da decomposição e podridão.

⁶⁵ A flor, muitas vezes, simboliza a figura-arquétipo da alma, como centro espiritual. Identifica-se, ainda, ao simbolismo da infância e ao do estado edênico. A floração aludiria ao retorno ao centro, à unidade, ao estado primordial. As flores, em certas circunstâncias, representam, ainda, a alma dos mortos (CHEVALIER, 2009).

uma descanso pra pessoa. Acabou!”) e um caixão⁶⁶ (“Morte! Não tem como correr, é morte! Quando ela vem, é fatal!”); não entende porquê se vê dentro dele e porquê todos continuam em festa: parece, pois, desconhecer que o caminho que está trilhando se assemelha ao de seus amigos falecidos e o conduz à indignância e à morte, eis o aviso do sonho. O ego onírico visualiza uma criança (“Criança me lembra esperança e responsabilidade”), um menino negro de 4 anos de idade que representa o bebê do sonho anterior, o Self, a criança interior de Raed que deseja crescer e que, para tanto, o alerta sobre seu casamento de morte com o crack para que reveja seus caminhos e viva, mas é negligenciada e, por isso, chora copiosamente e lamenta: “Eu tentei te avisar, mas eu não consegui!”. Embora o sonhador se aproxime dessa criança e lhe pergunte qual a razão de seu pranto, não acredita em sua mensagem e debocha, pensando ser uma brincadeira, mas ao colocar a mão no peito para rir e ao vê-la cheia de sangue, o qual atesta sua responsabilidade nos assassinatos dos quais já participou, a dor e o desespero o acometem (“Sangue lembra dor, desespero, machucado... eu já vi muita gente morrer de participar de matar. Quando eu tinha 16, 17 anos, participei da morte de um cara. Ver uma pessoa de bruços morrer com faca de pão cortando o pescoço é terrível! Às vezes, eu tenho visão... eu vejo a minha mão ser cortada com faca; vejo a faca passando e arde a minha mão... acontece quando eu estou distraído”). Raed não ouve, pois, a voz que clama no deserto: “Há esperança para o ferido: assuma a responsabilidade pelos seus feitos e veredas e dê ouvidos ao seu Centro: cuide de seu bebê; caso contrário, morrerá!” e mata a mensagem, ao dizer: “Se eu não fizer por mim...”. Continua, assim, a mutilar-se, a decepar sua mão (tal qual sua visão), pois a mão que rouba e que mata, não é a mão que trabalha. Não percebe ter sido ele próprio o protagonista a se colocar na posição em que se encontra ao desprezar a sabedoria do alto: continua questionando o porquê de estarem fazendo isso com ele. Despido de identidade e sem voz, pois as pessoas já não o reconhecem (“Me senti como se eu não existisse, senti desprezo, tipo: eu não tenho ninguém!”), grita e começa a chorar, tal qual sua criança interior.

8.2.3 SÉRIE DE SONHOS

O primeiro sonho da série evidencia quão marcante é a luta interior entre os impulsos hostis, agressivos e os afetos de Raed. Sua passividade, falta de autonomia e de vitalidade

⁶⁶ O túmulo corresponde a um local de metamorfose do corpo em espírito ou do renascimento que se esboça, mas também representa o abismo em que o ser é devorado pelas trevas passageiras e mortais.

(decorrentes da ausência da figura paterna e da presença de uma mãe protetora e controladora a quem pede ajuda) se salientam ao deparar-se com tais conteúdos internos percebidos como ameaçadores, ficando a mercê desta mãe internalizada que enfraquece seu masculino.

O segundo sonho explicita a fragilidade de Raed frente a frente com o objeto de sedução, ao qual em meio à dor e à solidão, se entrega como um menino encantado, como um puer. Ao estabelecer uma relação de causa e efeito ao dizer: “F. é a minha droga”, mostra projetar suas questões nos outros e desconhecer a posição de menino que assume diante das mulheres ou daquilo que o seduz; postura esta, da qual deve abrir mão para se afirmar enquanto homem. Negligencia, pois, o fato de não ser F. a levá-lo à droga, mas sua insegurança, sua impotência diante das tribulações com as quais não consegue lidar. Coloca-se, assim, a necessidade de Raed discernir quais coisas na vida deve abraçar ou dispensar, aprendendo a dizer não para aquilo que o seduz (droga).

O terceiro sonho desnuda como o complexo materno precipita a reação de Raed em relação ao sexo oposto, permeada por sentimentos persecutórios e paranóicos (semelhantes aos experienciados no consumo de crack) e a dificuldade de se relacionar com sua ânima. Embora queira se livrar da culpa e da perseguição dessa mãe dominadora internalizada, encarnada, no sonho, na figura da ex-mulher gorda da qual ri (se vinga), não consegue se relacionar com o outro.

No quarto sonho, diante de uma nova situação de sedução, o ego onírico resiste e se impõe, clamando pelo auxílio de uma anima ajudadora que não seduz, mas representa a voz da consciência, à qual se alia, se afastando daquilo que tenciona seduzi-lo.

Raed, no quinto sonho, é tomado pela angústia, pela insegurança e impotência diante da falta de dinheiro, de condições financeiras para sustentar os filhos, com os quais se sente em dívida. Frustra-se por sentir não suprir as necessidades e responder às expectativas de sua família. Possui, pois, muitas culpas que o perseguem e que reivindicam sua energia (a sogra, mãe terrível, lhe consome energia), às quais sucumbe (conseqüentemente, desvitalizado, resta-lhe buscar energia no prazer da droga).

O sexto sonho demonstra que, Raed, para contrabalancear a impotência que lhe aflige diante das circunstâncias emergentes nos sonhos anteriores, recorre à droga, que lhe confere potência e o infla. Uma vez que o chafariz do centro da cidade, que compõe o cenário do sonho, faz alusão à fonte da vida mediante o contato com o transcendente, Raed a substitui por uma falsa grandiosidade: ele vai pelo poder, absorvendo uma energia que provém da ilusão da relação com o paraíso artificial que a droga evoca.

No sétimo sonho, fica nítido que Raed usufrui da direção do Self lhe trazendo inúmeros símbolos que proferem: “O novo se afigura. Há possibilidades a serem contempladas e vivenciadas. Pode pagar sua culpa e ter uma vida ética, mas terá que se responsabilizar: assuma ter matado o seu bebê interior e cuide para que o mesmo reviva”. Sua psique parece estar procurando uma reorganização, visto ser alguém demasiadamente prejudicado: trata-se de um assassino; mas defende-se da culpa e persiste, mesmo sentindo-se por ela perseguido: “Por que você não me deixa viver?”.

No último sonho da série, seu inconsciente lança mensagens de alerta sobre a vida terrível que o leva a se destruir, sobre seus caminhos tortuosos que o impulsionam ao abismo, rumo à morte. A imagem onírica de seu próprio corpo no caixão sinaliza: “Você vai se acabar!”. Seus amigos mortos procuram o avisar de que está percorrendo o mesmo caminho por eles trilhado, que não é outro, senão o caminho de morte. Enquanto seu Self, representado pelo menino negro de 4 anos chora, dizendo-lhe ainda haver esperança e potencialidade de voltar-se para essa criança interior incipiente e por ela se responsabilizar, sua persona ri, matando a revelação e a si próprio.

Sendo assim, embora sua psique proclame: “Você pode se regenerar!”, seu ego e sua persona não incorporam tal possibilidade e Raed, metaforicamente, desprezando o alerta do sonho, precipita-se no abismo.

8.2.4 ANÁLISE DO CASO RAED

O significado da entrada na Comunidade Continente para Raed parece estar atrelado à fuga da marginalização: morando na rua, alienado de sua família e das pessoas que ama, perseguido internamente por culpas e medos e externamente pelas autoridades e bandidagem devido à vida criminosa que o aprisiona, não lhe restava outra opção. Busca, assim, refúgio e reduto para esquecer os problemas que o levam às drogas, pois lhe faltam recursos para resolvê-los, fugindo da culpa, tal como apontam seus sonhos.

A ausência e carência do pai, desde a infância, relatado em tom de lamento e dor parece tê-lo marcado com ferro em brasa, forjando uma falha na função paterna: “Eu falava: “Ela [mãe] é meu pai!”, mas no fundo eu falava: “Putz, eu queria ter um pai”; lacuna parcialmente tamponada pela mãe, com a qual desenvolveu um forte apego, um complexo materno até hoje intransponível mediante a internalização dessa figura materna ambivalente, protetora, dedicada, trabalhadora, rígida e controladora que atravessa sua relação com a alma e com as

mulheres, caracterizada pelo seu posicionamento como puer, menino seduzido, e pela persecutoriedade e paranóia, à semelhança dos efeitos obtidos no consumo de crack, tal qual evidenciado em sonhos. Mesmo quando o pai procura resgatar o filho da conduta delinqüencial na adolescência, se posicionando e levando-o consigo para Minas, a mãe intervém e decepa a iniciativa, impedindo que o masculino de Raed se fortaleça.

Tendo recebido uma educação religiosa, parece ter se apropriado de uma mentalidade patriarcal que atribui ao homem o papel de supridor do lar (tal aspecto pode estar relacionado, também, à classe sócio-econômica à que pertence), o que lhe gera aflição, sensação de inferioridade e angústia por não estar colaborando financeiramente com a família, afetos com os quais tem dificuldade de lidar e contribuem à toxicomania. Sendo assim, desvitalizado, desinvestido, desenganado e impotente, torna-se refém da droga, da criminalidade, agressividade, ganância e poder, lançando-se ao ato, em busca de potência e energia que compense e se contraponha à dura realidade que desnuda sua pequenez: “Ah, minha mãe deu tudo o que me deu, mas não é tudo o que eu quero, falta muito ainda... às vezes, a gente deixa subir à cabeça o dinheiro também”.

Menciona sua ex-mulher, mãe de seus filhos, no princípio do relacionamento como ponte que encaminha o homem ao amadurecimento, a ponto de ter resolvido, por ela inspirado, a abandonar as drogas e a constituir uma nova família; apesar de colocar em evidência, também, sua necessidade de auto-afirmação perante a ex-sogra: “Foi quando eu dei um breque na droga: “Vou trabalhar, gosto da menina, vou mostrar pra mãe dela que eu sou alguém, que eu sou o cara, mano!”. Comecei a trabalhar”. Contudo, essa mãe terrível em seu inconsciente impingindo-lhe culpa lhe suga energia. Desenergizado, tenta se reabastecer consumindo drogas. Não suportando, contudo, o peso do fracasso da tentativa de se redimir, projeta sua responsabilidade no outro: “Meu maior problema com a droga é, acho que é a mãe dos meus filhos, porque eu não consigo esquecer ela”. A ex-esposa, assim, de apoio se transfigurara em vilã, na concepção de Raed, cuja separação ainda não elaborou, engolido pela solidão.

Raed visualiza a si mesmo como passível e sujeito à sedução da ex-mulher caso ela requeira sua permanência fora da clínica, ao sair de LT, antes mesmo do término do tratamento, tal qual ocorreu na primeira vez que abandonou a instituição, motivo pelo qual diz querer a presença da irmã quando for visitar os filhos, denotando, pois, sua falta de autonomia: “Eu quero ver meus filhos, só que eu queria que a minha irmã fosse comigo, pra não ter caso de ela [ex-mulher]: “Ah, não, fica aí! Eu te amo!”. Ela [irmã] já falou: “Vou com você! Te levo lá e te trago! Porque se você ir sozinho, ela vai fazer sua cabeça”. Em matéria

de “Ah, eu não gosto mais dela!”, é mentira. Se ela falasse assim: “Não, fica aí!”, eu ficaria! Esse que é o ruim!”. Seu inconsciente, contudo, conforme vimos, o alerta acerca da necessidade de discernir o que lhe convém e de dizer não ao objeto de sedução, evitando abandonar-se ao seu domínio.

Raed parece buscar nos filhos a oportunidade de reconstruir e reviver, internamente, sua própria infância, sua criança interior, desejando lhes dar presença de pai, carinho, suprimento e educação sem coerção física, a fim de que trilhem um caminho diverso do seu. Contudo, visualizando a impossibilidade de concretizar tal desejo, se desestabiliza, sente-se endividado e imerso na inferioridade que o consome e o faz procurar alívio nas drogas.

O sentido que a droga adquire para Raed parece ser, portanto, o de “apagão”: “Queria ter um remédio pra esquecer, um chá de esquecimento! Se eu tivesse sozinho, eu pudesse sair daqui, ir pra um lugar longe, esquecesse de tudo, acho que eu estaria bem melhor. Acho que assim eu não recaía, não”. Sua dificuldade para com a afetividade o conduz a um ciclo repetitivo: “É muito problema, sei lá... aí, eu começo a entrar numa paranóia... só me senti que não tem pra onde correr, aí, bum!, entro em depressão, já caio na droga! Começo a cair na droga e vejo que aquilo lá tá bom. Agora, já saiu a brisa eu vejo que tá tudo igual, voltei pra mesma coisa. Aí, eu caio em depressão, já começa a depressão de novo...”.

Ignorando a premência de se haver com os verdadeiros propulsores de sua queda e, desprezando os alertas dos sonhos para que reflita e lide com as muitas culpas e sentimentos que o corroem, Raed parte para a atuação, pende para o falso poder, a ponto de seu comportamento transgressor se verificar, praticamente, em todas as áreas da sua vida: “Eu sou um cara que gosta de sair pra correria, não gosto de ficar parasitando, não sou parasita, eu sou ação. Eu gosto de ação. Não sou aquele cara que para e fala assim: “Ah, mas será que vai acontecer?”, não, vamos lá, nós faz acontecer, meu! Vamo lá!”.

Atolado no mundo do crime, sua psique, em contrapartida, lhe aponta para a possibilidade de renascimento não a partir do exterior, do poder, do ato ou através dos filhos, mas a partir do confronto com a própria interioridade e apoderamento da responsabilidade de cuidar de seu bebê pessoal.

Isolado do mundo marginal na instituição, ao ser envolto por preceitos religiosos e regras, procura, assim, cultivar seu lado oposto, treinando o altruísmo ao procurar ajudar os internos, inclusive, na laborterapia, mas sofre, pois certos parâmetros institucionais não lhe fazem sentido; as pessoas que ama permanecem lá fora e seus sonhos, que ele abomina, mostram aquilo que, segundo afirma, não quer ver. Sua vida onírica assume, muitas vezes, um paralelismo com a realidade, expondo suas dores, sua impotência, suas culpas, dissabores e

frustração: tudo aquilo com que não deseja entrar em contato, pois dói demais. Sente-se desrespeitado em seu silêncio e impelido a falar pelos profissionais da Comunidade; sente-se invadido, julgado, coagido: foi obrigado a cortar bem rente seu cabelo (observe que no sonho 4 o ego onírico sai de LT com o cabelo “cortado bem baixinho”, como ocorreu na realidade), caso quisesse permanecer no recinto, com o objetivo alegado pelos obreiros, segundo Raed, de despi-lo da vaidade⁶⁷. Se refletirmos, contudo, sobre o costume de cortar/rapar o cabelo dos detentos quando adentram em prisões e nos debruçarmos sobre o histórico forense e individual de Raed, veremos quão agressiva e descabida representou a imposição institucional. Os cabelos são considerados morada da alma, símbolo de certas virtudes e poderes do homem, tais como a força e vitalidade, em alusão, inclusive, ao mito de Sansão; o cabelo está ligado à identidade, tendo seu corte significado humilhação, desgaste, enfraquecimento, despojamento identitário e violência para Raed. Desse modo, a dificuldade de Raed em perseverar na instituição se agravou ainda mais diante do ocorrido e, embora admitisse que os sonhos lhe ajudassem a persistir por mais um tempo em tratamento, verbalizava constantemente quão árdua estava sendo sua permanência.

Embora nutrisse inúmeros planos: “Quando eu tiver lá fora, quero provar pra ela [mãe] que eu to bom, mesmo! Meu, vou sair e eu vou ter tudo o que eu perdi! Já pus isso na minha cabeça! Se você tiver um empurrão lá fora, ter um serviço, a pessoa dá certo! Se ela tiver uma pessoa que tá olhando por ela...”, esses se esvaíram. A instância social e familiar, assim como o apelo do ganho fácil sempre se apresentaram mais fortes e atrativos para Raed, se comparados à instância institucional. Ao sair de LT no dia 21/08/2009, com o consentimento institucional para visitar a família durante 3 dias, não retornou na data prevista. Segundo a liderança, a mãe de Raed ligou para a instituição afirmando que ele havia recaído em drogas e a estava “incomodando” em sua casa ao pedir dinheiro. A Comunidade Continente, após reunião, decidiu desligá-lo do programa e comunicou à família que deveria buscar seus pertences. No dia 04/09/2009, obtive informação de que Raed, tentando roubar para manter o consumo, foi novamente preso.

Raed despreza, portanto, as mensagens dos sonhos que lhe dizem acerca do caminho de morte que está prestes a percorrer (vide sonho do menino negro chorando), sinalizando, paralelamente, um caminho de vida possível de ser trilhado, que implicaria em responsabilidade e comprometimento consigo próprio.

⁶⁷ O corte do cabelo também consiste em um ritual de iniciação. Contudo, no presente caso, não parece encerrar tal significado, visto ter se tratado de algo imposto, não interno.

Há, contudo, que se atentar para o fato de que a fuga da marginalização que o conduziu à Comunidade Continente, também o impeliu para fora dela: despojado de sua verdadeira identidade, sentindo-se endividado e procurando responder à necessidade arquetípica de transcender o próprio estado a qualquer preço, mesmo que às custas de meios danosos para sua saúde, apropriou-se do lugar de “adito” em que foi posicionado, adotando, assim, uma identidade imprópria, negativa como a única saída para saldar sua dívida. Raed, nome cujo significado é trovão, tal qual a fúria dos titãs⁶⁸, se rebela e se insurge contra o espírito.

8.3 CASO YAGO

8.3.1 ENTREVISTA

- **Identificação**

Nome: Yago

Idade: 30 anos

Data de nascimento: 06/07/79

Estado civil: solteiro

- **Encaminhamentos**

Yago conta que, a fim de afastá-lo do convívio com amigos usuários de drogas em Capão Redondo, sua prima, moradora de um condomínio em Embu Guaçu, convidou-o para passar um tempo em sua companhia. Após três semanas hospedado, foi convidado por outra moradora do condomínio, dona Isilda, que estava a par de sua dependência química, para conhecer a Comunidade Continente. Yago aceitou o convite e visitou o recinto, mas como alegou ainda não estar convicto quanto à necessidade de tratamento, não permaneceu na instituição. Quase dois meses após esse primeiro contato, Yago, em função de seu temperamento extrovertido, já havia se tornado popular no condomínio da prima, tendo feito amizade com outros residentes usuários de drogas. Quando a prima percebeu a evolução do processo, foi categórica quanto a sua internação na Continente, onde Yago afirma ter chegado em maio de 2006: “Não tive outra escolha”. Concluiu 8 meses de tratamento no dia 23 de

⁶⁸ Os titãs simbolizam “as forças brutas da terra e, portanto, os desejos terrestres em estado de revolta contra o espírito. [...] representam as forças indomáveis da alma, que se opõem à espiritualização harmonizante” (CHEVALIER, 2009, p.886).

dezembro de 2006, quando partiu do centro de recuperação, mantendo-se abstinente por cerca de 1 ano e 3 meses inserido na sociedade. Teve uma recaída e retornou para a Continente no dia 23 de dezembro de 2008. Após três meses na “casa”, passou a ser auxiliar. Atualmente é obreiro, monitorando os demais internos.

- **História e situação familiar**

A família de origem de Yago é constituída por seu pai, sua mãe, três irmãs mais velhas e um irmão mais novo, morando todos juntos. Menciona os pais de uma forma carinhosa e respeitosa, referindo-se ao Natal que passou com a família, após a conclusão do 1º tratamento como um presente para a mãe, pelo fato de ter-se apresentado a ela como um filho restaurado e responsável.

Enquanto adolescente, uniu-se a P., com quem viveu por cerca de 5 anos, e foi pai aos 18 anos de sua primeira filha, hoje com 11 anos de idade.

Passou, então, a morar com uma segunda companheira, D., com a qual permaneceu 5 anos e tem um filho de 4 anos. Admitiu estar totalmente sob o efeito de drogas quando a conheceu em uma pizzaria onde trabalhava como garçom, por ser sobrinha da proprietária. Começaram a ficar juntos e, inicialmente, moraram na casa da mãe de D. que, sem o marido e, em função de uma hipertensão há mais de 20 anos, sempre teve o apoio da única filha. Posteriormente, Yago assumiu a própria casa e tiveram um bom relacionamento até que a intensificação do consumo de drogas fez com que ela optasse pela separação, não mais tolerando seu envolvimento com tóxicos: “Então, ela chegou a meu pai e disse: Olha, seu V., não dá... eu, o Yago e a droga, não dá!”. Yago relata terem ficado quase 2 anos separados, mas que, ao final do tratamento, a mãe de seu filho começou a visitá-lo na instituição e, após sua saída, no final de dezembro de 2006, voltaram a viver juntos por cerca de 1 ano e 3 meses, até que ocorreu a sua recaída.

Suas declarações refletem um carinho muito grande pelos filhos, referindo-se à filha de 11 anos como uma menina muito inteligente, precoce e esperta em relação à droga e à criminalidade. Menciona como relevantes duas declarações da filha que explicitam sua mudança frente à família, uma anterior ao tratamento: “Pai, eu não vou vim mais pra tua casa, porque quando eu venho pra cá você não brinca comigo, você nem fica comigo direito”, e outra durante a internação: “Pai, você antes, não brincava comigo, não queria saber de mim e teve uma vez que eu fui te procurar pra brincar com você e você estava no fundo de casa fumando dois cigarros juntos de uma só vez. E agora não, pai! Você já tá bonito, tá forte de novo, já brinca comigo outra vez, você não precisa ficar mais aqui... vamos embora!”.

De volta ao lar, após o término da primeira internação na instituição, foi acometido por uma intensa recaída que o levou a furtar pertences, inclusive, da própria família, diante da ausência de dinheiro para comprar a droga. Os pais, sentindo-se consideravelmente abalados, passaram a tomar vários medicamentos para hipertensão, anti-stress e ansiolíticos, instigando-lhe culpa pelo deslize. O auge da comoção, conforme Yago, aconteceu quando ouviu a filha, chorando, dizer ao avô: “Vô, pelo amor de Deus, vô, o que que eu posso fazer para ajudar o meu pai? O meu pai tá morrendo, vô, o pai tá usando muita droga”.

- **História escolar**

Enquanto estudava, Yago envolveu-se com drogas, interrompendo seus estudos por 2 ou 3 anos; conseguiu, no entanto, retomá-los a ponto de concluir o 2º grau.

- **Atividades profissionais**

Antes de sua primeira internação, Yago trabalhou como vendedor em uma loja de tecidos, onde relata ter sido um excelente profissional, até que o consumo de drogas o levou a falhar, com faltas e atrasos, culminando em sua demissão. Afirma ter trabalhado para o padrinho da segunda companheira, enquanto estavam juntos, mas foi despedido em virtude de sua recaída, com promessa de novas chances a partir de sua recuperação. Teve experiência profissional, por cerca de 2 anos, na cozinha de um restaurante, atuou como mensageiro em um hospital na Vila Mariana, trabalhando, paralelamente, para o patrão da “biqueira” no tráfico de drogas, abastecendo os meninos traficantes e recolhendo o dinheiro angariado. Há sete meses, exerce a função de obreiro na Comunidade Continente, ajudando na cozinha, desempenhando atividades diversas e auxiliando na recuperação dos demais internos. Com todos os direitos trabalhistas recebidos por ocasião da demissão do último emprego - FGTS e Seguro-desemprego -, paga pensão para ambos os filhos.

Enfatiza que seu relacionamento com as mulheres, amigos, chefe e colegas de trabalho apontam para um temperamento relatado por ele mesmo como extrovertido, vaidoso e perfeccionista: “Sempre gostei de me vestir bem... teve um amigo meu que me falou: Meu, se você fosse uma estrela, você não seria diferente!”. Afirma possuir um espírito de liderança e um comportamento altruísta, sentindo-se bem em poder ajudar os outros. Se diz muito brincalhão com todos, mas tem procurado assumir um comportamento mais sério quando é necessário exortar os internos, na comunidade. Destaca que sempre foi muito briguento e faz uma série de relatos para comprovar que, hoje, tem buscado controlar suas reações, agindo

com mansidão e domínio próprio. Sempre se preocupou em obedecer ao regimento interno da Comunidade, e tenta levar os demais a fazê-lo também.

- **História sexual**

Yago afirma outrora manter uma atividade sexual muito intensa com suas parceiras. Atualmente, encontra-se em abstinência sexual há cerca de 7 ou 8 meses em decorrência dos valores religiosos apregoados pela “Comunidade Continente”, que desestimula a prática entre solteiros. Menciona culpa ao masturbar-se e diz continuamente evitar fazê-lo por estar em busca de santidade.

- **História forense**

Apesar de relatar já ter sido espancado por policiais em batidas habituais da rota nos pontos de droga, ocasiões em que presenciou, inclusive, a morte de amigos, nunca se envolveu com alguma questão judicial, tampouco entrou em viaturas ou foi algemado; o que atribui ao fato de sempre ter trabalhado com registro em carteira e estar, comumente, munido com crachá do serviço, documento e dinheiro quando abordado por algum policial.

- **História do uso de drogas**

Iniciou o consumo de drogas próximo ao “covil”, ou ponto de drogas onde reside sua primeira mulher. Aos 18 anos, principiou o uso de cocaína, segundo ele, motivado pela curiosidade. Relata que se deslocava até o bairro da Joanisa e dali levava a droga para o bairro de Santa Júlia, nas proximidades de Embu Guaçu, onde começou a usá-la em baladas e festas. Em Capão Redondo, onde mora a família de origem, passou a conviver muito com o traficante, o “patrão da bocada de droga” ou do “covil” mencionado acima: homicida fugitivo que acabou sendo morto pela rota policial.

Começou lentamente, cheirando cocaína somente aos finais de semana nas festas; mas o contato com este traficante, que nutria um relacionamento com a tia de sua primeira mulher, facilitou o aumento gradativo do padrão de consumo: de posse de uma trouxinha de cocaína, de aproximadamente 5 gramas, juntamente com o traficante e mais 2 ou 3 pessoas, viravam a noite toda e o dia seguinte consumindo a droga. Cerca de quatro meses depois, estava usando direto. Explica que, como a cocaína acelera os batimentos cardíacos, enquanto a maconha tem um efeito oposto, passou a intercalar as substâncias para conseguir dormir, quando a filha tinha uns 4 anos de idade. Nos dois últimos anos, entre 2007 e 2008, começou a usar “mesclado”, uma mistura de ambas. Retornou ao uso de cocaína após sair da Comunidade

Continente, ao completar o primeiro tratamento, em decorrência de sua recaída. Acrescenta nunca ter apreciado cigarro ou bebida alcoólica.

- **Sobre os sonhos**

Yago salienta que, na fase inicial do tratamento, a frequência com que se recordava dos sonhos era infinitamente maior, embora ainda costume ter sonhos eróticos, em função da abstinência sexual. Apresentou, no início, muitos sonhos relacionados com drogas, sentindo-se neles realizado, por estarem em concordância com aquilo que queria na época, segundo seu relato. Menciona que a reação imediata ao acordar consiste no impulso de abandonar o tratamento e na vontade de ir embora e que as únicas armas capazes de impedir são o domínio próprio e a força de Deus. Atualmente, revela não tem tido mais sonhos com drogas.

8.3.2 ANÁLISE DE SONHOS

(6 sonhos)

SONHO 1: “Eu me encontrava num quarto com 2 mulheres. Enquanto uma, por exemplo, eu me encontrava deitado e tinha uma na minha parte de baixo e a outra agachada sobre o meu rosto, então, eu tinha sexo oral com uma e, ao mesmo tempo, a outra... e nesse meu sonho, tinha um traveco, um homossexual, e ele meio de que era, ele era amigo dessas duas mulheres, né? E ele, então, meio que ficava, né, tipo, você isso, você vai, faz não sei o que, e eu ali era o, o que eu, vamos dizer assim, o boneco, né? Elas faziam as coisas que ele ia falando e eu estava ali servindo como um objeto de satisfação delas, entendeu? Enquanto uma pulava lá na parte de baixo, a outra tinha sexo oral comigo e ele, meio que era um mentor: ia falando, né? Ia falando o jeito que era pra elas fazerem as coisas e elas iam fazendo e eu era ali o, vamos se dizer, o bonequinho, como se diz? A marionete, entendeu? Das duas. E aí, voltando... mas, o que aconteceu? Eu cheguei ao... cheguei a ter a ejaculação, isso em sonho, e logo em seguida, eu quis mais um pouco, só que esse homossexual que se encontrava nesse sonho também e conforme eu tava deitado, assim, né? De barriga pra cima, normal, ele pegou e me falou, eu ouvi nitidamente, ele falou: “Não! Se você quiser mais com elas, agora vai ter que ser um pouco comigo!”, e o que aconteceu? Eu meio que fiquei paralisado e, então, eu meio que aceitei, mas já na questão do que viria depois. Então, ele veio sobre mim, eu continuava deitado, as duas mulheres tinham acabado de sair de cima de mim e ele veio pra cima de mim e já foi baixando e, quando ele foi... abriu a perna por cima de mim, assim,

quando ele foi baixar em cima de mim, eu virei, assim, tipo “Não!”... quando ele veio pra sentar em cima de mim, eu tive que sair de lado, assim: “Não! Desisti, sabe?”. Na hora que ele veio eu desisti, conforme eu virei de lado, eu dei uma cabeçada na cama. Nossa! Eu acordei, foi assim, sabe? Então aí foi a hora que eu mesmo estando sonhando bati na cama, me acordei. Ainda bem que eu não peguei o traveco”.

Associações: vide anexo p. 187.

| CASO YAGO | | |
|--|---|---|
| SONHO 1 | | |
| 1. Personagens | Duas mulheres submissas e “cachorras”; “traveco” como mentor inquisidor, taxativo, manipulador, chantagista; sonhador | |
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Quarto |
| | Situação | Situação de submissão e entrega total ao prazer, ao sexo em grupo, manipulativo e sem afeto |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | O sonhador ao interpretar o papel de “marionete”, “boneco” ou “objeto de satisfação” goza, mas não se sacia, deseja mais, sendo chantagiado pelo “traveco” a ter relação com ele, em parte consentindo, em parte ficando “paralisado”, em parte desviando | |
| 4. <i>Lysis</i> (desfecho) | Não há desfecho (acorda) | |
| 5. Presença ou ausência de droga | Ausência | |
| 6. Símbolos | Andrógino; marionete; sexo | |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | Sonhador: prazer, gozo, sexualidade intensa | |
| 8. Sentimentos ao acordar | Acordou com a “cueca melada”, temendo que a abstinência sexual possa ameaçar sua recuperação: “Você fica com o pensamento de sair daqui e aprontar: ir pro puteiro, entendeu?” | |
| 9. Significado do sonho para o sonhador | Yago acredita que o sonho sinaliza para a necessidade de trabalhar seu “lado de prostituição”, pois como “o Diabo tem acesso às nossas mentes” e a mulher seria “uma das principais armas que o Diabo usa | |

| | |
|--|--|
| | pra derrubar o homem”, seria perigoso retornar para as drogas através da “mulherada” |
|--|--|

Interpretação:

O caráter compensatório do sonho fica explícito, sendo reconhecido espontaneamente pelo próprio Yago, dada a abstinência sexual de, aproximadamente, 9 meses que experiencia em sua vida consciente, de modo que o sonho parece alertá-lo acerca de uma área importante negligenciada e da relação polarizada com o prazer (sexo, drogas, etc), visto ter galgado de um extremo para outro (do tudo para o nada). Procurar-se-á, contudo, um maior aprofundamento quanto à simbologia onírica. No sonho, o ego onírico se entrega ao sexo grupal, animalesco, manipulativo e desprovido de afeto com duas mulheres submissas e por ele designadas “cachorras”, que aludem a uma ânsima primitiva, negativa e à falta de reconhecimento da alteridade. Embora Yago discursse acerca da importância de uma mulher ser capaz de prestar contas à sociedade e agir com liberdade sexual entre 4 paredes, parece estar retendo somente a primeira parte para si e, provavelmente, trilhando um caminho de repressão e não de integração, ao evitar o exercício da própria sexualidade por julgá-lo “pecado para Deus” e se restringir a responder conforme a demanda institucional, de acordo com os invólucros da persona – obreiro cristão/convertido -, aos quais parece estar submetido. Parece, portanto, refém do “traveco” que aparece como mentor e diretor a manipular a cena cinematográfica ou teatral (“sabe como se você tivesse numa cena de um filme, alguma coisa, assim, acontecendo? Como se você estivesse sendo visto? Não só por aquelas pessoas que estão naquele lugar?”) em que o sonhador interpreta o papel de “marionete”, “objeto de satisfação” ou “boneco”. Sobre o “traveco”, Yago diz: “Ele era de cor, era escuro, um pouco mais escuro que eu. A aparência dele era feminina, era como se eu tivesse vendo uma mulher, só que na parte que tinha que ser de um jeito não era, porque era diferente, né, um homem!... É pecado? É. Deus abomina isso? Sim, mas nós temos o livre arbítrio. Traveco, basicamente, com o perdão da palavra, é uma mulher com pinto!”. Yago menciona, ainda, ao longo da semana em que sonhou, ter se sentido usado quando sua ex-mulher D., cuja separação ele ainda não elaborou, solicitou que ficasse com o filho para que ela pudesse sair. Sobre D., Yago verbaliza: “Ela é muito geniosa. É uma pessoa difícil! Às vezes... só que eu falei pra ela: “A gente não tem o braço duro de ferro, a gente tem que dar o braço a torcer de vez em quando”. E ela não gosta quando eu falo essas coisas pra ela... fica irritada”. Parece, pois,

dominado e dirigido por essa “mulher com pinto” e “braço de ferro”, cujo animus⁶⁹ rígido e pontiagudo o espeta a ponto de sentir-se desvalorizado como homem, refletindo um aspecto manipulador da própria personalidade do sonhador⁷⁰, com o qual tem dificuldade de se haver e se relacionar, já que no sonho, embora o ego onírico goze na posição de submissão em que se encontra, não resolve a situação, batendo a cabeça na cama e acordando, de modo a permanecer o impasse: Yago cederá às exigências desse ser andrógino, fundindo-se a ele tendo em vista angariar uma gratificação posterior (“Eu meio que aceitei, mas já na questão do que viria depois”) ou, talvez, atingir uma sensação de inteireza, de completude que se contraponha a sua identidade despedaçada?⁷¹.

SONHO 2: “Eu tava na casa de um amigo meu e ele é casado, esse cara, eu chamava muito ele de Marrom, o apelido dele é Marrom. Tinha eu, o Marrom, a mulher dele e o irmão dela também. Eu estava sentado no sofá nesse sonho, no sofá da casa dele e eu pegava um potinho de Yakult na mão, porque tem muitas pessoas que fumam assim: pega o potinho de Yakult, você fura, morde na parte de baixo, no pezinho do copo de Yakult, você morde ali na parte de baixo, faz um buraquinho, aí já tem aquele metal da tampinha dele em cima que é de alumínio, aí a pessoa só pega uma agulhinha e fura, entendeu? Tá ali o cachimbo feito, entendeu? Então, eu me vi nessa situação. Eu cheguei a ver eu acender um isqueiro e eu vi a pedra derreter, escutar o barulho dela fazendo aquele barulho dela derretendo e eu puxando aquilo. Quando eu acabei de fumar essa pedra de crack eu acordei. Depois que eu acabei de

⁶⁹ Animus corresponde ao “lado masculino, inconsciente, da personalidade de uma mulher. Ele personifica o princípio do Logos. A identificação com o Animus pode fazer com que uma mulher se torne rígida, opiniática, obstinada e questionadora. (HALL, 1992, p.151).

⁷⁰ O “traveco” poderia representar, assim, a ânsima contaminada pela sombra do sonhador, já que, conforme Hall (1992, p.92) aponta “embora ânsima e animus sejam realmente não-sexuais na identidade do gênero do ego, existem por certo casos clínicos em que ânsima e animus são contaminados pela sombra e, assim, o sexo da ânsima e animus é ainda mais incerto. Caso exista confusão na identidade do papel sexual do ego, pode haver um reflexo dessa confusão nas imagens oníricas da sombra, da ânsima e do animus”.

⁷¹ Olievenstein (1985) discursa acerca da impossibilidade de o toxicômano forjar uma identidade em decorrência do estágio do espelho partido, cuja imagem quebrada o impediria de se descobrir enquanto outro e romper a fusão que mantinha com a mãe, de modo que os vazios deixados pelos espaços ausentes do espelho quebrado fariam menção a uma incompletude que remeteria ao estado anterior de fusão e indiferenciação. Sendo assim, destaca que o adito, em uma tentativa de encontrar uma saída para a falta e atingir a unicidade e completude, se lançaria em busca de uma identidade dupla em espelho, em uma co-presença bissexual: “A tentativa-tentação andrógina é uma das soluções encontradas para sair do impasse no qual ele se vê colocado a partir do estágio do espelho quebrado” (p.133). Todavia, ao invés de atingir a totalidade/unicidade, duplica sua falta e seu sofrimento, revivendo a amarga experiência do impossível: “possuído e possuidor, penetrado e penetrador até o nível mais profundo de toda aventura sexual e imaginária, ele encontra o objeto, transforma-se no objeto, é incorporado, incorpora, mas só se torna Uno no espaço fulgurante do orgasmo – e isto quando consegue tê-lo. Mais uma vez, como sempre, o que sucede ao clímax é apenas um, sem o outro: desta vez, o feminino e o masculino frente às suas respectivas faltas” (p.132).

fumar, tipo “Que que eu fiz?”, sabe? Então, meio que aquilo me incomodou de tal forma de que eu acordei”.

Associações: vide anexo p. 189.

| CASO YAGO | | |
|--|--|--|
| SONHO 2 | | |
| 1. Personagens | Amigo Marrom; mulher do Marrom; cunhado do Marrom; sonhador | |
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Casa do amigo Marrom |
| | Situação | Descreve uma cena familiar (costumava usar mesclado na casa do amigo) que se transforma em uma cena inédita de preparação para fumar crack (que nunca fumou em vida consciente por achar ridículo) |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | O sonhador fuma a pedra de crack | |
| 4. Lysis (desfecho) | Termina de fumar a pedra e sente-se incomodado com o ato | |
| 5. Presença ou ausência de droga | Presença | |
| 6. Símbolos | Droga/crack | |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | Prazer, satisfação | |
| 8. Sentimentos ao acordar | Yago, se sentindo mal e assustado, como se tivesse de fato fumado, começou a orar a Deus e a repreender o “inimigo” (Diabo), diante da possibilidade de ser o sonho uma “seta” maligna, uma tentativa de Satanás entrar em sua mente | |
| 9. Significado do sonho para o sonhador | Yago acredita que se após 7 meses sem sonhar com drogas, voltou a sonhar, também há a possibilidade de recair e que, portanto, o sonho seria um aviso para ele “vigiar”, se cuidar para não reincidir no uso | |

Interpretação:

O sonhador encontrava-se cercado por amigos usuários de drogas em um ambiente em que, habitualmente, fumava mesclado (mistura de cocaína e maconha) em vida consciente, mas nunca crack, por sempre ter julgado a cena do consumo da droga ridícula. Contudo, em sonho, aparece sentado no sofá da casa de Marrom (que descreve como um “sobrevivente”, usuário de crack puro), preparando um cachimbo com “potinho de Yakult” e, posteriormente, fumando crack, ou seja, Yago, na vida onírica, aparece fazendo e deixando-se dominar por algo que nunca se permitiu sequer em vida consciente, o que confirma, mais uma vez (tal qual o sonho anterior) estar procurando resolver sua adição via repressão e não via integração, pendendo para a extremidade de um pólo na vida consciente, de modo que transpareça a compensação a nível inconsciente, com o ego onírico atuando no pólo oposto. Ao falar sobre a substância, diz: “O crack, eu vejo ele como o próprio Diabo, porque o crack ele mata, porque o crack te faz roubar, o crack traz destruição, certo? O crack é uma coisa de que eu acredito que o Diabo usou o homem pra inventar essa arma pra acabar com a humanidade. E a gente, que somos imagem e semelhança, templo do Senhor, às vezes, nos deixamos dominar por ele”. Pode-se dizer que Yago se coloca, assim, como um “joguete” do Diabo, no qual projeta um aspecto perverso e destrutivo reprimido de sua personalidade, ao qual dá vazão em sonho. O Diabo do qual tanto fala, representaria, pois, a sua sombra, que se apresenta para ele como extremamente ameaçadora, motivo pelo qual designa o crack, que equipara com o Diabo, como “a droga do medo” - já que evoca conteúdos obscuros -, clama a Deus e repreende a Satanás ao acordar. O sonho, além de apontar para a necessidade de Yago olhar para sua sombra e integrá-la, parece revestir-se, ainda, de um caráter redutor, visando levar o indivíduo a agir de modo mais equilibrado, minando a soberba de Yago que, a todo instante, promulga dotes e qualidades que ultrapassam seus próprios recursos internos e que, em vida consciente, por ter fumado somente mesclado (cocaína com maconha) se coloca acima dos usuários de crack, cuja prática sempre considerou ridícula, ao passo que, no sonho, o sonhador aparece na mesma posição, no mesmo patamar dos adeptos da substância, como se o sonho lhe dissesse: “Olhe para si e considere a sua medida: sua atitude não está acima dos demais. Procure um caminho de integração para que sua sombra não sobrepuje o seu ego e o domine”.

SONHO 3: “Eu estava entrando no banheiro pra tomar um banho... misericórdia, Senhor.... e quando eu entrei, tinha uma mulher no banheiro da minha casa. Eu tava entrando pra tomar

banho no banheiro da minha casa e eu tenho o costume, né, de entrar de cuecão pro banheiro... normal isso. No sonho, eu estava com uma toalha no meu ombro, só que quando eu abri a porta, tinha uma mulher dentro do banheiro da minha casa. Entrei no banheiro pra tomar banho, abri a porta, entrei e essa mulher tava dentro do banheiro da minha casa. Eu falei: “Pô, não acredito! Você? Aqui? Comigo? Nossa!”, tipo assim: “Eu nunca achei que isso fosse acontecer”. Então, ela veio, né, já veio, me abraçou, já começou a abaixar minha cueca. Ela baixou minha cueca... então, logo ela começou a fazer um sexo oral comigo, né? E ela fazia isso com muita vontade, ela era muito rápida, sabe? Ao mesmo tempo que ela me chupava, ela me masturbava. Então ela veio por cima de mim e veio sentar, sentou por cima de mim e fez... eu acho que não precisa explicar isso, né? Essa parte. E veio e sentava várias vezes por cima de mim e logo em seguida, já, assim, com alguns minutos disso já acontecendo, eu coloquei... tava eu aqui na cadei... então, eu pus os braços por baixo da perna dela e ela segurando assim pelo meu pescoço, eu levantei com ela, fiquei de pé e ela me segurando pelo pescoço, eu fiquei de pé com ela sobre os braços aqui assim.... então, eu comecei a fazer com ela em pé, só que eu em pé e ela.... eu a segurando. Então, depois de alguns minutos eu a coloquei no chão, coloquei ela com o pé, com um dos pés em cima do vaso e então, eu vim por trás dela e, em seguida... é, vim por trás dela e foi rolando. Então, já em seguida, já abri a porta do box do banheiro que é bem próximo e nós entramos pra parte do chuveiro. Então, eu liguei o chuveiro e começamos a nos acariciar debaixo da água. (Aí, eu acordei)”.

Associações: vide anexo p. 190.

| CASO YAGO | | |
|---|-----------------|--|
| SONHO 3 | | |
| 1. Personagens | | Pesquisadora; sonhador |
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Banheiro da casa da família de origem do sonhador |
| | Situação | Trata-se de uma situação corriqueira que se transforma em uma situação inesperada, de surpresa, quando o sonhador depara-se com a pesquisadora em seu banheiro |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | | Pesquisadora e sonhador se relacionam sexualmente em diversas posições, em uma atmosfera envolta por atração, tesão, admiração, |

| | |
|--|--|
| | ternura e encantamento. O sonhador se mostra seguro, viril e forte (a levanta em seus braços) |
| 4. <i>Lysis</i> (desfecho) | Sonhador e pesquisadora se acariciam sob a água |
| 5. Presença ou ausência de droga | Ausência |
| 6. Símbolos | Sexo, banho, água |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | Sentiu-se privilegiado, surpreso e satisfeito por estar com uma mulher que lhe é inalcançável, além de prazer ao longo do sonho |
| 8. Sentimentos ao acordar | Yago sentiu-se excitado, decepcionado por ter sido um sonho, mas satisfeito pela fantasia ter se concretizado ao menos na vida onírica |
| 9. Significado do sonho para o sonhador | Yago acredita ser a mensagem do sonho: “Nada é impossível. Se tiver fé, você alcança, você consegue. Perseverança também... ser forte, tipo assim: não vou desistir” |

Interpretação:

O sonho fala sobre o encontro entre o sonhador e uma mulher conhecida que Yago prefere não identificar (“Eu a conheço. Eu vou ter que falar quem é? É obrigatório falar quem é? Eu não acho bacana falar, não, quem é, não”), a qual tem acesso a sua intimidade e privacidade (Descreve o banheiro de sua casa como “um lugar bem íntimo, de privacidade total”) e lhe desperta fascínio e admiração. Trata-se, pois, de um sonho transferencial em que Yago sonha com a pesquisadora como figura erótica. Idealiza, pois, a mulher inalcançável que não pode ter e vivencia, oniricamente, um sexo⁷² louco e proibido, mas terno, com uma figura feminina que lhe suscita encanto, inspirado pela transferência evocadora de imagens internas. Segundo Hall (1992, p.71), sonhos sexuais do analisando a respeito do analista podem ser indicativos de que um processo transformativo está começando no inconsciente: “O inconsciente recorre freqüentemente a imagens sexuais para simbolizar processos não físicos de união e transformação, embora o ego vígil seja propenso a interpretar literalmente tais sonhos”. Vale destacar que ambos passam a se acariciar debaixo da água, fonte de vida, purificação e

⁷² “O sexo indica não só a dualidade do ser, mas sua bipolaridade e sua tensão interna. Quanto à união sexual, ela simboliza a busca da unidade, a diminuição da tensão, a realização plena do ser. Por isso, os poemas místicos adotam a linguagem erótica para tentar expressar a inefável união da alma com o seu Deus” (CHEVALIER, 2009, p.832)

regenerescência⁷³. Sendo assim, no interior de Yago, a afetividade, a ânima degradada emergente no primeiro sonho da série, aqui se transforma em uma mulher apaixonante⁷⁴, com a qual o sonhador estabelece uma relação a dois, permeada pelo reconhecimento da alteridade e por um contato mais íntegro, inteiro, colocando em evidência um lado mais saudável da vida (“Tomar banho pra mim é gostar de cuidar de si mesmo”), com as emoções. O sonho mostra, assim, que o caminho não é a repressão, mas a integração que começa a encontrar morada no âmago de Yago.

SONHO 4: “Eu tava sentado na sala da Continente, e nós estávamos fazendo um culto, um devocional, na parte da manhã... o A. tava pregando. E o japonês me sai da porta do quarto com uma... O irmão me sai da porta do quarto, abriu a porta e, super esquisito, ó... o irmão, o japonês me sai [do quarto], abre a porta, e quando ele abriu a porta, ele tava usando um sutiã e uma saia, bem grandona, dessas saias que vêm até aqui assim no tornozelo, bem grandona mesmo, essas saias que as mulheres evangélicas gostam de usar, ou melhor, só evangélica usa, né? Lá no tornozelo, é. Meu, e nós, eu e quem tava comigo na sala, tava o A., tava quem mais? Tava o W., o D., e as outras pessoas eu não lembro, eu sei que tinha mais gente, mas eu não consigo lembrar... os menino junto comigo, começamos a dar tanta risada por causa do cara que saiu assim, de dentro do quarto, que... nós começamo a rachar o bico, meu, quando ele saiu de dentro do quarto, e eu falei pra ele: “E aí, meu, você vai ficar no devocional desse jeito aí, cara? Você tá tirando, irmão?”. E, de repente, questão de segundo, ele saiu, então, mas, meio de que aquilo passou, aí focamos aqui, e eu olhei pra esse lado, ele já tava aqui do meu lado, tocando violão junto com a gente, e ele tava normal... Então eu olhei e falei: “Ué?”, daí eu falei: “Calma!”; e foi assim... e passou. (Aí eu acordei)”.

Associações: vide anexo p. 191.

| CASO YAGO | |
|-----------------------|---|
| SONHO 4 | |
| 1. Personagens | Japonês; A.; W.; D.; sonhador ⁷⁵ |

⁷³ Chevalier (2009, p.15) afirma que “mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se, de novo, num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova: fase passageira de regressão e desintegração, condicionando uma fase progressiva de reintegração e regenerescência”.

⁷⁴ Nesse caso, a ânima, positivamente, corresponde à mulher interior que atua como ponte entre o ego do homem e seus próprios recursos criativos do inconsciente, instigando-lhe o desenvolvimento.

| | | |
|--|-----------------|---|
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Sala da “Comunidade Continente” |
| | Situação | Uma situação de devocional/culto se transforma em uma situação de travestismo com a aparição do japonês trajado de saia de evangélica e sutiã |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | | Os internos começam a rir diante da cena e Yago repreende o japonês pela forma como está vestido. De repente, o japonês reaparece ao lado de Yago, trajado adequadamente aos parâmetros/persona institucional |
| 4. <i>Lysis</i> (desfecho) | | O sonhador visualiza o japonês vestido de modo masculino sem compreender o ocorrido |
| 5. Presença ou ausência de droga | | Ausência |
| 6. Símbolos | | Vestes (saia de evangélica), masculino-feminino |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | | Yago diz ter achado engraçado, mas inoportuna a brincadeira do japonês no momento do devocional |
| 8. Sentimentos ao acordar | | Yago disse ter acordado dando risada e, embora tenha tardado a contar sobre o sonho para o japonês, resolveu fazê-lo: “Não, eu só to falando isso aí, eu não to insinuando que você seja nada não, mas foi muito esquisito, cara, e eu acordei dando risada. Eu acho, né, posso estar errado” |
| 9. Significado do sonho para o sonhador | | Yago entende que o sonho apontaria para a possibilidade de um “gay” ou “traveção” se converter e ser restaurado (em alusão ao momento em que o japonês troca seu traje feminino pelo masculino) |

Interpretação:

Diversos elementos do sonho apontam para o fato de Yago estar, em certa medida, se identificando com sua persona⁷⁶ de obreiro cristão, utilizando-a inadequadamente, uma vez que parece não ter cultivado um sentimento mais amplo de identidade, faltando-lhe a percepção de que o ego é separável do papel da persona social e de que seu ser é muito além

⁷⁶ Se, de um lado a persona, que facilita a atividade do ego na interação social, pode atuar como propulsora do desenvolvimento, uma vez que conteúdos inconscientes vivenciados, em um primeiro momento, por meio de um papel de persona podem, posteriormente, ser incorporados, integrando a identidade do ego; de outro, pode inibir o desenvolvimento psicológico caso se identifique com o ego.

do que as funções atribuídas pelas regras e expectativas sociais. O sonho, contudo, há que ser revisto para fazer jus a tais apontamentos. O sonhador encontrava-se em uma situação coletiva, junto a outros internos na sala da Comunidade Continente na qual A., obreiro que Yago desconfia ser “bichona”, prega a bíblia durante o devocional pela manhã. Subitamente, outro residente, o japonês reconhecido por Yago como “não afeminado”, mas com dificuldade quanto a ler a bíblia, participar dos devocionais e responder a contento às regras da Comunidade Continente, motivo de irritação para Yago que tenta, continuamente, exortar os “meninos” a sempre estarem seguindo as regras, sai do quarto trajado com um sutiã e uma saia comprida de “crente”. Em sonhos, os aspectos da persona comumente são mostrados por roupas que podem ser vestidas ou despidas. Embora as vestes ou trajes manifestem o pertencer a uma sociedade caracterizada (no caso, evangélica) há que se atentar para o risco de transformar o indivíduo em um mero manequim, atravessado pelo esvaziamento simbólico e pela falta de mobilidade quanto a vestir e despir as máscaras conforme a situação vivenciada. Para Yago, a evangélica que usa saia comprida o faz, porque “quer se mostrar uma pessoa mais discreta, quer esconder as coisas”. Contudo, a roupagem cristã e feminina ao ser vestida pelo japonês destoa dos parâmetros religiosos apregoados pela Comunidade Continente, o que fica nítido a partir da fala de Yago: “Jamais você vai ver em uma igreja um traveco vestido de... se fosse um travecão, não estaria com uma saia de uma pessoa que é evangélica; um traveco, ele tem desejo homossexuais, e isso não é coerente... porque se é um traveco, ele não vai ser evangélico. A Palavra nos ensina que os afeminados não herdarão o Reino dos Céus. Então, isso é uma coisa inaceitável. Não é admissível. Ou então, ele tava enrustido e ninguém sabe”. Yago fala, aqui, novamente, sobre algo escondido por trás dessa roupagem inadequada, devido a um conflito entre a moral social⁷⁷ e o desejo. Desejo, no caso de Yago, não necessariamente homossexual, apesar de haver a possibilidade de aventarmos uma questão de ordem sexual, sem desconsiderar seu intenso desejo por mulheres; mas se nos pautarmos em um ponto de vista simbólico, desejo de fusão entre o masculino e o feminino, almejando o retorno ao paraíso (tentativa falha de contato com o sagrado e busca de respostas arquetípicas à qual se lançava mediante as drogas) em que perdurava a indistinção macho e fêmea encarnada em Adão andrógino a congregar ambos os sexos. De qualquer modo, desejo transgressor da ideologia moral coletiva em que encontra-se imerso na instituição em que está. E, de fato, no sonho, quando o japonês aparece travestido perante o grupo (composto por W. que, segundo Yago, tendo sido gigolô, já manteve relações homossexuais; por D. que, ao

⁷⁷ Há que considerar, ainda, que, muitas vezes, a moral social é conflitante com a moral interna.

se converter, trocou a namorada pela filha do pastor, por uma questão de *status*, tendo, recentemente, recaído e perdido o cargo de obreiro: “ele perdeu a posição, não é auxiliar mais, é um aluno como qualquer um outro...”), todos os presentes o ridicularizam e riem, inclusive o sonhador, que verbaliza: “E aí, meu, você vai ficar no devocional desse jeito aí, cara? Você tá tirando, irmão?”. O japonês cede então à pressão do grupo, se retira e reaparece com trajes mais adequados às exigências e à persona institucional⁷⁸. Desse modo, tal qual o Japão se encontra no extremo oposto ao que nos encontramos, o japonês encarna o outro lado de Yago, ou seja, sua sombra que se choca aos preceitos religiosos da Comunidade, é relegada e reprimida. Entretanto, equívoco seria delinear um parecer taxativo referente ao elemento feminino inconsciente, bem como no que concerne às associações relacionadas ao homossexualismo (Ex: “A minha ex mulher me dizia: “Você é do jeito que os gay gosta!”), já que considerando o seu simbolismo, poderíamos conjecturar tanto a indiferenciação/indiscriminação advinda da ausência de limites e fronteiras característica da família de origem de Yago em que tudo é permitido, quanto a necessidade simbólica de afirmar o masculino, em busca de uma identidade masculina.

SONHO 5: “Eu estava em casa, no sofá lá em casa, isto é, eu me encontrava em casa, na minha casa, e eu lembro que eu assistia alguma coisa, na televisão, não sei dizer se era filme ou o que era, mas eu assistia algo na televisão, e era lá no sofá e tinha uma mulher sentada comigo no sofá, não lembro, não consegui ver o rosto, mas também minha filha se encontrava nesse ambiente, no mesmo sofá. Então, nós estávamos assistindo, nós estávamos cobertos com edredom, sentados... Só que nesse meio tempo que nós assistíamos, essa pessoa que estava do meu lado, no caso essa mulher, eu bulinava nela, digamos assim, você me entende, não é? Então eu mexia, foi coisa rápida, eu mexia nela, ou seja, eu tava com a mão onde você imagina, eu masturbava essa mulher e eu percebi que a minha filha, ela tava de lado, e por um certo momento, eu deixei minha filha, minha filha meio que olhou, meio que percebeu que tava rolando alguma coisa ali debaixo daquela coberta, então eu constrangido, aí eu parei de fazer isso... Até um certo ponto eu não enxergava minha filha, mas de repente, de repente, de uma hora pra outra assim, eu percebi, tipo, eu olhei de lado e vi minha filha. E minha filha tava vendo a situação. Então eu parei”.

⁷⁸ Segundo Hall (1992, p.88) “a ausência de roupas adequadas ou estar nu num ambiente social é um motivo onírico que parece indicar uma persona inadequada”.

Associações: vide anexo p. 193.

| CASO YAGO | | |
|--|--|--|
| SONHO 5 | | |
| 1. Personagens | Filha do sonhador; mulher; sonhador | |
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Sala da casa de Yago |
| | Situação | Descreve uma situação de estimulação sexual/erótica (sonhador masturbando uma mulher) na presença da filha |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | O sonhador olha para o lado e atenta para a presença da filha no local | |
| 4. <i>Lysis</i> (desfecho) | O ego onírico, constrangido, pára de masturbar a mulher | |
| 5. Presença ou ausência de droga | Ausência | |
| 6. Símbolos | Casa, filha, erotismo | |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | Preocupação e constrangimento com o fato de a filha ter percebido a situação, incômodo e medo | |
| 8. Sentimentos ao acordar | Receio | |
| 9. Significado do sonho para o sonhador | Yago relaciona o sonho com a possibilidade de a situação onírica ocorrer na realidade na casa de uma mulher que o está solicitando, “perturbando”, da qual ele tem “fugido”: como ela mora sozinha com a filha, tal fato, inevitavelmente, ocorreria em sua presença | |

Interpretação:

O presente sonho parece alertar Yago acerca do tipo de relação que vem alimentando com sua filha. O sonhador encontra-se em sua casa de infância; casa do passado e do presente, que nos permite inferir quanto à origem dos complexos envolvidos. Yago descreve sua casa como uma “bombonière”, repleta de “coisas doces” (afetividade), da qual sente falta⁷⁹ e discursa acerca dos hábitos da família de origem que apontam para a falta de fronteiras, de limites e de demarcação de papéis familiares, bem como para uma postura exibicionista por parte do pai:

⁷⁹ O que não é de se admirar, visto encontrar-se, no presente instante, completamente tolhido pela persona institucional.

“Na minha casa, pai, mãe, irmãos, nós não temos vergonha. Meu pai é o tipo do tiozão que vai pro banheiro com a toalha nas costas e passa de cuecão, desfilando na sala... em casa não tem essa fissura, entendeu?”. De fato, onde não impera a abstinência ou a falta, mas a lei do “tudo pode”, não há *craving* ou fissura e sim uma busca desenfreada pela sensação de completude. Ao se deparar com o presente sonho, Yago recorda ter vivenciado situação similar em sua vida consciente: “Eu já fiz esse tipo de coisa [masturbá-la sob a coberta] com a mãe do meu filho... tava uma galera assistindo filme. Mas isso foi no quarto, porque lá em casa é meio comunitário”. A confusão entre o público e o privado, o exibicionismo e a necessidade de transpor o proibido se evidenciam, embora não houvesse crianças, mas somente adultos presentes, distinguindo-se, nesse sentido, da cena onírica. No sonho, apesar de a anima aparecer como uma figura feminina com a qual Yago tem intimidade e não como “cachorra”, denotando seu desenvolvimento e sensibilidade, transparece a falta de consciência no que concerne ao ego onírico incluir a filha em uma situação de estimulação sexual, visto a princípio fazê-lo sem que o perceba. O sonhador parece reproduzir, assim, o modelo familiar/parental, o que fica nítido ao expor o teor da relação travada com a filha de 11 anos: “Nós temos intimidade total, desde bebezinha. Minha filha me beija na boca, entendeu? Ela só me beija na boca. Ela gosta de dormir agarrada comigo, mó barato. Ela tarraca ni mim mesmo, sabe? O corpo, a pele gruda, eu falo: “Filha, vê se afasta um pouco, porque senão não consigo...”. Yago comenta sobre a filha de uma forma muito carinhosa e recrimina pais que consomem uma relação incestuosa com seus filhos: “Como pode um pai, né, aprontar com a própria filha maldade, que nem a gente vê no mundão, de mexer, bulinar a própria filha, sabe? Meu, o cara tem que ter a mente podre!”. Não percebe, pois, estar trilhando caminho semelhante (a menina já não tem idade para dormir junto a ele), visto não se posicionar como pai (observe que Yago se refere ao próprio pai como “tiozão”) e alimentar as fantasias da menina quanto a tê-lo como objeto de amor para si (sentimento característico da reedição do complexo edípico que floresce na pré-puberdade): “Ela fala assim: “Ah, pai, meus peitinho, pai, tá crescendo! Tô crescendo: daqui uns dias, vão falar que eu sou sua namorada”. O sonho parece, portanto estar lhe avisando: “Desperte para o tipo de relação que está nutrindo com sua filha! Olhe para a posição, para o lugar em que a está colocando!”. Yago, ao se deparar com a mensagem do sonho, tal qual o sonhador, atenta para aquilo que até então lhe era desconhecido, inconsciente e começa a refletir a respeito, verbalizando seus temores: “Já pensou se minha filha se apaixona por mim? Deus que me livre! E isso me dá medo”. Sua preocupação, todavia, embora não o verbalize, parece não se restringir aos sentimentos da filha em relação a ele, mas, inclusive, aos seus próprios afetos e impulsos. Enquanto no

sonho, o ego onírico apresenta uma excelente *lysis*, ou seja, constrangido e incomodado, interrompe a atitude (para de masturbar a mulher), Yago, em vida consciente, afirma: “Em relação a isso [dormir com a filha], eu vou tentar ser mais moderado. No momento, a minha escolha é continuar da mesma forma... ou vou mudar, não sei. Eu nunca tive isso daí... Mas eu vou tentar me policiar mais em relação a isso”. Yago parece, assim, apto a ponderar as conseqüências e tomar uma decisão, qualquer que seja ela, com maior clareza.

SONHO 6: “O sonho foi mais ou menos assim... o ambiente era um quarto, eu tava me enrolado de toalha, de toalha, né, só de toalha, assim com eu estava, só de toalha. E eu entrei nesse quarto, tinha umas duas beliches nesse quarto, uma cama normal e tinha colchãozinho no chão pras pessoas dormir e algumas pessoas também deitadas no chão, assim. E, não todos dormindo, alguns conversando, batendo papo. E em uma das camas, de uma das beliches, tinha uma amiga minha, que ela tava dormindo em cima, né, na cama de cima, a F. Ela tava deitada na cama de cima. E eu lembro de que eu entrei nesse quarto, e ela tava deitada em cima, e eu tava enrolado na toalha, segurando assim, né, aqui no canto aqui, e várias pessoas estavam deitadas, e a beliche era aqui. E eu brincando com ela, só que eu não entendi uma coisa: eu pedi um beijo pra ela. Falei: “Me dá um beijo?”, e ela me deu esse beijo, só que teve uma coisa que eu não entendi: essa beliche, eu tive que, tipo, fazer assim [se levantar e ficar na ponta dos pés para alcançá-la], sabe, pra poder beijá ela. E como que uma beliche vai ser tão alta desse jeito? Faz sentido? Não é? Porque minha altura, com certeza, não precisaria pular pra beijar uma pessoa que tava no beliche, entendeu? Pelo contrário. Mas, mesmo assim, aí eu dei o beijo nela, e daí, conforme eu dei um beijo nela, eu falei: “Ah, não, não vai ficar nesse beijo só, não”. Quis mais coisa, não quis só o beijo, quis uma coisa bem mais além do que só um beijo, uma coisa bem mais íntima, uma relação. E fui tentar subir na cama, na beliche e, conforme eu subi na cama, a toalha fez assim, né? A toalha, tipo, escorregou, só que não saiu de mim, da minha mão, tipo, você fecha a toalha aqui, então, essa parte, ela faz assim pra cá, né, então, e eu percebi de que a minha bunda ficou de fora. Então a bunda ficou tudo de fora, eu puxei de volta e a galera começou a zoar, por causa dessa situação, e eu não fiquei irritado”.

Associações: vide anexo p. 195.

| CASO YAGO | | |
|--|---|---|
| SONHO 6 | | |
| 1. Personagens | F.; sonhador; pessoas conhecidas, cuja fisionomia não se lembra | |
| 2. Introdução ou Exposição | Local | Quarto |
| | Situação | Configura uma situação de busca de intimidade sexual com alguém que se encontra em um patamar acima do sonhador, em um ambiente repleto de pessoas, apontando para uma fusão do público e privado ou, ainda, para uma indiscriminação |
| 3. Peripécia e atitude do sonhador | Na tentativa de atingir o mesmo nível da amiga, tem sua “bunda” exposta diante da platéia que ri, sem, contudo, despertar irritação no sonhador: “Entrei na pilha, não fiquei nervoso” | |
| 4. <i>Lysis</i> (desfecho) | Não há <i>lysis</i> , permanecendo a questão: o sonhador subirá ou não ao beliche? | |
| 5. Presença ou ausência de droga | Ausência | |
| 6. Símbolos | Beijo, leito, nudez | |
| 7. Sentimentos emergentes durante o sonho | Yago se sentiu livre para dar vazão aos seus desejos: “eu não tava fazendo nada escondidinho de ninguém, fui até ela, como se não tivesse ninguém, entendeu?” | |
| 8. Sentimentos ao acordar | Como Yago foi acordado por outro interno, o qual interrompeu seu sonho (que, segundo ele, estava um “barato”), ficou bravo e queixou-se da falta de privacidade: “Ah, privacidade nesse lugar é complicado. É quase que impossível” | |
| 9. Significado do sonho para o sonhador | Yago diz acreditar que o sonho se trata de uma junção da vida na Comunidade e em sua casa, mencionando não ter compreendido porque teve que se erguer para alcançar o beliche; contudo, diante da verbalização da pesquisadora quanto à possibilidade de estar menosprezando a amiga, consentiu, dizendo ser possível | |

Interpretação:

No sonho, o ego onírico encontra-se seminu (enrolado em uma toalha) em um quarto que lhe lembra, esteticamente, o espaço da Comunidade Continente mesclado a elementos que o

remetem para sua própria casa (“Rola aí uma meia mistura das duas partes que eu tô vivendo, dos dois ambientes em que normalmente eu vivo: a Continente e a minha casa, quando eu saio e tô me divertindo”). O sonho expressa, assim, a dualidade em que vive o sonhador: enquanto na Comunidade se vê obrigado a ocultar certos atos que seriam duramente recriminados, vivendo apenas entre homens e agindo de acordo com a persona institucional, no sonho, há a presença da figura feminina e liberdade para expressar seu outro lado: “eu não tava fazendo nada escondidinho de ninguém, fui até ela, como se não tivesse ninguém, entendeu?”, evidenciando, mais uma vez, o caráter compensatório do sonho. Deitada em um dos beliches encontrava-se F., amiga do sonhador, à qual ele pede um beijo⁸⁰ e ela consente. Ao relatar o sonho, Yago comenta: “Nossa, ela é tão legalzinha... não sei nem como é que eu fiz isso com ela no sonho, tadinha... Às vezes eu falo “tadinha” porque, eu já vi a F. chorar muitas vezes... que ela é meio bobinha; não é bobinha, é boazinha. Ela ficou com um rapaz uma época, só que ela começou a desconfiar que o rapaz era meio afeminado. E no final das contas, o cara gosta de homem. Então, tadinha, mais um sofrimento que ela teve”⁸¹. Além disso, Yago se diz surpreso por ter-lhe pedido um beijo em sonho, já que apesar de mencioná-la como uma amiga de longa data, “bonita”, “trabalhadora”, “bacana”, afirma não sentir qualquer atração por ela: “Eu acho que, assim, no caso [na vida consciente], o desejado não é ela... é eu, entendeu, por ela... que eu sou o playboy da favela”. Sendo assim, no âmbito consciente, Yago julga-se em uma posição superior à F., enfatizando, continuamente, o diminutivo “tadinha” para qualificá-la. Em contrapartida, no âmbito inconsciente, mostra-se o avesso: o sonhador, para beijá-la, teve que se esticar na ponta dos pés, pois não atingia a altura em que ela estava. Logo, o sonho aponta para o fato de Yago estar menosprezando a amiga em vida consciente e para a necessidade de equilibrar tal atitude mediante a integração da revelação inconsciente. Há que se aventar, ainda: “Porventura Yago nutriria um sentimento de inferioridade e inadequação que não assume, motivo pelo qual se reveste de uma aparente superioridade?”. Além disso, embora se queixe da falta de privacidade ao acordar no centro de tratamento, internamente, suas fronteiras ainda parecem indiscriminadas. Na vida onírica, o beijo em público não lhe basta, quer o todo, tudo, sexo explícito, sem limites: tudo pode! Funde o público ao privado de modo que, ao ser questionado se veria algum problema em manter relações sexuais na presença de várias pessoas, afirma: “Não, já aconteceu e teve troca de pessoas... já rolou aquela famosa suruba. Já transei na frente dos outro, não tava nem aí. Tá

⁸⁰ O beijo, símbolo de união e de adesão mútuas, significa “adesão de espírito a espírito. É por isso que o órgão corporal do beijo é a boca, ponto de saída e fonte de sopro” (CHEVALIER, 2009, p.128).

⁸¹ Tal fala, um tanto quanto sugestiva, remete, também, para a simbologia do homossexualismo, a ser retomada adiante.

rolando aquela festa, você tá no quarto, de repente uma amiga abre a porta, aí você faz assim: “Bem, pode vim também”. Contudo, embora Yago diga que, hoje, não julga ser tal comportamento “normal” e proclame estar mais moderado, admite: “Eu não vou dizer que isso já saiu de mim, entendeu? Não, mas tá meio que, quietinho, quietinho”. A aparente quietude e silêncio diurnos encontram, assim, voz na obscuridade da noite, em sonhos. Mas, eis que, ao tentar subir ao leito (propício à morte e ao renascimento simbólico) de F., sua “bunda” fica à mostra, ao que a “platéia” começa a “zoar”, ou seja, para que Yago atinja patamar similar ao de F. e cresça, se desenvolva espiritualmente, terá que despir-se da sua persona de “playboy” e nu⁸², expor sua vergonha para si próprio, olhando para seu inconsciente. Para com F. se nivelar, deverá descobrir seu verdadeiro estado; o que implica em olhar para as próprias costas, para o desconhecido e ficar com a “bunda” exposta que, em alusão ao homossexualismo (o “rapaz afeminado”) remete à premência de refletir sobre sua necessidade de fusão, de retorno ao paraíso, à indiscriminação e à indiferenciação masculino-feminino que o impele, inclusive, rumo às drogas. O sonhador, contudo, se cobre e acorda sem que se equacione a questão: Yago galgará ou não o leito de transformação?

8.3.3 SÉRIE DE SONHOS

Yago parece identificado e submetido aos invólucros da persona institucional, o que se reflete em sua adesão à abstinência sexual e, conseqüentemente, no conteúdo onírico, de caráter compensatório. Logo no primeiro sonho, se entrega ao sexo grupal desprovido de afeto ou reconhecimento da alteridade com figuras degradadas: 2 mulheres “cachorras” que aludem a uma alma primitiva, comandadas por um “traveco” manipulador que o domina, visto representar um aspecto de sua própria personalidade reprimido a exigir o retorno (por caminhos desvirtuados) a um estado primordial, indiferenciado, de fusão e completude que se contraponha à precariedade identitária. A relação polarizada com o prazer se explicita, tendo Yago galgado do excesso para a completa escassez.

No segundo sonho, o ego onírico se abandona ao uso do crack, que nunca utilizou em vida consciente por julgar a cena do consumo da substância ridícula, o que indica, mais uma vez, estar procurando solucionar sua adição via repressão, constatando-se o retorno do

⁸² A nudez, segundo Chevalier (2009, p.645), corresponde a uma “espécie de retorno ao estado primordial”; pode, ainda, ser tomada como “símbolo de um estado em que tudo está manifesto, não oculto: Adão e Eva no jardim do Éden”.

reprimido no inconsciente. O sonho parece, ainda, revestir-se de um caráter redutor, a fim de que Yago nivele suas atitudes com seus próprios recursos internos, agindo de modo menos soberbo e mais equilibrado frente à realidade.

O terceiro sonho traz à luz o encontro erótico entre o ego onírico e a pesquisadora que lhe inspira e adentra sua intimidade, evocando imagens internas mediante a relação transferencial. O sonho parece indicar que um processo transformativo principia no inconsciente: a anima animalesca, denegrada emergente no primeiro sonho da série se transforma em uma mulher envolvente, admirável e inalcançável aos olhos de Yago, com a qual se acaricia sob a água, nutrindo um contato a dois purificador, regenerador, envolto pelo reconhecimento da alteridade, clareando ser a melhor alternativa a integração ao invés da repressão. Desse modo, a situação grupal de prostituição do primeiro sonho transfigura-se em uma atmosfera de encantamento no terceiro, em que prevalece um contato mais íntegro com a capacidade amorosa, configurando-se, nitidamente, entre os dois sonhos, uma elevação da alma.

No quarto sonho da série, o japonês, representando a sombra de Yago, se traveste com um sutiã e uma “saia de crente” e diante da reação recriminadora do coletivo (internos da Comunidade), troca a roupa por trajes masculinos, mais adequados à persona institucional com a qual Yago parece estar identificado, reafirmando a repressão dos aspectos sombrios da personalidade de Yago em nome do cargo de obreiro e dos preceitos religiosos que imperam no recinto. Evidencia-se, assim, um conflito entre a moral social e o desejo de fusão masculino-feminino. Resgatando o simbolismo do homossexualismo, este pode apontar para uma indiferenciação e indiscriminação, provavelmente, advindas da falta de limites característica da família de origem de Yago em que tudo é lícito ou, ainda, para a necessidade simbólica de afirmar o masculino, em busca de uma identidade masculina.

O quinto sonho da série parece querer alertar Yago acerca da relação incestuosa e indiscriminada que vem mantendo com sua filha, já que o ego onírico aparece estimulando sexualmente uma mulher na presença da menina. Apesar de Yago justificar o fato de beijar na boca e dormir abraçado com a filha dizendo que em sua família de origem não há vergonha, mas liberdade entre seus membros, começa a refletir e a ponderar sobre como tal dinâmica familiar incidiu sobre a sua própria dificuldade em lidar com limites e, conseqüentemente, incorrer na transgressão, inclusive, através do uso de drogas. Enquanto na *lysis*, o sonhador, incomodado e constrangido, interrompe a atitude, Yago, em vida consciente, afirma a intenção de “ser mais moderado” no que concerne ao hábito de dormir junto à filha.

No sexto e último sonho da série, em que o sonhador se estende para beijar a amiga, situada em um beliche, fica claro que Yago parece estar exaltando a si mesmo além de sua medida interior e subestimando-a na vida consciente a ponto de o conteúdo onírico mostrar-lhe a necessidade de equilibrar tais atitudes que, possivelmente, encobrem um sentimento de inferioridade e inadequação que não assume. O fato de o beijo não lhe bastar e procurar subir ao leito para manter relações sexuais mesmo à vista de um público expectador indica a falta de discriminação e limites. O sonho, ainda, parece indicar que para que ele ascenda a uma posição transformadora, é imprescindível que se dispa de sua persona (a toalha cai) e exponha sua vergonha para si mesmo, atentando para seu inconsciente. Embora o gesto do sonhador de se cobrir diante da platéia pareça ser um indício de contato com a própria vergonha que, nas associações do sonho anterior Yago alega não sentir, bem como de um germe de discriminação, permanece o questionamento quanto a Yago subir ou não ao lugar alquímico de metamorfose, transfiguração e crescimento espiritual.

Enfim, a série de sonhos mostra a dualidade em que vive o sonhador, ora “obrigado” a camuflar determinados atos que seriam severamente criticados, agindo em conformidade com a persona institucional, ora impelido a dar vazão aos seus impulsos e desejos em sonhos, expressando seu outro lado no âmbito inconsciente. Parece, pois, não ter incorporado as regras que vem pela persona, além de estar aprendendo normas frágeis de conduta, evidenciando-se a urgência de se trabalhar o ego de Yago para que possa renunciar à onipotência.

8.3.4 ANÁLISE DO CASO YAGO

Yago parece acreditar na existência de Deus como um poder superior a orientar sua vida e a definir seu destino, inclusive, no que concerne à sua internação na Comunidade Continente: “Eu acredito que foi o agir de Deus... não foi à toa, ao acaso!”. No tocante à questão, contudo, em outro momento, afirma não ter tido escolha, em virtude da pressão da prima para que aderisse ao tratamento, transparecendo, em certa medida, como se posiciona frente à vida: ao sabor do vento.

Quanto à dinâmica familiar, se explicita a ausência de fronteiras, limites e de demarcação de papéis que impera entre seus membros. Pautando-se nas verbalizações de Yago, o exibicionismo, a indiscriminação e a transgressão são abertamente expressos e compartilhados entre alguns familiares: conta ter participado de um *ménage à trois*, ou sexo à três com duas

de suas primas, que são irmãs, menciona o hábito do pai, sobre o qual se refere como “tiozão” quanto a “desfilar” pela sala só de “cuecão”, além de cultivar o costume de dormir “atarracado”, “pele com pele” junto a sua filha de 11 anos⁸³ e beijar-lhe a boca, provavelmente, advindo desse modelo familiar torpe, cujas bases parecem ter sido insuficientes para sua formação identitária.

Yago se refere à mãe, “semi-analfabeta”, com zelo e ternura, dizendo amá-la e chorar ao tentar ensiná-la: “Eu tenho até um pouco de dificuldade, fico triste, choro bastante quando eu tento ensinar alguma coisa pra ela: escrever, ler... e eu vejo que ela tem dificuldade de algumas coisas... isso me incomoda, também”. A simplicidade e impotência da mãe parecem tocar suas próprias feridas internas, fazendo com que os sentimentos de inferioridade, inadequação e impotência fiquem à flor da pele, motivo pelo qual, procura, constantemente, promulgar seus dotes, tencionando desvencilhar-se de sua origem humilde.

Sente-se culpado pelos deslizes cometidos com a droga e pelas conseqüências desses sobre os pais e compara a atitude da mãe quanto a retornar aos estudos com 57 anos com sua própria atitude enquanto intoxicado: “Uma senhorinha se esforçando pra ser uma coisa melhor e eu aqui loucão, deixando se arrastar pela droga”. Sentindo-se em débito, procura, então, pagar a sua culpa, agindo de modo condizente com o ideal de filho desejado pelos pais: “Meu pai e minha mãe chegou pra mim: “Filho, a única coisa que o pai e a mãe quer de você é morrer sabendo que você ficou bem”. Putz, meu! Eu devo isso a eles, eu devo isso a mim, eu devo isso pra Deus”. Contudo, parece fazê-lo não na base da integração mediante a internalização das normas, mas sim trajando uma persona aceitável ao coletivo/institucional com a qual se encontra identificado: “o filho sem droga, limpo, sabendo das coisas que tem que fazer, o filho mais responsável, buscando a Deus”.

Sobre o princípio do relacionamento com a mãe de sua filha, com quem sequer dialoga atualmente, utilizando-se do restante da família como mediadora quando necessário, menciona: “Eu era namorado da amiga dela e ela era virgem e começou me seduzir e, sabe, meu, tem meninas que, só por Deus! E, pô, eu tinha 18 anos, eu era molecão também, e eu namorava a amiga dela, e ela ia muito na casa da amiga dela e ficava me cortejando... ela me roubou da amiga dela”. Embora Yago assuma ter começado a “pegar as duas” até ser flagrado com a “outra”, se coloca, nitidamente, em uma posição de vítima, passiva; se isenta de

⁸³ O inconsciente de Yago sinaliza, contudo, a relação incestuosa que vem mantendo com a filha, de modo que mediante a ampliação da consciência, o interno possa decidir com liberdade sobre reproduzir ou não o modelo indiscriminado da família de origem. Além disso, Yago parece procurar na filha, incestuosamente, o resgate de alguma pureza interior, o que não retira a gravidade do ato.

responsabilidade pelos seus atos, projetando-os em outrem: ele foi seduzido e roubado pela “virgem”, tal qual a droga o faz.

E, “naquele calor, naquele vuvo-vuco”, P. acabou engravidando: “Ela foi mãe com 15 anos, e eu fui pai com 18 anos, 18 pra 19 anos”. Há que se considerar que sua inserção no mundo das drogas se deu, exatamente, aos 18 anos, ou seja, no período de transição da posição de filho para a posição de pai e não na pré-adolescência como comumente ocorre e que, por sinal, também se configura como um momento de passagem. A filha traz, assim, uma angústia dilacerante para Yago, pois o simples fato de ela existir mostra, prova a existência de Yago, embora ele mesmo não tenha certeza alguma acerca da própria identidade. A filha desnuda, assim, sua dificuldade para constituir um eu adulto que o marca desde a infância. Yago escamoteia, pois, sua angústia preenchendo a carência com a droga, que confere a ilusão de um retorno à onipotência, característica da relação primal: “Ela te dá aquela sensação de poder, de força, de coragem, você age, você não pensa, então: “Eu vou fazer e acabou”.

Em contrapartida, referindo-se ao relacionamento com a mãe de seu filho de 4 anos, faz questão de contar momentos de união em que ela o elogiava após o ato sexual: “Ela falava: “Meu, você está igual vinho. Quanto mais velho você fica melhor. Você é carinhoso, você não termina e se joga pro canto e vai dormir, você conversa comigo””. Yago entende que o que os separou foi a droga e que, agora, como se encontra em abstinência, não haveria empecilho para voltarem, exceto pelo detalhe de ela não mais querer. Novamente, deposita em um objeto exterior (droga) sua responsabilidade, fechando os olhos para o fato de que aquele “velho homem” que habita seu ser, “quietinho”, necessita ser integrado.

Afirma ser “aquele homem que gosta de discutir relação” e acreditar que “toda mulher gostaria de ter um homem assim”. Descreve a si mesmo como alguém “contente” e “extrovertido”, com facilidade para fazer amizades, um “metrossexual” que aprecia vestir-se bem, dotado de “espírito de liderança”. Declara, ainda, sempre ter sido altruísta: “Mesmo estando caído, engatinhando pra poder ficar bem, sempre me senti muito bem em poder ajudar alguém: se eu visse um cachaceiro, um pinguço jogado assim, no meio da rua com o carro quase passando por cima, eu ia lá, pegava, colocava na calçada: “onde é sua casa? Eu te levo lá na sua casa, vamos lá!”. Assume, assim, continuamente, uma postura sedutora em relação à pesquisadora, falando sobre si de modo inflado, parecendo camuflar o sentimento de inadequação e inferioridade que se revela em sua vida onírica. Não percebe que para ajudar o próximo é preciso que o enxergue como sujeito, e é, para tanto, imprescindível que enxergue a si mesmo e discrimine as necessidades do outro das próprias necessidades; parece, pelo

contrário, pender para o assistencialismo, visando responder suas demandas pessoais: sentir-se bem, valoroso, com o dever cumprido a fim de compensar sua atrofia interior.

Yago, ao proferir: “Eu não estava sendo exemplo nenhum pros meus filhos: eu não servia de espelho de maneira alguma”, deixa às claras o conflito em que vive, o qual remete às postulações de Olievenstein (1985, p.86) sobre a metáfora do espelho partido: “[...] foi precisamente naquele momento, naquele “passe” onde um ego diferente do ego-mãe devia se constituir, naquele face a face com o espelho, naquele “flash” da descoberta de si e da descoberta da imagem de si, que o espelho se partiu, refletindo uma imagem, porém uma imagem partida”: esta incompletude em sua identidade impulsionaria o toxicômano a tentar reviver momentos privilegiados da infância tal como o estado indiferenciado e fusional típico da relação simbiótica inicial com a mãe que procurará no êxtase da droga ou na busca da androginia. Logo, uma questão crucial para Yago se coloca: como auxiliar a formação identitária dos filhos quando ele próprio detém uma imagem esvaçada acerca de si? A saída encontrada parece ter sido a utilização da persona como uma prótese identitária.

Yago, ao contar que, após sua primeira internação, voltou a trabalhar para o patrão da “biqueira” fazendo o “recolhe”, ou seja, o abastecimento dos “meninos” que vendem a droga, salienta: “Então a soberba veio, começaram a me chamar de “pai do mel”⁸⁴. Então, olha a posição que o diabo me colocou! Não demorou muito... cáí, desandei, porque, hoje eu tenho a visão de que a palavra de Deus me diz assim: quando você é conhecedor da palavra e você faz o que é errado, vai ser sete vezes pior do que você fazia antes”. De outro lado, ao retornar para a Comunidade Continente e ser elevado ao cargo de obreiro, exalta a intervenção divina: “Eu sou obreiro... foi feita a vontade de Deus. Eu procurava ajudar pessoas que estavam me ajudando. Então, Deus foi fazendo tudo de volta”.

Yago, portanto, parece crer em um sistema “sobrenatural” gratificador ou punitivo, a depender da prática daquilo que julga “certo” ou “errado”, conforme os parâmetros religiosos e institucionais recebidos. Paradoxalmente, se exime de responsabilidade e sempre se coloca como marionete, ora do Diabo, ora de Deus, das mulheres, da droga, tal qual o era do “traveco” no primeiro sonho da série: aos seus olhos, tudo está fora dele; seu destino não se encontra em seu poder.

Diante da carência afetiva, declara pedir a Deus que lhe prepare uma “mulher”, uma “benção” em sua vida e lamenta sobre um episódio frustrado em que se envolveu com uma moça que visitava o pai internado no centro de recuperação: “Eu pisei na bola, porque eu

⁸⁴ Segundo Yago, a expressão “pai do mel” é utilizada na “língua da malandragem” para designar aquele que anda com grande quantidade de droga.

fiquei com essa menina aqui dentro da casa... estou na casa de Deus, não pode ter relacionamento com mulher aqui dentro”. Tal fala aponta para a dissociação entre o sagrado e o desejo/libido presente na crença institucional e na persona de Yago.

Quanto à sexualidade, Yago diz estar sofrendo com a abstinência sexual, pois estava habituado com uma vida sexual bastante ativa (“duas ou até três vezes ao dia”) a ponto de sua ex-mulher reclamar. Assim, Yago salta de um extremo polar para outro, da voracidade, do excesso, da vivência corporal e sexual orgiástica para a falta, escassez, supressão total, por acreditar que “em relação a essas coisas de masturbação, a Palavra [bíblia] diz que é errado e se você continuar fazendo o que você fazia, você vai ser sempre o que você era”. Teme, portanto, voltar ao estado anterior e procura domar seus impulsos na raça.

Entretanto, em outros momentos, questiona se tal pensamento é ou não demasiado simplista: “Digamos: eu to com uma benção pra receber, Deus tá com a benção pertinho de mim. Aí, por causa de uma masturbação, essa benção se afasta de mim? Será que é assim? Será que não é?”.

De qualquer modo, sente-se vigiado e sem liberdade, visto acreditar que o “Diabo” (“inimigo”) escuta o que é conversado entre os homens e “arruma um jeito de trabalhar, de abrir uma brechinha”, ao passo que Deus é onisciente, segundo a bíblia adverte: “Os olhos do Senhor estão em todos os lugares, contemplando os bons e os maus” (sic). Yago, então, menciona pedir refrigério em alguns momentos: “Ó, Deus, dá cinco minutos aí, fecha os olhos aí... pensa na situação: você estar se masturbando, sabendo que Deus está olhando pra você... é muito complicado!”. Tão complexo que Yago, em seguida, perde o fio da meada: “ai, deu até um branco, perdão! O que eu falava? Deu até um branco agora...”.

Eis a razão pela qual seus sonhos se revestem de um caráter compensatório e de um intenso teor sexual: identificado com a persona institucional, Yago tenta banir a sexualidade de sua vida consciente, de modo que seus desejos encontrem acolhida e reduto somente no âmbito inconsciente, explicitando a dualidade vivenciada pelo sonhador que sinaliza não ter internalizado as regras, que provem pela persona. Quanto ao elemento andrógino (masculino-feminino) ou aspecto bissexual presente nos sonhos, apoiados nas considerações de Olievenstein (1985)⁸⁵ podemos, sem estabelecer qualquer parecer taxativo, conjecturar que o

⁸⁵ Olievenstein (1985, p.35-36) pondera que “a observação é a única capaz de evidenciar uma característica constante, presente em todo toxicômano, a saber: um elemento escondido, um potencial feminino em cada ser masculino e, em cada ser feminino, um elemento escondido, um potencial masculino. A virtual androginia, evitada, temida, mas também apaixonadamente buscada, transforma-se no elemento essencial para a compreensão desta singularidade em ação que é o toxicômano. [...] A androginia é um fator motor essencial para esta procura hedonista apaixonada desde a pré-adolescência, para este desejo de auto-penetração representado

sentido habitual da homo e da heterossexualidade não cabe aqui, visto não se tratar inteiramente da satisfação de um desejo, mas da busca de uma identidade e de uma unidade. Ao longo do trabalho com sonhos, observa-se um processo transformativo principiando no inconsciente em que, de certo modo, Yago se vincula transferencialmente à pesquisadora e se abre para refletir sobre alguns conteúdos oníricos. No último sonho da série, Yago expõe sua vergonha para si próprio e, em seguida se cobre, indicando, provavelmente, uma discriminação embrionária que, para crescer, há que ser cuidada. Sobre o término do trabalho com sonhos, lamenta: “Eu não queria que acabasse!”. De fato, não é tempo para Yago⁸⁶ parar: uma longa e árdua caminhada há de ser trilhada para que acolha o destino e deixe de ser por ele arrastado. No caso de Yago, aceitar o destino seria renunciar à posição de vítima e aliar-se ao Self (em uma linguagem simbólica, a um Deus interior, pessoal e transpessoal e não institucional), às possibilidades de cura sinalizadas nos sonhos, reconhecendo suas várias partes obscuras, fascinantes a fim de compor a si mesmo de uma forma mais íntegra, inteira e singular.

pela seringa. [...] A droga torna possível – de maneira efêmera, é verdade, mas definitiva para a memória do indivíduo – aquela unidade que é a meta de todas as outras religiões, desde o judaísmo até o hinduísmo”.

⁸⁶ Yago significa: aquele que persevera, que vence.

9 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A drogadição consiste em uma realidade humana em que o indivíduo, destituído do significado de sua própria vida, em busca do encontro consigo mesmo se aliena em algo alheio a si que lhe empresta, temporariamente, um sentido e o escraviza de forma espúria e eufórica. A relação do adito com o próprio corpo é permeada por um trágico paradoxo, visto ser sua carne confirmação de sua existência a marcar-lhe a finitude: eis a razão pela qual anseia por limites, tal qual todo ser humano, mas ao encontrá-los se desespera e a todo custo tenta transcendê-los, pois desnudam sua condição mortal e tolhem sua ganância por uma grandiosidade descomunal. O tóxico atesta a desumanização do homem, sua ruptura com seu centro, com seu ser interior, insinuando-se como um falso elo da recuperação da identidade.

O presente trabalho, que se debruça sobre a singularidade de Enos, Raed e Yago, nos fala acerca dessa busca interior, por vezes, inconsciente, a enveredar por rumos nocivos e desvirtuados em direção à toxicomania. Tenciona a descoberta de novos caminhos, via onírica, que reconduzam o homem ao contato com seu centro transcendente, cujo fogo abrasador há de mortificar o ego, caso o consinta, para que as potencialidades advindas da fonte de vida a ele se agreguem e o indivíduo, bebendo da água purificadora e regeneradora, ressurgja, se renove e renasça espiritualmente, resgatando o sentido de sua vida a caminho da totalidade.

O cárcere em que o adito encontra-se trancafiado é tecido desde a infância. A metáfora do espelho partido proposta por Olievenstein (1985) traz à luz a inviabilidade de a criança descobrir-se enquanto si mesmo no momento em que se depara com sua imagem estilhaçada, o que impulsionaria à posterior busca da droga para anular a incerteza de ser ou não ser, de ser amado ou de não ser amado, de ser moça ou de ser rapaz. Tais angústias contemplam a androginia de Yago desvelada em sonhos, o clamor por aprovação empreendido por Enos e a marginalização de Raed, desenganado pelos outros e por si mesmo.

O toxicômano, tal qual Narciso, se apaixona pela própria imagem que, a cada instante, constrói e tenta a ela reunir-se, correndo o risco de morrer.

A gênese da toxicomania encontra-se envolta e intimamente ligada, segundo Silveira (1995), à precariedade das imagens parentais no sentido de forjar a constituição egóica dos toxicômanos: Enos discursa acerca de uma mãe ambígua e de um padrasto apagado, impotente e, portanto, falho em sua função paterna, ao passo que Raed, aprisionado no complexo materno, se lamenta sobre a ausência do pai desde seus sete anos de idade, quando

se separou da mãe, nitidamente superprotetora e controladora. Na família de origem de Yago, por sua vez, se explicita a ausência de fronteiras e limites, havendo, ainda, uma indiscriminação quanto aos papéis familiares. A insuficiência de tais modelos identificatórios para a formação identitária culminaria, conforme vimos, na fragilidade egóica, na ausência da capacidade de simbolização e na transgressão da lei.

Uma vez que o genitor masculino é vivenciado como faltoso ou frágil e ineficaz no que concerne à interdição da relação entre mãe e filho, a transmissão da lei se torna inoperante, repercutindo na transposição das normas e regras, ou seja, a não introjeção das leis paternas e o estabelecimento de leis próprias levariam o adito à constante transgressão das leis sociais, inquestionavelmente presente na história pregressa de Enos (furto de bebidas alcoólicas em festas familiares desde a infância, participação em brigas, linchamento, faltas e atrasos que resultaram em expulsões e demissões), Raed (formação de quadrilha, corrupção de menor, assassinatos, tentativa de seqüestro, tráfico de drogas e outros delitos que lhe renderam expulsões e sucessivas detenções) e Yago (orgias sexuais coletivas, tráfico de drogas)⁸⁷.

A baixa tolerância à frustração oriunda da inconsistência estrutural e a urgência imperiosa de gratificação foram detectadas nos relatos dos três participantes da pesquisa, embora em tratamento, tentando se manter sob controle, aparentemente, por vias repressivas.

A reflexão e a simbolização consistem em capacidades egóicas fundamentais para a mediação entre os impulsos e as ações, de modo que seu déficit implicaria na substituição do pensamento pela ação, visando solucionar tensões psíquicas mediante descargas comportamentais. De fato, o lidar com a culpa através de atuações pôde ser identificado nos três casos pesquisados, preponderantemente em Raed, cuja impulsividade e agressividade parecem não medir conseqüências, agravando ainda mais o sentimento de culpa não elaborado ao se deparar com as mesmas. Tais atuações expressariam um pedido de limite não verbal, considerando-se a carência do exercício adequado da função paterna.

Sedento por unidade, mas em contato com sua finitude, fragilidade, dores, perdas e fracassos, o toxicômano foge da morte em direção à morte. O trajeto de Raed quanto a isso é marcante: mesmo alertado em sonhos acerca do caminho de morte que estava prestes a percorrer, lançou-se ao risco de seu encontro. A morte desponta como alternativa segura, indubitável, concreta para findar com a incerteza, a angústia e a opressão de uma realidade frustrante, insuportável. Ao se aproximar da experiência de morte, mas dela sair ileso, se reassegura da própria existência e da ilusão de ter controle sobre a mesma, sobre a

⁸⁷ Além, é claro, do abuso de drogas que também consiste na transgressão do interdito.

efemeridade do tempo. O limiar com a morte, a ânsia por escapar do determinismo do corpo perecível que nasce, cresce, se reproduz e morre pode ser compreendida, ainda, como um desejo de crescimento. Talvez o anseio mais íntimo, mais profundo do adito seja elaborar a morte, vivenciá-la para renascer do ponto de vista simbólico, psicológico.

A eclosão da conduta toxicomaniaca em Enos (14 anos), Raed (13 anos) e Yago (18 anos) se efetivou em um período de passagem: nos dois primeiros, durante a adolescência, ao passo que no último, na transição da posição de filho para a posição de pai; ambas as fases configuram a possibilidade de apropriação de uma identidade adulta, madura e da perda da identidade infantil por meio da ativação do arquétipo do herói⁸⁸, cuja função é estruturar o ego na travessia e promover uma consciência de alteridade desde que experienciado em ambas as polaridades, possibilitando a transposição entre dois padrões arquetípicos e a assimilação de diferentes estados de consciência, envolvendo vivências de morte simbólica por meio da aproximação ego-Self.

Trata-se de um momento de extrema angústia, pois a criança há de ser sacrificada para que surja o herói que caminhará para a vida adulta. Contudo, nos três casos, persiste um posicionamento pueril que se expressa, inclusive em sonhos. Pode-se conjecturar, pautando-se na literatura, ter havido, nesse momento de passagem, a identificação do ego com o arquétipo do herói e a busca da droga como uma tentativa inconsciente de iniciação, de amadurecimento, de contato com o sagrado em uma cultura que banuiu os rituais cujas ressonâncias arquetípicas viabilizariam a morte e o renascimento simbólicos, tal qual Zoja (1992) enfatiza, evoluindo, todavia, para a conduta toxicomaniaca, visto o usuário permanecer refém do consumismo e da vivência de apenas uma das polaridades do ciclo arquetípico.

Embora a transgressão compreenda um elemento indispensável para que o sujeito possa se constituir enquanto um outro, diferenciado dos pais, é imprescindível que viva tanto a polaridade onipotência (que permite a ampliação dos horizontes mediante a busca e experimentação de novas possibilidades que o impulsionam a crescer) como a polaridade impotência (confrontação com a realidade, com seus próprios limites e com sua condição humana e mortal). O sentimento de fracasso e a vivência de perdas são essenciais para a estruturação: é o momento em que o indivíduo, inevitavelmente, se confronta com a morte.

⁸⁸ Segundo Vogler (2006, p.54), “o arquétipo do Herói representa a busca de identidade e totalidade do ego. No processo de nos tornarmos seres humanos completos e integrados, somos todos heróis, enfrentando guardiães e monstros internos, contando com a ajuda de aliados. Na busca de explorarmos nossa própria mente, encontramos professores, guias, demônios, deuses, companheiros, servidores, bodes-expiatórios, mestres, sedutores, traidores e auxiliares, como aspectos de nossas personalidades ou como personagens de nossos sonhos. Todos os vilões, pícaros, amantes, amigos e inimigos do Herói podem ser encontrados dentro de nós mesmos. A tarefa psicológica que todos enfrentamos é integrar essas partes separadas em uma entidade completa e equilibrada”.

Enos, Raed e Yago parecem, portanto, ter pendido unicamente para o pólo onipotente como um mecanismo de negação contra a angústia de morte e contra a dor que o crescimento implica, cujas estruturas não conseguiram abarcar, se utilizando das drogas como uma defesa artificial a conferir suporte ilusório diante da ameaça dos afetos perturbadores.

O tóxico emerge, então, como uma solução mágica e externa ao indivíduo: para Enos, diante dos sentimentos de inadequação, solidão, exclusão, dificuldade de se afirmar diante de si e dos outros, introversão, inibição, impotência, associabilidade, medo do abandono e necessidade de corresponder às expectativas alheias, seu entorpecimento significa adequação, sociabilidade, inclusão, segurança, extroversão, potência e sensação de auto-suficiência; Raed, por sua vez, marginalizado, endividado, enfraquecido em sua masculinidade, desinvestido e imerso na inferioridade diante dos problemas, perseguições internas e externas, culpas, agressividade, sentimentos de impotência, passividade, necessidade de auto-afirmação, falta de autonomia e vitalidade, se refugia nas drogas para esquecer, “apagar”, não refletir, fugir das muitas culpas, sentir-se poderoso, com vigor sexual, ativo, despreocupado, superior, capaz, potente e autônomo; para Yago, diante dos sentimentos de inadequação, inferioridade e impotência camuflados, culpa, vitimização, passividade, incerteza acerca da identidade, dificuldade de crescer, a química suscitaria a superioridade, a inflação, o ato não reflexivo, a fusão, o encontro com a completude, com a sensação de integridade identitária.

A droga inaugura, assim, “uma relação desdramatizada com a morte. Todos aqueles conteúdos e preocupações tão presentes no ego são, de alguma forma, adormecidos” (ZOJA, 1992, p.78). Fugidia ilusão que fenece.

A elaboração da morte, em contrapartida, implicaria em um processo reflexivo que traduzisse em palavras os sentimentos e vivências fúnebres. Mas o comprometimento da capacidade simbólica e reflexiva barra, limita; o adito se esforça para crescer lidando com a morte como pode: através de atuações. O caso Enos ilustra a questão; diante da dor do silêncio e solidão⁸⁹ que lhe evocam a iminência de morte e dissolução, se desespera e atua, pois parar, refletir é sentido como despedaçamento de si⁹⁰.

O ímpeto pela transposição de limites introduz a dificuldade apresentada pelo drogadito quanto a discernir seu próprio eu do outro, estando sua existência, em certa medida, mesclada ao mundo externo, submetida ao desejo do outro, não estabelecendo noções de finitude e colocando-se continuamente em situações arriscadas, de destrutividade.

⁸⁹ A solidão o remete para a insuficiência do apoio recebido enquanto criança e para a inconsistência egóica.

⁹⁰ A droga, em última instância, transparece como meio de aniquilação contra toda e qualquer experiência de reflexão, já que o pensar constitui uma experiência de desorganização, crise e impotência.

O uso abusivo de drogas, bem como o risco de morte nele intrínseco parece atingir o estatuto de uma conduta ordálica. A ordália corresponde a uma prova judiciária utilizada na Idade Média, em nome do julgamento de Deus, poder sobrenatural onipotente que, segundo criam, proferia o seu veredito, separando o bem do mal ao condenar à morte ou apontar triunfalmente o seu escolhido. Tratava-se de uma decisão acima de qualquer justiça humana. Bento (1986) esclarece que os celtas do Vale do Reno submetiam crianças suspeitas de serem ilegítimas à prova ordálica lançando-as à água: caso o bebê se afogasse, estaria comprovado o nascimento culposo; caso o bebê sobrevivesse, não haveria dúvida quanto à sua legitimidade, garantindo a regeneração do indivíduo e seu ingresso em uma nova vida.

Assim, os toxicômanos, apropriando-se de uma conduta ordálica que envolve risco mortal, procurariam provar seu valor intrínseco e buscariam a comprovação de uma garantia de regeneração, apelando a um Ente Superior que pudesse reconhecer e legitimar seu direito de existir, ficando, pois, à mercê das forças transcendentais do destino. Há que se considerar, ainda, o êxtase conferido pela proximidade com a morte seguida pela sobrevivência miraculosa⁹¹. Além disso, a atuação de uma situação de risco comunicaria o sentimento de que a própria vida se encontra nas mãos de algo exterior ao sujeito. De fato, Yago, Raed e Enos depositam, cada qual a seu modo, sua existência nas mãos de outrem, não se apoderam da construção de sua história e se utilizam continuamente de defesas projetivas que os isentam de responsabilidade sobre os próprios passos.

Silveira (1994, p.30) afirma que “enquanto substituto da religião, a prova ordálica constitui uma tentativa de ligação com o Absoluto, tentativa de estabelecimento de uma religião com o fundamento último que daria sentido à existência de cada um”.

O toxicômano se lançaria, assim, à intoxicação e ao perigo de morte como a um ritual de passagem, sagrado, em uma tentativa de promover a auto-iniciação, exterminando a antiga vida e renascendo, renovado, por meio da experiência que, ironicamente, se transmuta em pura repetição e obsessão. Arquetipicamente, Enos, Raed e Yago podem ser vistos como heróis que ainda não foram capazes de trilhar seu caminho de uma forma positiva: a morte não foi vivida de maneira heróica.

Entretanto, eis que diante da tolerância decorrente da prática drogaditiva e da “crise toxicomaníaca” por ela suscitada, em certa medida, nossos heróis passaram a atentar ao chamado, uma vez que optar pelo tratamento significa haver-se com as próprias dores em busca de um sentido, de um resgate, embora, concomitantemente, traduza a tentativa de

⁹¹ Tal qual o verdadeiro jogador, o toxicômano joga com a morte, não para perder ou ganhar, mas para gozar do êxtase do momento em que a decisão é deixada ao acaso, ao destino.

restabelecer, por outras vias, a gratificação da relação dual anteriormente mantida com a droga. Sobre a “crise toxicomaniaca”, Silveira (1992, p.83-84) afirma:

O toxicômano encontra-se aqui em um momento de crise quando percebe que continua não podendo viver sem a droga e, paradoxalmente, não pode mais viver com ela. É o aparecimento da crise toxicomaniaca, momento de grande intensidade existencial em que aflora toda a dinâmica que não pôde ser vivenciada anteriormente e que resultou no estabelecimento daquela relação de dependência com o produto. Sem a droga, o toxicômano é remetido à sua problemática inicial, que se apresenta, mais uma vez, agora acrescida de um profundo sentimento de impotência advindo da constatação da falha de seu projeto toxicomaniaco.

O autor acrescenta que, durante a “crise toxicomaniaca”, o indivíduo, geralmente, é acometido por uma depressão permeada por sentimentos de perda e morte, vivenciados como destruição do próprio ser e que é somente a partir dela que a entrada do elemento terapêutico se torna plausível, visto que o indivíduo, se deparando com tais sentimentos e com o fato de a droga não mais deter o poder de aliená-lo em um “paraíso artificial”, não visualizaria outra saída a não ser pedir ajuda. Nesse momento, observa-se, de acordo com Silveira (1992, p.86), que “o ego está operando dissociada e defensivamente em relação ao processo de individuação”.

Os sonhos se salientam aqui como uma luz no fim do túnel, como um caminho de vida e renascimento, como um instrumento inestimável a ser utilizado pelo terapeuta para reconduzir o indivíduo rumo ao processo de individuação, mediante a ponte ego-Self. Conforme vimos, por meio da análise de sonhos, as imagens advindas do Self fornecem ao ego a compreensão das necessidades do processo de desenvolvimento psíquico. Dessa forma, mediante a ampliação da consciência do indivíduo, o ego vigoil, caso se permita ser conduzido pelo símbolo, tem condições de direcionar sua energia em conformidade com os caminhos emergentes do Self.

No caso de Yago, o trabalho com sonhos permitiu que ele se defrontasse com o reprimido, expondo sua relação polarizada com o prazer, sua identificação com a persona e sua tentativa de solucionar a adição via repressão, inclusive, aderindo à abstinência sexual em oposição à sexualidade orgiástica e excessiva que anteriormente experienciava em vida consciente, à qual, atualmente, dá vazão em sonhos. Os conteúdos oníricos desnudaram os sentimentos de inadequação e inferioridade que não assume e que o mobilizam a adotar uma postura soberba no âmbito consciente. Seus sonhos, ora compensatórios, ora redutores, apontaram para o seu desequilíbrio em relação à totalidade e para a necessidade e possibilidade de integrar os aspectos obscuros de sua personalidade que antes sobrepunham o

ego, mas que agora, reprimidos, podem dominá-lo inconscientemente a qualquer momento, caso não os integre, correndo o risco de incorrer à recaída (não incorporou as regras, as quais vem somente pela persona). Além disso, Yago foi alertado em sonhos quanto à relação incestuosa e indiscriminada mantida com sua filha, passando a refletir sobre seus atos para tomar decisões com maior clareza. Começou, assim, a olhar para sua dualidade, a se vincular com a pesquisadora estabelecendo uma relação transferencial propícia ao desenvolvimento interior e à diferenciação da psique. Seu percurso onírico evidenciou ser a melhor alternativa a integração, capaz de instigar-lhe a regeneração e a unidade tão desejada. A continuidade do trabalho com sonhos seria, assim, imprescindível para que Yago persistisse em seu crescimento, despindo-se dos invólucros da persona, fortalecendo seu ego, mantendo uma relação mais equilibrada com o prazer e incorporando seu outro lado que lhe é temível, assustador, embora não lhe tenha impedido de perseverar na jornada⁹².

Os sonhos de Enos, por sua vez, ambos relacionados às drogas (embora não seja o ego onírico o consumidor), revelam a dualidade vivenciada pelo interno: a luta entre o pólo agressivo e descontrolado de sua personalidade e o pólo controlado e mediador que tem procurado fortalecer em tratamento. Embora o ego onírico dialogue com sua sombra no primeiro sonho, parece tentar controlá-la no âmbito do dever a ponto de a ação tornar-se infrutífera no segundo sonho em que sua fúria se agrava. Os conteúdos oníricos salientam, ainda, os sentimentos de impotência, ameaça, abandono, solidão e perseguição e a importância de entrar em contato para lidar com os mesmos, mas Enos se defende e não os reconhece como seus, em um primeiro momento, desprezando sua mensagem. Logo, sua vida onírica parece advertir a não interiorização da mudança por Enos que, embora usufrua de um apoio social e se mantenha em um ambiente de continência (internação), necessita integrar seu lado desconhecido, ao invés de reprimí-lo, pois seu ego já não suporta a pressão: parece estar colapsando (desmaio). Seus sentimentos em relação ao primeiro sonho ao acordar foram descritos como “susto e medo de recair”, evidenciando quão penosos lhe são tais conteúdos, ao passo que, no segundo sonho, verbalizou tranquilidade, denotando, contudo, um retrocesso, um movimento defensivo para não se haver com o receio da queda e com os demais conteúdos que lhe assaltam (o sonho o mostrava coagido). Sua resistência em relação a refletir sobre as mensagens oníricas e sobre si próprio culminaram no abandono do trabalho com sonhos, apesar de, posteriormente, ter reconhecido, de certa forma, sua finitude e

⁹² Yago se prontificou a confrontá-los e persistiu até o término do trabalho com sonhos.

mortalidade, renunciando ao cargo de obreiro ao dizer-se sobrecarregado, acolhendo o “aviso” do inconsciente. Há que se fazer, portanto, algumas considerações a respeito.

De fato, os sonhos defrontam o sonhador com símbolos sentidos como extremamente perturbadores, encerrando, justamente, muitos dos conteúdos dos quais procura fugir e se defender através das drogas: eis o desafio. Como vimos em Hall (1992), o objeto perseguidor onírico pode parecer severamente ameaçador ao sonhador, o que não significa que o seja para o processo de individuação. No caso de Enos, seria fundamental que entrasse em contato com suas dores a fim de elaborá-las e reconhecesse o rapaz alcoolizado como um aspecto de sua própria personalidade que necessita ser integrado para que a “cura” lhe sobrevenha.

Quanto à Raed, seus sonhos (cujos conteúdos também não são sentidos como aprazíveis pelo sonhador) desvelaram o embate entre a agressividade e a afetividade, o complexo materno que o aprisiona, seu posicionamento enquanto puer, passível de sedução, orientando-o quanto à necessidade de dizer não para aquilo que o seduz (droga), evidenciando, ainda, a dificuldade de se comunicar com sua alma. Verifica-se que, embora no quarto sonho emergja uma alma ajudadora que não seduz, mas representa a voz da consciência, aludindo a um possível crescimento, ao ser tomado pela angústia, insegurança e impotência nos sonhos posteriores, o ego onírico sucumbe. Seus sonhos, claramente, expõem sua passividade, falta de autonomia e de vitalidade e como lida com as frustrações que o afligem, fugindo das muitas culpas (devido à criminalidade) que consomem sua energia e recorrendo às drogas, que lhe conferem potência e o inflam. Um longo trabalho haveria de ser feito. Raed goza da direção do Self que lhe alerta acerca dos caminhos de morte que está prestes a enveredar (menino negro), lhe apontando, paralelamente, possibilidades de renascimento, caso se responsabilizasse por seu bebê interior. Contudo seu ego e sua persona não abraçam tais potencialidades, negligenciando as mensagens dos sonhos. Ao optar por desprezar os aspectos sinalizados por seu inconsciente, o sonhador fica sujeito às demandas autônomas impostas por esse, caminhando na contramão da direção contida no Self: Raed recai, retorna à criminalidade e à prisão, se identificando, novamente, com o herói negativo.

O desfecho do caso Raed confirma que os sonhos “podem adquirir um aspecto de antecipação ou de prognóstico” (JUNG, 1964, p.78).

Contudo, é necessário nos aprofundarmos quanto aos sonhos com drogas abordados na revisão de pesquisas, a fim de perscrutarmos a relação sonhos com drogas - craving - recaída. Quanto à frequência dos sonhos ao longo do tratamento, relatada pelos participantes da pesquisa em entrevista, foi possível constatar discrepâncias: Yago afirma ter sido a quantidade de sonhos (inclusive, com drogas) infinitamente maior no período inicial da internação se

comparado à atualidade, embora ainda costume apresentar sonhos eróticos decorrentes da abstinência sexual (durante a pesquisa, de um total de 6 sonhos, apresentou 1 em que consumia crack); Raed, por sua vez, relata nunca ter sonhado com droga, mesmo no início do consumo, mas sim sempre com sua ex-companheira (durante a pesquisa, de um total de 17 sonhos, dentre os quais foram escolhidos 8 para análise, apresentou 1 sonho em que consumia drogas e roubava); Enos menciona não ter apresentado sonhos no primeiro mês de internação, nos cinco meses seguintes ter sonhado constantemente com o consumo de drogas e, decorridos os primeiros seis meses de abstinência, ter havido uma modificação no conteúdo dos sonhos, que passaram a não mais estar correlacionados ao uso de drogas (durante a pesquisa, de um total de 2 sonhos, ambos estavam relacionados às drogas, embora não fosse o consumidor).

Tais achados apontam para o quão importante é considerarmos a singularidade do sujeito, sem reduzirmos seu movimento onírico ao âmbito biológico. De qualquer modo, embora o número de sujeitos seja pequeno e o propósito do presente trabalho não consista em efetuar uma análise quantitativa, vale considerar que dois dos sujeitos mencionaram uma frequência superior de sonhos, inclusive com drogas, em um período inicial, o que se aproxima das afirmações de Usher (1991), Colace (2000) e Christo e Franey (1996).

Quanto aos sentimentos desencadeados pelos sonhos com drogas, Enos relata serem tais sonhos tão vívidos e reais, que acordava, no período inicial do tratamento, assustado, pensando, de fato, ter usado a substância, mas concomitantemente aliviado, por perceber ter sido um “pesadelo”; verbaliza, ainda, as sensações de culpa e prazer do ego onírico ao vivenciar o sonho. Embora no primeiro sonho com drogas apresentado durante a pesquisa ter afirmado, ao acordar, susto e medo de recair novamente, o ego onírico não aparece como consumidor, mas sim como o pólo mediador que sinaliza uma “esperança de cura” a tentar controlar o outro personagem descontrolado e embriagado (que representa sua sombra). Tal diferença aponta, provavelmente, para o fato de o padrão de identidade do ego em que a sombra estava implantada ainda persistir, embora o ego já não se identifique com ele, como outrora ocorria. Yago, apesar de dizer, durante o sonho, se sentir realizado com o prazer advindo da droga, profere sempre recorrer a Deus, ao acordar, após ter um sonho com drogas, único modo, segundo ele, de se segurar: “Quando você sonha que está usando droga e você acorda, se você não tiver com uma cabeça boa, você vai embora daqui... porque já teve várias pessoas que já aconteceu isso. O cara sonha com droga e, de repente, não agüentou... não agüentou segurar a bronca e foi embora e usou droga, mesmo! Teve gente que a família veio visitar, o cara viu que a família deixou dinheiro pra ele pra comprar alguma outra coisa...

passa dois dias, a família foi embora, o cara dá um surto: “Vou embora, vou embora, vou embora! Me dá meu dinheiro que é meu!”... dá um surto nele, ele quer sair pra usar droga e vai embora, mesmo”. Desse modo, quanto aos afetos mobilizados (ansiedade e culpa) pelos sonhos com drogas e a importância dos sonhos para se compreender o processo dos aditos durante a recuperação, os achados da presente pesquisa parecem ser coerentes com os postulados de Colace (2000). A análise de sonhos seria, pois, de grande valia, para a elaboração de tais angústias suscitadas pelos conteúdos oníricos.

Schredl (1999) elencou a elevada frequência de recordação de sonhos ao aumento dos despertares noturnos, o que pôde ser observado na pesquisa em questão: Raed se queixava de sonhos entrecortados e muita dificuldade para dormir, tendo apresentado um total de 17 sonhos, embora somente 1 relacionado à droga, ou seja, um número bastante superior aos demais participantes. O autor, contudo, afirma não terem sido encontradas diferenças significativas ao comparar a frequência de recordação dos sonhos nos pacientes que recaíram e naqueles que mantiveram-se abstinentes, dado que não se confirmou nesta pesquisa, visto Raed ter recaído e os demais não. Raed parece, portanto, ter sido invadido pelo inconsciente.

Assim como em Araújo (2004) o sonhar com a substância não foi considerado um comportamento frequente em dois dos sujeitos (Yago: 1/6; Raed: 1/17; Enos: 2/2).

Considerando-se os sentimentos evocados pelos sonhos com drogas relatados pelos participantes, associados à fala de um dos diretores da instituição, que afirmou ser corriqueiro os internos sonharem com o consumo de drogas a ponto de acordarem com o “gosto da bebida na boca” e recaírem, podemos inferir haver, de fato, uma ligação entre os sonhos com drogas e o *craving*, o que não quer dizer que levará necessariamente à recaída. Eis a importância da análise de sonhos ao longo do processo. Nesse sentido, a postura adotada neste trabalho difere de Christo e Franey (1996) que afirmam, taxativamente, serem os sonhos com drogas indicio de um prognóstico desfavorável à manutenção da abstinência, ou do de Choi (1973) que defende o sonhar com a bebida como sinal de um bom prognóstico. Tampouco nos cabe aproximarmos da visão de Brown (2004) que afirma a presença do sonho com a droga não predispor o indivíduo para o *craving*, nem para o uso de drogas: Raed sonhou com drogas e recaiu; entretanto, já havia passado por recorrentes recaídas sem jamais ter sonhado com drogas. Yago e Enos, por sua vez, também sonharam com drogas durante a pesquisa, mas ao menos até o seu término, não recaíram. Logo, não nos cabe alardear conjecturas com tamanha veemência. Os sonhos com drogas, simplesmente, parecem desvelar a persistência de um padrão de identidade dantes identificado ao ego, sinalizando a necessidade de integração, sobre a qual a análise de sonhos muito tem a oferecer. Nos três casos pesquisados, a atividade

onírica apontou para uma tentativa de contenção dos aspectos obscuros da personalidade dos sonhadores via repressão (sem menosprezar a peculiaridade de cada caso). Poderíamos aventar, assim, que os sonhos com drogas estejam relacionados à ressonância do tratamento na psique do indivíduo: caso os conteúdos estejam sendo reprimidos há, de fato, risco de recaída. De outro lado, o confronto consciente-inconsciente traz à luz não somente o risco da queda, mas a possibilidade de integração e, conseqüentemente, o fortalecimento egóico, caso a obscuridade seja incorporada à consciência, via análise onírica, favorecendo sua ampliação.

Embora Jung (1964) tenha escrito advertindo sobre os avisos do inconsciente que necessitam ser considerados até mesmo para evitar acidentes fatais, é claro em toda a sua obra o sentido simbólico atribuído aos mesmos; caso contrário, incorreríamos em um reducionismo de cunho fatalista, visto os sonhos de Raed (inclusive, aqueles sem a presença de drogas) terem sinalizado possibilidades antagônicas (de vida e de morte) a depender do posicionamento de seu ego em vida consciente. O homem deve, assim, participar ativamente de seu processo de amadurecimento, nas palavras de Von Franz (1964, p.162) “o Grande Homem que vive em nosso coração”.

Raed, seduzido pela ganância e poder, se rebelou contra o próprio inconsciente, traçando a sua queda. O ego há, pois, de dar ouvidos aos sonhos, aliar-se ao Self e entregar-se ao impulso interior de crescimento. Eis as limitações da análise onírica: no caso dos toxicômanos, a fragilidade egóica os possibilitaria encarar os conteúdos que lhes são aterrorizantes e que, muito embora signifiquem vida, lhes remetem à iminência de morte e dissolução?

Ao menos Yago mostrou ser viável confrontar-se com a morte em direção à vida. Há que se salientar, portanto, os benefícios potenciais da interpretação de sonhos. Se, de um lado, a toxicomania consiste em uma tentativa frustrada de iniciação e contato com o sagrado, de outro lado, os sonhos viabilizam o renascimento mediante a ligação do homem com seu daimon (“interior do homem” ou Self). Enquanto as drogas aprisionam o indivíduo pelo consumismo que não suporta espaços psíquicos vazios em virtude de sua fragilidade egóica, que o leva a constantes recaídas, a análise onírica fortalece o seu ego, a sua estrutura, aumentando a tolerância a frustrações e, provavelmente, diminuindo a incidência à recaída⁹³. Os sonhos desvendam a repressão, permitem a integração e a vivência de ambas as polaridades do arquétipo do herói, como um ritual de passagem a impelir o puer à maturidade e à responsabilidade pelo próprio destino.

⁹³ Pesquisas qualitativas mais extensas e prolongadas, com um maior número de sujeitos, contudo, não de ser feitas para acompanhar o processo transformativo da psique do toxicômano, considerando-se sua singularidade.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao toxicômano, adentrar o universo onírico perscrutando seu potencial curativo requer defrontar-se ao espelho partido, às lacunas que imperam em seu interior. O confrontar-se com o aspecto temível, tenebroso e desconhecido do inconsciente a fim de tornar-se consciente é o tributo que o herói tem que pagar para angariar os valiosos tesouros da vida. Somente a consciência de que a vida ultrapassa o mero consumismo e detém uma significação mais ampla é capaz de elevar a alma do homem à liberdade de ser.

O trabalho com sonhos convocou os heróis rumo à jornada, desvelou suas angústias mais íntimas, propondo-lhes um novo trajeto: o desbravamento do inconsciente para franquear a reconciliação e união dos elementos antagônicos da psique. Nesse sentido, a interpretação dos símbolos exerceu um papel crucial, pois representam tentativas naturais que corroboram com a integração e com o processo de individuação.

A leitura dinâmica de cada indivíduo, fitando-o em sua singularidade, viabilizou a compreensão de suas vivências, dores e dissabores, o modo como lida com os mesmos (inclusive, incorrendo ao uso de drogas) e os obstáculos que entravam sua travessia rumo ao encontro do “Grande Homem” que o habita.

O significado inconsciente de o indivíduo imergir no submundo das drogas foi, igualmente, pincelado: a tentativa desastrosa de dar voz ao desejo de crescimento, de entrar em contato com o Sagrado e de responder às mais profundas necessidades arquetípicas mediante a toxicomania, lança o adito ao sombrio fundo do poço, que os sonhos não de iluminar. A utilização das drogas foi detectada, ainda, como uma defesa artificial contra afetos perturbadores que emergiram em meio aos conteúdos oníricos a fim de serem elaborados.

Linchamento, morte, sedução, sexo, drogas, perseguição, brigas, renascimento, roubo, travestismo são alguns dos temas que se sobressaíram em sonhos, muitos dos quais sentidos como indigestos pelo sonhador.

O processo permitiu discernir que a aparente ameaça inconsciente a afligir o toxicômano como um perigo de morte posiciona-se a favor de seu amadurecimento, não tencionando destruir seu ser, visto a integridade identitária se viabilizar somente quando existe um ego em torno do qual o Si-mesmo pode se unificar e se expressar, muito embora, em certo sentido, a totalidade coincida com a derrota do ego: a abstinência, a falta seria o sacrifício ritual “*sine qua non*” para que o adito renunciasse a sua condição consumista e pueril e abdicasse de seu

estado de onipotência, a caminho da individuação. A mortificação do ego, purificado pelo fogo do inconsciente, possibilitaria ao indivíduo renascer, transformado.

Os sonhos transparecem como um antídoto contra a coletivização da vida humana, uma vez que, analisados, permitem ao sonhador despir-se de sua persona e reencontrar-se consigo próprio. O movimento psíquico dos sonhadores pôde, assim, ser desnudado, bem como a riqueza das possibilidades sinalizadas pelo inconsciente e o percurso trilhado pelos mesmos na concretude da vida consciente.

A revelação quanto ao desequilíbrio dos indivíduos em relação à totalidade emergente em sonhos, fomentou-lhes a reflexão, instrumentalizando-os a tomar suas decisões com maior clareza, ao invés de, simplesmente, recorrerem à atuação.

Embora seja imprescindível a realização de pesquisas qualitativas prolongadas que acompanhem o processo transformativo inconsciente, o trabalho clareou a importância da interpretação de sonhos para a estruturação e fortalecimento egóico dos aditos, cuja fragilidade interior os impulsiona, repetidamente, à queda.

Uma multiplicidade de símbolos oníricos trazidos pelo inconsciente dos participantes revelaram a numinosidade dos arquétipos. Serpente, andrógino, criança negra, centro em praça com fonte e ponte: eis a riqueza do material que transcende a experiência individual e aponta para o momento crítico da existência e, inclusive, em algumas circunstâncias, para a possibilidade de um desenvolvimento maior a ser atingido pela personalidade, a depender do posicionamento egóico.

Evidenciou-se a relevância de se atentar às mensagens dos sonhos e os infortúnios de negligenciá-los enquanto elo entre a vida vígil e onírica. O indivíduo, ao se isentar de responsabilidade quanto à incorporação das novas potencialidades oriundas de seu centro, pode pender para a cristalização, estagnação ou involução, a ponto de neutralizar ou tornar infrutífera a revelação onírica. Logo, é imprescindível que se posicione ativamente, cultivando seu desenvolvimento pessoal.

A presente pesquisa não compactuou com as postulações de diversos autores quanto aos sonhos com drogas indicarem prognóstico positivo ou negativo no que concerne à recaída: a presença de drogas entre os conteúdos oníricos parece apontar para um padrão de identidade que, embora não mais se identifique com o ego, persiste, necessitando ser trabalhado. Além disso, a psique, continuamente, aponta opostos polares, possibilidades de morte e renascimento simbólicos, cabendo ao ego do sonhador decidir qual caminho trilhar, sacrificando ou não seu projeto toxicomaniaco em nome do chamado existencial.

A análise de sonhos, de um modo geral - com ou sem drogas - apresenta-se como extremamente benéfica ao sujeito, ampliando-lhe a consciência e permitindo-lhe postar-se frente à vida de modo mais humano, maduro e equilibrado - caso haja integração -, não sendo cabível limitar as interpretações e os estudos da problemática toxicomaniaca, debruçando-se somente sobre os sonhos com drogas. O que importa é abrir-se para enxergar o outro - drogadito -, compreendê-lo em sua interioridade e refletir sobre as possíveis formas de integração.

Desse modo, ao longo do trabalho, deparamo-nos com avanços e limitações provenientes da análise de sonhos de dependentes químicos em processo de recuperação. Imergindo nas profundezas do inconsciente, do desconhecido, a pesquisa cumpriu satisfatoriamente o propósito ao qual se prontificou. Desbravando mares nunca dantes navegados introduziu questões de fundamental importância, abrindo caminhos para novas descobertas, apontando para a urgência de uma imersão em relação à temática, com a ampliação da literatura científica associada à realização de pesquisas qualitativas de cunho simbólico, com um maior número de toxicômanos, preferencialmente, ao longo de todo o processo de tratamento, para que a transformação psíquica possa ser contemplada no âmbito inconsciente.

Tais achados inspiram a pesquisadora ao aprofundamento do trabalho com sonhos junto a toxicômanos que pendem para a psicopatia (tal qual Raed), averiguando a possibilidade da ocorrência de um renascimento simbólico capaz de resgatá-los da vida do crime e possibilitar-lhes se haver com suas culpas para que haja reparação. Além disso, seria interessante perscrutar o impacto dos sonhos no tratamento de filhos de pais aditos que desenvolveram comportamentos compulsivos ainda na infância. Enfim, são inúmeros os desdobramentos da pesquisa, cujo valor da experiência, inestimável e inesquecível para a pesquisadora, poderá contribuir para os profissionais envolvidos em outras áreas do saber, principalmente, àqueles que lidam com a toxicomania.

O presente trabalho pode, ainda, vir a se constituir como um possível modelo de intervenção a ser melhor esculpido, adaptado e acabado, associando-se à multidisciplinaridade. A possibilidade de se trabalhar com sonhos junto a dependentes químicos se amplia: seja em grupos terapêuticos ou individualmente, por meio de um trabalho focal como o aqui realizado.

Quanto à análise de sonhos auxiliar ou não a prevenção à recaída, embora a psique aponte possibilidades, por via onírica, que o ego pode ou não refutar, o simples fato de tais potencialidades serem trazidas à consciência mediante a interpretação e reflexão confere ao

ego maior suportabilidade, mobilidade e poder de decisão: já não é arrastado cegamente pelos complexos inconscientes.

O ego e o Self são protagonistas no processo de individuação, a caminho para a totalidade, que reúne os contrários. Ao emergir, no âmago do ser, a exigência de uma reorganização total da personalidade, é hora de aliar-se ao Self em busca do tesouro e lutar com o dragão, dando voz ao chamado do daimon.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia Sagrada*. ed. rev. São Paulo: Geográfica, 1998.
- ARAÚJO, Renata Brasil et al. Sonhos e craving em alcoolistas na fase de desintoxicação. *Revista Psiquiatria Clínica*. Porto Alegre, v.31, n.2, p.63-69. 2004.
- BAPTISTA, Makilim Nunes. *Metodologia de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa*. Rio de Janeiro: LTC, 2007.
- BENTO, Victor Eduardo Silva. O paradoxo da vivência de morte do toxicômano. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro, v.38, n.1, p. 47-57, jan./mar. 1986.
- BOSNAK, Robert. *Breve curso sobre sonhos: técnica junguiana para trabalhar com os sonhos*. São Paulo: Paulus, 1994.
- BROWN, E. Sherwood et al. Drug dreams in outpatients with bipolar disorder and cocaine dependence. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, v.192, n.3, p.238-242, march. 2004.
- CEBRID. *I Levantamento domiciliar sobre drogas psicotrópicas no Brasil*, 2002.
- CHARRAN, Ivone Maria. *O fumante e o cigarro: significado simbólico desta relação*. São Paulo, 2007. 172p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- CHOI, Sei Young. Dreams as a prognostic factor in alcoholism. *American Journal of Psychiatry*, St. Louis, v.130, n.6, p.699-702, june. 1973.
- CHRISTO, George; FRANEY, Christine. Addicts' drug-related dreams: their frequency and relationship to six-month outcomes. *Substance Use & Misuse*. London, v.31, n.1, p.1-15. 1996.
- COLACE, Cláudio. Dreams in abstinent heroin addicts: four cases reports. *Sleep and Hypnosis*, v.2, n.4, p.160-163, 2000.
- COSTA LEITE, Marcos et al. *Cocaína e crack: dos fundamentos ao tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- DELANEY, Gayle. O livro de ouro dos sonhos. Cd do curso Sonhos e a jornada do herói. Cogeae. 2008.

EDWARDS, Griffith; MARSHALL, Jane; COOK, Christopher. *The Treatment of Drinking Problems: a guide for the helping professions*. New York: Cambridge University Press, 2003.

EDWARDS, Griffith; DARE, Christopher. Como funcionam as comunidades terapêuticas. Cd do curso de introdução à dependência química Quality Mental. 2001.

ESCOHOTADO, Antônio. *Historia de las drogas*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

GALLBACH, Marion Rauscher. *Sonhos e gravidez: iniciação a criatividade feminina*. São Paulo: Paulus, 1995.

HALL, James A. *Jung e a interpretação dos sonhos: manual de teoria e prática*. São Paulo: Cultrix, 1992.

JACOBI, Jolande. *Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C.G.Jung*. São Paulo: Cultrix, 1988.

JUNG, Carl Gustav. *O homem à descoberta da sua alma*. Porto Alegre: Tavares Martins, 1962.

JUNG, Carl Gustav *et al.* *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e alquimia*. OC. 12. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, Carl Gustav. *Ab-reação, análise de sonhos, transferência*. OC. 16, 2. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUNG, Carl Gustav. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. OC. 8, 1. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. OC. 7, 2. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

KALINA, Eduardo et al. *Drogadição hoje: indivíduo, família e sociedade*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1999.

MARLATT, Alan. Prevenção de recaída: racionalidade teórica e visão geral do modelo. In: Marlatt, Alan & Gordon, Judith R. (orgs). *Prevenção da recaída: estratégias de manutenção no tratamento de comportamentos adictos*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

MARQUES, Ana Cecília Petta Roselli; RIBEIRO, Marcelo. Abordagem geral do usuário de substâncias com potencial de abuso. Cd do curso de introdução à dependência química Quality Mental. 2002.

MCKENNA, Terence. *Food of the Gods: the Search for the Original Tree of Knowledge*. New York: Bantam Books, 1993.

MOREIRA, Fernanda; RIBEIRO, Marcelo. Histórias das Drogas. Cd do curso de introdução à dependência química Quality Mental. 2005.

MUNIZ, Cleber Monteiro. *A experiência onírica consciente: viagens da consciência ao mundo dos sonhos*. São Paulo, 2001. 109p. Dissertação (Mestrado em Abordagem Junguiana) – Programa de estudos pós-graduados em psicologia analítica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

OLIEVENSTEIN, Claude. *Destino do toxicômano*. São Paulo: Almed, 1985.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à saúde*. São Paulo: Edusp, 1993.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *DSM-IV: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. Washington D.C.: American Psychiatric Association, 1994.

PENNA, Eloísa Marques Damasco. *Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung*. São Paulo, 2003. 156p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PORTO, Celmo Celso. *Exame Físico Geral: semiologia médica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.

QUALLS-CORBETT, Nancy. *A prostituta sagrada: a face eterna do feminino*. 5. ed. rev. São Paulo: Paulus, 1990.

REID, Sandra D.; SIMEON, Donald T.. Progression of dreams of crack cocaine abusers as a predictor of treatment outcome: a preliminary report. *The Journal of Nervous and Mental Disease*. Trinidad, v.189, n.12, p. 854-857. 2001.

RIBEIRO, Marcelo; LARANJEIRA, Ronaldo Ramos. Transtornos relacionados ao consumo de álcool e outras drogas. Cd do curso de introdução à dependência química Quality Mental. 2006.

SANFORD, John. *Os sonhos e a cura da alma*. São Paulo: Paulinas, 1988.

SCHREDL, Michael. Dream recall in patients with primary alcoholism after acute withdrawal. *Sleep and Hypnosis*, v.1, n.1, p.35-40. 1999.

SEIBEL, Sérgio Dario; TOSCANO, Alfredo Jr. *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2000.

SILVEIRA, Dartiu Xavier da. Farmacodependências: uma perspectiva simbólica. *Junguiana*, São Paulo, n.10, p. 80-89, 1992.

SILVEIRA, Dartiu Xavier da. Drogas, vícios, conceitos e preconceitos. *Junguiana*. São Paulo, n.12, p.26-33, 1994.

SILVEIRA, Dartiu Xavier da. *Drogas: uma compreensão psicodinâmica das farmacodependências*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

SILVEIRA, Dartiu Xavier da. *Dependência: compreensão e assistência às toxicomanias: uma experiência do PROAD*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

SILVEIRA, Nise da. *Jung vida e obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1971.

USHER, Rod. *O sono*. São Paulo: Saraiva, 1991.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

VON FRANZ, Marie-Louise. O processo de individuação. In: JUNG, Carl Gustav et al. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. p. 160-167.

VON FRANZ, Marie-Louise. *O caminho dos sonhos*. São Paulo: Cultrix, 1992.

ZOJA, Luigi. *Nascer não basta*. São Paulo: Axis Mundi, 1992.

WAHBA, Liliana L.. Spiritum contra spiritum: a correspondência entre Bill Wilson e C.G. Jung. *Junguiana*. São Paulo, n.12, p.10-13, 1994.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). World Health Statistics Quartely. *WHO*, Switzerland, v.36, p.1-15, 1964.

WHITMONT, Edward; PERERA, Sylvia Brinton. *Sonhos, um portal para a fonte*. São Paulo: Summus, 1995.

ANEXOS

ANEXO I: ENTREVISTA INICIAL PSICOLÓGICA

DATA: _____

1) IDENTIFICAÇÃO DO USUÁRIO Nº do prontuário: _____

Nome: _____

Idade: _____ Data de nascimento: _____

Estado civil: _____ Nível sócio-econômico: _____

IDENTIFICAÇÃO DO ACOMPANHANTE

Nome: _____

Idade: _____

Grau de relacionamento: _____

2) ENCAMINHAMENTOS:

- Procedência: como conheceu o serviço/ qual a origem do encaminhamento?
- Qual a queixa (Álcool, outras drogas ou poli-usuário)?
- Foi submetido a tratamentos anteriores?
- Outras internações? Onde e quando?

3) HISTÓRIA E SITUAÇÃO FAMILIAR:

- Geração parental: qual a estrutura da família de origem? É possível identificar em seu seio o fenômeno da toxicomania (alcoolismo, dependência de drogas) ou outros diagnósticos (depressão, suicídio ou outro que demandou internação psiquiátrica)?
- Qual a configuração familiar atual? Há outros membros na família com histórico de dependência química (problemas c/ álcool ou outras drogas) ou outras doenças psiquiátricas?
- Uso sistemático de ansiolítico/anorexígeno ou outros medicamentos?
- Cônjuge: alcoolismo na família de origem? Como é o consumo dela (e) e dos filhos?
- Como a família encara o consumo de drogas?

4) HISTÓRIA ESCOLAR:

- Concluiu até que série? Fez curso técnico, faculdade?
- Queixas sobre agressividade, atenção, memória, aprendizagem?
- Chegou a apresentar faltas e/ou atrasos constantes?
- Desinteresse e/ou queda no rendimento escolar?
- Problemas de comportamento que culminaram em suspensão/advertências, etc.?
- Costumava consumir a droga durante o período escolar? Onde? Na escola, no entorno?
- Em que circunstâncias e quais os cuidados tomados?

5) ATIVIDADES PROFISSIONAIS:

- Apresentava atividade remunerada na ocasião da internação? Qual a ocupação?
- Como era o desempenho, a produtividade, a pontualidade?
- Qual a atividade preferida? Por que?
- Apresentava faltas? Auxílio-doença?
- Estava desempregado na ocasião da internação? (Demissão? Em que condições?)
- Costumava consumir a droga antes, durante ou depois do trabalho?
- Sofreu acidentes de trabalho relacionados ao consumo da substância?

6) SOCIALIZAÇÃO:

- Relacionamento com pais
- Relacionamento com irmãos
- Relacionamento conjugal
- Relacionamento com filhos
- Relacionamento com chefe e colegas de trabalho
- Relacionamento na escola
- Relacionamento com homens ou mulheres (é tímido, agitado, extrovertido, calado?)
- Enfrentou separação de pais ou conjugal?
- Como foi a saída de casa?

7) HISTÓRIA SEXUAL

- Apresentou envolvimento com travestis e/ou prostitutas?
- Costuma usar preservativos?
- Sofreu trauma e/ou violência sexual?
- Julga ter algum problema sexual?

8) HISTÓRIA FORENSE

- Já apresentou problemas com a lei devido a atividades ilegais?
- Já esteve preso? Qual o motivo? Como foi o processo e o envolvimento jurídico?
- Apresentou envolvimento com tráfico ou roubos?
- Qual a forma e frequência de obtenção da droga?
- Quais os recursos para aquisição da droga?
- Já sofreu "batida" policial? Em que circunstâncias e quais as conseqüências (detenção, prisão, processo)? Houve participação da família no episódio?
- Já apresentou problemas no trânsito por dirigir embriagado (intoxicado)?
- Sofreu acidentes de carro ou moto?

9) HISTÓRIA DO USO DE DROGAS

9.1) Início do uso

- Quando começou a usar droga? Qual a sua idade na época?
- Qual droga experimentou pela 1ª vez?

- Quais as circunstâncias (contexto, motivo, companhia no 1º uso)
- Qual foi o padrão inicial de uso (frequência, quantidade, situação, etc.)?
- Quando você percebeu a mudança deste padrão de consumo? Quando tempo decorreu para haver a mudança?
- Quais os fatores associados? Você percebe fatores facilitadores ou inibidores para o uso? E quanto aos fatores associados à mudança de padrão de consumo?
- Qual foi a ordem de experimentação?
- Qual a sua droga de preferência/ de eleição?

9.2) Padrão de uso do álcool/droga de eleição/ outra droga referente ao período anterior à internação

- Qual a quantidade (nº de doses) ingerida por dia da droga eleita ou de outras drogas?
- Qual a via de administração (forma de consumo da droga)?
- Qual a frequência (diária/semanal/mensal)?
- Qual a variação na quantidade (em fins-de-semana, situações especiais)?
- Qual o local de uso (casa, bar, "bocada", casa de amigos, rua, etc.)?
- Qual a situação de uso (sozinho, acompanhado)?
- Por quanto tempo está abstinente?
- Como você descreve a síndrome de abstinência? Como é durante o uso e depois do uso?
- O que o motivou a procurar ajuda/tratamento?
- Nesse período de internação, você teve alguma recaída?

9.3) Descrição detalhada da rotina antes e após a internação

- De um dia da semana
- De um dia do fim de semana
- Como se dá o consumo ao longo de 24 h? Faz uso da droga pela manhã? Logo que acorda? A utiliza durante o trabalho? (identificar padrão para cada droga) Utiliza alguma estratégia para manter o sigilo quanto ao uso? Qual?

10) SOBRE OS SONHOS

- Você costumava se lembrar de seus sonhos durante o período em que consumia drogas, anterior à internação? E a partir do momento em que começou a se abster das drogas? Você costuma se lembrar dos sonhos desde então?
- Você percebeu alguma alteração na frequência com que você se recordava dos sonhos na fase inicial do tratamento e agora?
- Você identifica temas corriqueiros em seus sonhos?
- Como é para você sonhar? Como você se sente ao acordar? É gerador de tensão, culpa, alívio, etc.?

11) IMPRESSÕES SOBRE A ENTREVISTA

ANEXO II: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: ““Psicologia Analítica e drogadição: um estudo sobre sonhos de dependentes químicos em processo de recuperação”:

Convido o Sr. _____ a disponibilizar e autorizar a aplicação da referente pesquisa no espaço da instituição _____ com alguns dos indivíduos que nela encontram-se em tratamento. A pesquisa tem como objetivo realizar uma análise de sonhos de dependentes químicos, visando identificar os símbolos que emergem ao longo do processo de desintoxicação. Para tanto, serão realizados 9 encontros semanais, cada qual com duração de 1 hora, nos quais uma entrevista semi-dirigida e um trabalho com sonhos serão empregados com o intuito de coletar os relatos dos sonhos previamente compilados em um diário, bem como suas associações. Participarão das sessões 3 sujeitos do sexo masculino, entre 16 e 30 anos de idade. As sessões serão gravadas para auxiliar na posterior análise de dados. Declaro que a identidade dos participantes não será divulgada, e todas as informações coletadas serão estritamente confidenciais. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa. A participação na pesquisa não traz implicações legais, as atividades não oferecem nenhum risco à dignidade e integridade dos participantes ou da instituição. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Ao participar desta pesquisa o Sr. não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo ajude a compreender como a análise de sonhos pode vir a contribuir para nortear o tratamento e a prevenção à recaída dos casos acompanhados. O Sr. não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. A pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos na pesquisa. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo. Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu

(RG) _____, diretor da instituição _____ de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento e autorização para realização do projeto de pesquisa supra-citado, sob a responsabilidade da orientadora Profª. Dra. Liliana Liviano Wahba.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisadora: Fernanda Moraes Andrade Gimenes

Orientadora: Liliana Liviano Wahba

São Paulo, de de 2009.

ANEXO III: TERMO DE RESPONSABILIDADE DA INSTITUIÇÃO

Eu, _____, diretor da Comunidade Continente, autorizo a realização da pesquisa denominada “Psicologia Analítica e Drogadição: um estudo sobre sonhos de dependentes químicos em processo de recuperação” com 3 indivíduos em tratamento nesta instituição, durante dois meses e meio nesse ano de 2009. O intuito da mesma é de investigar quais símbolos emergem nos sonhos destes indivíduos e quais significados ou sentidos lhes são atribuídos. Os participantes poderão se retirar da pesquisa quando o solicitarem, sem ônus para os mesmos ou obrigações adicionais. Afirmo que esta pesquisa segue a Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e que não há risco nenhum para os participantes.

Nome Diretor

Assinatura

São Paulo, de de 2009.

ANEXO IV: TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Eu, Fernanda Moraes Andrade Gimenes, responsável da pesquisa “Psicologia Analítica e Drogadição: um estudo sobre sonhos de dependentes químicos em processo de recuperação”, me comprometo a entregar ao Sr. Diretor uma cópia do documento de aprovação do Comitê de Ética da PUC-SP assim que a mesma esteja disponível.

Assinatura Fernanda Moraes Andrade Gimenes

São Paulo, de de 2009.

ANEXO V: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: "Psicologia Analítica e drogadição: um estudo sobre sonhos de dependentes químicos em processo de recuperação":

Eu, _____ RG _____, atesto que minha participação no trabalho de conclusão de curso "Psicologia Analítica e drogadição: um estudo sobre sonhos de dependentes químicos em processo de recuperação" da aluna Fernanda Moraes Andrade Gimenes, RG 37977318-1 é voluntária. Estou ciente de que a pesquisa tem como objetivo realizar uma análise de sonhos de dependentes químicos, visando identificar os símbolos que emergem ao longo do processo de desintoxicação. Para tanto, 9 encontros semanais, cada qual com duração de 1 hora, nos quais uma entrevista semi-dirigida e um trabalho com sonhos serão empregados com o intuito de coletar os relatos dos sonhos previamente compilados em um diário, bem como suas associações. Fui previamente consultado e autorizo que as sessões sejam gravadas para auxiliar na posterior análise de dados, tendo em vista que minha identidade não será divulgada, e todas as informações coletadas serão estritamente confidenciais e de uso científico, acadêmico. Sempre que quiser poderei pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa. A participação na pesquisa não traz implicações legais, as atividades não oferecem nenhum risco à minha dignidade e integridade. Tenho conhecimento de que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, de que ao participar desta pesquisa não terei nenhum benefício direto e de que não terei nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por minha participação. A pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos na pesquisa. Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

São Paulo, _____ de _____ de 2009.

(Nome em letra de forma)

(Assinatura)



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Comitê de Ética em Pesquisa
Sede Campus Monte Alegre

PUC-SP

São Paulo, de de .

**Termo de Compromisso do(a)(os)(as) Pesquisador(a)(es)(as)
Responsável(is)**

**Título da Pesquisa: "Psicologia Analítica e Drogadição: um estudo sobre
sonhos de dependentes químicos em processo de recuperação".**

Os(as) pesquisadores(as), abaixo assinados(as), se comprometem a:

- Respeitar e cumprir a Teoria Principlalista que visa salvaguardar a **autonomia, beneficência, não maleficência, justiça, privacidade e confidencialidade** (Res. 196/96 CONEP/CNS/MS);
- Não violar as normas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Comunicar ao sujeito da pesquisa todas as informações necessárias para um adequado "consentimento livre e esclarecido" e solicitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, apenas, quando o sujeito da pesquisa tenha conhecimento adequado dos fatos e das conseqüências de sua participação, e tenha tido oportunidade para considerar livremente se quer participar da pesquisa ou não;
- Obter de cada sujeito de pesquisa um documento assinado ou com impressão datiloscópica como evidência do consentimento livre e esclarecido;
- Renovar o consentimento livre e esclarecido de cada sujeito se houver alterações nas condições ou procedimentos da pesquisa, informado procedimento ao CEP;
- Manter absoluto e total sigilo e confidencialidade em relação à identificação do sujeito da pesquisa e dados constantes em prontuários ou banco de dados.
- Respeitar o princípio constitucional da dignidade da pessoa humana e derivados;
- Não prejudicar o meio ambiente em sua totalidade (fauna e a flora);
- Cumprir na integralidade todas as resoluções do Conselho Nacional de Saúde CNS/MS, bem como todos os diplomas legais referentes ao tema da ética em pesquisa, dos quais declaramos ter pleno conhecimento.
- Desta forma, nós pesquisadores(as) abaixo subscritos, nos comprometemos, em caráter irrevogável e irretratável, por prazo indeterminado, a cumprir toda legislação vigente, bem como as disposições deste **Termo de Compromisso**.

Nome do(a) Orientador(a):

Assinatura do(a) Orientador(a):

CPF Nº RG Nº

Nome do(a) Orientador(a):

Assinatura do(a) Orientador(a):

CPF Nº RG Nº

Nome do(a) Autor(a):

Assinatura do(a) Autor(a):

CPF Nº RG Nº

Nome do(a) Autor(a):

Assinatura do(a) Autor(a):

CPF Nº RG Nº

ANEXO VII: ASSOCIAÇÕES DOS SONHOS

CASO ENOS

SONHO 1

Sobre a casa:

“Na minha casa mesmo, onde eu moro”.

Sobre a pessoa drogada:

“É uma pessoa do sexo masculino, cor morena, um pouquinho mais escuro que um branco, cabelo preto, muito bagunceiro, eufórico, igual eu era no consumo. Era mesma coisa como se fosse eu, entendeu? Eu me vendo em outra pessoa, do jeito que eu era”.

Sobre a mãe:

“Muito tranqüila, mas sempre quer ter razão de tudo. Sabe aquela mãe segura que: “Não faz isso que você vai se machucar”. Eu queria mostrar pra ela que eu não ia me machucar e acabava me machucando, mesmo”.

Sobre o padrasto:

“É como se fosse um pai pra mim. Defeito que ele tem é ser muito cabeça dura em algumas coisas. Por ele não saber fazer muita coisa, às vezes, ele tenta e acaba estragando. Às vezes, ele tenta ajudar, mas não consegue. Por ser meio xucro, mas a qualidade dele é ser amoroso”.

Sobre o irmão:

“Ele é tudo o que eu não fui, na verdade. Educado, ele não é muito de balada, mais caseiro, mais família, na verdade. Somos em três irmãos. Eu sou o do meio... eu tinha sido a ovelha negra, mesmo, da família”.

Situação da vida consciente associada:

“Andou acontecendo uns tempos atrás de um rapaz que tinha cheirado cola... aí eu fiquei um pouco de medo sim de ter sido eu. Tipo, por ter o mesmo problema, aí a gente vê os nossos defeitos nos outros. Então, por a gente tentar controlar, às vezes, os das pessoas, a gente esquece um pouco do nosso também”.

Sentimentos emergentes durante o sonho:

“Como se fosse alguém me dando a chance de eu ver como é que eu era antes, o que eu aprontava. Aí isso deu bastante medo de ter sido eu mesmo, de novo. Minha família ficou meio assustada, mas no sonho já viram em mim uma esperança... passou no meu sonho essa sensação de ter superado e poder ajudar também. Dessa vez, não deu sensação de prazer”.

Sentimentos ao acordar:

“Acordei meio assustado por ter quase uma certeza do jeito que eu era, como se fosse acontecer de novo. Acho que o medo foi mais esse. Até porque, pelos ensinamentos que a gente tem a gente sabe que não tem cura. A gente pode controlar, como se fosse um câncer. Mas, pra mim, eu acho legal ter medo. Senão, eu não tenho respeito por aquela coisa, senão voltava a fazer”.

Significado do sonho para o sonhador:

“No sonho, consegui me ver como eu era antes. Acho que, por isso, meu subconsciente teve aquela calma de tentar explicar ainda pra pessoa que existia um tratamento, como se fosse eu. Como se fosse na vida real eu me vendo, como se tivesse explicando o que que fosse eu no passado. Tipo, o que eu não me via antes, estava mostrando no sonho, como é que eu era”.

Exposição ou introdução:

O sonhador estava descontraído em sua casa junto a figuras familiares. Seu padrasto o alerta de que um rapaz embriagado anseia se comunicar com ele. Enfim, descreve uma situação, a princípio, de descontração que se transforma em situação de tensão e invasão.

Peripécia e atitude do sonhador:

O sonhador se dispõe a conversar com o personagem embriagado (sua sombra), assumindo a postura de, calmamente, tentar controlá-lo e convencê-lo de que “tudo na vida ainda tem chance”, apesar de o rapaz dizer o contrário e continuar descontrolado.

Lysis:

O sonhador insiste na tentativa de controle e começa a convencer o sujeito alcoolizado de que há saída e cura para a dependência.

SONHO 2**Sobre a praia:**

“Não reconheço a praia. Tava de frente... ao longe, dava pra ver uma ilha”.

Sobre os amigos:

“Era mais amigos da parte do bairro, tinha até daqui também”.

Sobre o rapaz alcoolizado:

“Eu não lembro do rosto dele, nunca o vi na verdade... ele queria pegar todo mundo... eu seria só mais um, entendeu? Ele queria discutir ou brigar”.

Sobre o bando persecutório:

“Não seriam meus amigos. Eram outras pessoas que estavam atrás dele [do rapaz alcoolizado], e saíram pra pegar ele, pra agredi-lo, que seria eu que tava junto na hora. Vinha como se fosse linchamento”.

Sobre o linchamento:

“Já estive envolvido em um na escola. Foi há muito tempo atrás... Eu sei que estava na quadra, deu duas meninas e um menininho chorando, também tinha um rapaz tentando pegar eles. Automaticamente... todo mundo foi lá, correndo atrás e pegamos o cara lá, não quisemos nem saber o que que era, foi espancando... parece que ele foi molestar essas crianças. Aí, nisso aí, a reação já foi já da... sei lá... acho que também é instinto. A gente nem foi querer saber a verdade mesmo, a gente já foi pra bater já, escutei só por cima e fui lá também. Puro impulso: emoção misturada com a ação. É como aqueles moleque: primeiro faz a bagunça, depois vai ver a consequência, eu era assim, sem saber nem as consequências, sem saber nem o que foi que o coitado fez, entendeu?”.

Sobre correr sem sair do lugar:

“Só corria só, mas do local eu não saía. Tipo, corria, corria, corria, mas parece que as pessoas tão se aproximando, sempre. Eu não tava saindo do local, tava correndo numa esteira, entendeu? Como se fosse assim no sonho... foi a minha sensação: que corre, corre, corre e não vai pra lugar nenhum. Às vezes, o consumo da droga é uma coisa que nunca sai do lugar, só perde mais e não ganha. Depois de um consumo, uma impotência... você sabe que não queria fazer aquilo e acabou fazendo. Aí vem o sentimento de culpa”.

Sentimentos emergentes durante o sonho:

“No começo foi até um sonho legal, que eu falei que tava na praia, curtindo. Quando eu olhei pra trás, já tinham pegado ele e eu senti uma sensação, tipo, de querer ajudar, mas continuava correndo e não saía do local. Enquanto correndo sem sair do lugar, a sensação foi mais é impotência... de querer fazer alguma coisa, mas não poder, no momento. Me senti meio abandonado: “Vão me pegar e, não vou poder fazer nada!”; minha impotência de novo”.

Sentimentos ao acordar:

“Por sinal, acordei até tranquilo”.

Significado do sonho para o sonhador:

“Não significou foi nada. Meio estranho, sinistro pra mim. Apesar dessa parte da impotência que a gente pode colocar na vida real desse jeito aí de querer ajudar e não conseguir ajudar do jeito que quer, mas o resto, não posso dizer nada, não. Não faço nem idéia. No outro sonho foi tão nítido pra mim que eu vi como se fosse eu, só que nesse aí, não entendi nada dele”.

Exposição ou introdução:

O sonhador encontrava-se na praia “curtindo um verãozinho, jogando bola na areia, azarando as meninas” junto aos seus amigos e, subitamente, começa uma “muvuca” desencadeada pela chegada de um rapaz alcoolizado que tencionava agredir os demais presentes. Sendo assim, a situação inicial de lazer, brincadeira e paquera se transforma em situação de briga e perseguição.

Peripécia e atitude do sonhador:

O sonhador se prontifica a dialogar com o personagem embriagado (sua sombra) e agressivo, procurando controlá-lo e acalmá-lo, obtendo, aparentemente, êxito na tentativa, ao tranquilizá-lo. Contudo, uma nova situação de conflito se configura com um bando ou multidão enfurecida perseguindo o rapaz drogado, de modo que este e o sonhador começaram a correr, sendo o primeiro capturado, ao passo que o segundo continuou a correr sem sair do lugar.

Lysis:

O sonho não possui lysis: o sonhador acorda antes que o mesmo tenha um desfecho.

CASO RAED**SONHO 1****Sobre o terreno:**

“É um espaço de terra”.

Sobre a casa:

“Era uma casa que não era igual à casa da minha mãe, mas a minha mãe tava lá. Ela era feita de madeira bem antiga, sabe quando a casa tá caindo e é antiga? E, assim, na frente da casa eu me lembro que tinha aqueles tambor de papelão com um monte de papel jogado... papel, livro... jogado”.

Sobre a cachorrinha:

“A minha cachorrinha, que eu ganhei [do fundador da Comunidade Continente], que eu gosto muito. Quando eu ganhei ela eu senti uma responsabilidade. Tem um mês agora. É mó barato, eu gosto dela! Ela é meio teimosa!”.

Sobre a cobra:

“Um animal? No sonho eu vi a cobra, mesmo, andando, do nada. Era amarela e preta e, bem branca embaixo. E cobra, pra mim é uma pessoa que... traiçoeira. Sabe? A pessoa é cobra, ela pica você, coloca veneno contra as outras pessoas”.

Sobre a mãe:

“A minha mãe é rígida. Ela é muito devota a Deus, trabalhadora, muito trabalhadora, gosta das coisas certas... tem que ser do jeito dela e sofrida também, pra caramba, eu entendo ela. Eu acho que a gente é muito diferente”.

Sentimentos emergentes durante o sonho:

“Eu me senti em desespero, porque era uma coisa que eu amava, que tava ali e sabia que ia perder... não tinha solução. Tava longe de tudo, de remédio, de um hospital, de tudo. Que até

no sonho, veio: “Meu, vou levar ela pra um hospital, vou fazer alguma coisa, preciso!”. E não tinha, não tinha o que fazer”.

Sentimentos ao acordar:

“Assustado. Acordei assustado. Falei: “Não, é loucura, é loucura”, pensei comigo: “É loucura, eu to deduzindo uma coisa que pode ser que não seja, criando...”, não durmo, quando acontece sonho assim, eu não durmo, fico acordado, às vezes eu tenho que tomar remédio pra dormir. Nessa noite, precisei tomar remédio”.

Significado do sonho para o sonhador:

“A primeira coisa que veio na minha mente? De a minha mãe tá separando eu da minha família. E ter alguém que tá envenenando a pessoa que eu amo, porque eu sei que... assim, eu não entendo muito de sonho, mas tem algumas coisas assim que vem, a cabeça calcula e dá a resposta. Que é como se fosse a família dela, a minha mulher fosse o cachorro e alguém tivesse picando, mandasse ela embora de mim, foi o que eu tive a minha conclusão. Como se a família dela fosse a cobra, a minha mulher fosse o cachorro, minha mãe tivesse tentando me alertar de alguma coisa e eu perdesse ela de vez. A primeira coisa que veio na minha cabeça quando eu acordei”.

Introdução ou Exposição:

O sonhador acorda, se levanta e, ao caminhar no campo da clínica visualiza um terreno que comporta uma casa, na qual entra e se depara com sua mãe. Pergunta sobre o pai, vivencia sensação de estranhamento sobre se transportar subitamente da clínica para uma casa que não é a de sua mãe, apesar de a mesma lá se encontrar. Descreve, pois, uma situação familiar que se transforma em uma situação de estranhamento, desconhecida.

Peripécia e atitude do sonhador:

O sonhador fita sua cachorrinha deitada no chão ao lado de uma cobra que a teria picado e reage com surpresa, tensão, impotência e desespero, constatando e verbalizando o ocorrido, mas permanecendo passivo ao solicitar à mãe que tome uma providência a respeito.

Lysis:

A mãe do sonhador decepa a cabeça da cobra.

SONHO 2

Sobre a casa:

“É porque a casa que a gente morava era um... dois cômodo, né? Nós estávamos no quarto. O quarto é dividido com a sala, só que tem uma cortina”.

Sobre F.:

“A F. é a minha droga! Ela é do meu tamanho, tem cabelo preto, olhos escuros, ela é negra, ela é bonita! Bem bonita! Ela gosta de se vestir bem, ela é cheirosa, ela parece ser uma pessoa legal, mas ela é tem o temperamento pavio curto. Ela é meio mole pra fazer algumas coisas, ela se sente um pouco sozinha”.

Situação da vida consciente associada:

“Relaciono que ela tá grávida de outro. Pra mim, eu acho que ela não volta pra mim, não. Acabou. Mas, eu não me conformo, é difícil! Caramba, meu, uma pessoa gostar o que? São 6 anos? De 2003 pra cá? Seis anos a gente se conhecer e gostar um do outro e de repente, de repente, assim, sumir... de repente! É estranho! Pra mim, é estranho. Então eu acho que não tava preparado, vamos supor assim tipo: acabou mesmo, definitivamente”.

Sentimentos emergentes durante o sonho:

“Me senti assim: se ela gosta de mim, porque que ela tá com outro? Tipo, senti que faltava ainda alguma coisa, acertar alguma coisa. Pra voltar de vez comigo. Faltava acertar alguma coisa, algum detalhe. Que deixei escapar algum detalhe”.

Sentimentos ao acordar:

“Acordei e comecei a chorar sozinho, porque me vi aqui, de novo! Sonho mais da hora que eu tenho e eu acordo aqui? É ruim, pra caramba! Tô me sentindo muito sozinho, demais”.

Significado do sonho parra o sonhador:

“Ela dizia que me amava, mas que ela tava com outra pessoa. Eu não entendi. Parece que é uma coisa que tá acontecendo lá fora e eu fico sonhando com isso. Tá me atormentando! Significa que tá faltando alguma coisa... serviço fixo, uma casa fixa pra dar do bom e do melhor pra eles”.

Introdução ou Exposição:

O sonhador parte da “Comunidade Continente” e chega a sua casa, onde F. o espera, o que lhe surpreende. Uma situação de partida é seguida por uma situação de surpresa.

Peripécia e atitude do sonhador:

F. lhe diz que apenas levou as crianças para visitá-lo e que estava com outra pessoa, embora o amasse. Começa a seduzi-lo e o sonhador, desprezando as mensagens ambíguas, se permite ser encantado.

Lysis:

O sonhador se entrega à sedução.

SONHO 3**Sobre a rua:**

“Não é a rua do meu serviço. Essa rua é do Jardim França, só tem casa bacana. Eu passei muitos Natal, Ano Novo eu passo lá pra ver as casa. É porque lá, eles ilumina muitas casas, as família”.

Sobre o menino:

“Bem alegrão, de balada”.

Sobre a menina:

“Eu nunca tinha visto. Ela era branca de olhos castanhos, cabelo ondulado. Bem tranqüila. Parecia assim... tinha que puxar idéia pra ela falar. Tinha que puxar um assunto pra ela falar. No sonho, quando eu tava conhecendo essa menina, eu queria subir a rua, eu olhava pra rua assim e pensava: “Quero logo acabar o trampo e ir pra casa da minha mãe!”.

Sobre F.:

“Ela [ex-mulher] tava muito diferente, porque eu acordei dando risada pra caramba nesse dia. Imagina, se ela souber disso aqui, ela vai “vixi!”, ficar brava. Ela tava gorda. Bem gorda!”.

Situação da vida consciente associada:

“Já passei por várias dessas. Isso me mata. Fica sempre aquele clima: “Porque você demorou?”. A gente morando em cima, acaba controlando o horário. Aí, já deu o que deu. Várias discussão: “Porque demorou?”, “Pego trânsito, tem que parar no sinal pra não levar multa”, ela já achava que eu tava cantando alguém”.

Sentimentos emergentes durante o sonho:

“No sonho, mesmo antes da F. chegar eu senti que eu tava correndo perigo. Porque tanto que, se você tá conversando com alguém, você tá correndo perigo de a pessoa que gosta de você ver. Quando a F. apareceu... espanto! Espanto, porque eu nunca vi a F. gorda, meu. Ela tava gorda mesmo, gorda! Não é nem gordinha. Eu queria dar risada, mas eu não sabia se ficava sério ou se eu ia rir e ia piorar as coisas. Eu sou meio assim, fico na minha, levo tudo na boa! Sou muito tranqüilo. Tava só esperando ver o que acontecia”.

Sentimentos ao acordar:

“Acordei dando risada”.

Significado do sonho para o sonhador:

“Não sei. Nem me passa pela cabeça”.

Exposição ou introdução:

O sonhador encontra-se em uma rua “bacana”, em serviço, e desce a ladeira junto a um “menino” [rapaz] desconhecido que, próximo à praça, solicita-lhe que o acompanhe, pois deseja conhecer uma “menina” [moça].

Peripécia e atitude do sonhador:

Embora o sonhador tenha apresentado certa resistência a princípio, acaba cedendo e acompanhando o “menino” que aborda a garota, ao que ela deseja conhecer o sonhador e assim foi. O ego onírico começa, então, a apresentar pensamentos persecutórios (“Nossa, tô em perigo! Agora pegou!”) e, subitamente, sua ex-mulher F. aparece gorda, discutindo com ele. O sonhador ri e se questiona, confuso, sobre o que ela quer.

Lysis:

O sonho termina sem que a discussão entre o sonhador e F. se resolva.

SONHO 4**Sobre a casa do cunhado:**

“Lá é assim: é o quintal, né, aí sobe é uma escada, aí entra já tá na cozinha. Você entrando na cozinha, tem um quarto. Então, quando alguém visita, dorme nesse quarto perto da cozinha”.

Sobre dinheiro:

“Dinheiro não é tudo, mas é bom. É bom ter sempre um dinheiro pra evitar briga, essas coisas, é sempre bom. Pra evitar discussão. Tinha muita briga por causa de: ”Hoje eu não tenho!”, “Não, mas você tem que arrumar hoje!”, “Poxa, F., não tenho hoje. Hoje, eu não tenho, não tenho como”, “Dá seus pulo, se viral!”. E discutir e dá caso de mãe dela vir brigar comigo, de eu discutir com a mãe dela, a mãe dela passar mal e chamar polícia, é barraqueira!”.

Sobre as sacolas de roupa:

“As sacolas de roupa era pros meus filhos. Tinha comprado pros meus filhos. É preocupação. Tinha comprado pra eles, mesmo, tava com muita preocupação. Até que tinha umas roupas aí que eu separei pra mandar pra eles. Acho que é um pouco preocupação”.

Sobre o cunhado:

“Gente boa. É legal. Só que ele é meio pilantra, porque quem encobre os outros é pilantra, ele encobre a irmã dele. Eu encobriria minha irmã também, mas só que eu acho que ele encobre demais. Tem coisa dela que ele não fala pra mim, porque é irmã, né?”.

Sobre S.:

“Ela é uma amigona minha mesmo! Ah, ela é 10! Ela é como se fosse uma irmã, uma mãe! Ela é uma amiga, mesmo. Pra qualquer hora! Cara, tem várias qualidades. Ela é boa de coração, ajuda, ela sabe puxar a orelha na hora certa também, passar pano... se tiver errado, ela faz eu corrigir. Defeito dela? Agora, defeito dela.... ela faz eu corrigir as coisa errada, esse é o defeito dela, às vezes eu não gosto, não, ela pode tá certa”.

Sentimentos emergentes durante o sonho:

“Eu tava discutindo e não tava agüentando ficar lá porque é a casa dos outro, né? Brigar na casa dos outros”.

Sentimentos ao acordar:

“Eu me senti meio.... me senti um pouquinho dentro dele e ao mesmo tempo fora, porque.... na casa do meu cunhado eu estava indo direto. Pode ser que eu tava sonhando por causa disso, também. Dormir com ela, eu dormi lá. Discutir, nós já discutiu. Dormi umas duas vezes na casa do irmão dela, porque eles tão morando junto”.

Significado do sonho para o sonhador:

“Tem muita coisa que dá pra evitar, sabe? Tem muita coisa que dá pra evitar. Certos lugares que você tem que cortar de ir, pessoas que você tem que deixar de ouvir, coisas que você tem que fazer sem pensar que... pensar assim... só em você, só em mim, eu tenho que decidir, eu vou fazer isso e já era, eu vou fazer aquilo e já era”.

Exposição ou introdução:

O sonhador sai da “Comunidade Continente” de LT para ver os filhos, com emprego, dinheiro e roupas novas e decide dormir na casa de seu cunhado, onde F. e seus filhos moram atualmente. O cunhado sugere que a F. durma na cama e ele no colchão; o sonhador abraça os filhos e coloca sua menina para dormir. F. chega. Resolvem (F. e sonhador) dividir o mesmo colchão no chão para que as crianças durmam na cama e, de madrugada, F. o acorda querendo “fazer amor”. Eis que frente a uma situação de estabilidade (financeira, sem uso de drogas), uma situação de sedução se coloca.

Peripécia e atitude do sonhador:

O sonhador resiste à tentativa/sedução (“ela queria fazer amor comigo, só que eu não quis”) e liga para sua colega S., solicitando abrigo para passar a noite, ao que ela consente. F. o persegue até o portão, acusando-o (“É a sua cara mesmo ficar com essas vadias!”), mas o ego onírico se posiciona, firmemente (“Pára, F.! Você não tá entendendo! A gente não tem mais nada! Você quer tá comigo e quer estar com os outros? Isso aí não vira!”).

Lysis:

O sonhador pega o ônibus e parte.

SONHO 5**Sobre a perua:**

“Que a gente paga perua, né? A minha irmã que tá me ajudando a pagar a perua”.

Sobre a cobrança de F.:

“Sempre foi assim, realmente! Sempre ela tá devendo pra alguém e eu que tinha que tá pagando! Ficava arrumando pretexto pra mim pagar. Toda vez”.

Sobre dívida:

“Dívida pra mim é você pagar tudo o que você deve, tentar reverter, se você fez dívida no passado com alguma coisa que você prometeu, pagar. Me sinto em dívida com muita gente. Muita gente esperava muita coisa de mim e eu não rendi o tanto que eles esperavam... me sinto em dívida com meus filhos. Eu tando aqui, eu tô fora do jogo. Porque eu tando com eles eu sei onde eles tão, o que eles estão precisando, eu não estando com eles eu não sei. Ela pode, tipo, sei lá... ela tá com dívida com alguém e eu não to vendo, não sei o que está se passando e é mentira, ela tá pedindo dinheiro pra passear com alguém, entendeu? Até na vida real é assim, porque a F. faz dívida, pega dinheiro com a mãe dela, aí sobra pra quem? Pra mim, porque ela já começa a falar: “Ah, não, mas porque eu gasto com os seus filhos”. Às vezes, eu preciso tirar dinheiro do que eu preciso comprar pra dar pros meus filhos, daí eu falo: “Caramba! Não acredito!”.

Sentimentos emergentes durante o sonho:

“Senti chateado, porque tem muita coisa que a gente poderia ter revertido. Coisa que ela pode se mexer. Ela tem braço, ela tem perna. Não é que eu queira que ela trabalhe pros meus filhos e não pra vida dela, mas que ela pense um pouco nas criança, porque ela é assim: ela pensa primeiro nela, quer andar bonitona, as criança anda mal arrumada, aí quando não é eu, é minhas irmã que dão as coisas pra eles, tênis novo. Vai numa festa de aniversário: “Nossa! Tá toda bonitona e as criança tudo bagunçada!”; não existe isso, não pode!”.

Sentimentos ao acordar:

“Acordei chorando pra caramba, meu! Eu odeio! Eu odeio ter sonho! Não falei pra você, Fernanda? Eu odeio ter sonho! Eu não gosto. Eu odeio, não gosto de ter sonho! Eu gosto quando eu viro na cama, acordo no outro dia e já era, tipo, passa só aquele buf! E já acordei. Não gosto, porque sempre aparece coisas que eu não quero! Aparece sempre coisa que eu não quero, que eu não quero ver”.

Exposição ou introdução:

O sonhador chega à casa do ex-cunhado para visitar seus filhos e entregar-lhes dinheiro, os abraça e F. o aborda cobrando-lhe mais dinheiro do que podia lhes dar. Configura, pois, uma situação de cobrança.

Peripécia e atitude do sonhador:

F. exige-lhe mais do que o combinado, alegando necessitar do dinheiro para pagar a perua da escola que estava atrasada, e saldar o débito que contraiu com sua mãe, ex-sogra de Raed, devido ao fato de o sonhador não ter-lhe pago no mês anterior. Embora, em um primeiro momento, o sonhador lhe dissesse que não dispunha da quantia, F. e sua mãe insistiram na cobrança, ao que Raed sucumbiu, foi ao banco retirar dinheiro e retornou discutindo, dizendo sentir-se extorquido e usado.

Lysis:

O sonhador cedeu à exigência de F. e sua sogra, entregando o dinheiro.

SONHO 6**Sobre “saidinha”:**

“Saidinha é esperar, colocar alguém pra dentro do banco pra ganhar a pessoa pra sacar o quanto que tem e esperar lá fora”.

Sobre o centro da cidade:

“Tava na Anhangabaú, onde tem aquelas festa. No sonho, eu tava numa praça, onde tem o chafariz lá de água, perto daquela ponte que tem. Eu tava rodeado de gente. Tinha bastante gente que vinha do serviço, voltando. Ali é muito movimentado. Eu já vivi por lá já. Sonhei com coisa que eu já fiz ali, já aprontei já. O centro da cidade pra mim é um lugar de muita gente. Pra quem pratica roubo é um lugar fácil. Fácil de arrumar confusão”.

Sobre a pedra de crack:

“É uma droga muito forte. Na minha opinião, ela tira o medo da pessoa e transforma a pessoa em coragem. Ela dá coragem pra pessoa fazer coisa que ela nem imagina. Pedra é morte pra mim, é um casamento! É um casamento! Pra soltar dela é difícil. É difícil! Quem usa, sabe que é difícil, uma luta, porque é difícil o cara falar: “Tô curado, to bem, eu não vou usar mais!”, é olhou pra ela, bateu o cheiro, o cara recai. É difícil o cara se segurar, tem que ter muita força de vontade, muita. É Morte, é um casamento. É difícil e, muitas vezes, recai. A minha maior dificuldade é os problema. Eu tenho problema, eu procuro sair do problema e eu lembro que um pouquinho dali por uns 5 minutos, 5 segundos me deixa longe do problema, é a primeira coisa que eu vou... é como se fosse um remédio. Um remédio que tá, ali, você sabe que tem ali, a farmácia é ali”.

Sentimentos emergentes durante o sonho:

“Eu me sentia como se... parecia que eu me via ali e falava: “Caramba! Tô aqui, mano? Mas...”. Eu tava tentando me lembrar onde que eu tava, nesse sonho: “Ué, mas, você não tava na Continente? Caramba! O que eu to fazendo aqui?”. Me senti meio perdido, né? Perdido. Às vezes, você tá num lugar bom e de repente, você tá num lugar horrível, você fala: “Ué! O que que eu to fazendo aqui?”. Depois, fumando, a sensação era de tá alguém me olhando, de tá sendo observado por alguém, como se alguém tivesse me enganando, me perseguindo. Alguém de olho, escondido, me ganhando. Quando eu fui roubar, a sensação era de poder. Logo depois do uso, é: “Eu vou, sou o cara! Eu chego e eu pego! É rapidinho! Não tem treta!”. Entendeu? É a sensação que me dá”.

Significado do sonho para o sonhador:

“O que significou? Ah, sei lá... pra eu não recair, pra mim ver que eu vou voltar pra mesma coisa. Muitas vezes, eu penso: “Ah, vou embora! Não vou ficar aqui, não! Vou meter as caras! Vou ficar rico!”. Às vezes, a gente mete as caras, a gente consegue estourar, ficar rico. Só que eu sei que essa riqueza vai trazer muita coisa ruim. Traz perseguição, maldade, inveja,

inimigo e eu to pensando muito, nesses dias. Pensando muito no que eu vou fazer. Às vezes, eu tenho vontade de sair, né, mas eu tenho medo de cair, porque eu sei que eu vou trombar os mesmos amigos, os mesmos colegas, as influências vão aumentando. Acho que significaria que eu tava rodeado ali e se eu voltar pra ali eu vou cair igual eles. Eu acho isso. Esse sonho ajuda eu ficar mais um pouco, um pouco. Vamos ver até quando, até quando. Que não é fácil, não!”.

Exposição ou introdução:

O sonhador encontra-se no centro da cidade fumando pedra bem vestido e, em seguida, sai para roubar, fazer saidinha (“Saidinha é esperar, colocar alguém pra dentro do banco pra ganhar a pessoa pra sacar o quanto que tem e esperar lá fora”), ao que algumas pessoas desconhecidas o abordavam: “E aí? E tal”. Enfim, descreve uma situação de recaída e roubo.

Peripécia e atitude do sonhador:

O sonhador não dá ouvidos ao que essas pessoas desconhecidas lhe dizem, respondendo: “Não, peraí que eu vou ali! Não, vou ali e já volto! Peraí, que é nós! Peraí! É nós! É nós! É nós! É nós! Peraí, que eu sou o cara e já volto”. O ego onírico inflado parte para o roubo.

Lysis:

O sonhador, então, volta a roubar, a ir “pro ataque”, para o ato.

SONHO 7

Sobre A.:

“Eu conheci a A. quando eu tava namorando há 2 anos com a mãe dos meus filhos, a F.. E acabou rolando uns beijos e tudo, e ela acabou engravidando. Aí nós tivemos nossa filha e nossa filha morreu com 2 meses. Ela morreu com parada, né? Parada no coração. Morreu, a O. morreu. Morreu. Desde aquele dia a gente não conversa mais, desde novembro de 2007, a gente não troca mais idéia. Aí ela me tromba, ela dá uma de louca: “Ah, assassino!”, eu: “Tenho que engolir, né?”. Ela me culpa, ela é maluca, é doida, ela me culpa. Acho que eu devia ter sido um pouquinho mais pai, eu me sinto um pouco culpado. Acho que, talvez, se eu tivesse pegado... Eu acho que se ela soltasse um pouquinho mais, falasse: “Não, vai, passa o final de semana”, acho que não teria acontecido o que aconteceu. E às vezes, ela me irrita. Ela é muito radical, sabe? Ela pensa muito diferente que eu. Ela não cresce, ela gosta de viver no mundinho dela. Ela acha que ela tá certa e ninguém dobra ela. Então, a gente não dá certo. Ela acha que um dia a gente vai voltar, mas nós não vamo voltar é nunca! Quero distância dela. Ah, eu quero. Ela é baladeira demais. Ela gosta de ir pra festas direto, ela gosta de... ela tem um jeito de se vestir muito abusado, mentirosa, se fala que tá aqui, tá lá. Aí, não vira. A última vez, também, que eu saí de LT eu vi ela, eu olhei no rosto dela eu vi tristeza, eu vi que o cabelo dela que ela pintou o cabelo foi um jeito de sei lá de expressar...”

Sobre o bebê:

No sonho dava que era meu filho, que era meu, mas eu não sabia de quem era... quem era a mãe. Era meu, eu tinha o sentimento que era só eu e ele, era só eu e ele. Bebê pra mim é responsabilidade. Uma responsabilidade tremenda. Minha mãe sempre ajudou a gente. Eu saía pra trabalhar, a F., às vezes, saía pra trabalhar, quando a mãe dela não queria ficar com os nossos filhos, a minha mãe ficava, né? Aí a gente pagava um dinheiro pra ela.

Sobre a casa:

Era a casa que eu morava antigamente em 2004. Quando eu brigava com a F.... eram 2 casas, né? Tinha a casa de cima e a casa de baixo. Eram 2 casa, então, quando eu brigava com ela, ela fechava a porta. Eu lembro e dou risada até hoje, meu! Ela fechava a porta, ela achava coisa de novela, eu falava: “Meu, essa menina tá assistindo muita novela, meu!”, Eu batia na porta e falava: “Você tá assistindo muita novela, eu vou quebrar essa televisão!”, “Eu vou chamar a polícia!”, eu falava: “Putz, F.!” Eu ria e acho que isso deixava ela ainda mais brava: “Tá rindo? Tá achando engraçado?”. Eu tinha que dormir lá embaixo, tinha que dormir na

outra casinha. Uma vez, eu cheguei tarde, ela pôs a geladeira na porta. Vê se pode? Eu fiquei indignado! Ela pôs a geladeira atrás da porta pra mim não entrar. Eu tava vendo que não tava abrindo, falei: “Meu, o que essa mulher fez?”. Ela é mais baixinha que eu, né? Olhei atrás da porta, vi a geladeira encostada, falei: “Caramba! A mulher é baixinha, mas tem força! Ô sua maluca! Abre a porta aí, sua maluca!”, “Vai dormir na tua mãe, se você quiser, que se você entrar na minha casa eu vou chamar a polícia”, eu falava: “Não acredito, F.! Toda vez é assim, mano”, toda vez, nós sempre brigou.

Sentimentos ao acordar:

“Acordei assustadão. Aí eu tomei remédio, também. Quando eu acordei já pensei nisso: O bebê da F., como se fosse só eu e ele. Tipo, ele não é meu, mas se eu cuidar, ele é meu! Eu conheço a peça. A F. não... sozinha ela não aguenta! Acho que é por isso que a minha mãe briga comigo, direto, por causa dela, porque ela nunca agüenta sozinha, sozinha ela não agüenta, aí tem que correr atrás de alguém... ela sabe que eu nunca vou deixar a porta fechada pra ela, nunca vou negar uma ajuda. A minha mãe fica: “Ah, você voltou com ela de novo? Você é pilantra! Você não aprende! Ela anda com os outros porque ela é pilantra, porque os outros quer pegar ela, quer matar ela, porque ela é folgada!”, eu: “Mãe, não é assim, mãe! Não é assim” e é só briga, discussão”.

Significado do sonho para o sonhador:

“Que eu vou continuar correndo da A., que culpa eu vou ter pra sempre. Pensando bem, assim, culpa eu vou ter pra sempre, mas tem um tempinho que eu to trabalhando nisso. Assim, tentando esquecer, mas só que vem, né? Eu penso assim: “Meu, acabou! A criança morreu!”. A gente tem que deixar ela descansar. A gente tem dor, eu tenho dor, ela tem dor, mas só que a gente tem que ir pra frente, tem que empurrar a vida, porque se a gente parar do jeito que eu parei na droga, eu nunca vou sair desse estado, porque se eu pego na droga, vai... eu to na droga, eu tenho culpa, eu tenho responsa pra correr, eu tenho problema, eu tenho que pagar os outros... é muita coisa na minha cabeça, eu não saio do lugar, eu fico ali parado! Eu fico parado! Os meus filhos, eu tenho que sair daqui com mais força pra lutar por eles. E esse bebê... assim, me lembra um pouco... esse bebê que a F. vai ter, como seria aceitar o bebê de outra pessoa? Difícil, muito difícil.

Exposição ou introdução:

O sonhador encontra-se dentro de uma casa em que moram somente ele e um bebê, do qual cuidava há muito tempo. Após acordá-lo, trocá-lo e alimentá-lo, entrega o bebê para a sua mãe e parte rumo ao trabalho. Contudo, para qualquer lugar que se direcionasse, A. o perseguia. Trata-se de uma situação de cuidado para com o bebê (novo, novas possibilidades), de responsabilidade e dever que se converte em uma situação de perseguição.

Peripécia e atitude do sonhador:

A. o acusava de ter matado seu bebê, ao que o sonhador se defendia, acusando-a de louca e pedindo que lhe deixasse em paz, que lhe deixasse viver.

Lysis:

O sonho não apresenta *lysis*.

SONHO 8

Sobre a coroa de flor:

“É pra morte. Já fui em velório que tinha coroa do descanso... é uma descanso pra pessoa. Acabou!”.

Sobre o caixão:

“Morte! Não tem como correr, é morte! Quando ela vem, é fatal!”.

Sobre a criança:

“Era um menino negro. Tinha uns 4 anos. Ele me falava: “Eu tentei te avisar, mas eu não consegui!”. Criança me lembra esperança e responsabilidade”.

Sobre o sangue:

“Dor, desespero, machucado... eu já vi muita gente morrer de participar de matar. Quando eu tinha 16, 17 anos, participei da morte de um cara. Ver uma pessoa de bruços morrer com faca de pão cortando o pescoço é terrível! Às vezes, eu tenho visão... eu vejo a minha mão ser cortada com faca; vejo a faca passando e arde a minha mão... acontece quando eu estou distraído”.

Sentimentos emergentes ao longo do sonho:

“Me senti como se eu não existisse, senti desprezo, tipo: eu não tenho ninguém!”.

Sentimentos ao acordar:

“Fiquei triste, pensando que eu tenho que fazer o hoje como só hoje”.

Significado do sonho para o sonhador:

“Eu posso morrer a qualquer hora. Então, eu tenho que fazer hoje, fazer o dia valer a pena. Eu sou sozinho... se eu não fizer por mim...”.

Exposição ou introdução:

O sonhador entra em uma festa com amigos falecidos. Avista uma coroa de flor e um caixão e se vê dentro dele, ou seja, uma situação de descontração, de festa é atravessada por uma situação de morte.

Peripécia e atitude do sonhador:

O sonhador visualiza uma criança chorando ao fundo da sala, dela se aproxima e lhe pergunta o porquê de seu pranto. Ela responde: “Eu não consegui avisar você a tempo”. O sonhador acredita ser uma brincadeira, coloca a mão no peito para rir e ao olhar para ela constata que está cheia de sangue. Questiona o porquê de estarem fazendo isso com ele, mas como as pessoas o ignoram, continua gritando.

Lysis:

O sonhador começa a chorar.

CASO YAGO**SONHO 1****Sobre as 2 mulheres:**

“Eu não as conheço. Uma era branca de cabelo preto e uma era loira. Eram mulheres muito bonitas, cachorras. Cachorra é a mulher que sabe fazer o negócio bem da hora, mesmo, que você fala: “Nossa! Essa é show de bola!”. Eu acredito que a mulher, independente de ela, ela tem que ser pra sociedade uma mulher distinta, de caráter, responsável, trabalhar, dentro de 4 paredes com o marido dela, querendo ou não, ela tem que ser como se fosse uma prostituta, porque senão vai chegar uma hora que o marido dela vai falar: “Pô, já que você não quer, então, eu vou procurar em outro lugar!”. Acredito que se eram mulheres prostitutas, porque... sabe como se você tivesse numa cena de um filme, alguma coisa, assim, acontecendo? Como se você estivesse sendo visto? Não só por aquelas pessoas que estão naquele lugar? Mas não paguei nada. As meninas eram como se fosse do traveco e elas faziam tudo, então, elas meio que obedeciam a ele, entendeu?”.

Sobre o “traveco”:

“Ele era de cor, era escuro, um pouco mais escuro que eu. A aparência dele era feminina, era como se eu tivesse vendo uma mulher, uma negona, sabe? Só que na parte que tinha que ser de um jeito não era, porque era diferente, né, um homem! Traveco é um homem. Eu conheço homens que são homossexuais, converso, na boa, não tenho nada contra, pelo contrário: tem muitos homens que são homossexuais que podem ser bem mais amigos seu do que um hetero como você, como eu, no caso. E, às vezes, não é porque o seu amigo é homossexual, que ele

gosta de homem, só que... eu tenho amigos que são gays, mas não ficam com bichice pro meu lado. E eu nunca vou deixar de ser amigo deles por isso... nada a ver... é opção dele. É pecado? É. Deus abomina isso? Sim, mas nós temos o livre arbítrio. Traveco é homem que põe silicone, faz plástica, basicamente, com o perdão da palavra “É uma mulher com pinto!”.

Sobre fazer sexo com 2 mulheres concomitantemente:

Isso já aconteceu em vida comigo, normal. No meu caso que foram duas irmãs. E as duas são minhas primas”.

Sobre seu “lado gay”:

“A minha ex-mulher falava: “Você é do jeito que os gay gosta!”; aí eu ficava muito irritado quando ela falava isso. Eu gosto de ler bastante sobre mulher... eu tenho esse meu lado gay, vamos dizer assim, né? Todo homem fala “Que, meu lado mulher é sapatão!”, não é, não rola, a gente precisa ser um pouco mais delicado, porque senão a mulher não vai querer um cavalo do lado dela, não quer!”.

Dificuldades durante a semana relatadas em sessão:

“Eu to tendo problema com meus dois filhos, porque eles não estão sabendo me dividir. Tive uma outra dificuldade, também, nesse fim de semana que, às vezes, a gente se sente meio que usado pra algumas coisas. Me ligou a mãe do meu filho, perguntando: “O T. [filho] vai dormir aí com você?”. Eu falei: “Você vai sair, não vai?”, “Vou!”, falei: “Então, você tá achando que eu sou otário? Você tá querendo me usar... então eu sou. Você tá querendo arrumar uma babá pra ficar com o seu filho pra você estar saindo pra balada?”, então, assim, eu fui meio que grosso: eu tenho que aceitar de que a gente não tá mais junto e de eu não posso cobrar isso dela. Se ela quer sair, saia, né? Ela é muito geniosa. É uma pessoa difícil! Às vezes... só que eu falei pra ela: “A gente tem braço e ele serve pra torcer, de vez em quando, isso é bom pra gente. A gente não tem o braço duro de ferro, a gente tem que dar o braço a torcer de vez em quando. E ela não gosta quando eu falo essas coisas pra ela... fica irritada”.

Sentimentos emergentes durante o sonho:

“Eu senti o sonho como se fosse real. Ah, foi uma fantasia muito boa, porque, é muito difícil isso acontecer com você quando não é duas mulheres que trabalham com a prostituição. Desde o início, eu achava que o traveco já estava na intenção de que eu ia pegar as duas, mas de que ele queria alguma coisa nesse negócio. Tipo assim, eu olhava ele e já pensava: “Esse cara vai querer alguma coisa também, não é possível”.

Sentimentos ao acordar

“Eu acordei com a cueca toda melada. Mas, também, é por causa da abstinência, né? Vai fazer 9 meses já que eu não tenho uma mulher e, às vezes, isso começa atrapalhar até um pouco na nossa recuperação... você fica com o pensamento de sair daqui e aprontar: ir pro puteiro, entendeu?”.

Significado do sonho para o sonhador:

“Esse sonho significou pra mim de que eu sempre fui um cara muito tarado. Então, eu acredito de que eu tenha que trabalhar um pouco esse meu lado aí de prostituição, essas coisas assim. Às vezes, o Diabo tem acesso às nossas mentes... se eu começar a pensar de que eu posso ter pra mim 2 mulheres ao mesmo tempo e ficar me apegando a isso, eu vou querer sair daqui, eu vou querer pegar a mulherada, aprontar... e é perigoso, através disso, eu voltar pras drogas. Eu tinha um problema muito sério com mulher. Querendo ou não, às vezes, a mulher, ela é um dos pontos mais fracos que o homem tem e uma das principais armas que o Diabo usa pra derrubar o homem: é a mulher”.

Exposição ou introdução:

O sonhador encontra-se em um quarto mantendo relação sexual com duas mulheres na presença de um “traveco” que aparece como mentor a manipular a cena, ordenando às mulheres o que elas deveriam fazer com o sonhador, submetido ao papel de “marionete”,

“objeto de satisfação”, “boneco” ou intérprete em uma cena de filme. Configura, portanto, uma cena de sexo manipulativo e sem afeto.

Peripécia e atitude do sonhador:

O sonhador ejacula e ao ansiar por mais, o “traveco” o chantageia: “Não! Se você quiser mais com elas, agora vai ter que ser um pouco comigo!”. O ego onírico, paralisado, em um primeiro momento consente, tendo em mente a gratificação que viria a seguir, ao que o “traveco” abre as pernas, se posicionando sobre ele para concretizar o ato.

Lysis:

O sonho não tem lysis, já que no momento em que o traveco foi consumir o ato sexual, o sonhador se virou, batendo a cabeça na cama e acordando antes que o sonho tivesse desfecho.

SONHO 2

Sobre Marrom, esposa e cunhado:

“Ele é casado, só que ele e a mulher fumam crack e o irmão da mulher dele também. Eu pegava dinheiro e dava na mão dele ou do cunhado dele e falava: “Vai lá, busca lá”. Eu dava pra eles as pedras de crack e embolava o meu lá e fumava cigarro de maconha com crack. Ele já mexeu com coisas de macumba, macumbaria, já levou 8 tiros e não morreu, 8 tiros e não morreu. Ele é um sobrevivente, porque ele é um dos caras que no meu tempo lá de quando eu era moleque, ele era um dos patrão da bica, do giro do... ele que girava o capital da droga”.

Sobre crack:

“Paranóia total... crack é a droga do medo. Você pode ser o maior machão que for. Fumou crack, você fica medroso. Pânico total! O crack é uma coisa gostosa... você sente mais prazer fumando ele do que tendo uma relação sexual com uma mulher. O crack, eu vejo ele como o próprio Diabo, porque o crack ele mata, porque o crack te faz roubar, o crack traz destruição, certo? O crack é uma coisa de que eu acredito que o Diabo usou o homem pra inventar essa arma pra acabar com a humanidade. E a gente, que somos imagem e semelhança, templo do Senhor, às vezes, nos deixamos dominar por ele. Porque você começa a ver o crack como um estilo de vida, você sai do mundo real, entra dentro de uma cúpula e você faz o seu mundo. Você começa a conhecer cada buraco que você nunca imaginou que ia passar”.

Sobre fumar crack:

“Eu via muito eles fumando crack, só que eu nunca... eu achava ridícula aquela cena de... ah, até hoje eu acho! Super ridículo! Então, eu me vi fazendo isso no meu sonho. A cena é ridícula: você pegar, por a pedra de crack, acender isqueiro, sabe? Isso aí é uma coisa de que eu sempre pensei: “Que! Meu, você tá louco! Sai de mim!” e a loucura que eles ficavam também, tipo: “Tá vindo alguém! Fica quieto!”, eu falava: “Ah, meu, sai daí com essa loucura sua aí, cara!”, tipo assim, então, querendo ou não, às vezes, você começa a entrar na loucura da pessoa... naquilo que tá passando na cabeça da pessoa”.

Sobre a sensação de paranóia, de estar sendo perseguido, de medo:

“Eu não sinto mais com medo de nada. Medo... o maior medo que eu tenho na minha vida é de algum dia eu dar o sofrimento pra minha família que eu tava dando. Eu não quero nunca mais, sabe? Que Deus possa me ajudar pra nunca mais esse. Eu aí, digamos assim, o Eu. O Eu é muito complicado, entendeu? É, porque você começa a achar de que Eu posso, Eu faço, Eu sou o cara! Eu tenho o controle! É a hora que você vai cair”.

Sentimentos emergentes durante o sonho:

“Senti prazer, foi uma coisa gostosa. Não vou negar isso pra você. Foi uma coisa que me satisfaz, tipo assim, a adrenalina foi a mil”.

Sentimentos ao acordar:

“Quando eu acordei, eu falei: “Meu Deus, tira isso da minha vida, em nome de Jesus! Que caia por terra se for o inimigo tentando entrar na minha mente, que o Senhor possa derrubar esse infeliz! Purifica meu coração, entra na minha mente, não deixa ele trabalhar na minha

vida!”. E eu fiquei meio assustado, mesmo depois de tanto tempo. Eu não sei se isso foi uma seta. Me senti muito mal, como se eu tivesse dado uma paulada mesmo”.

Significado do sonho para o sonhador:

Pra mim significa que eu tenho que vigiar muito na minha vida pra nunca mais ter que usar o crack. Eu fiquei 7 meses num lugar, mesmo estando bem no lugar, o sonho pôde voltar, então quem me garante que se eu não vigiar, eu não vou voltar? De que eu tenho que me cuidar! Senão, um dia, pode acontecer de novo.

Exposição ou introdução:

O sonhador está na casa do Marrom, em sua presença, bem como na companhia da mulher e do cunhado do Marrom. Sentado no sofá, pega “potinho de Yakult” e com ele prepara um cachimbo para fumar crack puro, que nunca fumou em vida consciente, por achar a cena ridícula.

Peripécia e atitude do sonhador:

O sonhador acende o isqueiro, vê e ouve o barulho da pedra de crack derreter enquanto puxa a substância, absorvendo-a.

Lysis:

O sonhador termina de fumar a pedra de crack e pensa sobre sua atitude: “Que que eu fiz?”, sentindo-se incomodado.

SONHO 3

Sobre o banheiro:

Esse banheiro é o da casa da minha mãe, do meu pai, da casa em que eu vivi o maior tempo da minha vida. Um lugar bem íntimo. É um lugar, assim, de privacidade total”.

Sobre tomar banho:

Tomar banho pra mim é gostar de cuidar de si mesmo”.

Sobre a mulher:

“E assim, eu não vou precisar falar quem é essa mulher não, né? Eu a conheço. Eu vou ter que falar quem é? É obrigatório falar quem é? Eu não acho bacana falar, não, quem é, não”.

Sentar em vaso sanitário:

“Na situação no sonho, não tinha outro lugar ali próximo pra sentar, então vai no vaso mesmo. Vaso sanitário. A questão é: é preciso, é uma questão de necessidade, você precisa tê-lo, por que, querendo ou não, um vaso sanitário faz parte da tua vida, faz parte da minha vida, eu preciso muito dele, ele está no ciclo da minha vida, entendeu? Foi uma necessidade, claro! Então, o vaso é ali um... é uma coisa útil, é muito útil. Necessidade... o fato de eu estar há muito tempo sem ter relação com uma mulher, acho que por isso vem acontecendo, pelo fato de eu também tá querendo ficar um pouco mais em santidade”.

Sentimentos emergentes durante o sonho:

“Ah, foi muito bom! Pelo fato de ser uma pessoa de que, sei lá, a gente, às vezes, a palavra acho que não seria fixação, você tá ali com uma fixação numa pessoa de achar... só que vai ser meio difícil disso acontecer, eu acredito com essa pessoa relacionada ao sonho. Então, meio que eu consegui satisfazer uma coisa que pra mim eu acho que vai ser muito difícil. Então, a situação em que eu me encontrei foi muito privilegiada pela pessoa que estava ali naquele momento e aconteceu de eu falar: “Pô, não acredito! Você? Aqui? Comigo?”, né? “Nossa!”, tipo assim: “Eu nunca achei que isso fosse acontecer”, entendeu? E no meu sonho isso foi possível, entendeu?”.

Sentimentos ao acordar:

“Olha, num sonho desse tipo, a gente não preferia nem acordar, né? Essa é a real. Mas quando eu acordei e vi que eu tava na Continente de novo... ah, você fica bravo, né? Pô! Não podia ser verdade? Tinha que ser só um sonho? Que decepção! Acho que quando o negócio ia ficar melhor ainda eu acordei. Então, eu acordei, e voltando pra vida real, dessa vez eu não

consegui me conter, né? Fazer o que? Aconteceu! De eu... fui até o banheiro, me masturbei, me limpei, voltei pra cama e fui dormir. Mas veio também um sentimento de satisfação: “Pô, pelo menos no sonho já aconteceu, né?” E foi gostoso! Ué? Porque, às vezes, o sonho parece ser tão real. Eu acho que é real, porque... eu não acredito que exista só o mundo material. Existe um mundo espiritual”.

Significado do sonho para o sonhador:

“O significado desse sonho pra mim foi de que nada é impossível. Se tiver fé, você alcança. Perseverança também... ser forte: não vou desistir, é o que está sendo base na minha vida. Eu tenho que ficar bem, eu tenho que buscar isso”.

Exposição ou introdução:

O sonhador encaminhou-se ao banheiro de sua casa para tomar banho, de “cuecão” e toalha no ombro como de costume e ao abrir a porta, deparou-se com uma mulher.

Peripécia e atitude do sonhador:

A mulher se aproximou do sonhador e ambos começaram a transar loucamente em várias posições (Ela abaixou sua cueca e começou a praticar sexo oral e masturbá-lo concomitantemente. Sentou-se sobre ele no vaso sanitário e, em seguida, o sonhador levantou-a nos braços, segurando por debaixo de suas pernas enquanto permanecia de pé, transando com ela. Virou-a de costas, colocando um dos pés dela sobre o vaso sanitário e, posteriormente, abriu o box e entraram debaixo da água).

Lysis:

O sonhador e a mulher passaram a se acariciar debaixo da água.

SONHO 4

Sobre o japonês:

“O japonês? Ele não é afeminado; é um cara normal. Ele é fechado, bastante; assim, fechado de certa forma, por quê? Ele tem uma certa dificuldade em pegar uma Bíblia e poder ler, mesmo que seja só um versículo, ele não consegue. Trava, sabe? Trava. Mas quando o cara pega no violão pra tocar, se abre todinho, ainda mais se tiver uma platéia pra assistir. E eu já tava começando a ficar meio que irritado com o irmão, porque, ele é um menino dedicado: laborterapia, a gente pede pra ele fazer, ele faz; só que não adianta se você não participar de coisas que são obrigatórias pelo regimento interno; você tem que participar do devocional, você tem que ler a Bíblia, não é obrigado a sair daqui um crente, mas é sempre bom. E se você quer ficar bem nesse lugar, siga as regras”.

Sobre “saia de mulher crente”:

“É uma decisão. Uma saia de mulher crente é uma coisa que você só vai usar se você for crente... porque uma mulher normal não vai querer usar uma saia daquela de jeito nenhum. A evangélica quer se mostrar uma pessoa mais discreta. A maioria das mulheres usa uma saia mais curta, porque, é pra mostrá mesmo. E, pelo contrário, a evangélica, muitas das vezes, ela quer esconder as coisas”.

Sobre um homem de sutiã e saia:

“Ah, é um traveção! É, mas se fosse traveção, não estaria com uma saia de uma pessoa que é evangélica. Não tem nada a ver, porque se é um traveco, ele não vai ser evangélico. Ou então, ele tava enrustido e ninguém sabe. Jamais você vai ver em uma igreja um traveco vestido de... um traveco, ele tem desejo homossexuais, e isso não é coerente. Não é admissível”.

Sobre o A.:

“O A., eu nunca tive certeza, mas quando você mora, divide apartamento com um homossexual, durante anos... E o irmão, às vezes, é meio que... aquele galo que solta pena. Eu sinto assim, uma insegurança, no irmão. Eu acho que ele é bichona.... rola uma conversa na casa, de que ele é, e isso me machuca bastante, porque eu sou amigo do cara. Assim, de tá vendo que todo mundo fala que o cara é uma bichona. E se ele não for? E tá todo mundo

julgando ele. Não, mas eu já tenho assim uma idéia de que, porque que isso me incomoda: porque eu gosto dele, eu acho ele um cara bacana. Então assim, ele joga no mesmo time que você, entendeu? Na liderança tem que ter uma união; é um exemplo, tá? Longe de mim. Você vai ter que viver como um casal, no caso assim, uma família legal, unida mesmo, tem que ter uma comunhão, tem que ceder de ambas as partes”.

Sobre o D.:

“O D., conheci ele aqui, já foi um rapaz que já foi preso, era muito galinha. Só que aí ele se converteu, na igreja, trocou a namorada e começou a ficar com a filha do pastor, né, na época que ele congregava, meio que, digamos assim, pra manter um *status*, né? Ele já sofreu bastante, ele não tem muito contato com o pai, com a mãe. O D. teve uma recaída aí, há algumas semanas atrás, ele era auxiliar aqui, no caso, só que ele perdeu a posição, não é auxiliar mais, é um aluno como qualquer um outro...”.

Sobre o W.:

“O W., ele também já teve envolvimento com homossexualismo. Ele disse que, teve uma época que ele ficou tomando conta de algumas profissionais do sexo, ele ficou meio como que um gigolô. Então, ele já teve relações com homossexual já, e até, tive assim meio que uns atrito com ele, falei: “Ei, irmão, se você pegou, irmão, quem me garante que você foi não pego também?”, Ficou todo brabão. Porque existe diferença entre o passivo e ativo. Olha, olhando assim pelos olhos da realidade, é pior você gostar de ser penetrado. Acho que é pior. O W. caiu, agora não tem mais chance...”.

Sobre o cargo de obreiro:

Eu falo pros meninos: “Irmão, eu to aqui hoje; eu não vim aqui buscar cargo, ou pra ser obreiro, só que eu vim aqui pra buscar uma mudança de vida. E, se hoje eu to como obreiro dentro dessa Casa, é porque Deus quis assim. Então, querendo ou não, eu já estou diferente. Deus já tem me mudado. Então eu to conquistando o que eu vim buscar: uma mudança de vida; mas eu não vim aqui buscar cargo nenhum. Mas Deus está fazendo assim. Não posso fazer nada, entendeu?”.

Sobre homossexualismo:

“Eu não tenho nenhum preconceito, jamais. Já fui muito cantado já, pelo homossexual, demais, principalmente no hospital onde eu trabalhava. A bicharada fica doida comigo. Não, não é que eu tenho um lado gay, não. E, assim, no hospital tem muitos, demais. Independente de você ser homossexual, você ser inteligente, e ser profissional, você vai ter bem mais vantagem do que uma mulher pra trabalhar nessa área. Por quê? Vai precisar, no caso de ser um enfermeiro: no caso o homossexual, porque ele já é afeminado, ele vai ter a delicadeza que a mulher tem pra cuidar, e quando precisar de força, ele tá ali também, ele não deixou de ser homem, entendeu? Então, eu convivi muito já com esse tipo de pessoa. Só que aqui, nesse lugar, eu acho que seria difícil acontecer, não eu, falo posso dizer pelos outros e é proibido, proibidíssimo, manter qualquer contato afetivo aqui entre alunos ou qualquer pessoa. É uma comunidade evangélica e a Palavra nos ensina que os afeminados não herdarão o Reino dos Céus. Então, isso é uma coisa inaceitável”.

Sobre o seu “lado gay”:

“E eu, falando de mim, e assim, digamos mais que eu possa ter um lado meio gay aí, assim, gay que eu falo, de saber sentá, conversá... digamos que, eu sei entender o pensamento feminino, entendeu? Digamos que eu tenha aí um lado feminino bacana, pra sentá e conversá e entender de ambas as partes, porque a mulher, em relação a essas coisas também, mulher absorve bem mais fácil essas coisas”.

Situação da vida consciente associada:

“Porque eu já fiz algumas brincadeiras com os cara hoje. Chegou umas roupas de mulher, umas blusinha bem coladinha, nossa, e eu coloquei e a gente começou a brincar: Eu, o A., até o P. colocou uma camisetinha de criança, com a barriguinha assim de fora, né, e a gente

começou a tirar umas fotos assim no celular, e zuamos, todos, né, meu, nossa, a gente junto...uau, eu gosto muito de conviver com eles, você deve imaginar...”.

Sentimentos emergentes durante o sonho:

“Ah, eu senti de que ele tava com paiaçada, tava zuando. Porque assim... falei: “Meu, que é isso, cara?”. Sabe, tipo assim: “Meu, pára com essa zoeira aí, meu, pára com isso, não é a hora pra isso, pra esse tipo de brincadeira”.

Sentimentos ao acordar:

“Ah, eu ri bastante, porque, meu, é uma comédia... E, assim, se tratando de tá um monte de homem junto, se acontecer uma coisa dessa, é só alopração que vai rolar mesmo, entendeu? Os cara vai judiá muito”. Falei: “Puxa, não vou contar isso pro japonês, senão ele vai ficar bravo comigo.” Aí eu fiquei pensando, e hoje eu falei pra ele. Falei: “E aí, Japa, você vai me desculpar, mas tive um sonho com você, cara... eu sonhei que a gente tava na sala, fazendo devocional e você saiu do quarto de sutiã e com uma saiona no meio da bunda”. Ele: “Eh, meu, sai fora, meu, para com isso!”, eu falei: “Não, eu só to falando isso aí, eu não to insinuando que você seja nada não, mas foi muito esquisito, cara, e eu acordei dando risada. Eu acho, né, posso estar errado. Sonhos que não tem nada a ver, coisas que acontecem que, tipo, falo: “Meu, mas, como que pode? Por que que eu vi o cara assim de saia, de sutiã?”. Não dá pra entender...”.

Significado do sonho para o sonhador:

“Acho que independente de você ser um gay, ou de você ser um traveção, você pode se restaurar. Você pode ser uma pessoa diferente, aos olhos de Deus. Você pode ter sido, e Deus trabalhar na sua vida e você não ser mais. Ou seja, eu te vi traveco, mas eu te vi restaurado, normal. No caso da pessoa, o japonês. Entendeu? Independente de ter sido o japonês”.

Exposição ou introdução:

O sonhador encontrava-se junto a outros internos na sala da Continente na qual A. ministrava o culto/devocional pela manhã, quando outro residente, o japonês, saiu do quarto vestido com um sutiã e uma saia comprida de “crente” que chegava até o tornozelo.

Peripécia e atitude do sonhador:

Todos os internos presentes (A., W., D.) começaram a rir, inclusive Yago que repreendeu o japonês, verbalizando: “E aí, meu, você vai ficar no devocional desse jeito aí, cara? Você tá tirando, irmão?”, ao que o japonês saiu. Todos voltaram a focar no devocional e, de repente, o japonês reaparece ao lado de Yago tocando violão e trajando roupas masculinas.

Lysis:

O sonhador olha para o japonês com roupas masculinas sem compreender o que ocorreu.

SONHO 5

Sobre a casa:

“Sala normal. Sala, rack, televisão, sentado, do lado tem um freezer que nós não usamos ele no momento, ele fica assim de lado... É que em casa é como se fosse uma bombonière, sabe, é chocolate pra tudo que é lado... Porque a minha irmã e meu irmão tem uma lojinha que vende sobremesas, essas coisa assim, é torta, bolo, só coisas doces... então nós estávamos lá, e o ambiente era esse mesmo, normal, um ambiente igual de casa, normal...”.

Sobre os hábitos familiares:

“Na minha casa, pai, mãe, irmãos, nós não temos meio que, podemos dizer de que, não tem essa vergonha, na minha casa. Tipo assim, eu e minhas irmãs... minhas irmãs se trocam na minha frente, vixi... claro, né, tanto faz, tudo bem; meu pai, é o tipo do tiozão que vai pro banheiro com a toalha nas costa, e, passa de cuecão, desfilando na sala, e, minha mãe... então, em casa não tem assim, meio que, essa fissura, entendeu?”.

Sobre a mulher:

“Eu não lembro o rosto, mas não era uma mulher desconhecida. É uma pessoa familiar, ou seja, não era uma coisa anormal que tivesse acontecendo com uma pessoa que eu nunca tinha visto, mas ao mesmo tempo eu não consegui ver quem era a pessoa. É como se já tivesse uma intimidade. Ela não era uma mulher safadona, uma mulher cachorrona, não, era uma mulher, digamos que normal, posso dizer como se fosse a minha ex-mulher mesmo, entendeu? Nós tínhamos uma certa intimidade”.

Sobre a filha:

“É uma menina muito inteligente, de inocente ela só tem a idade e a carinha dela, porque ela não é inocente, não... ela é adulta precoce, é muito educada. Ela não se deixa levar por conversa de ninguém, não se deixa, só pelo papai: na minha conversa ela vai que vai, não tem jeito. Ah, minha filha, nós temos intimidade total, desde bebezinha. Minha filha me beija na boca, entendeu? Ela só me beija na boca; só eu; nem a mãe dela ela não beija”.

Sobre dormir junto com a filha:

“Ela gosta de dormir agarrada comigo, mó barato. Eu acho muito da hora. Ela tem um carinho, só que aí, eu fico pensando: Como pode um pai, né, aprontar com a própria filha maldade, que nem a gente vê no mundão, de mexer, bulinar a própria filha, sabe? Meu, o cara tem que ter a mente podre! A minha filha, ela tarraca ni mim mesmo, sabe? O corpo, a pele gruda, eu falo: “Filha, vê se afasta um pouco, porque senão não consigo...”. Já pensou, se minha filha se apaixona por mim? Deus que me livre! E isso me dá medo. A gente não sabe o que pode acontecer nesse mundo que a gente vive hoje, não é? Pode ser uma coisa meio que, quase impossível de acontecer, quase impossível, não é impossível... não é? E, em relação a isso, eu vou tentar ser mais moderado, pode deixar. Vou tentar. No momento, a minha escolha é continuar da mesma forma; ou vou mudar, não sei. Eu nunca tive isso daí... Mas eu vou tentar me policiar mais em relação a isso”.

Sobre o crescimento da filha:

“Ela não tem vergonha totalmente de mim, entendeu, minha filha, ela, claro, ela vai mudar, ela tá mudando. Ela fala assim: “Ah, pai, meus peitinho, pai, tá crescendo”. Nossa, eu me derreto, cara, eu fico pensando: “Meu Deus, outro dia tava ali, engatinhando, eu atrás pra poder não deixar se machucar...”. Aí eu dei um sutiã pra ela, de presente, o primeiro sutiã dela quem deu fui eu. Aí ela ficou muito feliz, ela falou: “Ai, pai, adorei!”. E ela já falou pra mim assim: “Pai, to crescendo, nossa, pai, já to quase do seu tamanho; daqui uns dias vou tá andando com você, vão falar que eu sou sua namorada”. Falei: “Ixi, meu, pára de falá besteira”.

Situação da vida consciente associada:

“Eu já fiz esse tipo de coisa, já, com a mãe do meu filho... tava uma galera assistindo filme, e, tipo assim, eu tô coberto junto com você assim do meu lado, e eu tô mexendo em você, e você tá olhando pra minha cara, e todo mundo em volta. Ela: “Pára, né, que os outro vai perceber... E eu falei: “Tá bom, deixa pra lá”. Mas isso foi no quarto, porque lá em casa é meio comunitário, tem vez que a gente aluga filme, vai a maior galera em casa, reúne todo mundo na sala: é festa pra todo fim de semana. Nossa, eu sinto muita falta de casa”.

Sentimentos emergentes durante o sonho:

“Ficava de boa, só que olhando na televisão e pensando: “Putz, será que ela percebeu?” Incomodou. A minha filha já tem uma certa idade, já tem onze anos, então mesmo no sonho, eu falei: “Não, nossa! Será que ela percebeu alguma coisa, será que ela viu, será que ela entendeu mesmo alguma coisa, entendeu?”. Pelo fato da idade que ela tem, e ela não é bobinha nada, entendeu? Ela não tem nada de besta; besta sou eu. Isso me dá muito medo... ela vai ter artimanhas pra mim no ar... com certeza. Toda mulher tem. E ela vai usar isso, com certeza. Espero que não, mas se tiver que ser... fazer o quê? Faz parte”.

Significado do sonho para o sonhador

“Olha, pra ser sincero, eu não sei o que isso queria dizer... pode vir a acontecer esse fato... eu fazer esse mesmo tipo com uma outra pessoa, e a filha dessa pessoa estar vendo a reação, porque meio que tá acontecendo quase isso, porque tem uma moça, que ela vem, e, tá me perturbando e ela tem uma filha. E eu tô fugindo de todas as formas, entendeu? E pra mim ficar com essa pessoa, a filha dela teria que estar presente, porque não tem como a filha dela não estar presente, porque as duas, só moram as duas, entendeu? Eu acho que meio que foi um aviso pra mim, de que isso pode acontecer”.

Exposição ou introdução:

O sonhador encontra-se em sua casa, sentado no sofá assistindo televisão, ao lado de uma mulher que lhe é familiar, embora não se lembre de sua fisionomia, masturbando-a por debaixo do edredom que os cobria, na presença de sua filha também sentada no sofá, embora não a visse nem percebesse sua presença. Descreve uma situação de estimulação sexual na presença da filha.

Peripécia e atitude do sonhador:

O sonhador olha para o lado e avista a filha, percebendo sua presença no local.

Lysis:

O ego onírico, sentindo-se constrangido, pára de masturbar a mulher.

SONHO 6

Sobre o quarto:

“Não era a minha casa. A situação teve que acontecer num ambiente como se fosse aqui, no caso, no quarto da Continente, com beliche, cama no chão, só que tem mulher, é diferente. Rola aí uma meia mistura das duas partes que eu tô vivendo, uma mistura dos dois ambientes em que normalmente eu vivo: a Continente, que tem quatro beliches, camas, colchão e a minha casa, que quando eu saio, fim de semana, to lá com o pessoal que eu conheço, meus amigos, minhas amigas, e to me divertindo. Eu me encontro num ambiente onde eu não tenho privacidade, com um monte de gente, pra tudo quanto é lado, entendeu, pessoas que eu conheço, que não são diferentes pra mim, estão todos os dias comigo, e lá, que são pessoas que tá comigo também, que eu conheço, são os meus amigos, mas é diferente daqui”.

Sobre as pessoas presentes:

“Não eram pessoas desconhecidas; não lembro do rosto, mas eram conhecidas. Pessoas que, pra mim, pareciam super normais de estarem ali. Por isso que eu dei o exemplo de, por exemplo: eu fiz uma festa na minha casa, a galera veio, curtiu, e pessoas que moravam longe, no caso, não foram, ficaram, pra gente descansar em casa, mesmo. Lembro do rosto de uma pessoa que foi o foco do filme, do filme, ó, do sonho, entendeu?”.

Sobre a F.:

"Eu conheço ela já uns dez anos, onze, digamos. Eu vi ela crescer e eu, envelhecer, não é? Hoje ela é uma menina muito bonita. Deve estar com uns 22 anos, 23, no máximo. Ela ta, tadinha... Ah, é que ela tem um probleminha na pele. Ela tem muita espinha. Tadinha, tô morrendo de dó dela, mas, independente do rosto dela ta zuadinho aqui assim, os bichinho, isso aí, ela é uma mulher muito bonita. Aquilo ali, depois que saí, já era, meu, vai ficar gatíssima. Então, eu sentei, esse fim de semana que passou, com ela, bati um papo com ela, mas nada demais; conversa super sadia... e ela também tava, inclusive até tava sentada aqui, no meu colo. Ah, mas assim... sem maldade alguma, porque, às vezes, mesmo ela estando muito bonita, uma mulher bacana, super legal, trabalhadora, nossa! bem legal mesmo, não vejo assim nada de... eu não sinto atração nenhuma por ela. Eu acho que, assim, no caso, o desejado não é ela... é eu, entendeu, por ela... E, assim, digamos assim, que eu sou o playboy da favela. Eu chego, todo mundo já vem. Então, isso que eu acho estranho, eu ter pedido esse beijo pra ela, no sonho. Às vezes eu falo “tadinha” porque, eu já vi a F. chorar muitas das

vezes. Então, ela ficou com um rapaz uma época, o rapaz começou a ficar junto com ela, só que ela começou a desconfiar que o rapaz era muito estranho, entendeu? Que o rapaz era meio afeminado. E no final das contas, o rapaz tava ficando com ela, mas o cara gosta de homem. Então, tadinha, mais um sofrimento que ela teve”.

Sobre amizade com mulheres sem interesse:

“Eu acredito que um homem é capaz de ter uma mulher como amiga e não ter uma maldade. Os cara falam: “Quê... então você é gay.” Eu falo: “Amém, irmão, então eu sou gay, cara.” Porque tem amigas minhas, que eu paro e penso, falo: “Pô, a menina é a maior gata, mas não vai mais ser a mesma coisa depois, se acontecer alguma coisa entre a gente”. Então, eu evito, ao máximo”.

Sobre as amigas e a abstinência sexual:

“Então, assim, e pelo fato da gente ter essa convivência, as meninas, nossa! Essa parte é muito complicada, porque, ultimamente eu tenho estado muito só, né, aí as meninas vem cá e me abraçam e me agarram e me amassam, eu falo pra elas: “Pára, pára!”. Aí elas: “Ah, Júnior, vá, não sei o que, toda vida você foi amigo da gente, porque agora você tá assim?”, “O, meu, a situação tá diferente, o negócio tá meio complicado, sabe?”. E elas me atritam, assim meio que... meio que, sem querer...”.

Sobre ter relação sexual em público:

“Eu sou meio descarado. Já aconteceu, e teve troca de pessoas, já rolou aquela famosa suruba. Eu já transei na frente dos outro, eu não tava nem aí. “Tá achando ruim? Ou melhor, tá olhando demais, você quer participar?”. Já fui pego em flagrante na casa dos meus amigos, assim, por exemplo: tá rolando aquela festa, você tá no quarto, de repente uma amiga das que tá com você abre a porta, aí você faz assim: “Bem, pode vim também”. Já aprontei muito essas loucura assim. Mas eu não acho normal, por isso que é totalmente... eu acho que agora eu não to mais com cabeça pra essas coisa assim doidão, não, de beber, de aprontar as loucura muito louca mesmo. Eu acho que eu to mais moderado. Eu não vou dizer que isso já saiu de mim, entendeu? Não, mas tá meio que, quietinho, quietinho”.

Situação da vida consciente associada:

“Já teve muitas festas na minha casa, só não rolava droga, mas cigarro e bebida... digo assim, drogas não lícitas, né? Eu nunca tive problema com cigarro, bebida, essas coisas assim, entendeu? Bebia totalmente moderadamente. Sou mais de tomar um refri, e comer bastante, do que bebê, enchê o caneco, ficá muito loco e... não é a minha cara, não. Eu queria ta lá”.

Sentimentos emergentes durante o sonho:

“Não que seja o que eu vou dizer agora... sabe quando você faz uma festa em casa, e fica aquela galera, todo mundo dorme ali, no chão? Não que tenha rolado uma festa. Tava um sonho assim, não um sonho mais pra uma parte erótica, mas sim, são coisas, até legal, tava sendo até legal, entendeu? Tipo, ah, eu não tava fazendo nada escondidinho de ninguém, tipo, sossegado, tipo, entrei, no ambiente as pessoas, fui até ela, como se não tivesse ninguém, entendeu? Era normal pra mim. Na hora de subir [no beliche], nossa, a galera zoou e eu não fiquei irritado, entrei na pilha, não fiquei nervoso. Fiquei normal”.

Sentimentos ao acordar:

“E aí, eu escutei um Tum, Tum, Tum, Tum, Tum, e acordei, porque era o J., sete e quinze da manhã, batendo ali no vidro, pra me chamar. Aí ele... eu fiquei bravo com ele. Falei: “Eu tive um sonho o maior barato, cara, você me acordou”. É sempre, meu, sempre que eu sonho, vem alguém, me tísora. Ah, privacidade nesse lugar é complicado. É quase que impossível”.

Exposição ou introdução:

O sonhador encontrava-se enrolado em uma toalha ao entrar em um quarto com 2 beliches, 1 cama e alguns colchões no chão, nos quais havia pessoas deitadas conversando ou dormindo. Sobre um dos beliches encontrava-se F., amiga de Yago, à qual ele pede um beijo e ela consente. Todavia, para alcançá-la Yago teve que se esticar na ponta dos pés, pois não

alcançava a altura em que ela estava de outro modo. Deu-lhe o beijo, mas não se saciou: foi em busca de uma relação sexual, tentando subir na cama.

Peripécia e atitude do sonhador:

Ao tentar subir no beliche, parte de sua toalha escorregou, expondo sua “bunda”, ao que a galera começou a “zoar”; o que não irritou o sonhador que puxou a toalha de volta e não ficou irritado.

Lysis:

O sonho não apresenta *lysis*, uma vez que não esclarece se o sonhador sobe ou não no beliche, atingindo a altura da amiga.